

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

GUSTAVO SILVA DE MATTOS

**ANÁLISE DA DISSEMINAÇÃO DE UM ESTILO DE SOCIABILIDADE DA
JUVENTUDE DE BELO HORIZONTE A PARTIR DE UM ESTUDO DA REDE
SOCIAL E DIGITAL EM TORNO DOS EVENTOS DA PRAIA DA ESTAÇÃO E
CARNAVAL DE RUA.**

Belo Horizonte

2020

GUSTAVO SILVA DE MATTOS

Análise da disseminação de um estilo de sociabilidade da juventude de Belo Horizonte a partir de um estudo da rede social e digital em torno dos eventos da Praia da Estação e Carnaval de rua.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Dimitri Fazito de A. Rezende.

Belo Horizonte

2020

301	Mattos, Gustavo Silva de.
M444a	Análise da disseminação de um estilo de sociabilidade da juventude de Belo Horizonte a partir de um estudo da rede social e digital em torno dos eventos Praia da Estação e Carnaval de Rua [manuscrito] / Gustavo Silva de Mattos. - 2020.
2020	174 f. : il. Orientador: Dimitri Fazito de Almeida Rezende.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia.
	1.Sociologia – Teses. 2.Movimentos sociais - Belo Horizonte (MG). 3.Espaços públicos - Belo Horizonte (MG). 4.Cibercultura - Teses. I. Rezende, Dimitri Fazito de Almeida . II.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.



Programa de Pós Graduação em Sociologia
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO

GUSTAVO SILVA DE MATTOS

Aos 12 (doze) dias do mês de fevereiro de 2020 (dois mil e vinte), reuniu-se a Banca Examinadora de Defesa de Dissertação de Mestrado, intitulada: **"Análise da disseminação de um estilo de sociabilidade da juventude de Belo Horizonte a partir de um estudo da rede social e digital em torno dos eventos da Praia da Estação e Carnaval de rua"**. A banca foi composta pelos professores doutores **Dimitri Fazito Almeida Rezende** (Orientador - DSO/UFMG), **Ana Marcela Ardila Pinto** (DSO/UFMG), **Silvio Segundo Salej Higgins** (DSO/UFMG) e **Camilo Oliveira Aggio** (UFMG).

Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da Banca Examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela:

Aprovação (X)

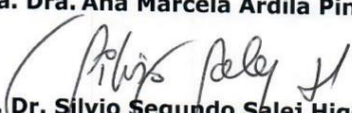
Reprovação da Dissertação ()

Para constar foi lavrada a presente ata, datada e assinada pelos examinadores.

Belo Horizonte, 12 de fevereiro de 2020.


Prof. Dr. Dimitri Fazito Almeida Rezende (Orientador - DSO/UFMG)


Profa. Dra. Ana Marcela Ardila Pinto (DSO/UFMG)


Prof. Dr. Silvio Segundo Salej Higgins (DSO/UFMG)


Prof. Dr. Camilo de Oliveira Aggio (UFMG)

AGRADECIMENTOS

A dissertação foi provavelmente o momento mais difícil da minha vida até então e até hoje seus efeitos reverberam no meu presente, bons e ruins. Foi um período de amadurecimento foçado, alegrias com os amigos do curso, com o meu relacionamento de então e com os professores. Meu profundo amor e carinho às pessoas que ficaram comigo no processo e posteriormente seguiram pelos complexos caminhos da vida, eu só tenho a agradecer. Cada dolorosa etapa do processo foi feita com a ajuda e companheirismo que jamais irei esquecer. Assim como cada micro-vitória do processo de doutorado. Foram períodos de solitária alegria que já parecem algo de décadas atrás. Agradeço aos professores que ajudaram nessa jornada e a cada entrevistado que cedeu seu tempo para essa entrevista. Agradeço também aos contribuintes que permitiram o financiamento dessa pesquisa e aqueles que lutam diariamente pela existência da Universidade Pública e pelo valor que essa instituição representa em nossa sociedade aberta e democrática. Durante esse processo a minha irmã entrou na Universidade e poucas coisas me deixaram mais feliz e orgulhoso. Desejo do fundo do coração que ela possa desfrutar dessa maravilhosa instituição tanto quanto eu desfrutei.

.

RESUMO

A análise da presente dissertação constitui um estudo de caso da constituição e dos sentidos da ação e “contrausos” do espaço público revitalizado da Praça da Estação em Belo Horizonte, com foco na formação de identidade desse grupo em relação à reivindicação do espaço público de Belo Horizonte como um espaço de sociabilidade e cultura. O recorte do período escolhido para se analisar engloba a formação do grupo de e-mails “Praça Livre BH”, que dá origem à primeira Praia da Estação em 2010, até o início de 2015. Para se compreender como a pauta da Praia da Estação se desenvolveu e o que mudou entre os dois momentos nas concepções dos participantes em relação ao espaço público revitalizado da Praça da Estação e os sentidos da ação, foram realizados questionários sociométricos e entrevistas de trajetória de, em média, 40 minutos. A entrevista semiestruturada com os temas da Praia da Estação, do carnaval e de movimentos específicos aos quais as pessoas entrevistadas participaram eram acionados e, conforme as pessoas citavam fatos ou eventos de interesse, novas perguntas eram feitas a respeito. O questionário foi feito com base em eventos e espaços de sociabilidade levantados na pesquisa bibliográfica, com uma seção elencando quais participaram, quais não participaram e a sua importância. Referida seção também pedia para elencar de 3 a 5 pessoas importantes para que os eventos de rua em Belo Horizonte começassem a acontecer, num modelo de *snowball*. A dissertação busca levantar evidências que sustentam o encontro de estilos sobrepostos, que definiu de forma conjunta um sentido de protesto político e festa; descentralização de representatividade em torno de causas específicas, ainda que com forte politização; uma forte identidade de ocupação dos espaços públicos; e um acionamento dessa ação nos verões e em determinados momentos de relevância política. O que se procurou mostrar é que as bases desse estilo de construção relacional dos usos daquele espaço público foram tensionadas no momento em que novos participantes começaram a circular no espaço da “Zona Cultural” e valorar aquela ação, apropriando-se também dela sem, com isso, modificar as bases do estilo.

Palavras-chave: Sociologia das Organizações, Movimentos sociais Belo Horizonte (MG), Espaço Público Belo Horizonte, Cibercultura.

ABSTRACT

The analysis of this dissertation constitutes a case study of the constitution and meanings of action and “counter-uses” of the revitalized public space at Praça da Estação in Belo Horizonte, focusing on the formation of this group's identity in relation to the claim of public space in Belo Horizonte as a space of sociability and culture. The period chosen to be analyzed includes the formation of the “Praça Livre BH” e-mail group, which gave rise to the first Praia da Estação in 2010, until the beginning of 2015. To understand how the agenda of Praia da Estação developed and what changed between the two moments in the participants' conceptions in relation to the revitalized public space of Praça da Estação and the meanings of action, sociometric questionnaires and trajectory interviews of, on average, 40 minutes were carried out. The semi-structured interview with the themes of Praia da Estação, carnival and specific movements in which the people interviewed participated were triggered and, as people mentioned facts or events of interest, new questions were asked about it. The questionnaire was based on events and spaces for sociability surveyed in the bibliographic research, with a section listing who participated, which did not participate and their importance. That section also asked to list 3 to 5 important people so that street events in Belo Horizonte could start happening, in a snowball model. The dissertation seeks to raise evidence that supports the encounter of overlapping styles, which jointly defined a sense of political protest and party; decentralization of representation around specific causes, albeit with strong politicization; a strong identity of occupation of public spaces; and a triggering of this action in the summers and at certain moments of political relevance. What we tried to show is that the bases of this style of relational construction of the uses of that public space were tensioned when new participants began to circulate in the “Zona Cultural” space and value that action, also appropriating it without, therefore, modify the style bases.

Keywords: Sociology of Organizations, Social Movements Belo Horizonte (MG), Public Space Belo Horizonte, Cyberculture.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO E PROBLEMA DE PESQUISA	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO	20
2.1. ESPAÇOS PÚBLICOS E SOCIABILIDADE	20
2.2. A CONSTRUÇÃO DE CONTRAUSOS E IDENTIDADES PERMEADO PELAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC)	28
2.3. OS COLETIVOS QUE OCUPARAM O ESPAÇO REVITALIZADO DA PRAÇA DA ESTAÇÃO NA SEGUNDA METADE DOS ANOS 2000.....	41
2.4. COLETIVOS ARTÍSTICOS E CULTURAIS EM TORNO DA MÚSICA E TEATRO EM ESPAÇOS PÚBLICOS	49
2.5. O CARNAVAL DE BLOCOS DE RUA NO ESPAÇO PÚBLICO DE BELO HORIZONTE	54
3. REFERENCIAL METODOLÓGICO	58
3.1. ANÁLISE DE REDES SOCIAIS	58
3.2. REDES SOCIAIS EM HARRISON WHITE: IDENTIDADES, NETDOMS E ESTILOS.....	61
3.3. CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DO PROBLEMA DE PESQUISA	69
4. ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DA PRAIA DA ESTAÇÃO.....	76
4.1. AS PRIMEIRAS PRAIAS DA ESTAÇÃO DE 2010	77
4.2. AS PRAIAS DA ESTAÇÃO DE 2011 e 2012	96
4.3. AS PRAIAS DA ESTAÇÃO DE 2013-2015	113
5. CONCLUSÃO	142
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	146
ANEXO I	153
ANEXO II	167

1. INTRODUÇÃO E PROBLEMA DE PESQUISA

Uma expressão recorrente da cidade de Belo Horizonte é a de que “BH é um Ovo”. Ela gera na pesquisa Google do ano de 2019 o número de cinco mil setecentos e dez resultados, o que prova que não é uma expressão irrelevante¹. É uma frase tão repetida no cotidiano dos moradores da cidade que gerou uma popular comunidade homônima na finada rede social Orkut e seus tópicos de discussão expressavam como na cidade, apesar de sua imensa extensão, é comum todos terem um, dois ou vários conhecidos em comum e como todos se encontram recorrentemente nos mesmos espaços e círculos sociais. É traço da cordialidade dos mineiros buscar afinidades e alianças na sociabilidade, ainda que de forma discreta, em forma de conchavos e “panelas”.

Quando escritores e poetas ilustres de Minas Gerais buscam qualificar a sua identidade regional, eles ressaltam constantemente a precaução social do mineiro. A moderação é uma virtude e o mineiro, ainda que evite o pioneirismo e a extroversão, colhe os frutos de laços sociais mais duradouros e confiáveis. Nas palavras de Frei Betto, “o bom mineiro não laça boi com embira, não dá rasteira em pé de vento, não pisa no escuro, não anda no molhado, só acredita em fumaça quando vê fogo, não estica conversas com estranhos, só arrisca quando tem certeza, e não troca um pássaro na mão por dois voando²”.

Essa suposta forma “mineira” de agir também é identificada em outras esferas da vida social. Quando se fala de políticos mineiros ilustres e do seu “jeito mineiro de fazer política”, subentende-se que é a política feita nos bastidores, que evita o conflito direto e as controvérsias, costurando alianças de interesse comum entre partes que muitas vezes teriam poucos motivos para cooperar entre si. Críticos e detratores dessa “mineiridade” social tendem a ressaltar que ela costuma representar uma cordialidade de fachada. A peça “Bonitinha, Mas Ordinária” do dramaturgo Nelson Rodrigues immortalizou a frase “o mineiro só é solidário no câncer” e é a síntese mais cruel dessa crítica a uma cordialidade ritualizada e vazia de real empatia. As caracterizações da identidade mineira são ricas em metáforas, tanto positivas quanto negativas, mas em comum elas destacam a singularidade na forma do mineiro de socializar, constituir seus círculos sociais, buscar laços de afinidade. Uma afinidade que parece ser construída nos bastidores, em espaços privados, estabelecida à base de muita desconfiança e com laços que requerem muito tempo e esforço para se fortalecerem

¹ Realizei a busca específica apenas pela frase completa “BH é um ovo” no Google dia 28 de agosto de 2019 e obtive esse número de resultados.

² Frei Betto, “Ser Mineiro”. Disponível em: <https://www.freibetto.org/index.php/artigos/14-artigos/28-ser-mineiro>. Acesso em: 21 de agosto de 2019.

e com lugares sociais sempre frequentados pelas mesmas pessoas. As referências da identidade mineira também parecem tão antigas quanto à fundação da cidade planejada.

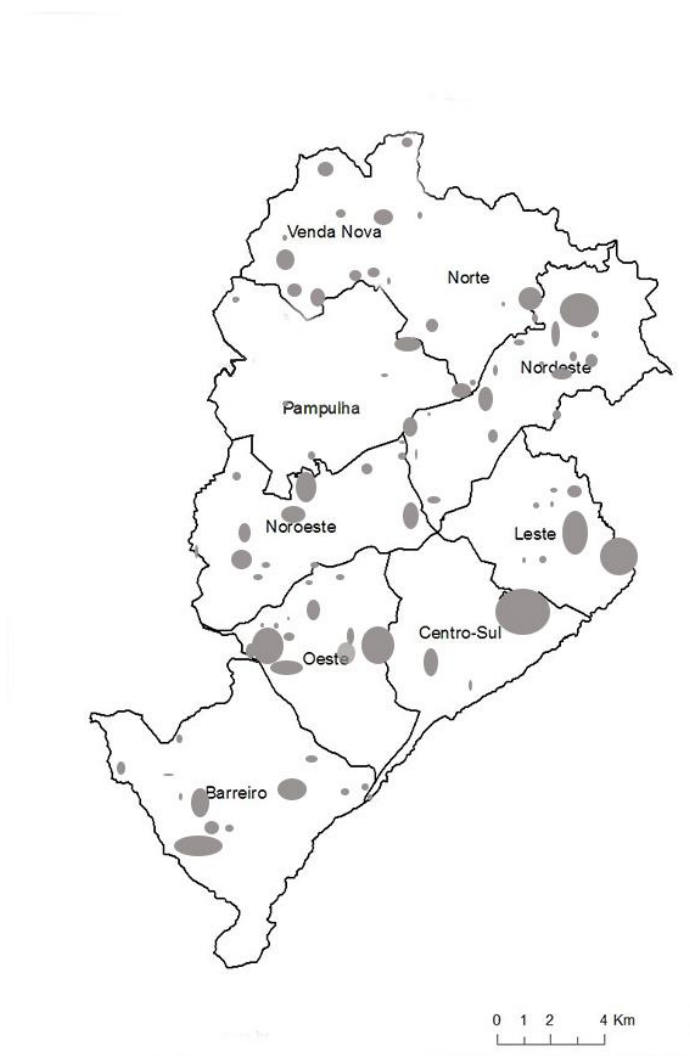
A cidade de Belo Horizonte foi planejada entre 1894 e 1897 para ser a capital de Minas Gerais pela equipe de engenheiros capitaneada por Araújo Reis a partir do Arraial do Curral Del Rey, pela sua centralidade na Unidade Federativa e capacidade de expansão. Passado mais de um século, a cidade antigamente delimitada pela Avenida do Contorno com 8,8 km² possui agora 331 km² de território urbano e uma estimativa populacional de 2.501.566 habitantes³. É o terceiro maior aglomerado urbano do Brasil, sendo inferior apenas ao eixo das capitais do sudeste Rio de Janeiro e São Paulo. No censo de 2010, o IBGE apresentou que a cidade possui uma população de 632.250 jovens entre 15 e 29 anos, representando 26,5% da população total da capital. As faixas entre 15 a 19, 20 a 24 e 25 a 29 são as três maiores na pirâmide geracional da cidade, com destaque para a faixa entre 25 e 29 anos, a mais extensa, concentrando 9,7% da população⁴. Belo Horizonte consiste, então, em uma capital territorialmente imensa e jovem tanto no aspecto populacional quanto histórico. Além de jovem, Belo Horizonte é uma cidade com acentuada desigualdade de renda, como aponta o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil de 2013, tendo um índice de desigualdade de Gini de 0,61 nos anos 2000 e 0,59 em 2010, sendo zero um nível de plena igualdade e um a plena desigualdade⁵. A desigualdade racial e espacial também é evidente no período estudado (entre 2004 e 2014), com a cidade possuindo 209 vilas, favelas e assemelhados, com 307.038 habitantes. No mapa de Belo Horizonte, a distribuição das vilas, favelas e assemelhados, definidos como “aglomerados subnormais” do Censo de 2010, é indicada pelas elipses:

³ Cf. IBGE. Panorama de Belo Horizonte. Censo de 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/belo-horizonte/panorama>. Acesso em: 21 de agosto de 2019.

⁴ *Idem*.

⁵ ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. Belo Horizonte. Disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_rm/belo-horizonte. Acesso em: 21 de agosto de 2019.

Figura 1 – Distribuição de vilas, favelas e assemelhados em Belo Horizonte



Fonte: Elaboração do autor com base em mapa de MOTTA, 2016.

Além desses espaços de segregação urbana, também é revelada no Censo de 2010 sua composição racial, sendo 24% compostos de autodeclarados brancos, 56,5% de autodeclarados pardos e 17,8% de autodeclarados negros. Entre esses habitantes, 89.624 são jovens entre 15 e 29 anos, representando 29% do total, apontando, portanto, que a população moradora da periferia é ainda mais jovem que a média geral da cidade⁶. Podemos pensar que a “mineiridade” não envolve apenas conchavos de círculos sociais, mas uma segregação espacial e racial, com lacunas de comunicação e troca social entre os diversos setores da cidade. Quando se diz, então, que “BH é um ovo”, talvez indiretamente se esteja reiterando esse aspecto de segregação de eventos públicos, onde encontrávamos pessoas socialmente equivalentes a nós nos mesmos eventos fechados. Com uma juventude tão expressiva

⁶ Cf. IBGE. Belo Horizonte. Censo de 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/belo-horizonte/pesquisa/23/25359>. Acesso em: 21 de agosto de 2019.

demograficamente, qual era o espaço de circulação e expressão dessa juventude na cidade? Estudos como o de Juarez Dayrell (2001) indicam que a sociabilidade cultural dos jovens, especialmente os moradores da região periférica e de situação econômica precarizada, era restrito a espaços fechados de casas de show e, dependendo do estilo musical, caso não correspondesse com o status sociocultural do bairro, era fechado por pressão dos moradores. Esse seria o caso da boate Broaday, localizada no bairro residencial de classe média Santa Tereza, especializada em *hip hop* e que foi fechada por pressão dos moradores em 1997, sob a alegação do barulho alto e por atrair e fazer circular jovens de periferia que não condiziam socialmente com o bairro (DAYRELL, 2001, p. 62).

No entanto, uma mudança na percepção do uso recreativo do espaço público é vista a partir da segunda metade dos anos 2000, tomando uma forma mais evidente durante toda primeira metade da década de 2010. Esse período é marcado por um momento de mobilização social no espaço urbano muito distinto do que se havia visto antes em grupos dessa faixa populacional (entre 15 e 29 anos) em Belo Horizonte. Esses grupos de jovens passaram a se organizar, criando eventos gratuitos nas ruas da região central para expressão de lazer, uso cultural e político. O perímetro da Praça da Estação, estendendo-se do Museu de Referência da Juventude até o Viaduto Santa Tereza, é ano após ano reforçado como marco simbólico por diversos movimentos sociais e culturais, funcionando como o epicentro da efervescência de novos movimentos artísticos e políticos.

A juventude belorizontina passa a criar redes e pontes entre grupos para ocupar as ruas, obtendo números mais expressivos a cada ano em seus eventos. Enquanto nos primeiros eventos desse período destacado, como a Praia da Estação e o carnaval de blocos de rua, participaram cerca de duzentas pessoas (ALBUQUERQUE, 2013), em 2019 o Carnaval de Rua de Belo Horizonte levou às ruas 410 blocos, 447 cortejos e 4,3 milhões de foliões, segundo estimativas da Belotur⁷, e os eventos da Praia da Estação passaram a ter mais de 7 mil pessoas (GONZAGA, 2017). Tal mudança de mentalidade urbana tem precedentes em diferentes círculos sociais de jovens que foram capazes de construir essas pontes entre diferentes âmbitos políticos e culturais, capilarizando seus movimentos e ideias.

⁷ Vide: <http://www.carnavaldebelohorizonte.com.br/carnaval-de-belo-horizonte-crece-em-2019-ganha-qualidade-melhora-indices-de-seguranca-e-encanta-43-milhoes-de-folhoes/>. Acesso em: 24 de agosto de 2019.

Figura 2 – Praia da Estação de janeiro de 2010



Fonte: Página do blog Conjunto Vazio, 2010⁸.

Figura 3 – Praia da Estação de janeiro de 2016



Fonte: VICE, 2016.

Comparativo similar pode ser feito a respeito do carnaval de rua:

⁸ Disponível em: <https://conjuntovazio.wordpress.com/2010/01/21/prai-da-estacao/>. Acesso em: 24 de agosto de 2019.

Figura 4 – Primeiro desfile do Bloco Tico-Tico Serra Copo, em 2009



Fonte: Página do Tico Tico Serra Copo no Blogspot Bloco da Serra, 2009.⁹

Figura 5 – Desfile do bloco Baianas Ozadas em 2019

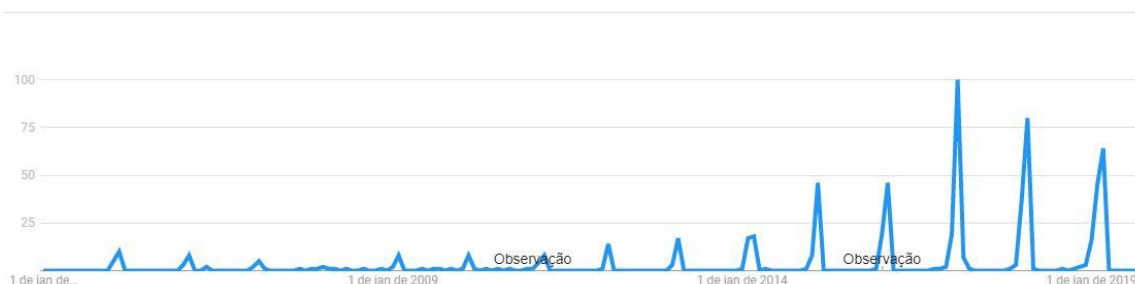


Fonte: G1, 2019.

Outro comparativo pode ser feito com base na ferramenta analítica de buscas do Google, o Google Trends, para a busca do termo “Carnaval BH”:

⁹ Disponível em: <http://blocodaserra.blogspot.com/2009/02/e-foi-um-sucesso.html>. Acesso em: 24 de agosto de 2019.

Figura 6 – Análise do volume de buscas no Google pelo termo “Carnaval BH” entre os anos de 2000 e 2019



Fonte: Google Trends, 2019.

Analisado o período dos anos 2000, as buscas são pouco relevantes até o carnaval de 2009, mantendo-se um crescimento regular até janeiro 2014, o que corresponde com a publicidade da Belotur. A partir daí as buscas assumem um crescimento considerável no site. Como apontado por Dias (2015), a retomada do modelo de blocos de rua está inserida no contexto mais geral de retomada urbana por movimentos culturais e artísticos, tais como o Duelo de MC’s e o Domingo Nove e Meia e, posteriormente, a ação da Praia da Estação, que irá atravessar as mesmas questões a respeito do espaço público.

A análise do presente trabalho constitui um estudo de caso da constituição e dos sentidos da ação da Praia da Estação no espaço público revitalizado da Praça da Estação em Belo Horizonte, com foco na formação de identidade desse grupo em relação à reivindicação do espaço público de Belo Horizonte como um espaço de sociabilidade e cultura. O recorte do período escolhido para se analisar engloba a formação do grupo de e-mails “Praça Livre BH”, que dá origem à primeira Praia da Estação em 2010, até o início de 2015, ano que as Praias da Estação passam a ser convocadas por outros jovens que não estão ligados à rede que deu início à ação.

Os dois momentos representam diferentes negociações sobre os sentidos de espaço público, classe social, raça, ausência de lideranças e organização formal e a percepção de quais pessoas podem ter direito à cidade. Esses dois momentos de debate nas redes foram selecionados como pontos “A” e “B”, porque foram aqueles que apresentaram os principais registros digitais de divergências e controvérsias dos participantes sobre o sentido da ação e do engajamento. O primeiro debate no fórum representa a definição da própria ação, coletivo e apreensão do espaço público e reivindicação para ausência de lideranças. O segundo momento representa a primeira convocação de uma Praia da Estação sem o envolvimento de atores que organizaram as primeiras Praias da Estação, o que reacende o debate original sobre

a identidade do ato, acrescentando maiores complexidades de raça, gênero e classe social à ocupação pública do espaço urbano e questionando os limites delimitados pela “ausência de lideranças”. Para se compreender como a pauta da Praia da Estação se desenvolveu e o que mudou entre os dois momentos nas concepções dos participantes em relação ao espaço público da Praça da Estação e os sentidos da ação, o foram realizados questionários sociométricos e entrevistas de trajetória de, em média, 40 minutos. A entrevista semiestruturada com os temas da Praia da Estação, do carnaval e de movimentos específicos aos quais as pessoas entrevistadas participaram eram acionados e, conforme as pessoas citavam fatos ou eventos de interesse, novas perguntas eram feitas a respeito.

O questionário foi feito com base em eventos e espaços de sociabilidade levantados na pesquisa bibliográfica, com uma seção elencando quais participaram, quais não participaram e a sua importância. Referida seção também pedia para elencar de 3 a 5 pessoas importantes para que os eventos de rua em Belo Horizonte começassem a acontecer, num modelo de *snowball*. Também foi feita uma seção com respeito ao carnaval de rua e uma última sobre a importância das redes sociais digitais na realização dos eventos. Foram realizadas 24 entrevistas, sendo 14 pessoalmente e outras 10 à distância. As entrevistas ocorreram entre os dias 27 de setembro e 19 de dezembro de 2019, sendo que 18 responderam ao questionário.

O objeto deste trabalho é a construção processual daquilo que chamo de “estilo” na identidade do evento Praia da Estação e sua ocupação do espaço público no recorte de tempo especificado – entre o janeiro de 2010 e janeiro de 2015 – e como ele vai se instituindo processualmente em cinco anos entre os frequentadores, que representam uma juventude específica da cidade e atravessam os usos do espaço público da Região Central e a retomada do carnaval de blocos de rua em Belo Horizonte. Há uma literatura pregressa e bastante rica em dissertações e teses a respeito desses fenômenos (OLIVEIRA, 2012; ALBUQUERQUE, 2013; MELO, 2014; BERQUÓ, 2015; DIAS, 2015; MUSA, 2015; GONZAGA, 2017).

A bibliografia apresenta a Praia da Estação como uma ação organizada com reuniões presenciais e debates em fóruns digitais de uma pequena parcela de atores de coletivos artísticos, culturais, e coletivos libertários, em grande medida de uma juventude entre 21 e 29 anos altamente escolarizada, de classe-média e alta da cidade e envolvida com a cena cultural de Belo Horizonte. Ainda, aponta-se que obtiveram sucesso de visibilidade na imprensa e nas redes sociais para a ressignificação de uso do espaço público da Praça da Estação no momento em que tramitava uma gestão municipal marcada por uma tentativa de maior controle e cerceamento dos espaços públicos na cidade. A consagração da Praia da Estação, menos como um movimento de pontual manifestação política e mais como um formato de

convocação festiva, com outros elementos políticos de gênero e raça, atrai outros frequentadores que não pertencem a esse estrato social dos frequentadores originais e gera tensões sobre a identidade e sentidos da Praia da Estação.

Nesse sentido, a ação da Praia da Estação está inserida em um contexto de sociabilidade que envolve a revitalização do espaço público da região histórica do centro de Belo Horizonte. A ação não é pioneira na ocupação desse espaço público para a realização de eventos artísticos: grupos tais como o Duelo de MC's de hip hop e os dançarinos do Quarteirão do Soul já utilizavam o espaço público do centro da cidade para esse fim entre os anos de 1990 e 2000 (COIMBRA; SARAIVA, 2013). Ações de coletivos artísticos com acesso a recursos de editais públicos e parcerias público-privadas também promoviam eventos em espaços públicos no decorrer dos anos 2000. A saída de blocos de rua no carnaval de 2009 (um ano antes da primeira Praia da Estação) já carregava pautas explicitamente políticas concernentes à ocupação do espaço público (ANDRÈS, 2009). O que a manifestação da Praia da Estação apresentou de particular foi a geração de grande visibilidade para uma pauta explicitamente relacionada à ocupação do espaço público para a sociabilidade e lazer, em confronto com os usos definidos pelo poder público, a partir de um fato pontual: o Decreto nº 13.798, instituído no final de dezembro de 2009, pela Prefeitura de Belo Horizonte, proibindo a realização de “eventos de qualquer natureza” na Praça da Estação. A Praia da Estação surge, então, como uma reação em resposta à tentativa de regulação de controle de eventos da Prefeitura de Belo Horizonte sobre aquele espaço público revitalizado.

A bibliografia também mostra como esse movimento atravessou a retomada do carnaval de blocos de rua na cidade, de modo a consagrar a Praça da Estação como marco de encontro de blocos de rua, bem como incentivou usos de lazer por outros públicos que não apenas os organizadores iniciais. Ainda, referido movimento representou um marco de referência simbólica para outras manifestações políticas ocorridas no período estudado, como o Movimento Fora Lacerda, o apoio de produtores culturais e artistas às ocupações urbanas da cidade de Belo Horizonte, a formação dos Conselhos de Cultura das regionais de Belo Horizonte, as Assembleias Populares Horizontais ocorridas durante as manifestações de Junho de 2013, a Ocupação da Câmara Municipal, ocorrida também em junho de 2013 e a Ocupação do Viaduto Santa Tereza em 2014 (BERQUÓ, 2015; DIAS, 2015; GONZAGA, 2017).

Ademais, um fator preponderante para o sucesso da Praia da Estação foi a popularização das redes sociais digitais, com seu potencial para a circulação de informações e mobilização dos usuários (OLIVEIRA, 2012; ALBUQUERQUE, 2013; GONZAGA, 2017). As Praias da Estação foram precedidas por organização digital. Esses processos atravessaram

diversas redes sociais, que tiveram seu ciclo de vida e importância em determinados momentos, sendo substituídas por outras. Se entre 2010 e 2009 os eventos eram mobilizados pelo Orkut, listas de e-mails, Twitter ainda com poucos usuários e blogs pessoais, no decorrer dos anos da década de 2010 passaram a ser mobilizados pelo Facebook, Instagram e convocações pelo aplicativo de comunicação móvel WhatsApp. Redes digitais que não só favoreceram a comunicação e organização de eventos, mas também a construção simbólica e estética, por meio de vídeos, imagens, memes e construção de vocabulários comuns. Por isso a construção digital das redes é um fator importante para romper com os isolamentos sociais espaciais, criando pontes por meio de comunidades pessoais em redes digitais. A importância do fator online para o desenvolvimento dos debates justifica a escolha do *locus* de análise de sentido nas plataformas digitais delimitadores temporais do recorte de pesquisa.

No segundo capítulo, são definidos os conceitos definidores do trabalho: a noção de identidade e espaço público, a relação dos espaços públicos e identidade com as redes sociais digitais e a estruturação de comunidades pessoais. No terceiro capítulo, é apresentado o método interpretativo da sociologia de Harrison White e os processos metodológicos para esta pesquisa. No quarto capítulo, é analisada a trajetória processual da Praia da Estação, tendo por foco redes de formação de sentidos dos debates em torno de sentidos da Praia da Estação e dos Espaços Públicos em 2010 e 2015.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. ESPAÇOS PÚBLICOS E SOCIABILIDADE

A primeira Praia da Estação foi uma ação promovida em janeiro de 2010 para a valorização da sociabilidade de um espaço público em um momento pontual de protesto contra um decreto municipal que cerceou a liberdade de usos na Praça da Estação. Essa ação se deu em uma das praças mais importantes da Região Central da cidade de Belo Horizonte, parte importante do conjunto arquitetônico da cidade, espaço de ligação com a Estação Central do metrô e de intensa circulação urbana. Enquanto fenômeno local, os antecedentes da ação que desencadeou a Praia da Estação podem ser lidos dentro de duas chaves do contexto nacional das décadas de 1990 e 2000: a revitalização dos centros históricos para o consumo cultural e a proliferação de coletivos urbanísticos, artísticos e políticos voltados para o debate da questão da ocupação do espaço público. Essas duas questões atravessam respectivamente a forma de pensar do poder público em relação ao espaço da cidade e a forma de pensar de setores da sociedade civil a respeito da construção do espaço público. Na presente seção, será discutida a primeira chave, referente à revitalização do espaço público.

Entende-se espaço público como uma relação construída socialmente pelos atores que compõem o espaço público da cidade. Na definição de Segova e Oviedo (2002), trata-se de um espaço heterogêneo, com dimensões físicas, sociais, culturais e políticas, sendo que a possibilidade de comunicação, troca de ideias e expressões culturais se expressam no espaço físico. O espaço público existe formalmente enquanto determinação jurídica, mas a sociabilidade é dotada de uma dinâmica que pode criar espaços públicos não-previstos pela determinação jurídica. (SEGOVA; OVIEDO, 2002, p. 52). Andrade e Jaime (2006, *apud* JAYME; NEVES, 2010) definem esse espaço público como um espaço aberto de interação onde há, entre as interações possíveis, conflito, confronto e demarcação da diferença. Ainda segundo os autores, os usos do espaço público perpassam uma conduta mais vigilante, temerosa ou mesmo segregacionista para com o outro. O espaço público aqui analisado envolve especificamente o espaço da Região Central de Belo Horizonte, uma grande metrópole. Jayme e Neves (2010) apontam para a tendência desde a década de 1960 de novas centralidades urbanas, mudando a região central da cidade de local de permanência e circulação para o lugar do diferente e da passagem, com a degradação dos espaços de moradia, comércio menos sofisticado (como o caso dos camelôs), prostituição, criminalidade e pessoas em situação de rua (JAYME; NEVES, 2010, p. 611).

É possível entender as ideias de valorização e desvalorização do centro, destacadas por Jayme e Neves (2010), dentro da ideia do espaço social de Pierre Bourdieu (2013). O espaço físico, em Bourdieu (2013), é uma retradução das posições relativas que os indivíduos ocupam no espaço social, que é definido por distinções mútuas entre os sujeitos. Sendo a sociedade hierarquizada, a divisão social é objetivada no espaço físico para determinados grupos sociais, permitidos a tais grupos e proibidos para outros. É uma diferença “naturalizada” no espaço físico.

A capacidade de dominar os espaços apropriados material e simbolicamente e de bens públicos e privados depende, para Bourdieu (2013), do capital possuído, econômico e cultural. Assim, a disputa pelo espaço físico em Bourdieu (2013) representa também a disputa contra a reprodução de exclusões ou contra a violência simbólica da exclusão de equipamentos públicos por aqueles despossuídos de capital cultural. Nesse sentido, cabe observar como os processos de revitalização das áreas centrais e o incentivo à sociabilidade nesses espaços públicos são, de fato, voltados para toda uma população, e não parte de uma estratégia de inclusão de um público selecionado em detrimento da exclusão de outro.

O contexto da Praça da Estação das primeiras duas décadas do ano 2000 enquadra-se em um novo paradigma da Região Central da cidade de Belo Horizonte, com a intervenção do poder público com vistas a “revitalizar” ou “requalificar” os espaços públicos dessa região na cidade. Nesse processo de requalificação, a Praça ganha evidente importância para o convívio social. Lamas (1992) destaca a centralidade do convívio social da própria morfologia da Praça: a construção intencional de um espaço intencional de circulação e convívio. A Praça da Estação surge já enquanto “praça ajardinada”, na definição de Robba e Macedo (2002, p. 28), um modelo inspirado no formato das modernas metrópoles europeias em que o mercado na praça, tradicional no modelo de praça do Brasil Colonial, é transferido para edificações próprias, bem como as manifestações de caráter militar do Brasil Colônia também são transferidas para outros espaços públicos, limitando a praça ao espaço da convivência e contemplação. Nesse novo contexto, a Praça é objeto de intervenções paisagísticas, destinada ao lazer contemplativo e à convivência da população, com normas de conduta bastante rígidas e hierarquizadas.

A Praça da Estação é o nome popular da Praça Rui Barbosa (denominada assim desde 1923, sendo anteriormente Praça Cristiano Otoni), parte de um conjunto que também envolve o prédio da Serraria Souza Pinto; a edificação do Centro Cultural UFMG; a Rua Aarão Reis que liga a Praça da Estação ao Viaduto Santa Tereza (região denominada como “Baixo Cento”); o Viaduto do bairro Floresta; os equipamentos culturais do Museu de Artes e Ofícios

e do Centro de Referência da Juventude; o prédio da Fábrica de Tecidos 104; e a Casa do Conde Santa Marinha. A Praça da Estação fez parte já da Planta Geral da cidade planejada de Belo Horizonte, sendo a “porta de entrada” da capital, localizada em frente à edificação da Estação Central da Estrada Ferroviária Central do Brasil. O período de construção da Praça e seu embelezamento, com a criação de jardins e um coreto, tem início em 1904 e é entregue à população em 1906. Ainda em 1906 é inaugurada a edificação que virá a ser a Fábrica de Tecidos 104. Em 1913, é inaugurado o prédio da Serraria Souza Pinto. Em 1918, é inaugurada a Escola Livre de Engenharia da UFMG. Em 1930, é erguido na praça o “Monumento à Terra Mineira” e, entre 1926 a 1935, é construído o Viaduto Santa Tereza (ARROYO, 2004; MIRANDA, 2007).

Moreira (2008) aponta a diversidade de estabelecimentos de comércio e prestação de serviços do entorno da Praça da Estação desde antes da inauguração da cidade e em suas primeiras décadas, como açougues, restaurantes, hotéis, joalherias e estabelecimentos industriais. Para Arroyo (2004, p. 77), a centralidade econômica do entorno da Praça da Estação caracterizava-se tanto pela Avenida do Comércio (atualmente Avenida Santos Dumont), em que se concentrava todo o comércio da cidade, quanto pela região entre o Rio Arrudas e a Via Férrea, composta por galpões de armazenamento de produtos e matérias-primas. Essa centralidade econômica da Praça da Estação nas primeiras décadas da cidade é, evidentemente, em função da centralidade do transporte ferroviário. Ainda durante o início do século XX, inicia-se um processo de distinção socioespacial entre o Baixo Centro, voltado para o comércio de uma classe popular, e a região da Rua da Bahia, ligando a Estação Ferroviária aos bairros de maior poder aquisitivo caracterizando um comércio de mais alta renda (MOREIRA, 2008, p. 53).

Contribui também para desvalorização do entorno a introdução de novos meios de transporte nas décadas de 1950 e 1960, reduzindo a importância da Praça da Estação como principal força de circulação comercial. Em 1965, a Avenida Andradas é duplicada para a circulação de veículos, retirando-se da Praça da Estação uma fonte, esculturas que foram transferidas para a Praça Afonso Arinos e para o Jardim Zoológico e parte dos jardins instalados na década de 1920. Ainda na década de 1960 a Serraria Souza Pinto seria convertida em estacionamento (MIRANDA, 2007).

A Região Metropolitana de Belo Horizonte é instituída em 1973 e também é ampliado o acesso a transporte urbano e novos pontos centrais da cidade, como a Savassi. A forte migração de moradores para outras regiões intensifica o abandono e degradação do Baixo Centro de Belo Horizonte (ARROYO, 2004; MIRANDA, 2007; MOREIRA, 2008). Nos anos

de 1980, em confluência com o momento de reabertura política, a Praça da Estação volta a ser centro de mobilizações políticas como greves de operários e comícios políticos. É a partir de 1981 que a militância do Instituto dos Arquitetos do Brasil de Belo Horizonte se organiza para a revitalização da Praça da Estação¹⁰. Essa militância pela preservação histórica da região e sua revitalização surge com a implantação da linha de metrô de Belo Horizonte, colocando em risco a demolição da estrutura histórica. Em 1983, a Prefeitura de Belo Horizonte realiza a canalização do Ribeirão Arrudas e o Instituto dos Arquitetos do Brasil de Belo Horizonte lança o documento final “Praça da Estação: Origem e Destino”, em manifesto para que o acervo histórico da regional fosse preservado. Em 1985, é instituído em anexo à Lei de Uso e Ocupação do Solo em Belo Horizonte um perímetro de Área de Proteção do Conjunto da Praça Rui Barbosa, em reflexo às deliberações do Instituto dos Arquitetos do Brasil. Em 1988, ocorre o tombamento estadual do Conjunto Paisagístico e Arquitetônico da Praça Rui Barbosa a partir do Decreto nº 27.927 (ARROYO, 2004; MIRANDA 2007).

A execução de projetos de revitalização urbana do Centro Histórico e do Baixo Centro de Belo Horizonte ocorre entre as décadas de 1990 e 2000 com obras como a reconstituição dos jardins da Praça da Estação, em 1995; a recuperação da estrutura original do Viaduto Santa Tereza; e a instalação de um palco e arquibancadas, em 1999. A Casa do Conde abrigou o escritório da Rede Ferroviária Federal desde 1957 e criou o Museu Ferroviário em 1989. Com a privatização da Rede Ferroviária Federal em 1996, o museu deixou de existir, reabrindo nos anos 2000 por intervenção de eventos do IEPHA/MG. A Casa do Conde, composta por um casarão e galpões, tornou-se sede local do IPHAN e da Funarte a partir de 2005. Em 1997, a Serraria Souza Pinto é restaurada e reaberta como espaço para shows, feiras e eventos em 1998. Em 2002, o prédio principal da antiga estação ferroviária é inaugurado e, em 2006, torna-se o Museu de Artes e Ofícios em parceria com a empresária Ângela Gutierrez e o Instituto Cultural Flávio Gutierrez. Em 2007, é inaugurado o Boulevard Arrudas, com 1,4 km de extensão (JAYME, TEVISAN, 2012; MURTA, 2008).

Como aponta Murta (2008), a inauguração do prédio restaurado da antiga Estação Central da Estrada de Ferro, em 2002, tornou a esplanada da Praça da Estação uma prioridade dentro do Programa Centro Vivo de 2004, sendo esse projeto definido no Portal da Prefeitura como:

[...] um conjunto de obras e projetos sociais da Prefeitura que prevê a requalificação de espaços coletivos da área central de Belo Horizonte. A iniciativa veio para

¹⁰ Vide: <https://www.mao.org.br/conheca/o-edificio-e-a-praca/>. Acesso em: 03 de setembro de 2019.

reforçar o centro como região simbólica da cidade, valorizando a diversidade de suas atividades e consolidando-o como local de encontro de todos¹¹.

O fator catalisador da revitalização da esplanada da Praça da Estação se deu, segundo Murta (2008), pela percepção dos técnicos de que o prédio e a esplanada então formariam um corredor cultural juntamente com a Casa do Conde, a Serraria Souza Pinto e o Centro Cultural UFMG. Até o início dos anos 2000, segundo Murta (2008, p. 88) o espaço da esplanada era usado como estacionamento e apresentava problemas de segurança e iluminação. A reabilitação da esplanada da Praça da Estação deu em agosto de 2004.

Vilela (2006) também destaca o potencial catalisador da formação de um corredor cultural que levou o Programa Centro Vivo a abarcar a Praça da Estação como eixo de equipamentos culturais, lazer e shows a céu aberto. O pesquisador destaca a percepção desse potencial em outro projeto de revitalização urbana, o “Quatro Estações”, realizado a partir do Concurso Ruas da Cidade no ano 2000, atuando por meio de parceria entre a Prefeitura e o Instituto de Arquitetos do Brasil de Belo Horizonte e realizando uma requalificação de várias regiões do Hipercentro, Savassi e Área Hospitalar. Entre as regiões do Hipercentro encontra-se a Praça da Estação, que foi adequada a grandes eventos, passou por tratamento viário e urbanístico, bem como recebeu a instalação de sanitários públicos e o aproveitamento de terrenos e edificações subutilizados (VILELA, 2006, p. 118).

A revitalização urbana do entorno da Praça da Estação consolida-se, então, entre os anos de 2004 e 2006 com as requalificações dos programas Quatro Estações e Centro Vivo, a reinauguração da esplanada e a abertura para o público do Museu de Artes e Ofícios, criando um “corredor cultural” com as demais edificações do entorno, reformadas e com o uso adaptado para o consumo cultural. Quando o poder público propõe uma forma de revitalizar um espaço da cidade, há interesses econômicos, de patrimônio, orientação e expectativa de uso do espaço público revitalizado. Um debate interessante para se analisar o caso de Belo Horizonte é fazer um paralelo com as observações de Leite (2001; 2002) a respeito da revitalização do Bairro Recife Antigo, na década de 1990. Leite (2002) resgata a análise que Walter Benjamin (1985, *apud* LEITE, 2002, p. 115) faz do processo de revitalização da cidade de Paris promovida pelo Barão de Haussmann no contexto do bonapartismo da metade do século XIX, em que o embelezamento do espaço público pretendia também disciplinar a população para fins políticos, abrindo largas avenidas que dificultavam a construção de barricadas em protestos operários e facilitavam a circulação da cavalaria bonapartista. O autor

¹¹ PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. Prefeitura lança Programa Centro Vivo. Disponível em: http://portal4.pbh.gov.br/pbh/pgESEARCH_CENTRO.html. Acesso em: 04 de setembro de 2019.

localiza na revitalização do patrimônio público não apenas medidas de interesse político, mas também de caráter higienista, para adequar as cidades ao fluxo de demandas do turismo internacional e consumo urbano, localizando tal operacionalização urbanística de forma pioneira no Pelourinho em Salvador, em 1992, e no bairro Recife Antigo, em 1993.

O caso da revitalização do bairro Recife Antigo esmiuçado pela análise de Leite (2001; 2002), ainda que distante em uma década do caso de Belo Horizonte, apresenta algumas similitudes, como representar uma parceria pública e privada; tornar o centro histórico revitalizado um polo moderno de cultura, lazer, equipamentos culturais; e direcionar grandes eventos a céu aberto. O autor localiza esse movimento como um processo de “gentrificação”. De acordo com Zukin (1987, p. 129), a gentrificação surge como um fenômeno ocasionado pela mudança do investimento corporativo e expansão do setor urbano de serviços, elegendo a revitalização por meio de investimentos públicos e privados, de centros de relevância histórica ou “bordas” de regiões deterioradas. Esse reinvestimento atrai novos moradores de classe-média e “empurraram” antigos moradores da região para áreas mais degradadas.

Embora a definição original de gentrificação envolva a questão imobiliária, Leite (2002) utiliza a gentrificação a partir do uso que Harvey faz da expressão (1992, *apud* LEITE, 2002) para a reestruturação da cidade de Baltimore após saques, incêndios e manifestações públicas que se seguiram ao assassinato de Martin Luther King, como uma renovação urbana em larga escala, pensada pelo poder público como medida higienista de pulverização de protestos. De forma similar, Smith (1996) irá localizar um deslocamento de um processo de gentrificação do espaço imobiliário para o poder público, enquanto política urbana em um mundo voltado para o mercado global dos anos 1990. Para esse autor, a “revitalização” parte de uma ideia de que há uma área cultural ou socialmente “moribunda” (SMITH, 1996, p. 31). Nesse sentido, a revitalização se relacionaria à gentrificação na medida em que essa gentrificação é parte de um modelo maior de revitalização para ordenação da cidade, pensando-a não como um espaço de relação do trabalho, mas como produto de consumo.

Sobre o espaço público dentro de uma revitalização pautada para o consumo de bens culturais, é interessante a observação de Leite (2002) para o fato de que há uma alteração do público circulante nesses novos espaços revitalizados capaz de subverter os usos esperados de espaços regulados, como também possibilita a ressignificação de sentidos a partir da diferença desses “contrausos”. É a partir das novas dinâmicas não previstas da revitalização do Polo Bom Jesus no Recife Antigo que surge, na Rua da Moeda (espaço fora de processo de revitalização e elo de continuidade de antigas práticas da região), entre as dinâmicas de

sociabilidade de uma boemia jovem atraída para esse ponto, o movimento cultural do “Manguebeat”, capitaneado por bandas como Chico Science e Nação Zumbi e Mundo Livre S/A. A efervescência cultural de onde emergiu esse movimento artístico advém das mudanças de dinâmicas e alocações de agitadores culturais e novos frequentadores (LEITE, 2002, p. 125).

Apesar das similitudes elencadas acima entre os modelos de revitalização de Centros Históricos de Recife e Salvador com Belo Horizonte, Moreira (2008) contrapõe a revitalização da Praça da Estação. A autora não parece querer inseri-la no fluxo do turismo internacional e do consumo do espaço urbano como mercadoria competitiva. Segundo ela, o foco interno do programa de revitalização Centro Vivo visa a “tanto a instauração quanto manutenção de uma ordem social pautada na imagem, na produção de uma imagem de uma memória da/para a cidade” (MOREIRA, 2008, p. 77).

A questão da revitalização de áreas históricas centrais nas capitais do Brasil para o turismo internacional e o consumo é localizada como diferenciada no processo de Belo Horizonte pela bibliografia. Murta (2008), em entrevista realizada com a museóloga responsável pela implantação do Museu de Artes e Ofícios, Célia Corsino, faz o questionamento a respeito da gentrificação do espaço, ao qual a técnica responde com um contraponto entre a implantação do Pelourinho e a região da Praça da Estação. Para a museóloga, a revitalização do Pelourinho na década de 1990 foi feita de forma a propositadamente desencadear um processo de gentrificação, enquanto na Praça da Estação o uso do espaço turístico estimulado pelo Museu de Artes e Ofícios acontece sem alterar o uso do espaço público pela população. A revitalização da Praça da Estação e do Espaço seria um estímulo à própria população frequentarem a praça e o museu (MURTA, 2008, p. 89-90).

Apesar das diferenças no processo de revitalização de Belo Horizonte com outras cidades, não quer dizer que exclusões, atitudes higienistas e processos definidos como de gentrificação não sejam localizados por pesquisadores no caso da Praça da Estação de Belo Horizonte (MOREIRA, 2008; JAIME; TREVISAN, 2012; HOFFMAN, 2014). Para Hoffman (2014), a gentrificação amplia-se para além da questão residencial e também envolve questões comerciais e de consumo, aquilo que ele chama de “gentrificação de consumo e frequência”. Como é um espaço de grande circulação de pessoas e acolhimento de eventos de caráter variado, não há evidência, a priori, de um processo claro de segregação e elitização.

O autor localiza, entretanto, a exclusão das pessoas em situação de rua que ocupavam o espaço público do Baixo Centro; o aumento da fiscalização e controle por parte da Guarda Municipal; e a ideia de concepção do próprio Museu de Artes e Ofícios, enquadrado dentro de

uma ideia de cultura hierarquizada e associada ao universo simbólico das elites (HOFFMAN, 2014, p. 545-546). Por fim, Hoffman (2014) destaca como forma de controle do espaço revitalizado os conflitos do poder público com as novas sociabilidades promovidas no espaço público e não previstas, tendo como marco o Decreto nº 13.798 de 2009 e a proibição de “eventos de qualquer natureza” sob o argumento da dificuldade de prover segurança para as aglomerações e prevenção das depredações em relação aos equipamentos públicos. Essa modificação de percepção do espaço público renovado da região central no qual se enquadra o decreto está ligada à gestão do então prefeito Márcio Lacerda e à avaliação do potencial do consumo turístico do espaço para a recepção de grandes eventos internacionais, como a Copa do Mundo de 2014 (JAIME; TREVISAN, 2012; HOFFMAN, 2014).

Discutindo a ideia de gentrificação em consonância com Leite (2002), Moreira (2008) e Jaime e Trevisan (2012) também apontam um diferencial no processo de revitalização da Praça da Estação e seus arredores, pois alterou-se o entorno dessas imediações sem se alterar o modo de vida de seus usuários. As autoras elencam possíveis motivos pelos quais esse processo foi diferente, como o fato de Belo Horizonte não representar uma cidade turística, ser governada em todo o período da reforma por uma coligação de esquerda e pelas alterações terem acontecido uma década depois das realizadas em outras cidades, como Fortaleza, Salvador, Recife e Rio de Janeiro e, por isso, fora do mesmo paradigma de turismo voltado para o consumo do mercado “externo” (JAIME; TREVISAN, 2012, p. 368-369). A nova estrutura no espaço público com potencial de apropriação gerou a emergência de novos grupos se apropriando do espaço, como o Duelo de MCs, o Domingo Nove e Meia e, posteriormente, a Praia da Estação. Nesse sentido, Jaime e Trevisan (2012) comparam o surgimento dessa nova vida cultural no entorno com a ideia dos contrapúblicos apresentada por Leite (2001; 2002).

A ideia de contrapúblico de Leite (2001; 2002) advém de uma nova significância subjetiva que os indivíduos fazem de um território enobrecido, quebrando as expectativas de uso e dando um novo sentido de “lugar” próprio daquele grupo para usos do espaço público:

Gostaria, entretanto, de levantar a hipótese de que esses lugares – ou “territórios de subjetivação” (Deleuze e Guatarri, 1997) – não resultam necessariamente em configurações restritivas à vida pública. Ainda que sejam uma forma de compensar alguma “sensação de perda”, como destacou Jameson (1997) ao afirmar que o passado é reapropriado na forma alterada dos lugares políticos da cultura, é possível repensar a construção desses lugares no contexto urbano contemporâneo a partir dos usos e contra-usos que se faz dos espaços enobrecidos. Nas áreas que passam por processos de gentrification, esses usos podem alterar a paisagem e imprimir outros sentidos às realocações da tradição e aos lugares nos espaços da cidade. Essas significações, ou contra-sentidos, que diferem daqueles esperados pelas políticas

urbanas, contribuem para uma diversificação dos atuais sentidos dos lugares. (LEITE, 2002, p. 2002)

Os exemplos elencados destacam algumas proximidades com uma ideia de gentrificação do espaço, sem que haja explicitamente uma conduta de exclusão de antigos públicos da região. Além da localização desses elementos, também localizam a formação daquilo que é chamado de “contrapúblico” por Leite (2001; 2002) concentrado principalmente no espaço entre a Praça da Estação, a Rua Aarão Reis do Baixo Centro e o Viaduto Santa Tereza.

2.2. A CONSTRUÇÃO DE CONTRAUSOS E IDENTIDADES PERMEADO PELAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC)

O espaço em torno da Praça da Estação, Museu de Artes e Ofícios, Baixo Centro, Viaduto Santa Tereza, Serraria Souza Pinto, Casa do Conde, Centro Cultural UFMG e Centro de Referência da Juventude (antigo Centro Popular Miguilin) ganha novos e variados usos e passa a ser revalorizado não só por eventos que já ocorriam na cidade, como o Festival Internacional de Teatro (FIT/BH), o Festival Internacional de Quadrinhos (FIQ/BH), o FAN (Festival de Arte Negra) e o tradicional evento junino Arraial de Belô, mas a Praça da Estação também passa a ser valorizada como espaço privilegiado para shows e atrações a céu aberto, de atrações locais e nacionais de música, teatro e shows de caráter religioso. Outro atrativo dessa região central revitalizada é seu fácil acesso: tanto pela Estação Central de metrô quanto por estar no itinerário de circulação de linhas de ônibus de diversas regionais da capital, diferentemente de outras centralidades de consumo cultural da cidade com maior dificuldade de acesso, como a região da Savassi (MOREIRA, 2008; JAIME; TREVISAN, 2012; HOFFMAN, 2014).

Um dos primeiros grupos a realizar “contrausos” do espaço público nos anos 2000 foi o Quarteirão do Soul, que ocupava a Rua Goitacazes do centro da cidade desde 2004, aos sábados, com música *soul*, mudando de endereço em 2009 para a Rua Santa Catarina, aos sábados e aos domingos, e para a Praça Sete a partir de 2010, perpassando também o espaço do Viaduto Santa Tereza. Ainda que seja composto majoritariamente por pessoas acima dos trinta anos de idade, seu pioneirismo em ocupação urbana para uma apropriação artística é citado como exemplo e inspiração para diversos movimentos, como o Duelo de MC’s, que passou a ocorrer debaixo do Viaduto Santa Tereza na segunda metade dos anos 2000 (COIMBRA; SARAIVA, 2013). De forma similar ao Quarteirão do Soul, também para o

Duelo de MC's a cobertura do Viaduto Santa Tereza reformado torna-se um ponto favorável para realização de performances artísticas no espaço público em dias de chuva.

O Duelo de MC's é parte de uma confluência de jovens para esse espaço central, ocorrida principalmente na segunda metade dos anos 2000. Os grupos que fazem usos tanto esperados do espaço público do entorno da Praça da Estação quanto “contrausos” citados por Leite (2001; 2002), que permitem novos sentidos nas apropriações do espaço, “emergem” principalmente a partir desse momento de revitalização do espaço, entre 2004 e 2007, alguns já trazendo em sua criação uma pauta de ocupação do espaço público. Analisando a ocupação urbana a partir de duas praças do Rio de Janeiro, Sant'Anna e Carneiro (2018) apontam para outra tendência que demarca a construção e disputa do espaço público que são os “coletivos culturais” que perpassam a questão urbana. Utilizando a definição de Heloísa Buarque de Hollanda para enquadrar a ideia de coletivo, esse tipo de arranjo difere de ONGs, cooperativas, grupos artísticos ou movimentos sociais tradicionais pela sua característica não-hierárquica, pelo nomadismo associativo de seus membros e por sua função voltada para a produção de um ou mais projetos, sendo que indivíduos podem integrar diversos coletivos ao mesmo tempo (SANT'ANNA; CARNEIRO, 2018, p. 170).

Tanto os participantes quanto os organizadores dos eventos promovidos pelos coletivos nesse espaço público, em sua maioria, representam segmentos da juventude e possuem forte penetração no uso de tecnologias de informação e comunicação (TIC) e redes sociais digitais para a construção de suas identidades. Feixa (2006) define a questão identitária própria da juventude como “microsociedades juvenis” paralelas ou em conflito com o universo adulto. Tal formação identitária irá se aprofundar conforme se adentra em uma nova era, denominada “alta modernidade” ou modernidade reflexiva por Giddens (2002); sociedade em rede por Castells (1999); ou modernidade tardia por Hall (2005), todos localizando o período de maior integração econômica, social e aceleração das novas tecnologias de informação e comunicação, convencionalmente chamada de globalização. Em Hall (2005), as transformações associadas à modernidade libertam os indivíduos de seus apoios nas tradições e estruturas.

A globalização, ainda em Hall (2005), se refere a processos que atuam em escala global, conectando comunidades e organizações em novos arranjos de espaço-tempo, distanciando-se da noção clássica de “sociedade” da sociologia. Com isso, Hall (2005) elenca três possíveis consequências das identidades culturais nesse processo: a desintegração das identidades nacionais com o crescimento da “homogeneização” cultural; o reforço das

identidades nacionais e locais pela resistência à globalização; e o fato de que novas identidades híbridas estão tomando o lugar das identidades nacionais (HALL, 2005, p. 69).

Para Giddens (1997; 2002), as tendências globalizantes fazem com que os indivíduos organizem sua vida reflexivamente, estruturando sua autoidentidade em relação dialética entre o global e o local. Nessa modernidade a influência de acontecimentos distantes sobre eventos próximos e sobre intimidades de si mesmo torna-se cada vez mais comum; a experiência canalizada pelos meios de comunicação tem influenciado tanto a autoidentidade quanto a organização social (GIDDENS, 2002, p. 12). Essa dialética entre global e local à qual os indivíduos estão expostos substitui a tradição e a “verdade formular”, ou o consenso sobre tudo o que é certeza e verdade faz cada vez mais os indivíduos escolherem estilos de vida para formarem sua autoidentidade. A criação de identidade pessoal e sua ligação com identidades coletivas é um requisito primordial de segurança ontológica. Os indivíduos estão libertos de uma única fonte de autoridade dominadora; entretanto, precisam responder a diversas autoridades e isso é perturbador em termos ontológicos pela ausência de consensos e especialistas.

Castells (1999) corrobora com a dialética entre global e local proposta por Giddens (2002), porém aponta que sociedade moderna em rede está fundada na disjunção sistêmica entre o global e o local, estruturas de tempo e espaço e poder e experiência para a maioria dos indivíduos e grupos sociais. Portanto, exceto para a elite que ocupa o espaço atemporal de fluxos de redes globais, o planejamento reflexivo da vida torna-se impossível. Então, para Castells (1999), a constituição dos sujeitos não se baseia mais nas sociedades civis em desintegração, mas em projetos de identidades defensivas de base comunal (CASTELLS, 1999, p. 27-28). Nesse bojo de identidades defensivas de base comunal, Castells (1999) vai localizar ao longo da obra os movimentos organizados contra a Nova Ordem Global, tal como os Movimentos Zapatistas de Chiapas da década de 1990, as milícias de supremacistas brancos norte-americanos, o fundamentalismo religioso, os movimentos ambientalistas, feministas, raciais e LGBTQ.

Como Giddens (2002), Castells (1999) enxerga o impacto informacional global na formação, mas insere nas identidades um conteúdo de relações de poder e fluidez, localizando três tipos delas: identidades legitimadoras, que buscam racionalizar a dominação sobre os indivíduos e estão, para Castells (1999), em franca decadência em função do enfraquecimento do modelo de Estado-Nação; identidades de resistência, mencionadas acima, que representam uma atitude defensiva de identidades marginalizadas pelo sistema vigente; e projetos de identidades que buscam materiais culturais para construir novas identidades de mudança

estrutural. Uma identidade de resistência pode nascer de um projeto e pode tornar-se dominante, o que, para o autor, demonstra que identidades não são essências, mas estão em processo de negociação constante (CASTELLS, 1999, p. 24).

O que esses autores apontam é a maior fluidez de construção da identidade com a ruptura de algumas ordens preestabelecidas e atravessadas por influências de fluxos comunicacionais globais. A juventude “tipificada” estudada na dissertação se relaciona como uma cultura autônoma dos mundos da infância e do adulto, amparada em transformações familiares, na relação com bens de consumo e na relativa autonomia do “vir a ser” adulto. Perpassado pelo advento da “alta modernidade” ou “sociedade de rede”, feixes de identidades globais e resistências locais atravessam essa juventude, dando ainda mais autonomia de identidades estabelecidas do “vir a ser” adulto. É muito importante localizar a juventude como uma condição de autopercepção à parte no ciclo da vida, formada processualmente a nível global e local e resultando em identidades. O estudo de caso analisado aponta para a mediação dessa autonomia e identidade com forte amparo das redes digitais, que evoluíram conjuntamente com o processo de sociabilidade da rede. Juventude, então, é um conceito processual e relacional, cuja cristalização dependeu de uma separação entre a vida adulta profissional e a infância. É internamente atravessada por questões de posição social de classe, raça e gênero e, por conseguinte, por mais que sejam atravessados por símbolos culturais e referências geracionais semelhantes, vivenciam a experiência de forma diferente.

Ainda que esteja sempre em mudança e tenha forte influência externa, essa massificação cultural e projeção das juventudes exportada a nível global como parte de uma modernização cultural, entretanto, não vem acompanhada de uma modernização social no Brasil, como aponta Dayrell (2001). As desigualdades de acesso não apenas a internet, universidades públicas, programas culturais e direito a cidade, mas também à cidadania como um todo. A juventude é uma condição que perpassa quase todos os participantes da rede, mas ela é sentida de formas diferentes, com dificuldades e experiências raciais, de gênero, sexualidade e condição econômica das mais variadas. Muitos conflitos dessa rede estudada de sociabilidade nascem de novas demandas pela cidadania, principalmente após os adventos de junho de 2013, que atravessam referida rede de sociabilidade numa ação coletiva a nível nacional.

Outro ponto a respeito da juventude é a sua extensão. Erikson (1976) considera o jovem adulto como pertencente à faixa etária de 20 e 35 anos. Aylmer (1995) irá localizar na mudança das relações de trabalho com o ciclo de vida familiar o marco da trajetória

independente adulta, emocional e financeiramente, tornando “borrados” os limites entre a identidade esperada adulta e a da juventude.

A discussão sobre a formação de juventude e jovens adultos no Brasil atravessa também a questão da desigualdade estrutural e da falta de acesso a bens e serviços. Essa desigualdade reflete tanto questões da desigualdade local, especialmente racial, quanto da outra face da influência global, com a flexibilização dos mercados e o surgimento daquilo que autores como Jessé Souza (2010) denominam “precariado” e André Singer de “novo proletariado”. O economista britânico Guy Stranding cunhou o termo precariado para classificar a perda de segurança das garantias de trabalho da sociedade de bem-estar industrial pós-Segunda Guerra Mundial. Essas garantias consistem na perda da garantia de mercado de trabalho, perda de garantia de vínculo empregatício, perda da segurança de emprego, perda de garantia de proteção e segurança do trabalho, perda da segurança de renda, perda de garantia da reprodução de habilidade (treinamentos de aperfeiçoamento) e perda de garantia de representação sindical (STRANDING, 2013, p. 29-30).

Jessé Souza (2010) amplia o conceito de classe social para além do conceito de renda para abarcar o conceito dos capitais imateriais de Pierre Bourdieu, como o capital cultural. Em Bourdieu (1987), o capital cultural (ou capital informacional) é, juntamente com o capital econômico, constituinte dos poderes fundamentais que promovem a estratificação social, em um mundo de competição por recursos escassos. Há em Bourdieu (1987) uma disposição internalizada para a aquisição de gostos, escolhas sociais, posicionamento de carreira profissional. Em suma, uma disposição que constitui a matriz de disposições, gostos e interpretações daquilo que se entende por cultura. A esse conceito Bourdieu chama de *habitus*, que é parte integrante desse entendimento.

As diferentes posições no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de desvios diferenciais que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência. As práticas e as propriedades constituem uma expressão sistemática das condições de existência (aquilo que chamamos estilo de vida) porque são produto do mesmo operador prático, o *habitus*, sistema de disposições duráveis e transponíveis que exprime, sob a forma de preferências sistemáticas, as necessidades objetivas das quais ele é o produto: a correspondência que se observa entre o espaço das posições sociais e o espaço dos estilos de vida resulta do fato de que condições semelhantes produzem *habitus* substituíveis que engendram, por sua vez, segundo sua lógica específica, práticas infinitamente diversas e imprevisíveis em seu detalhe singular, mas sempre encerradas nos limites inerentes às condições objetivas das quais elas são. (BOURDIEU, 1983, p. 82-83)

A questão elencada por Jessé Souza (2010) a respeito do capital cultural e de como ele se internaliza no *habitus* é sua forma de ampliar dentro da teoria dos capitais a ideia de

precarizado da economia, indicando uma nova classe-média que está integrada no sistema de ensino superior e no mercado de bens e consumo, mas não dispõe do mesmo capital cultural incorporado da classe-média estabelecida.

Singer (2013), analisando o perfil dos manifestantes de junho de 2013, percebe uma mistura da classe média, um extrato social da juventude que ele reconhece como equivalente ao que os autores chamam de precariado, mas prefere o termo “novo proletariado” para se referir aos jovens trabalhadores que tiraram carteira de trabalho nos períodos lulistas (2003-2013), possuem uma formação acadêmica ou técnica, mas padecem de baixa remuneração, alta rotatividade e más condições profissionais.

Acrescenta-se a isso a questão racial brasileira, que tem em estudos como de Hasenbalg e Silva (1988), Ribeiro e Scalon (2001) e Ribeiro (2007) indicadores de que a raça imprime consequências para a estratificação social da população brasileira. Ainda, o estudo de Ribeiro (2007) sobre mobilidade social e raça no Brasil indica que a raça é um quesito mais relevante quanto mais alto o status do indivíduo, ou seja, as barreiras raciais se impõem com maior vigor sobre aqueles que almejam posições mais elevadas na escala social, enquanto brancos, negros e pardos em classes inferiores possuem chances similares de mobilidade social (RIBEIRO, 2007, p. 21). Fala-se, então, de juventudes no plural, como indica Dayrell (2001). Nesta seção, a definição de juventude atravessa um aspecto de época e de localidade que são relevantes de se elencar para não se criar uma ideia homogênea de jovens. É uma juventude com sua própria capacidade de ação e produção de sentidos, mas que é atravessada por todas as questões que já foram elencadas e diversas outras que não se esgotam aqui.

As novas sociabilidades que emergem das possibilidades e usos possíveis desse espaço público revitalizado coincidem com o crescente uso por parte dos brasileiros das redes sociais digitais e das TIC. Essas tecnologias facilitaram e potencializaram o chamamento para os eventos, a organização, a definição da identidade dos participantes em relação aos espaços públicos e mesmo a disputa dessas identidades. Martín-Barbero (2008) reconhece o atravessamento das TIC entre os jovens não como uma forma de isolamento ou “descolamento” entre um mundo virtual e um mundo real, mas como uma dinâmica de complementaridade entre os usos da tecnologia entre os jovens e suas interações sociais no espaço físico. Essas interações constantes permitem reduzir distanciamentos, a mobilidade e, principalmente, transformam o tempo amorfo ocioso em um tempo de interação social ou consumo de conteúdo. Impor a diferenciação entre uma interação “artificial” e “real” é, para Martín Barbero, citando Arturo Escobar (1999, *apud* MARTÍN-BARBERO, 2008) uma atualização do antigo debate entre natureza versus artifício.

Nesse contexto de identidades fluidas atravessadas pelo fluxo de informações e tecnologias de informação conectadas em rede, o espaço, para Castells (1999), divide-se em “espaço dos fluxos” e “espaço dos lugares”. O espaço dos fluxos faz parte da nova forma de organização social da sociedade em rede. Esse espaço consiste em uma “organização material das práticas sociais das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos”, sendo tais fluxos sequências de intercâmbio de mobilidade, informacional e monetário entre atores especializados (CASTELLS, 1999, p. 442).

Nessa definição de Castells (1999), há uma separação entre espaço dos fluxos e espaço dos lugares. Outros autores mais recentes vão questionar esse distanciamento entre o espaço dos fluxos e o espaço físico urbano. Para Kellerman (2010), a mudança mais importante em relação ao ciberespaço é uma disponibilidade permanente e instantânea para os usuários, o que gerou interação e convergência com o espaço físico para aqueles que dispõem de conexão banda larga. O autor observa que a integração dos espaços físicos e dos ciberespaços é cada vez maior com o desenvolvimento de serviços de banda larga móvel. A combinação de internet com dispositivos móveis como um sistema de informações extenso e abrangente surgiu com a introdução das tecnologias wi-fi e 3G (terceira geração de tecnologia de celulares) (KELLMAN, 2010, p. 2297). Xi, Zhen e Chang (2016) vão analisar, a partir de um estudo da cidade de Nanjing, na China, a sobreposição e a continuidade entre o espaço dos fluxos e o espaço físico a partir das TIC, que aumentam a mobilidade da atividade em grande extensão. Devido ao desenvolvimento aprofundado das TIC, acelerou-se o fluxo de elementos (pessoas, material, informação, comunicação, capitais, etc.) gerados pelas atividades urbanas. Sob a influência das TIC, localizações fixas e espaço se tornam mais móveis do que nunca. O fluxo de atividade social nos espaços públicos é também intensificado e acelerado pelas tecnologias de informação e comunicação.

Outro termo que busca combinar o espaço dos fluxos de troca informacionais e o espaço físico é o dos “espaços híbridos” (DE SOUZA E SILVA, 2006; 2017). O espaço híbrido perpassa a mesma ideia de Castells (1999); contudo, Adriana de Souza e Silva (2006) entende o espaço como conceito produzido e incorporado por práticas sociais, inspirado na construção do espaço em Lefebvre (1991, *apud* DE SOUZA E SILVA, 2006), em que a infraestrutura de suporte é composta por redes de tecnologia móvel. Para de Souza e Silva (2006), os espaços híbridos mesclam o físico e o digital em um ambiente social criado pela mobilidade dos usuários via tecnologia móvel. A emergência das TIC portáteis contribuiu para a possibilidade de se estar sempre conectado a espaços digitais. Os usuários não percebem espaços digitais como entidades separadas e não têm a sensação de “entrada” e

“saída” da internet. Ao invés de focar em questões como a imersão e criação de identidades em mundos virtuais, é mais provável que os usuários se preocupem em como a telefonia móvel pode ajudá-los em espaços físicos. Tal como Kellman (2010), de Souza e Silva (2006, 2017) acredita que a dinâmica social propiciada pelas novas TIC mudou a forma de análise da relação com a internet; se a tendência dos estudos dos anos 1990 era analisar as realidades de imersão dos jogos online e a criação de “avatars sociais” e mundos inventados, a mobilidade, as redes sociais digitais e a banda larga móvel intensificaram as identidades e as interações com o espaço social.

Combina-se com o desenvolvimento e acesso das tecnologias de banda larga, tanto fixa quanto móvel a disponibilidade de redes sociais digitais, que tornaram a dinâmica relacional muito mais visível e palpável para os usuários. O crescimento exponencial do ciberespaço desde a segunda metade da década de 1980 e a proliferação das redes sociais digitais na primeira metade dos anos 2000 criaram um imenso rastro digital de interações entre milhões de nós (nodes) representados por pessoas, coletivos e instituições que interagem entre si, circulando uma gigantesca quantidade de informação na forma de dados. Boyd e Ellison (2008, p. 211) definem as redes sociais digitais como serviços da rede de internet que permitem aos indivíduos: construir perfis públicos ou semipúblicos dentro de um sistema limitado; articular uma lista de outros usuários com quem a pessoa compartilha conexões; ver e atravessar sua lista de conexão com a dos outros. Essas redes complementam as funcionalidades dos chats, fóruns e blogs, posteriormente integrando com maior funcionalidade as suas ferramentas e tornando-as mais efetivas.

Redes sociais digitais como o Facebook, o Twitter, o Instagram e os weblogs perpassam de forma quase inescapável nossa sociabilidade contemporânea. Cada uma dessas plataformas possui uma lógica própria de construção de perfil, compartilhamento e geração de conteúdo. A convergência de plataformas e o modelo colaborativo realizam o que Longhi e Sousa (2012) apontam como um momento de plataforma hipermídia. Para além da comunicação textual da internet, menos colaborativa para o hiperlink, e a variedade de plataformas *wiki* da web 2.0, a convergência de mídias promovidas pelas plataformas como Facebook e Twitter com a linha do tempo, incorporando imagens e vídeos, cria um formato de hipermídia, com a conformação de formatos de vídeo, som e imagem conjuntamente com a mensagem textual. A capacidade de formatação, adaptação, edição e compartilhamento favorecem não somente a disseminação de conteúdo, mas sua adaptabilidade de edição permite a criação de fragmentos de mensagens replicáveis na forma de memes. Os memes nas redes sociais, para Recuero (2007), são padrões de mensagens que circulam culturalmente

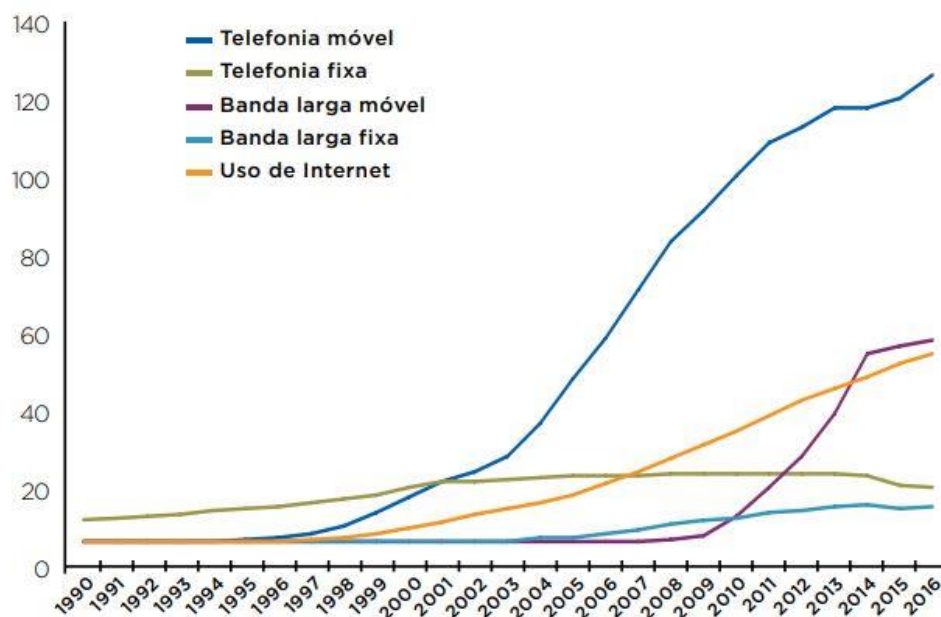
mente a mente, tendo por base a teoria da mimética de Richard Dawkins cunhada no livro “Gene Egoísta”, de 1976. Os memes sobrevivem pela sua fecundidade, longevidade e fidelidade da cópia (retendo elementos básicos com o original). Recuero (2007) ainda acrescenta o alcance do meme, ou seja, sua capacidade de viajar as redes sociais digitais com base na medida de compartilhamentos.

Boase et al. (2007) e Wellman (2011) levantam a questão dos laços que se formam nas redes sociais digitais e se esses laços se convertem em laços no espaço físico, criando novos sentidos comunitários e individuais. Boase e Wellman (2008) chamam atenção para o fenômeno das “comunidades pessoais” em rede. Essas comunidades pessoais são redes sociais definidas como um conjunto de laços individuais que um indivíduo tem, não só com seu entorno social, mas também com amigos, conhecidos próximos e distantes fisicamente, graças às redes sociais digitais.

Essas comunidades, tendo por base os laços individuais, segundo Chua, Madej e Wellman (2011), se tornaram palpáveis e visíveis com o advento da internet. Facebook e redes sociais similares organizam os mundos sociais em termos de listas de amigos e conhecidos. Enquanto alguns estudiosos continuam investigando comunidades em termos de unidades limitadas espacialmente, outros enfocam na comunidade como uma combinação gerida por indivíduos que constroem suas redes de relações de forma mais autônoma. Portanto, a representação tradicional de comunidade como um conjunto distinto de laços locais é muitas vezes substituída de forma útil observando comunidades pessoais caracterizadas pela combinação de laços locais, regionais e distantes (CHUA; MADEJ; WELLMAN, 2011, p. 101).

Além de mudanças no formato das plataformas (modelo colaborativo, formato “linha do tempo” nas plataformas Twitter e Facebook, algoritmos), também houve uma mudança no acesso e na mobilidade da internet no mundo. Como apontam os estudos do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (NICBRN, 2018) os anos de 2010 vivenciaram um crescimento intenso na tecnologia de telefonia e banda larga móvel. O período estudado da segunda metade dos anos 2000 para a primeira metade dos anos de 2010 apresentou uma transformação no uso das TIC e, conseqüentemente, na difusão do uso de redes sociais:

Figura 7 – Número de assinaturas de Tecnologias de informação e comunicação por 100 habitantes e usuários de internet na América Latina



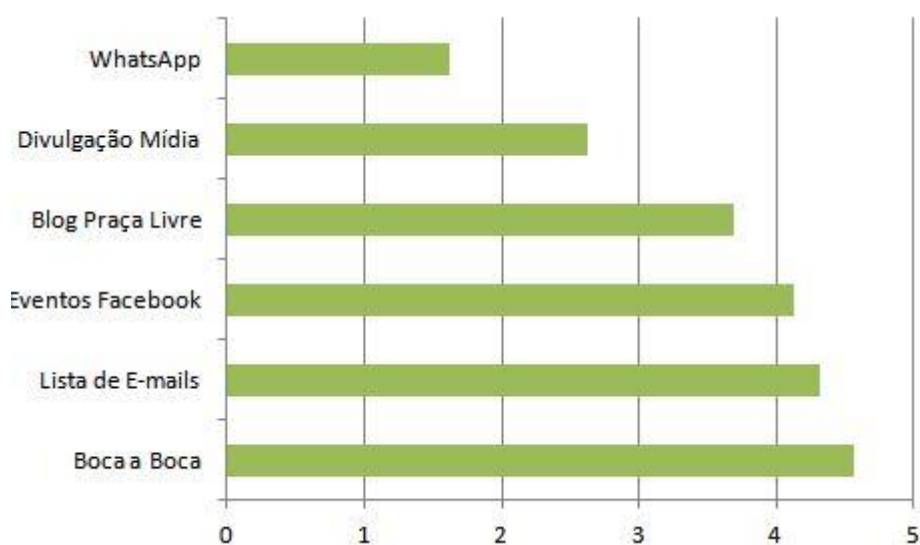
Fonte: NICBRN, 2018, p. 31.

As redes sociais começaram a surgir em 1997 com o site Six Degrees, mas é a partir de 2002 que elas de fato começam a se espalhar pelo mundo, com o Friendster e o Fotolog (Boyd e Ellison, 2007). O Brasil viveu o fenômeno das redes sociais a partir do Orkut em 2004, o Youtube, Flickr e o MySpace a partir de 2005 e o Twitter e o Facebook a partir de 2008 e 2009. Como indicam Araújo e Rios (2012), essas apropriações de redes sociais se difundiram no Brasil especialmente entre as classes A e B (pessoas que recebem mais de 15 salários mínimos e pessoas que recebem entre cinco a 15 salários mínimos, respectivamente, enquanto as classes C e D recebem de 3 a cinco salários mínimos e de um a três salários mínimos, respectivamente).

Quando falamos de apropriação do espaço público por juventudes, entendemos que essas juventudes estão imersas nas redes sociais digitais e essa apropriação acontece em um espaço que é móvel e dinâmico, com a convergência do espaço de fluxos ao espaço de lugares. Referido espaço híbrido intensifica a atividade social e as identidades se organizam em “comunidades pessoais”, que envolvem demarcadores de amizades em comum e compartilhamento de imagens em locais utilizando de certas identidades e estilos. Não se trata de dizer que há uma relação causal entre a tecnologia e o sucesso dos eventos em espaços públicos. Como apontado anteriormente, os usos e contrausos de espaços públicos acontecem

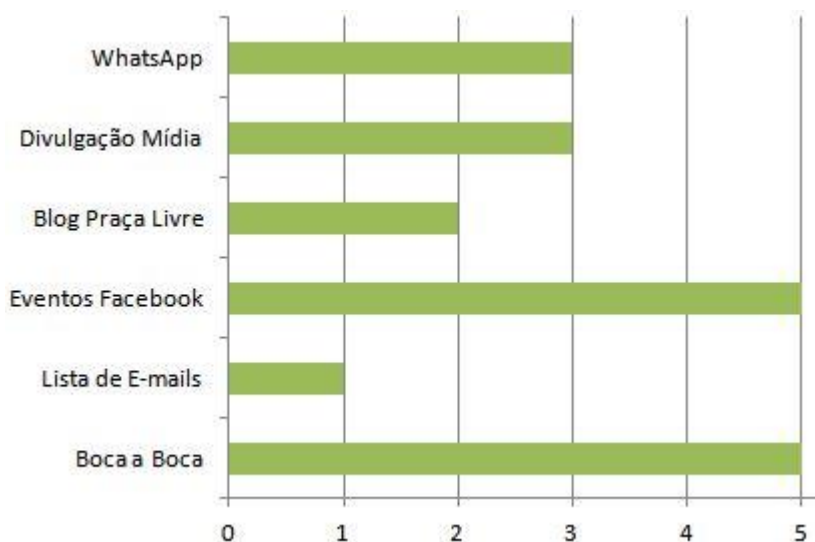
por associações de encontros casuais, identificações a partir de exclusões mútuas e formações de subculturas, boca a boca e intensa atividade de agitadores sociais. O que os conceitos de espaço de fluxos, espaços híbridos e comunidades pessoais acrescentam é a intensidade social desses encontros sociais, maior circulação de suas pautas, visualização de uma rede tangível de amizades em torno dessa sociabilidade e uma construção e conformação conjunta simbólica tangível em torno dos espaços públicos de sociabilidade. A Praia da Estação atravessou esse momento de transição entre usos de redes sociais digitais, com seus ciclos de vida e maior popularização das tecnologias de informação e comunicação. Uma questão do questionário aos entrevistados perguntou para enumerarem a partir de uma Escala Likert quais ferramentas de divulgação foram usadas para os eventos acontecerem:

Figura 8 – A importância da imprensa e das TIC para os eventos da Praia da Estação acontecerem – Participantes do Início (T1)



Fonte: Gráfico Excel elaborado pelo autor.

Figura 9 – A importância da imprensa e das TIC para os eventos da Praia da Estação acontecerem – Participantes Pós-Evento (T2)



Fonte: Gráfico Excel elaborado pelo autor.

O comparativo das respostas foi feito entre organizadores das primeiras Praias da Estação de 2010 com aqueles que as convocaram após de 2015. A bibliografia indicava que a principal forma de convocação em redes sociais digitais em 2010 consistia nos debates de uma lista de e-mails pública e aberta do Google Groups e o weblog “Praça Livre BH”. Ferramentas como o WhatsApp ainda não existiam e o Facebook começava a crescer como a principal rede social digital do país. Em 2015, a principal forma de convocar para os eventos era via eventos do Facebook. Ambos os entrevistados que convocaram as Praias da Estação após 2015 sequer sabiam da existência da lista de e-mails e do weblog “Praça Livre BH” e perguntaram ao pesquisador a respeito de sua importância.

Essa discussão será retomada mais à frente do trabalho a partir dos exemplos; contudo, aqui é possível utilizar a ideia da organização em coletivos, como mencionado por Sant’Anna e Carneiro (2018), e pensá-los dentro de um primeiro momento da rede em torno da convocação da Praia da Estação como um exemplo perfeito de comunidades pessoais formadas no espaço personalizável das redes sociais digitais e weblogs. Os grupos associativos eram menores, muito próximos em termos de equivalência social, as pessoas conhecidas entre si. Um segundo momento distante cinco anos das primeiras Praias da Estação, com ampla adesão a redes sociais digitais como Facebook e maior disseminação de TIC cria maior adesão e heterogeneidade de público, causando desconforto em participantes dos primeiros eventos que já não conseguiam mais localizar as suas comunidades pessoais e

isso se reflete como um dinamismo social provocado pelas comunidades pessoais, espaços híbridos e usos e contrausos dos espaços digitais.

A respeito da desigualdade de acesso digital e percepção cultural, Araújo e Rios (2012) observam um fenômeno chamado de “orkutização”, um termo pejorativo utilizado por usuários do Facebook para descrever a migração de novos usuários das classes C e D da plataforma Orkut para Facebook no decorrer dos anos de 2010, 2011 e 2012 e como isso impactou a percepção do ambiente de rede de usuários de classes mais abastadas que até então tinham uma identidade bem similar entre si na plataforma. Na virada de 2009 para 2010, como indicam Araújo e Rios (2012), o uso de internet banda larga ainda era mais difundido em Lan Houses (31% em 2011) do que nos desktops caseiros (27% em 2011). O crescimento da internet móvel no Brasil e na América Latina, como indica a Figura 7, se dá principalmente após 2009 e tem um crescimento cada vez mais espantoso, juntamente com a telefonia móvel e os *smartphones* (NICBRN, 2018).

Outro fenômeno de imenso impacto que o novo dinamismo social intensificado pelas TIC teve influência foi o dos “rolezinhos”. O primeiro rolezinho aconteceu no Shopping Metrô Itaquera, em São Paulo, que recebeu no dia sete de dezembro de 2013 cerca de seis mil jovens, sendo a maioria entre adolescentes de 14 a 17 anos. O evento, articulado via Facebook, foi combinado para ocorrer no estacionamento do shopping em comento; mas, como o número de participantes foi muito maior do que o esperado, outros clientes e alguns lojistas entenderam a movimentação como um “arrastão”. Vários rolezinhos foram convocados no final de 2013 e início de 2014, geralmente por jovens muito populares nas redes sociais digitais, tendo como local principalmente shoppings centers e atraindo grande número de pessoas para sociabilidade, paquera, diversão, consumo e ostentação (SILVA; LEHFELD, 2016).

Os rolezinhos associaram tanto a apropriação de novas tecnologias para comunidades pessoais e espaços híbridos em torno de shopping centers, inicialmente em São Paulo, mas inspirando outras cidades também. Além da apropriação das TIC, para Caldeira (2014) os rolezinhos estão fortemente associados aos novos modos de circulação dos jovens de periferia, parte de uma mudança nas formas de consumo pela redistribuição de renda e pela expansão do mercado de bens e consumo individual, incluindo aí também as tecnologias das quais essa juventude se apropriou para convocar os eventos. Segundo Caldeira (2014), a expansão de consumo desestabilizou um dos modos mais arraigados da construção por hierarquias: o julgamento pelas aparências no espaço público e o conseqüente solapamento de se estabelecer uma hierarquia a partir do visual perturba outros frequentadores. A autora

observa que as classes subalternas aceitaram certa imobilidade dos espaços periféricos para habitarem a cidade, bem como os espaços públicos e privados sempre construíram barreiras explícitas ou não para o não atravessamento das classes subalternas aos espaços privilegiados. Caldeira (2014) vê o movimento dos rolezinhos como uma forma de desafiar as práticas profundamente arraigadas de uso do espaço público, cuja mudança jamais acontece espontaneamente.

Silva e Lehfeld (2016) denotam que o descontrole das reações em torno do rolezinho pelos lojistas levantou questões jurídicas sobre quão público e quão privativo é o shopping center; provocou aumento no contingente de seguranças e vistorias; levou à criminalização de rolezinhos por meio da retirada de comunidades específicas de eventos do Facebook e à proibição de associar marcas famosas ao funk, tirando alguns videoclipes da internet. Percebe-se que, mesmo com a fluidez das associações e construções de espaços públicos, há construções históricas de desigualdade e hierarquização que perpassam a construção de usos e contrausos do espaço público. A intensa mobilidade que as redes evocam acabam por constantemente desafiar noções prévias de espaço, gerando reações que evidenciam os limites e incômodos das suas apropriações.

2.3. OS COLETIVOS QUE OCUPARAM O ESPAÇO REVITALIZADO DA PRAÇA DA ESTAÇÃO NA SEGUNDA METADE DOS ANOS 2000

Entre os diversos coletivos que se enquadram na organização dos coletivos artísticos, de discussão de pautas urbanas, políticas e culturais destacados como uma tendência dos anos 2000 por Sant'Anna e Carneiro (2018), é possível localizar alguns exemplos de proposições de contrausos não apenas no espaço das novas sociabilidades gerado pela revitalização, mas espalhados pelo espaço público e convergindo até a ação da Praia da Estação. Dois movimentos que se apropriaram diretamente do espaço do Viaduto Santa Tereza foram o Duelo de MC's, promovido pelo Coletivo Família de Rua, e o Domingo Nove e Meia, promovido pelo espaço Ystilingue.

O Duelo começa na Praça da Estação em frente o antigo Miguilim Cultural, local onde se encontra hoje o equipamento municipal do Centro de Cultura da Juventude. O primeiro Duelo começou no dia 24 de agosto de 2007 a partir de experiências dos participantes do evento nacional da Liga dos MC's. O Duelo de MC's aconteceu no espaço do Entorno da Praça da Estação durante todo o período de 2007. O uso do espaço do Viaduto Santa Tereza ocorreu em função de se abrigarem das chuvas e protegerem os equipamentos. A mudança

também favoreceu para arcar com o aumento do público, que foi avolumando espontaneamente desde então, atingindo mais de mil pessoas ainda em 2007¹².

Com o lema “O Palco é a rua”, o Duelo de MC’s formado pelo Coletivo Família de Rua reúne desde 2007, às sextas-feiras às 20h30, jovens rimadores em disputa, além de DJ’s, disputas de skate e dança, articulando um movimento crescente de público e sociabilidade da juventude da cidade de Belo Horizonte. Segundo o entrevistado E23, que participou do Coletivo Família de Rua, o uso para sociabilidade daquele espaço era muito pequeno antes do Duelo de MC’s e a atuação deles lá acabou tornando-os referência para outros grupos em termos de licenciamento e alvará para shows em espaços públicos¹³.

Tal como nos outros movimentos artísticos, sociais e culturais, as redes sociais digitais são presença recorrente do movimento, com um canal no Youtube da Família de Rua desde 2008 e vídeos que ultrapassam mais de 100 mil visualizações ainda naquele ano¹⁴, além da presença em plataformas como Flickr e Orkut. Andrade Júnior (2013) observa a importância das redes digitais nesse movimento não apenas para divulgação, mas também para votar democraticamente a mudança do Duelo de MC’s para o Viaduto Santa Tereza por enquete via Orkut.

Figura 10 – Duelo de MC’s do dia 12 de novembro de 2008



Fonte: Página do blog Duelo de MC’s¹⁵.

¹² E23. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 23 out. 2019. Citação literal no Anexo I.

¹³ *Idem*. Citação literal no Anexo I.

¹⁴ Vide: <https://www.youtube.com/user/Familiaderua>. Acesso em: 3 de dezembro de 2019.

¹⁵ Disponível em: <http://duelodemcs.blogspot.com/>. Acesso em: 29 de novembro de 2019.

O encontro mensal Domingo Nove e Meia também acontece no Espaço do Viaduto Santa Tereza no segundo semestre de 2007, como parte de diversos grupos e coletivos fortemente inspirados pelos movimentos da Ação Global dos Povos de resistência anticapitalista. A manifestação no terceiro Dia de Ação Global, na rodada de negociações da Organização Mundial do Comércio em Seattle do dia 30 de novembro de 1999, culmina em um grande confronto entre manifestantes e polícia, a “Batalha de Seattle”. A cobertura desse protesto se deu tanto pela imprensa tradicional quanto por manifestantes organizados na captura de vídeos e produção de textos para circularem suas informações, iniciando um exercício de ativismo “midialivrista” com a criação da Indymedia, uma plataforma de comunicação colaborativa de ativistas e jornalistas amparada digitalmente e que promovia uma cobertura alternativa do protesto em Seattle (RIGITANO, 2005).

Os protestos e a mobilização de comunicação em Seattle inspiram outros movimentos ao redor do mundo, tendo como marco significativo no Brasil o S-26, ocorrido no dia 26 de setembro de 2000 para reverberar mundialmente os protestos de Praga contra a reunião do Fundo Monetário Internacional que acontecia na cidade. O Centro de Mídia Independente, ramificação brasileira do Indymedia, nasce a partir de uma lista de e-mails de discussão do grupo que se articulou para realizar os protestos contra a reunião do FMI no Brasil. Por sua vez, o Centro de Mídia Independente se ramifica em coletivos de mídia livre pelo Brasil, organizando presença em eventos tanto no espaço físico quanto em fóruns digitais (RIGITANO, 2005). Em Belo Horizonte, o S-26 se expressa no protesto “Carnaval Contra o Capitalismo”, convocado em uma lista de e-mails do Yahoo pelo Coletivo Acrática Proposta¹⁶. Segundo o relatório do S-26, cerca de duzentas pessoas se reuniram na Praça Sete entre “anarquistas, estudantes, punks, veganos radicais e proutistas”¹⁷. No mesmo ano, no dia 23 de dezembro de 2000, é articulado de forma similar o “Dia Sem Compras” em Belo Horizonte.

A experiência de Seattle, os Dias de Ação Global no Brasil e a criação dos Centros de Mídia Independente reverberariam em Belo Horizonte na criação de coletivos de discussão política a respeito de ideias libertárias, veganismo, uso de bicicletas, libertação animal e a pauta das ocupações urbanas. Ainda que não seja possível atribuir influência dos Dias de

¹⁶ Cf. S26 Global Reports. Relatório do 26 de setembro em Belo Horizonte. Disponível em: <https://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/s26/beloho.htm>; grupo de e-mails <https://br.groups.yahoo.com/neo/groups/libertarios/conversations/topics/1918>. Acesso em: 3 de dezembro de 2019.

¹⁷ Vide: <http://tmtm.free.fr/s26/brasil.htm>. Acesso em: 3 de dezembro de 2019.

Ação Global, da AGP e dos manifestantes de Seattle aos coletivos num modo geral, certamente os coletivos e espaços libertários elencados por Oliveira (2012) a partir do período de 1999 em Belo Horizonte possuem esse lastro. Nesse período surge o Coletivo Cisma, o espaço da Mansão Libertina, o Coletivo Gato Negro, o evento Carnaval Revolução, o Dia Sem Compras, a Loja Grátis, a Bicicletada, o Ystilingue, o Coletivo Conjunto Vazio, a Casa Somática, o Coletivo Azucrína e o Domingo Nove e Meia.

Oliveira (2012) destaca a utilização do termo “libertário” em vez do uso “anarquista”, que marca, na contemporaneidade, uma ampliação da luta social e dos autores clássicos para outras lutas cotidianas, em relação a um anarquismo de perspectiva mais macro e de organização de base, e os movimentos anarquistas libertários. Segundo o entrevistado E1, o Domingo Nove e Meia reunia um público naquele espaço disposto a discutir a própria vida enquanto experiência política diferente, com uma linha de pensamento anarquista ou próxima ao anarquismo dentro das práticas cotidianas, não com um anarquismo como tendência de influência de massa¹⁸.

Dentro da perspectiva coletivista do anarquismo libertário, o Coletivo Cisma é localizado como pioneiro em Belo Horizonte, entre 1999 e 2001, como expressão do ideário libertário e coletivista com o lastro dos Dias de Ação Global. Nascido de uma vida comunitária em um imóvel da Savassi, propriedade de familiares de um dos membros, cerca de seis pessoas passaram a conviver, sociabilizar, trocar referências sobre ações e ideias libertárias, principalmente por influência dos estilos musicais politizados do punk e do hardcore e por uma rede de cartas que existia entre esse coletivo e outros pelo Brasil e em território internacional, no período de ainda baixa penetração da internet no território brasileiro (SOUZA, 2010). A casa produziu fanzines, bandas experimentais e de hardcore como Saddest Day, Libertinagem e Retórica em seus três anos de existência¹⁹, sendo também o primeiro espaço de articulação em Belo Horizonte do Centro de Mídia Independente (OLIVEIRA, 2012).

Entre as ações do Coletivo Cisma está o Carnaval Revolução, realizado a partir do ano de 2002, durante o carnaval belorizontino, sempre em uma nova localidade a cada ano. Eram promovidas oficinas, palestras, debates, shows e performances em torno de novas formas políticas e sociais, ação direta e a cultura do “faça você mesmo”, além de atividades lúdicas, como o cortejo (SOUZA, 2010; OLIVEIRA, 2012). Ainda muito incipiente em termos

¹⁸ E1. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 25 nov. 2019. Citação literal no Anexo I.

¹⁹ Cf. CONJUNTO VAZIO. Belo Horizonte e (algumas de) suas movimentações subterrâneas. Postagem feita em 18/01/2015. Disponível em: <https://conjuntovazio.wordpress.com/2015/01/18/belo-horizonte-e-algumas-de-suas-movimentacoes-subterraneas/>. Acesso em: 3 de dezembro de 2019.

digitais, o primeiro carnaval foi feito com base na rede de amizades e contatos, divulgação de cartazes, flyers e contatos com outros grupos de hardcore e punk por redes de cartas (SOUZA, 2010).

Segundo Souza (2010), o evento começa a se consolidar em 2004, quando foi realizado no Hotel Bragança, na região central de Belo Horizonte, e evocou, entre debates e palestras, o tema das cidades e espaços públicos, com grupos de trabalho sobre temas como “Espaço Nômade e Espaço Errático”, “Espaço Público na MetrÓpole” e “A Periferia Enquanto Espaço Revolucionário”. Foi realizada uma passeata com instrumentos de percussão do hotel até a Praça Sete e a divulgação, além de sites de hospedagem gratuita, também ficou fortemente a cargo do Cento de Mídia Independente (SOUZA, 2010, p. 44). Posteriormente, serviços mais elaborados de blog e redes sociais como Orkut e Youtube passam a fazer parte do repertório de divulgação das ações.

Figura 11 – Passeata do Carnaval Revolução de 2004; à frente bandeira exibindo a logo do Centro de Mídia Independente



Fonte: Página do Facebook Carnaval Revolução, 2017²⁰.

²⁰ Disponível em:

<https://www.facebook.com/carnavalrevolucao/photos/a.1116984315077128/1117030691739157/?type=3>.
Acesso em: 29 de novembro de 2019.

É a partir do envolvimento com o punk e o hardcore que os envolvidos tiveram acesso às ideias libertárias, feminismo, veganismo, movimentos anticapitalistas, mobilidade e ocupação urbana, criando adesão a coletivos, moldando sua escolha de estilo de vida, sua opção profissional e acadêmica ou sua produção artística. O Entrevistado E19, que participou das convocações do Domingo Nove e Meia, destaca que, a partir da adesão estética pelo estilo de música do punk e do hardcore, ele passou a circular em espaços como o Espaço Gato Negro no edifício Maletta e o Carnaval Revolução e que tais espaços formaram sua percepção acerca da organização de coletivos, veganismo, feminismo e ocupação de espaços públicos²¹.

O espaço de sociabilidade da circulação entre o Espaço Gato Negro, fundado em 2002 no Edifício Maletta, a Mansão Libertina, os circuitos de bandas e o Carnaval Revolução demarcam, para Oliveira (2012), a passagem de uma primeira geração, que teve contato com as questões do punk e do hardcore nos anos 1990 e fizeram parte dos Dias de Ação Global, para uma nova geração, que estava circulando por tais espaços no decorrer dos anos 2000, articulando novos coletivos como o Conjunto Vazio, ações como A Loja Grátis e espaços de encontro como o Ystilingue e o Domingo Nove e Meia, que ocorria todo segundo domingo do mês, desde junho de 2007. São movimentos inseridos também naquilo que foi analisado como espaços híbridos e comunidades pessoais. O entrevistado E1 indica que sempre teve interesse nesse tipo de ideias, mas que, enquanto morador de periferia, tinha pouco acesso a elas. A partir da comunidade “Anarquismo BH”, do Orkut, ele passou a se comunicar com outras pessoas da cidade com o mesmo interesse e a articular encontros em espaços públicos, sendo escolhido para o Domingo Nove e Meia justamente o espaço do Viaduto Santa Tereza e articulando outros espaços, como o Ystilingue, no Edifício Maletta, para troca de materiais e reuniões²².

O Domingo Nove e Meia e o Espaço Ystilingue desenvolveram, entre os anos de 2006 e 2009, diversos debates em torno do tema da experiência de ocupação e intervenção urbana. No vídeo de apresentação do Domingo Nove e Meia, disponível no Youtube²³, o encontro é definido como “um espaço de convivência para troca de ideias libertárias, interação espontânea e como a reapropriação do espaço como lugar de fazer política, arte e criação”. Ainda, os debates do Ystilingue a respeito da pauta urbana aconteciam semanalmente sob o nome “Cidade Situada, Mesa Amorfa”.

²¹ E19. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 27 set. 2019. Citação literal no Anexo I.

²² E1. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 25 nov. 2019. Citação literal no Anexo I.

²³ Vide: <https://www.youtube.com/watch?v=Zx3CrgLVy6Q>. Acesso em: 3 de dezembro de 2019.

Figura 12 – Registro de um encontro do Domingo Nove e Meia



Fonte: Print screen do Vídeo “Domingo Nove e Meia”²⁴, 2010.

Figura 13 – Debate Cidade Situada, Mesa Amorfa no Espaço Ystilingue

**MESA AMORFA
CIDADE SITUADA**

MAIS UMA VEZ,
CONVIDA PARA O DEBATE:

**OKUPAÇÕES URBANAS:
CASA OCUPADA, CASA ENCANTADA**

A TERCEIRA EDIÇÃO DO CIDADE SITUADA DISCUTIRÁ OS MOVIMENTOS OKUPA, CONTANDO COM PRESENÇA E RELATO DE ATUANTES EM OKUPAÇÕES DE MORADIAS NO BRASIL, EM LONDRES E EM VÁRIAS LOCALIDADES DA AMÉRICA LATINA. O QUE É DE PRAXE SE REITERA: SUGERIMOS QUE LEVEM COMIDA PARA QUE POSSAMOS REALIZAR UM BANQUETE SEM COMPROMISSO E SEM MESA REDONDA.



**NO ESPAÇO YSTILINGUE
(ED. MALLETA, SOBRELOJA 35)
DIA 15/11, SÁBADO, ÀS 17 HORAS**

* CONTRIBUIÇÃO SIMBÓLICA E VOLUNTÁRIA DE R\$ 2,00,
A SER REVERTIDA INTEIRAMENTE PARA O ESPAÇO.

Fonte: Página do blog Domingo Nove e Meia²⁵.

²⁴ Disponível em: <https://youtu.be/Zx3CrgLVy6Q>. Acesso em: 3 de dezembro de 2019.

²⁵ Disponível em: <https://domingo-nove-e-meia.noblogs.org/>. Acesso em: 3 de dezembro de 2019.

O entrevistado E19, que participava do Domingo Nove e Meia, também participava do Coletivo Conjunto Vazio, que buscava articular *happenings* e ações teatrais com o espaço público. É por meio do Conjunto Vazio que a ideia de “praia” é explorada. Segundo o entrevistado, uma das integrantes do coletivo sugeriu a pauta, a partir da performance “Queremos Praia”, realizada pelo Grupo Galpão em 1989, e do resultado de Oficinas do Festival de Inverno da UFMG, em que 40 artistas em trajes de banho frequentaram os espaços da Praça da Savassi e da Praça Sete. Outra inspiração foi a ação realizada em 2006 de Inês Linke e Louise Ganz, consistindo na ocupação de um lote vago na Savassi de 10 m², vivenciando uma experiência de praia nesse lote por um dia. A ação chamava-se “Lotes Vagos: Ação Coletiva de Ocupação Urbana” como forma de repensar os usos dessa forma de espaço nas cidades (MELO, 2014). A primeira ideia de ocupação de espaço público foi o das rotatórias da cidade, primeiramente em uma rotatória da Região da Savassi, no Centro-Sul da cidade, e outras na Região do Hipercentro²⁶.

Figura 14 – Matéria do dia 1º de outubro de 2010 do Estado de Minas a respeito da intervenção artística “A Praia”



Fonte: Página do blog Conjunto Vazio, 2011²⁷.

Rememorada de forma autocrítica por um de seus idealizadores, a experiência de provocação estética do uso do espaço urbano é ainda lida pela imprensa e pela sociedade civil como algo inusitado, na forma dos depoimentos apontados pela matéria. Gonzaga (2017) relembra o caso da designer Márcia do Amaral, ocorrido no dia 5 agosto de 2008, quando ela foi presa por desacato após tentar guardar um colchonete na casa de máquinas da fonte.

²⁶ E19. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 27 set. 2019. Citação literal no Anexo I.

²⁷ Disponível em: <https://conjuntovazio.wordpress.com/2011/05/28/tradicao-praiera/>. Acesso em: 6 de dezembro de 2019.

Segundo a designer, o conflito começou quando a Guarda Municipal tentou impedi-la de deitar de canga no gramado da Praça Raul Soares²⁸. A repercussão que o caso gerou na imprensa se deu pelo fato de a Guarda Municipal ter repreendido uma pessoa por usar trajes de banho e tomar sol em uma praça, espaço público voltado para a sociabilidade, e pela truculência utilizada pelo aparato policial. A ação dela não foi lida como uma performance inusitada dentro de um espaço público, mas como ação de uso daquele espaço. A ideia de usos e condutas de uma praça como espaço de circulação, contemplação ou uso recreativo dentro de uma etiqueta remete aos usos da praça na metrópole europeia do século XIX e XX, apontados por Robba e Macedo (2002).

Figura 15 – Apreensão da designer Márcia Amaral



Fonte: Página do blog Brechó, 2010²⁹.

A contraposição entre a performance e o uso aponta para a tentativa de um novo estilo de uso dos espaços públicos e um uso instituído do espaço público. Como o estilo não está instituído dentro do repertório possível de usos, ele acaba por ser lido como transgressão, mesmo que essa transgressão não esteja legalmente enquadrada enquanto tal. A ideia de estilos será melhor esmiuçada no próximo capítulo.

2.4. COLETIVOS ARTÍSTICOS E CULTURAIS EM TORNO DA MÚSICA E TEATRO EM ESPAÇOS PÚBLICOS

²⁸ Cf. O TEMPO. ‘Musa da Raul Soares’ protesta na prefeitura. Notícia publicada em: 07/08/2008. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/musa-da-raul-soares-protesta-na-prefeitura-1.284739>. Acesso em: 3 de dezembro de 2019.

²⁹ Disponível em: <https://brechokitsh.blogspot.com/2010/06/minas-nao-tem-praia-mas-tem-jeito.html>. Acesso em: 6 de dezembro de 2019.

Um elemento muito importante para a criação e a disseminação do estilo da Praia da Estação, que atuou lado a lado (e muitas vezes em conflito e disputa de sentidos) com o debate proposto pelos coletivos libertários e voltado para a ocupação urbana, foi a grande adesão de atores envolvidos em coletivos artísticos da cena cultural da cidade de Belo Horizonte à proposta da ação. O Coletivo Outro Rock, o Coletivo Azucrina e o Grupo de Teatro Espanca! participaram dos debates dentro do Fórum Praça Livre BH e mobilizaram redes culturais de outros artistas e de público. A entrevistada E13, uma das organizadoras do Coletivo Outro Rock de bandas de rock independentes de gravadoras musicais, existente desde 2008, observa que havia um grande público já mobilizado por meio de redes sociais digitais e carente de poder viver a cidade gratuitamente, podendo engajar e sair de shows e espaços de cultura sem depender de espaços fechados. A entrevistada também aponta para o forte engajamento dessas bandas, durante os anos das Praias da Estação, para a criação de blocos do carnaval de rua, pela coincidência de os eventos das Praias da Estação abarcarem o período de carnaval³⁰.

O público das bandas e grupos desse período é visualizado materialmente pela popularização das redes sociais digitais como Orkut, MySpace, Blogger, Wordpress, Youtube e, posteriormente, Facebook. O Outro Rock foi um coletivo articulado do cenário de bandas independentes de gravadoras e estava em forte efervescência nos anos 2000, não só em Belo Horizonte, mas em todo o Brasil, por meio de coletivos culturais. O entrevistado E11 menciona esse período de integração de bandas independentes conectadas às redes sociais e circuitos nacionais mobilizados pela via de editais públicos e parcerias público-privadas³¹.

A Associação Brasileira de Festivais Independentes (ABRAFIN), criada em 2005 durante o Ministério da Cultura da gestão de Gilberto Gil, pôde criar, com os programas Cultura Viva e Pontos de Cultura, gestores locais e descentralizados e incentivou a organização de diversos coletivos artísticos e culturais para criação, produção e captação de recursos. Tem-se como caso emblemático o Coletivo Fora do Eixo, grupo este que chegou a ter sua marca em mais de 200 espaços de coletivos culturais filiados pelo país em seu auge (MORAIS, 2013). Em Belo Horizonte, surgiram diversas experiências cooperativas como a Sociedade Independente da Música (SIM), a Associação dos Músicos de Minas Gerais (AMMIG), o Circuito Mineiro de Festivais e a Cooperativa dos Músicos de Minas

³⁰ E13. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 11 nov. 2019. Citação literal no Anexo I.

³¹ E12. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 12 dez. 2019. Citação literal no Anexo I.

(COMUM)³². Muitos músicos da nova geração de rock independente de gravadoras integraram o COMUM, que foi, segundo o entrevistado E21, “adubo” para coletivos artísticos na cidade, como o Outro Rock³³. O entrevistado E11 observa um sentimento desse grupo de bandas de rock do coletivo com uma identidade em relação à cidade e um desejo conjunto de construir eventos em espaços públicos na cidade³⁴. Uma das concretizações dessa ideia foi um show na Praça Floriano Peixoto, na Zona Leste de Belo Horizonte, com 12 apresentações de bandas em parceria com a Fundação Municipal de Cultura³⁵.

Outros projetos têm essa linha de expertise em edição artística, *happenings* culturais pela cidade e articulação digital, como o Coletivo Queijo Elétrico de jornalismo cultural, que ajudou a divulgar as bandas, o início do carnaval de rua e os momentos iniciais da Praia da Estação. Há, também, “casas criativas”, onde músicos coabitavam e utilizavam o espaço como festas, estúdio de produção e ensaios, tais como a Casinha no Barro Preto e a Casa Azul no Carlos Prates. Especificamente neste espaço, diversas bandas de blocos de carnaval de rua surgiram e ensaiaram, bem como outros coletivos que combinavam a questão da pauta urbana e libertária com produção cultural como o Azucrino, que organiza eventos de shows em rotatórias, incluindo um show chamado “Praia da Estação”, no dia 12 de dezembro de 2009 (um mês antes da primeira Praia da Estação), no entorno da Praça da Estação, com uma convocação similar à usada na ação, conforme figura a seguir.

³² Cf. O TEMPO. A música mineira em foco. Notícia publicada em: 17/01/2019. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/diversao/magazine/a-musica-mineira-em-foco-1.281600>. Acesso em: 30 de novembro de 2019.

³³ E21. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 7 nov. 2019. Citação literal no Anexo I.

³⁴ E12. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 12 dez. 2019. Citação literal no Anexo I.

³⁵ E13. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 11 nov. 2019. Citação literal no Anexo I.

Figura 16 – Show de bandas organizado pelo Coletivo Azucrina chamado “Praia da Estação” realizado no dia 12 de dezembro de 2009



Fonte: Postagem do usuário Coletivo Azucrina no Flickr, 2009³⁶.

Além da adesão dos coletivos artísticos de pautas políticas e bandas, também houve engajamento de coletivos e grupos do teatro na ação. Há um modelo tradicional de organização teatral em “teatros de grupo” na cidade de Belo Horizonte e muitos coletivos novos de arte no espaço público vão se orientar nesse sentido. O teatro de grupo é definido por Carreira e Oliveira (2003) como a emergência da necessidade de articulação de formas de trabalho coletivas permanentes, com a fragilidade da dependência dos mercados profissionais empresários teatrais. Mas, para os autores, a proposta de teatro de grupo vai além da organização comercial; também envolve “uma promessa de reflexão permanente sobre os fundamentos do teatro, bem como o desejo de construir métodos de formação do ator baseados em uma ordem ética para o trabalho coletivo” (CARREIRA; OLIVEIRA, 2003, p.

³⁶ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/azucrina/4152143117/>. Acesso em: 6 de dezembro de 2019.

92). Esse modelo de teatro nos anos de 1960 e 1970 dialoga com a contracultura no contexto político da ditadura militar e nos anos de 1980 com as próprias práticas teatrais (CARREIRA; OLIVEIRA, 2003).

Garrocho (2008) elenca possibilidades para a difusão do teatro de grupo em Belo Horizonte, como a ausência de uma grande rede de televisão produtora de novelas e filmes como no Eixo Rio-São Paulo, valorizando o associacionismo dessa classe artística, os cursos de formação, técnicos, acadêmicos e os fornecidos pelos próprios grupos teatrais, como os do Zap-18, Caixa Clara, Espaço Ação Zikzira, Teatro Físico e Grupo Galpão. Além desses fatores, há o papel fomentador dos festivais Encontro Mundial de Artes Cênicas, o Festival Mundial de Circo, o Festival Internacional de Teatro de Bonecos, o Fórum Internacional de Dança, o projeto Verão Arte Contemporânea, o Festival de Arte Negra, o programa Arte Expandida, dos Teatros Municipais, o projeto Teatro.com da Fundação Clóvis Salgado e o Festival Internacional de Teatro – FIT-BH – que representa para o autor tanto produto quanto causa da cultura dos teatros de grupo (GARROCHO, 2008, p. 36-38).

Criado em 1994 e instituído em janeiro de 2008 por lei municipal 9517 que oficializa como evento³⁷, o FIT-BH para Garrocho (2008) fomenta a ideia dos teatros de grupo não uma lógica fora do mercado, mas para a criação de “mercados outros”, dando cobertura tanto para espetáculos de configuração densa, fabricados em territórios bem definidos como festivais itinerantes, das trocas efêmeras e da arte de performance. A ameaça de não-realização do FIT-BH no ano de 2010 mobiliza diversas figuras do setor artístico teatral na campanha e engajamento com a Praia da Estação.

Garrocho (2008) ainda destaca que os grupos e coletivos de teatro que se organizam para disputarem recursos desenvolvem uma ética de criação, disputam esferas de influência e a discussão dos fomentos culturais e enfrentam a questão dos espaços públicos, que podem criar modos colaborativos de promoção da qualidade de vida nas grandes cidades, instalando-se em áreas degradadas e com investimentos em sociabilidade (GARROCHO, 2008, p. 39).

Os artistas de teatro da geração dos anos 2000, como o Espanca! E o Teatro Invertido, ambos de 2004³⁸ correspondem bastante a essa perspectiva representam dois grupos dos principais articulistas do Fórum Nova Cena, responsável por discutir a construção de políticas públicas para o fomento do teatro de grupo. O Fórum Nova Cena vai se desdobrar em movimento atuante pela cultura no processo da Praia da Estação. Participante do Espanca!, o

³⁷ Vide: <https://prefeitura.pbh.gov.br/fundacao-municipal-de-cultura/festivais/fit>. Acesso em: 30 de novembro de 2019.

³⁸ Vide: <http://espanca.com/c/quem-somos/#Alteridade-e-novos-grupos-na-d%C3%A9cada-de-2.000>. Acesso em: 30 de novembro de 2019.

entrevistado E10 explica que houve um processo dual da Praia da Estação e Baixo Centro com o grupo teatral: ao mesmo tempo em que mudaram sua sede para o Baixo Centro e se engajaram na Praia da Estação e na cena cultural, a arte do grupo também foi afetada pela convivência naquele espaço público, especialmente com a população de rua e LGBTQI e o desdobramento de projetos artísticos que incluíssem essa realidade do espaço³⁹.

2.5. O CARNAVAL DE BLOCOS DE RUA NO ESPAÇO PÚBLICO DE BELO HORIZONTE

Como levantado na introdução desse trabalho, o carnaval de blocos de rua de Belo Horizonte teve um crescimento exponencial desde a saída dos primeiros blocos itinerantes, em 2009 até o ano do período estudado. Integrantes dos coletivos culturais citados na seção anterior se engajaram na criação de blocos desde antes da Praia da Estação, já nos três primeiros blocos de rua de 2009. A Praia da Estação e o carnaval de blocos de rua são dois movimentos diferentes, mas se atravessam através de pessoas que coincidem no engajamento de ambos e na coincidência temporal das ações da Praia da Estação (no início dos verões, ao final de dezembro e início de janeiro) e o período de carnaval. A Praia da Estação não é responsável pelo surgimento ou crescimento do carnaval de rua; ambas as ações no espaço público inclusive são atravessadas pelo mesmo processo de aumento de participantes para muito além dos primeiros impulsionadores. Apesar de não haver uma relação causal entre carnaval de blocos de rua e Praia da Estação, esse trabalho identifica que o novo estilo que se criou nessa ação foi o mesmo que impulsionou os primeiros blocos de rua itinerantes pela disputa do espaço público com a Prefeitura de Belo Horizonte e enfrentamento às limitações de circulação e condutas imposta nos espaços. Há uma forte identificação desses movimentos no enfrentamento à gestão do prefeito Márcio Lacerda e à percepção dessa gestão dos bens públicos, tema que será abordado no decorrer do trabalho.

Quanto ao carnaval da cidade ainda nos anos 2000, uma anedota similar foi utilizada por três entrevistados diferentes para descrever o período:

Então esse período do ano era vazio na cidade, você podia ficar pelado na Afonso Pena que não acontecia nada. Então a gente geralmente ia embora, era um período que ninguém ficava aqui. (E4. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 14 nov. 2019)

³⁹ E11. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 7 dez. 2019. Citação literal no Anexo I.

Nunca passei o carnaval em Belo Horizonte antes. A história era que podia andar pelado em qualquer lugar, porque todo mundo estava no carnaval fora daqui. Então estava todo mundo no carnaval, só que não era aqui. (E9. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 4 nov. 2019)

Em 2009 os blocos de Belo Horizonte, o carnaval era deserto. Quem não curtia carnaval também ia passear fora, ia procurar algum programa tranquilo. Quem ficava em Belo Horizonte tinha duas opções para fazer: Carnaval Revolução ou ir pro Cine Belas Artes. Onde tinha gente eram essas duas coisas. E a gente brincava que podia andar pelado em Belo Horizonte que não tinha ninguém na rua. (E17. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 29 nov. 2019)

Essas três pessoas entrevistadas que expressaram a anedota têm em comum o fato de terem se envolvido fortemente com o carnaval de rua de Belo Horizonte na virada da década de 2000, como folionas, criadoras, músicas e organizadoras de blocos de rua. Filho (2006) analisa a tradição da instituição e popularização dos festejos de carnaval na cidade, fortemente influenciados pelos festejos dos “dias gordos” do já estabelecido carnaval do Rio de Janeiro. O carnaval em clubes fechados cariocas, as chamadas “Grandes Sociedades Carnavalescas”. Segundo Pereira Filho (2006) o carnaval mineiro já começou a despontar poucos anos após a formação da cidade de Belo Horizonte, em 1899, com o clube carnavalesco “Diabos da Luneta” e outros clubes como o “Club Progressistas”, “Club Matakins” e o “Club Tenentes do Diabo”. Clubes essencialmente masculinos e cujos membros faziam parte das camadas abastadas da sociedade mineira. Dessa época já data a existência de blocos de carnaval de rua, mas que foram perdendo a importância conforme novas formas de se vivenciar o carnaval foram surgindo, como os blocos caricatos, as escolas de samba e as bandas, que foram as grandes atrações entre os períodos de 1930 e 1980 (DIAS, 2015).

Em 1975 surge a atração pré-carnavalesca “República independente da Banda Mole”, cuja organização inicial incluía 100 pessoas e se estabelecendo como um dos espaços populares de Belo Horizonte, deixando de desfilar em 2004 por falta de recursos e apoio do poder Público Municipal, se tornando um bloco estacionário na Afonso Pena (DIAS, 2015).

Os desfiles e os blocos caricatos foram oficializados em 1980 para desfilarem se registrados na União das Escolas de Samba e Blocos Caricatos de Minas Gerais e sob a supervisão da Secretaria de Cultura, Turismo, Esportes e Lazer, com o desfile restrito ao trecho da Avenida Afonso Pena entre a Rua da Bahia e a Rua São Paulo, se apresentando para um público cada vez mais crescente de cerca de 170 mil pessoas no ano de 1984 e cerca de 300 mil pessoas em 1985 (DIAS, 2015).

Na década de 90 o carnaval de Belo Horizonte atinge seu processo de menor expressividade social, com ausência de desfiles sociais entre 1989 e 2002, com exceção de 1990. Em 2003 somente os blocos caricatos desfilam e em 2004 os desfiles oficiais passam a

acontecer na Via 240, distante do espaço central da cidade. Nesse período, a principal atração do carnaval da cidade era o Bloco da Banda Mole, apresentando imensa expressividade da participação popular, chegando a ter a presença de cerca de 400 mil foliões no ano de 1995 (DIAS, 2015).

Enquanto outras cidades como Recife, Olinda e Salvador já expressavam blocos de rua no carnaval contemporâneo, o Rio de Janeiro tem uma retomada desse fenômeno no final dos anos oitenta e Belo Horizonte no início dos anos 2000, como o “Pão Molhado” de 2001, criado por um grupo familiar a região do Padre Eustáquio, o “Sagrada Folia” de 2002 que desfila no bairro Sagrada Família, o “Santo Bando” de 2004, que desfila na região do Santo Antônio, em 2006 o “Diz que me ama, pô!” E o “Santê e os Inocentes” desfilam, em 2007 o “Trema Na Lingüiça” no bairro Santo Antônio (DIAS, 2015).

Dias (2015) localiza o Santo Bando como o primeiro bloco da nova geração, o primeiro a atrair um público de milhares de pessoas nos anos 2000, mas a grande virada do carnaval ocorre em 2009, com a experiência de três blocos: o Tico Tico Serra Copo, o Bloco do Peixoto e o Bloco do Approach.

Em paralelo ao Tico Tico Serra Copo, no mesmo ano, outro bloco de jovens amigos egressos da Universidade Federal de Minas Gerais também se organizou em um bairro tradicional e de classe-média em Belo Horizonte, convidando músicos ligados à cena independente mineira com vínculos de amizade entre os participantes para tocar e reger o bloco e construindo sua divulgação via o uso de blogs e redes sociais, o Bloco do Peixoto.

O bloco do Approach foi criado por membros da Banda PROA, integrante também do Coletivo Outro Rock. Entre a saída do Tico Tico acompanhado do Peixoto domingo, 22 de fevereiro de 2009 e a saída do Peixoto acompanhado pelo Tico Tico dia 24 de fevereiro de 2009 essas cerca de 150 pessoas com uma forte proximidade social estabeleceram laços de sociabilidade e afinidade, com a ideia de se reencontrarem para o próximo carnaval. Esses blocos podem se enquadrar dentro da perspectiva que Dias (2015) aponta a respeito do fenômeno do renascimento dos blocos de rua de Belo Horizonte dos anos 2000, mas os próprios blocos ainda em 2009 têm uma leitura diferente de si enquanto parte de um processo de ocupação urbana e evento espontâneo e auto-organizado, como indica o texto “Cidade Utensílio” publicado por Roberto Andrés do Tico Tico Serra Copo no jornal Hoje em dia e reproduzido no Blogspot do bloco no dia 10 de maio de 2009:

Aqui abordarei uma manifestação incipiente e, justamente por isto, com grande potencial e fragilidade: a dos blocos carnavalescos de rua. Evitarei os blocos já consolidados (Banda Mole, Santo Bando) para tratar dos recém-nascidos Tico Tico

Serra Copo e Bloco do Peixoto, pela suspeita de que os primeiros estão inseridos em uma lógica de consumo convencional (o folião-cliente contrata um serviço oferecido por um fornecedor) e os últimos se estruturam por lógicas de operação que abrem brechas para a espontaneidade, a criação coletiva e, conseqüentemente, para uma ideia mais potente de usufruição e de gozo. Tico Tico Serra Copo e Bloco do Peixoto surgiram em 2009, pela iniciativa espontânea de grupos de amigos. Não possuem fins lucrativos, são somente motivados pelo desejo de se brincar carnaval em uma cidade com pouca tradição foliã. Tampouco possuem estrutura hierárquica rígida, não sendo os organizadores rotulados em ‘coordenadores’ e ‘diretores de sei-lá-o-quê’. Operando de maneira anárquica e espontânea, os dois blocos reuniram, no domingo e na terça-feira de carnaval, da tarde até a noite, cerca de 150 foliões nas ruas dos bairros da Serra e do Santa Efigênia. (ANDRÉS, 2009)

Tendo como principal interesse localizar o estilo e os entendimentos a respeito do espaço e sociabilidade da Praia da Estação, esse apanhado aponta diversos coletivos artísticos, libertários e culturais que integraram o espaço do entorno da Praça da Estação restaurada e ação da Praia da Estação, mas de forma alguma esse apanhado esgota todas as sociabilidades que aconteceram no espaço. Também não esgota a participação de atores da política partidária e dos movimentos sociais. O que se levanta nessas três seções foi como o debate a respeito da ocupação do espaço público esteve forte e presente nesse período, como o espaço revitalizado e seu potencial para usufruto para sociabilidade gerou, de fato, contrausos, como houve um atravessamento das redes sociais digitais na formação de comunidades pessoais e manifestações locais de identidades e debates globais. A Praia da Estação prossegue o contrauso dos entornos e do Viaduto Santa Tereza e do Baixo Centro para a própria praça. A natureza “nômade” dos coletivos que organizam as ações e os contrausos do espaço torna interessante para esse trabalho utilizar a proposta relacional de análise de redes de Harrison White.

3. REFERENCIAL METODOLÓGICO

3.1. ANÁLISE DE REDES SOCIAIS

A restauração do espaço público da Praça da Estação e suas imediações permitiu o estabelecimento de novas formas de sociabilidade naquele local. Essa nova oferta de espaço gerou uma demanda sociabilidade que foi preenchida por juventudes organizadas em coletivos. Entendo esses coletivos artísticos, políticos – em torno da pauta urbana e estilos de vida alternativos – e culturais como comunidades pessoais. Essas comunidades atravessam uma realidade permeada pelas TIC e o espaço físico e o espaço dos fluxos informacionais formam um espaço híbrido de sentidos, tornando a interação social muito mais móvel e intensa. É a partir desses primeiros coletivos que “contrausos” criativos e não esperados do espaço público emergem. Quando o poder público esboça um decreto sugerindo a regulação dos usos de sociabilidade daquele espaço, a sobreposição de estilos irá criar um novo que irá dotar a Praça da Estação com um sentido de praia e irreverência. Para tentar explicar a emergência do estilo da Praia da Estação, ou do “mote praiano”, serão utilizadas a sociologia relacional de Harrison White e a análise de redes sociais.

A análise de redes sociais substitui o ente social pela perspectiva de redes interconectando nós. A sociedade pode ser vista da relação mais simples, entre dois nós ou vértices de atores (a díade) com um arco (um traço ligando representando a relação), até ir se conectando a outros nós e aumentando em proporção, de uma escala microssocial até uma escala macrossocial. Essa figura formada pelos nós e os arcos é o grafo.

Figura 17 – Grafo representando uma díade (relação entre dois nós ligados por um arco representando o laço social)



Fonte: Elaborado pelo autor.

A Teoria dos Grafos possui uma ampla história na disciplina matemática, tendo início no século XVIII com o matemático suíço Leonhard Euler e sua proposta para a resolução do problema das Sete Pontes de Königsberg, um problema matemático que envolvia atravessar as

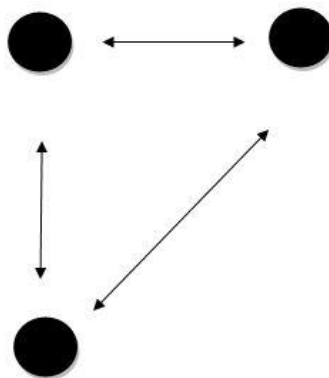
sete pontes da cidade prussiana que nomeia o problema sem repetir nenhuma ponte. O detalhamento gráfico desse dilema fez surgir o primeiro registro de um grafo com nós e arcos.

Na sociologia, Georg Simmel é creditado como precursor do formalismo de redes sociais por intuir formas geométricas para representar as relações sociais (ainda que não tenha aplicado a Teoria dos Grafos). Simmel (2005) reconhece a força dos laços sociais e a importância das formas que as relações sociais tomam a despeito dos diferentes conteúdos substantivos (conflitos, romances, negociações). A sociedade, em Simmel (2005), não consiste numa soma estática do todo, mas na emergência de associações entre indivíduos que agem reciprocamente, sendo essas associações passageiras ou permanentes. O autor usa o termo “sociação” para definir as diversas modalidades de interação e formação de grupos que compõem a sociedade (FREEMAN, 2004).

Como elaborado por Simmel e resgatado por estudo empírico de Breiger (1974), os indivíduos emergem na vida social em grupos ou coletividades baseadas em interesses comuns de associação. Ao mesmo tempo, a padronização particular de associações de um indivíduo, a interseção entre esses sujeitos, define seus pontos de referência e, em último, a sua individualidade (BREIGER, 1974). Pensar a sociabilidade nos espaços públicos nos termos desse autor é pensá-la a partir do conjunto de identidades sociais que definem aquele espaço e no conjunto de espaços que definem as pessoas que os frequentam.

Enquanto na díade (relação entre dois atores) as forças individuais sobrepujam as coletivas, na tríade a presença de um terceiro ator faz a força das relações de trocas sociais sobrepujarem as forças individuais. Se dois atores, A e B, possuem um laço forte, e A e C também possuem, ocorre o “fechamento de rede” com B e C, formando um laço social. É a partir do terceiro membro que o social emerge como força sobre o individual (LAZEGA; HIGGINS, 2014).

Figura 18 – Grafo representando uma tríade (relação entre três nós ligados por dois arcos). Nesta imagem há um fechamento de rede, com relações entre os três nós



Fonte: Elaborado pelo autor.

A adoção da Teoria dos Grafos e do sociograma, marcando o início dos estudos de redes sociais nas ciências humanas, ocorre com os psicólogos sociais Jacob Moreno e Helen Jennings, que conduziram pesquisas com presidiários e com residentes de uma escola reformatória para garotas na década de 1930 e, posteriormente, estudos de Moreno com Paul Lazarsfeld (FREEMAN, 2004; 2011). A sociologia americana é fortemente identificada com o modelo formalista de redes sociais, especialmente o círculo em torno da Universidade de Harvard com pesquisadores que adotaram essa perspectiva, tais como Harrison White, Peter Bearman, Barry Wellman, Bonnie Erickson, Mark Granovetter, entre outros (FREEMAN, 2004).

A pesquisa de redes sociais não possui uma teoria fixa e substantiva social que complemente seu estudo. A análise de redes sociais é uma abordagem que envolve quatro propriedades, segundo Freeman:

1 – Envolve a intuição que ligações entre atores sociais são importantes; 2 – Envolve a coleta e análise de dados que contenham as relações sociais entre os atores; 3 – Delineia-se pesadamente em imagens gráficas para revelar a disposição dessas relações e 4 – Desenvolve modelos matemáticos e computacionais para descrever esses padrões. (FREEMAN, 2011, p. 26)

Segundo Wasserman e Faust (1994), a construção de uma análise usando redes sociais consiste, primeiramente, em definir um grupo de atores e a rede que se deseja analisar deles, tendo uma ou mais variáveis estruturais mensuráveis. A natureza das relações e dos atores nos

ajuda a definir os métodos mais adequados para pesquisa e quais variáveis são as mais importantes.

Sociometria, para referidos autores, é o estudo de relações positivas ou negativas entre um grupo de pessoas. Dados de redes sociométricas são compostos de dados relacionais e apresentados geralmente em matrizes de dois modos, chamadas de “matriz social”. A matriz social é composta por duas dimensões: os atores que enviam os dados (linhas) e os que recebem os dados (colunas). É uma notação para quantificar as relações entre os atores (os laços sociais). É complementar à Teoria dos Grafos e, a partir de dados da notação sociométrica, é possível montar as redes sociais de forma gráfica (WASSERMAN; FAUST, 1994, p. 77). Variáveis do tipo estrutural são mensuradas entre pares de atores, como amizade entre dois atores, transações comerciais entre empresas e trocas entre nações. Variáveis de composição são variáveis do ator, atributos monódicos como raça, sexo, nacionalidade.

Redes de um modo são as redes de atores entre si. Há redes de dois modos, quando medimos duas redes distintas em comparação, e redes de afiliação, quando estudamos um grupo social e os eventos ou círculos sociais dos quais eles fazem parte. Nas redes de afiliação, os eventos são definidos não em pares de atores, mas em subgrupos de atores. Esses subgrupos podem ser de qualquer tamanho. Um subgrupo de atores afiliados com afiliação variável é a coleção de atores que participam daquele evento (WASSERMAN; FAUST, 1994, p. 30). A rede egocentrada ou local consiste em uma pessoa (ego) e um grupo de alters (as pessoas que ela indica ter laços na relação que estudamos) com laços entre o ego e entre os alters uns com os outros (WASSERMAN; FAUST, 1994, p. 53).

Tem-se, então, a análise de redes sociais na sociologia como uma combinação entre a sociologia relacional (que compreende o estudo do agregado de indivíduos interconectados como o estudo do social e as relações como objeto de estudo) e os métodos quantitativos das análises de redes sociais (a mensuração do peso das relações, convertendo esses valores em posições estruturais em álgebra matricial e posições estruturais na topologia de um grafo).

3.2. REDES SOCIAIS EM HARRISON WHITE: IDENTIDADES, *NETDOMS* E ESTILOS

Para White (GODART; WHITE, 2010), estrutura e cultura não são dualidades autônomas, mas formações interpenetradas e interdependentes. Os sentidos se incorporam em um processo e se tornam integrados em uma série de construtos de diferentes escopos, escalas e níveis conhecidos coletivamente como “cultura”. **Sentidos** são “cliques” gerados por

alternâncias irregulares por meio de compostos socioculturais chamados “domínios de rede” (*netdoms*), que consistem tanto em mistura de redes sociais quanto em domínios semióticos. Esses domínios de rede constituem o tecido da vida sociocultural em que domínios, por meio de “histórias”, fornecem a textura interpretativa enquanto redes, por meio de relações, fornecem a textura social. Formações socioculturais invocam compostos mais complexos de histórias (enredos e tramas); dessa forma, enquadram o tempo social e possibilitam, por meio de **narrativas**, a sociabilidade cotidiana e a consequente mobilização social (GODART; WHITE, 2010, p. 567).

As redes sociais em White (2010) são compostas de estrutura (a estrutura de relação de redes sociais) e cultura (formações socioculturais expressas narrativamente – aspectos semióticos). Primeiramente, são traçadas as formas de como os sentidos emergem por meio de alternâncias por domínios de rede ativados por eventos, então a formação de histórias pelo entrelaçamento de sentidos entre públicos, e depois agrupamentos em conjuntos de histórias maiores e entrelaçadas – histórias com sentidos locais que eventualmente refletem e contribuem para a construção de “narrativas” também de histórias globais e criam, assim, um ciclo de interpenetrações e interdependências entre diferentes níveis de ação social. Por alternância entende-se ação de controle entre domínios de rede e a criação de novas relações com sentido (GODART; WHITE, 2010, p. 568).

A estrutura e a cultura são, via de consequência, a estrutura das posições de redes sociais e os domínios semânticos dos *netdoms* e suas ramificações e complexificações no incremento da rede. As redes partem de um mundo randômico e as identidades, em White (2008), emergem de nossos esforços de controle no contexto de turbulência da interação cotidiana em meio a contingências e contenções na interação desse mundo randômico. O mundo social na obra de White parte de um ponto randômico e dinâmico em que indivíduos, representados por feixes ou camadas de identidades, lutam para ter um controle sobre a incerteza. Esse esforço por controle se refere à busca das bases ou alicerces (*footing*) entre diversas identidades (mutualidades) para que haja um senso de normalidade na experiência social (WHITE, 2008, p. 2).

Ademais, Harrison White (2008) trata o conceito de identidade tanto de forma estrutural (objetivista, como posições que indivíduos ocupam em redes sobrepostas) quanto relacional, isto é, o conteúdo mais subjetivo e semiótico dos laços sociais. Nesse sentido, o que entendo por “indivíduo” é, na verdade, um pacote de identidades que são adquiridas atravessando diversas redes sociais. O sentido mais básico de identidade em Harrison White (2008) não é restrito à noção social de pessoa. A identidade, para o autor, no sentido mais

básico de análise, é qualquer fonte de ação, qualquer entidade para a qual observadores possam atribuir significado não explicável por regularidades biofísicas. Identidades desencadeiam eventos, buscando controle sobre a incerteza e sobre outras identidades. Essa incerteza é a ausência de regularidade (e previsibilidade) para estabelecer uma relação com o repertório conhecido que os participantes da interação possuam. As identidades constroem e articulam laços entre si por meio dos domínios de rede para estabelecer uma base comum simbólica de identidades. Os domínios de rede surgem com conjuntos especializados de laços entre pares de identidades. Esses pares se conectam e desconectam em busca de adquirir uma base, um senso comum “médio” (WHITE, 2008).

Mische e White (1998) observam esses domínios como próprios das relações sociais modernas, sendo compostos de conjuntos transversais de laços e conjuntos de histórias que os acompanham. O domínio de rede é um arranjo perceptível de sinais, incluindo conjuntos de histórias, símbolos e expressões idiomáticas, que caracterizam um campo específico de interação. Tais domínios são percebidos e produzidos conjuntamente por um grupo ou subgrupos de atores que sustentam esses domínios por meio do fluxo de eventos (contextos sociais) numa rotina mais ou menos autorreflexiva (MISCHE; WHITE, 1998, p. 703). Domínio de rede não é uma “coisa”, é um processo experiencial, geralmente transitório em que as identidades ocupam uma posição, uma vez que encontram uma base comum em relação a outras (WHITE, 2008, p. 9-18).

Ann Mische (2011) também aponta a noção de construção de identidades em domínios de rede similar ao trabalho de Goffman Erving (1963) de interação em espaços públicos; dentro da bolha dos públicos, os participantes experimentam uma sensação momentânea de conexão devido à suspensão de laços vizinhos. A rede social do público é percebida como totalmente conectada porque os outros domínios de suas histórias particulares são suprimidos (MISCHE, 2011, p. 89).

No entanto, domínios de rede permanecem sujeitos a interrupções devido a mudanças sociais adicionais entre domínios de rede de sentido. Assim, o mundo da experiência cotidiana emerge de identidades que tentam controlar suas relações com outras identidades. Em Harrison White (2008), a noção de identidade costumeiramente adotada pelas ciências sociais (a identidade pessoal) é, na verdade, a sedimentação mais ou menos consciente e racionalizada da trajetória de diversos domínios de rede que se acoplam e desacoplam, isto é, uma “narrativa” construída por meio dos traços de identidades que transitam entre diferentes domínios de rede (WHITE, 2008, p. 18).

É a partir daqui que se forma a organização social; ela seria o subproduto da multiplicação e acumulação desses processos de controle aos quais se juntam as identidades e seu feixe de laços sociais. As identidades são fluxos estocásticos e ter uma identidade no sentido comum do termo requer reproduzir continuamente uma construção conjunta em diferentes configurações de rede. Nesse sentido, para White, as identidades (o sentido da pessoa) é sempre um evento processual e irreduzível, inclusive biofísicamente (WHITE, 2008, p. 3-5).

Os esforços para o controle de incertezas em torno das identidades ocorrem em locais determinados em que os fluxos de interação convergem, acoplando e desacoplando histórias, eventos e estilos. De certo modo, as redes estabelecem o espaço da ação social, espaço no qual as identidades são produzidas e realizadas pela contingência dos eventos em interação (WHITE, 2008, p. 10).

As redes sociais se consolidam quando a alternância de domínios de rede entre pares de relações, que formam as identidades no espaço da ação, torna-se regular, estável e contingente. A vida social pode então ser moldada quando essas alternâncias de domínios de rede produzem contextos referenciais e recorrentes para as **díades de relações**. É nesse sentido que White defende uma perspectiva relacional das redes sociais, como realidades fenomenológicas e simultaneamente construtos formais mensuráveis (WHITE, 2008, p. 36), que podem ser definidas analiticamente a partir das narrativas sobre as histórias das trajetórias de acoplamento e desacoplamento das identidades (WHITE, 2008, p. 20).

Harrison White (2008) parte do microssocial para o macrossocial, das relações em díades (pares de relações), em que os atores acoplam e desacoplam seus laços com outros atores ou conjuntos de atores (os domínios de rede), formando laços com histórias como forma de controlar as incertezas, conforme a afinidade ou não para construir uma base entre esses laços. Histórias servem para descrever e justificar laços nas redes, laços que podem ser de contenção, assim como de cooperação ou de complementaridade. Esses conjuntos de laços, suas histórias estocásticas, acoplamentos e desacoplamentos formam uma rede, observando o fluxo entre domínios de rede de forma mais ampla. Essa rede ampla que expressa lutas por controle e definição de identidades, vetando ou permitindo ação, inovação ou mantendo a normalidade representa o macrossocial de uma população, o “todo social” relacional (WHITE, 2008, p. 37).

Além das histórias, outro elemento que complementa de forma substantiva o laço social é o **estilo**. Nos termos de White, o estilo é “a generalização de uma rede traçada ao longo de laços e pode reformar os aspectos de conectividade da rede. Como histórias, o estilo

se caracteriza pela rica textura fenomenológica, a fabricação de experiência vivida das identidades entre as populações em redes e disciplinas” (WHITE, 2008, p. 115). O estilo é a textura das dinâmicas sociais e, como observa White (2008), ele carrega certa similitude com a ideia de *habitus* de Pierre Bourdieu, mas não deve ser confundido com ele, tendo em comum apenas a ordenação da percepção e da ação (WHITE, 2008, p. 114). O *habitus* em Bourdieu e o estilo em White são transformações criativas do caráter do qual se forma o indivíduo em conexão simultânea com um campo (na teoria de Bourdieu) ou nos acoplamentos e desacoplamentos de domínios de rede (em White).

Como definido por White (2008):

Uma história concatena perspectivas de sentido, e essas mudanças de perspectiva podem ser tanto uma questão de ritmo quanto interdigitação, onde as mudanças tornam-se entrelaçadas e se espalham no tempo e espaço. Tal complexidade sincopada ocorre apenas reproduzindo-se como uma sensibilidade integral de observação de primeira ordem. Em deferência a sua distinção como sensibilidades, nós nos referimos a complexidades sincopadas como estilos. Inúmeros estilos podem ser observados nos sistemas sociais em andamento, em todos os tipos de escopos e distribuições por tempo, espaço e temas. Um estilo é, em muitos aspectos, um precursor de uma identidade, não apenas um seguidor. O estilo é dual; chame α um estilo que se expressa com espontaneidade e novidade. Chame β um estilo que atingiu algum nível de codificação e imitabilidade. O primeiro tipo de estilo pode ser encontrado, por exemplo, nas artes. O segundo nos negócios. A reflexividade não é o que distingue esses dois tipos de estilos. Embora, por sua imitabilidade, o estilo β pareça mais reflexivo que o estilo α , o estilo α também é reflexivo. Pense no artista ou na artista tentando “melhorar” conscientemente o seu estilo. Nesse caso, o estilo α requer trabalho e reflexividade. O estilo α evolui para o estilo β ao longo do tempo, por exemplo, quando analistas de arte ou historiadores classificam escolas e definem características dos gêneros. O estilo β também pode evoluir para o estilo α quando se faz uma renovação, por exemplo – pense em movimentos “neo-retro” no design. Ambos os estilos – α e β – são mecanismos que organizam alternâncias entre histórias. Essas alternâncias são similares às alternâncias entre domínios de rede que acionam significados, mas eles são implantados em um nível mais alto, o nível das histórias. Então os estilos introduzem tanto regularidade quanto mudança nas alternâncias de histórias. (WHITE, 2008, p. 2-3, tradução do autor)

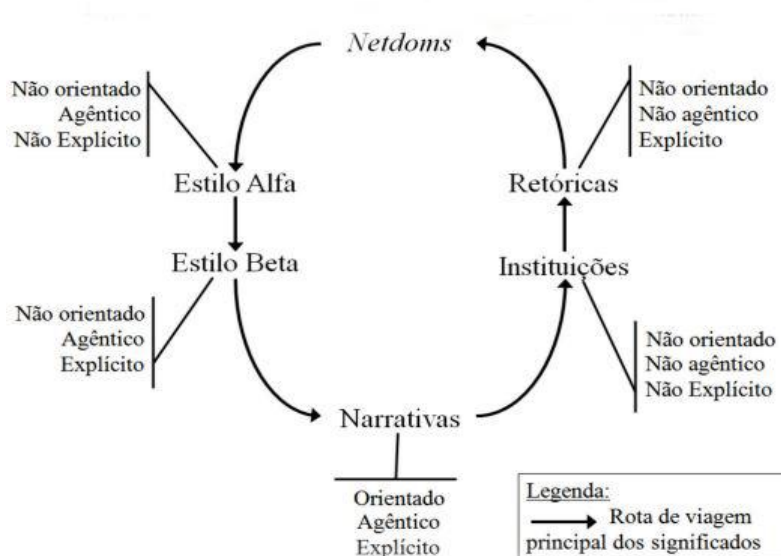
Uma vez desencadeado por um domínio de rede, significados precisam circular pela rede para prosperarem. Caso fiquem isolados em rede, se perderão. A difusão de significados, de contexto a contexto, é canalizada por meio de formações socioculturais duráveis. Segundo Godart e White (2010), a ação proposital vem do estilo beta, mas só é bem-sucedida sob a forma de uma narrativa. Segundo Bearman e Stovel (2007, *apud* GODART; WHITE, 2010), as narrativas providenciam um mecanismo para a organização e geração de significados sociais, uma “condição ontológica da vida social”. Assim, as narrativas são, para Godart e White, construções generalizadas que podem ser transpostas entre contextos (GODART; WHITE, 2010, p. 79). Elas podem emergir de identidades ou do ambiente, mas sempre

implicam um objetivo, buscando a generalização e o apelo moral para mobilizar identidades e formações socioculturais para um objetivo. As instituições em White (2008; GODART; WHITE, 2010; WHITE; MOHR, 2008) são traços deixados pelo estabelecimento de estilos beta. As instituições podem ser entendidas como toda função rotinizada, desde um comportamento, como apertar a mão, até formações complexas, como os rituais impessoais da alta burocracia de Estado. Elas não geram ações inovadoras por si, mas permitem estratégias de controle.

Domínios de rede geram estilos – α e β – sendo o estilo beta mais passível de imitabilidade e generalização em uma narrativa. A cristalização desse estilo gera uma institucionalização. A retórica, por exemplo, pode ser entendida como uma narrativa institucionalizada. Não tem a espontaneidade de um estilo pois é explícita e coercitiva, elaborada a partir de contingências consolidadas publicamente. Essa explicitação e codificação da retórica permite a sustentação de uma institucionalidade que cumpre a função de controle específico em determinados contextos de ação (GODART; WHITE, 2010).

Ribeiro (2019) aponta que, inicialmente, os significados elaborados são articulados em histórias, as quais combinam em padrões transponíveis de relações, criando redes de significados evocáveis em diferentes contextos. Histórias são *scripts* que podem ser reproduzidos por meio de contextos sociais, históricos e geográficos. Elas atravessam *netdoms* e são geradas em públicos (conjuntos de *netdoms*) dotados de significados e expectativas que as estruturam e mobilizam. Enredos correspondem à forma como as histórias são contadas. Tramas são idênticas em diferentes contextos.

Figura 19 – Como significados viajam na teoria dos *netdoms*

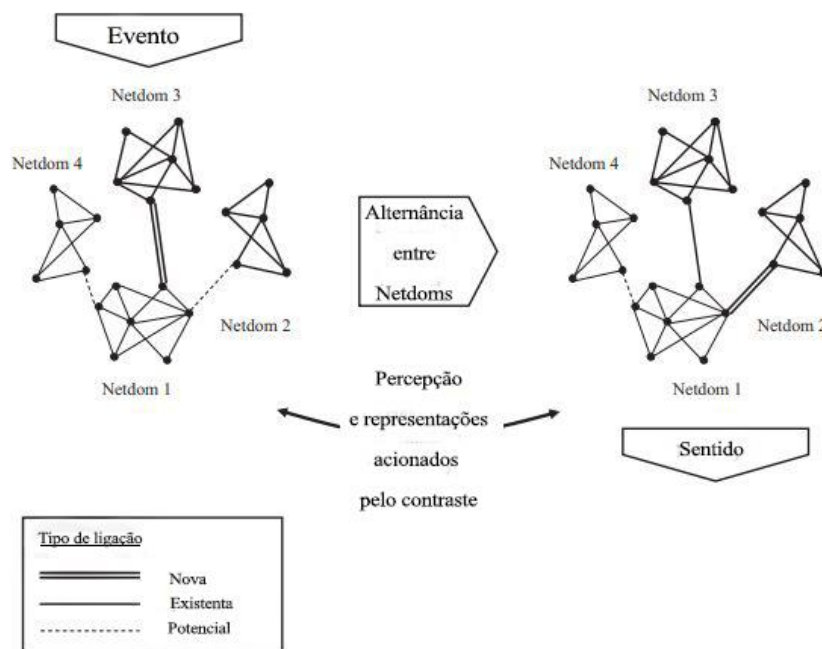


Fonte: WHITE, 2010. Tradução: RIBEIRO, 2019.

Importante paralelo como o modelo, explicitado por White (2010) e que será aqui explorado, é que o processo de mudança entre domínios de rede gera narrativas e histórias como uma matriz de práticas e representações, associado ao conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu (2007), quase como uma estruturação relacional em rede. O *habitus* se estrutura como o princípio gerador das práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, um sistema de classificação de tais práticas. Na relação entre as duas capacidades que definem o *habitus*, capacidade de produzir obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar ou de apreciar esses produtos (gostos) é que constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço dos estilos de vida. O *habitus* enquanto disposição geral e transponível realiza uma aplicação sistemática e universal, estendida para além dos limites do que foi diretamente adquirido, das necessidades inerentes à condição de aprendizagem. O *habitus* é estrutura estruturante e estruturada. É, ao mesmo tempo, o princípio da divisão em classes lógicas que organiza a percepção do mundo social e o produto da incorporação da divisão em classes sociais. Os estilos de vida são produtos sistemáticos do *habitus* que, percebidos na mutualidade dos relacionamentos entre as pessoas, tornam-se sistemas de sinais socialmente qualificados como distintos ou vulgares segundo uma lógica social da prática (BOURDIEU, 2007, p. 163-164). Esse comparativo nos permite fazer um paralelo entre as duas perspectivas, o que será recorrente nesta análise teórica, pois, como destaca White (2010), há uma espontaneidade social na busca para o alicerce (*footing*), parte da herança “deweyniana” do

interacionismo que se ajusta a interpretação de Bourdieu (2007) sobre o *habitus* incorporado. Pode-se avaliar a formação de sentidos da mudança de domínios de rede no esquema abaixo:

Figura 20 – Alternância de *Netdoms*



Fonte: GODART; WHITE, 2010. Tradução do autor.

Essas mudanças, além de gerarem os sentidos e se cristalizarem em histórias, apresentam os limites do *habitus* dos participantes. Esses sentidos são mais ou menos cristalizados na vida cotidiana: festa, carnaval, universidade, espaço público, protesto, praça, etc. Mas novos sentidos surgem na interação, na forma de **estilos**, como supracitado.

Para White e Mohr (2008), o estilo é “um padrão no perfil e na sequência de processos socioculturais em alguma população em rede”. Essas regularidades são percebidas e promulgadas na rede que as instituições passam a existir e é por meio das instituições que os estilos são promulgados, pois a instituição organiza e disciplina a percepção dos atores quanto àquele estilo e quais valores ele promove. Em suma, a instituição é um estilo cristalizado em práticas e valores em uma rede. Pode-se pensar, dentro do exemplo do espaço público revitalizado de Belo Horizonte, que se siga uma determinada postura de circulação social e usufruto apenas dos equipamentos públicos, porque há cristalizado um estilo de comportamento em praças da cidade.

Uma mudança de práticas instituídas, cristalizadas, requer uma justaposição de estilos para White e Mohr (2008). E uma grande reformulação requer a reforma ou justaposição de

estilos. Um novo sistema institucional exige um período intermediário de justaposição entre dois e grandes inovações de estilo só podem surgir com a justaposição por um tempo de dois ou mais estilos. Pode ocorrer um desembaraço e rejeição entre os dois estilos juntamente com a sobreposição do novo estilo. Os estilos “se acasalam para mudar” (WHITE; MOHR, 2008, p. 19).

3.3. CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DO PROBLEMA DE PESQUISA

A pesquisa é um estudo de caso da ação Praia da Estação no recorte de tempo entre 2010 e 2015 a partir dos seus participantes e dos sentidos do evento. Este trabalho, então, se caracteriza por uma investigação qualitativa do fenômeno com uso de entrevistas semiestruturadas da trajetória dos participantes no evento. Entendendo essa pesquisa qualitativa como uma construção relacional de rede, foi utilizado um questionário sociométrico de pesquisa de *snowball* para alcançar a rede de organizadores e participantes da Praia da Estação no período e algumas métricas de rede quanto à dualidade de pessoas/eventos.

O estudo qualitativo de caso, para Stake (1994, p. 447) busca encontrar tanto aquilo que é comum em relação ao caso quanto aquilo que é particular a ele, seu contexto histórico, sua localidade espacial, outros contextos políticos, econômicos sociais, outros casos ou estudos em que o caso é reconhecível e acesso a informantes por meio dos quais o caso pode ser conhecido. A utilização da pesquisa de indicação de redes das pessoas que organizaram a ação se deu não apenas pelo desconhecimento da rede de informantes da pesquisa, mas pela própria ação representar algo que se estruturou em torno de grupos explicitamente delimitados.

O objetivo inicial do trabalho, para localizar o objeto, foi reconstituir a rede da Praia da Estação por meio do período analisado e tentar verificar a dualidade de circulação entre a Praia da Estação e outros eventos que ocorreram no espaço Público da Praça da Estação, Viaduto Santa Tereza e Baixo Centro, além do carnaval de blocos de rua. Foram levantados nomes dos participantes com base na lista de e-mails e na bibliografia pregressa (OLIVEIRA, 2012; ALBUQUERQUE, 2013; MELO, 2014; BERQUÓ, 2015; DIAS, 2015; MUSA, 2015; GONZAGA, 2017). A partir dessa lista, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os participantes acerca de: 1 – Inserção e trajetória no evento da Praia da Estação; 2 – A ligação da Praia da Estação com outros eventos como o Carnaval de Rua, a Assembleia Popular Horizontal, etc.; 3 – A importância das redes sociais digitais no processo; 3 – Se houve uma

percepção da mudança das primeiras Praias da Estação com as subsequentes em termos de raça e classe social e, se essa percepção existiu, houve conflito entre participantes? 4 – Elencar um momento marcante da trajetória na Praia da Estação ou nas ações de movimentos no período.

As outras duas fontes de análises foram o banco de dados profícuo da lista de e-mails da Praça Livre BH⁴⁰, um espaço que representou não o todo do debate para a criação do estilo da Praia da Estação, mas uma parte constituinte muito relevante para tanto, como revelado na pesquisa sobre meios de informação e comunicação para que o evento acontecesse. Seu conteúdo foi mantido sem que se alterasse a natureza do debate e, com base nele, tenta-se construir uma rede com termos e narrativas que auxiliem a compreender melhor a formação do estilo. Para o segundo momento de análise de redes de sentido em torno de códigos do programa Atlas TI, foi utilizado o Evento do Facebook “Praia da Estação – 5 Anos” de 2015, em que o estilo a respeito dos pontos destacados no debate de 2010 é retomado e tensionado por questões de classe, raça e gênero⁴¹.

Então, a pesquisa foi realizada com base nos questionários sociométricos (relativos à estrutura das interações face a face), nas entrevistas de trajetória, nos debates da lista de e-mails e também no blog Praça Livre, nas buscas das fontes digitais mantidas vivas como rastros de interação, tais como vídeos, blogs, eventos e postagens. O questionário foi feito com base em eventos e espaços de sociabilidade levantados na pesquisa bibliográfica, com uma seção elencando quais participaram, quais não participaram e a sua importância. Tal seção também pedia para se elencar de três a cinco pessoas importantes para que os eventos de rua em Belo Horizonte começassem a acontecer, num modelo de *snowball*. Também foi feita uma seção com respeito ao carnaval de rua e uma última sobre a importância das redes sociais digitais na realização dos eventos. Foram realizadas 24 entrevistas, sendo 14 pessoalmente e outras 10 à distância. As entrevistas ocorreram entre os dias 27 de setembro e 19 de dezembro de 2019, sendo que 18 responderam ao questionário. Um aspecto não previsto do questionário se refere à dificuldade de definição dos “eventos” e “espaços de rua” dada uma polissemia inerente a esses domínios de rede – gerando imprecisão nas respostas com relação à listagem prévia dos eventos. Assim, durante as entrevistas, mais de 20 eventos não mencionados anteriormente foram citados pelos entrevistados. Além disso, alguns eventos foram definidos muito vagamente. Uma vez estabelecidos novos eventos para um

⁴⁰ O grupo de e-mails “Praça Livre BH” pode ser acessado no seguinte endereço: https://groups.google.com/forum/#!forum/pracalivre_bh.

⁴¹ O evento “Praia da Estação – 5 anos” pode ser acessado no seguinte endereço: <https://www.facebook.com/events/1581384605429141/>.

questionário final, não foi possível, em razão do tempo hábil de pesquisa de campo, pedir um novo preenchimento às pessoas já entrevistadas e, nesse sentido, foi necessário trabalhar com as definições prévias dos eventos, apesar das ambiguidades. Por isso a questão da dualidade pessoas/eventos foi descartada e o foco permaneceu na Praia da Estação em si.

A primeira questão de viés que surgiu foi a dificuldade em localizar pessoas que convocaram Praias da Estação no momento em que o Facebook ganha predominância para convocação e o evento torna-se mais despersonalizado em relação à rede que o convoca. Isso se dá não somente pela natureza mais fluida da convocação, mas também por conseguir a disponibilidade de entrevistas com as pessoas indicadas. Somente duas pessoas que são indicadas na pesquisa, identificadas como A5 e A14, funcionaram como informantes-chave desse período. Outra questão de viés levantada por uma das entrevistadas e acatado, por se mostrar empiricamente recorrente até aquele momento, foi o da representação assimétrica de gênero. Com isso, foi-lhe solicitado que indicasse outras mulheres importantes no envolvimento com esses movimentos, ainda que a prevalência dos entrevistados não seja feminina, com 11 mulheres entrevistadas entre 24 pessoas. Outra sub-representação evidente é quanto ao recorte racial. Com uma única exceção nas entrevistas de trajetória da primeira fase da Praia da Estação, pessoas que se identificaram negras e em movimentos de cultura negra aparecem principalmente nas redes pós-2013. O número total de indicações dos 18 entrevistados que responderam o questionário foi de $n = 46$. Foi acompanhada das indicações a pergunta: “Qual a sua relação com essas pessoas quando você participava dos eventos?”. Dentre as respostas havia: 1 – Nenhuma; 2 – Conhecido; 3 – Amizade em Redes Sociais; 4 – Amizade Próxima. 88% responderam amizade próxima, 6% amizade em redes sociais e 6% conhecidos.

Por fim, foi feita uma opção ética por não expressar o nome das pessoas envolvidas. Isso se dá não apenas para se limitar a analisar a expressão do movimento que elas participaram, como também para respeitar movimentos cuja principal orientação foi justamente a ausência de diretrizes formais, lideranças e engessamento em hierarquias. Não é restrito, entretanto, o contexto das falas elencadas das entrevistas nem as menções a outras pessoas quando destacada a importância deste ou daquele agente para que os eventos acontecessem.

Figura 21 – Tabela com idade e formação dos entrevistados

Id	2007	2010	2015	formação
A1	22	25	30	educação artística/UEMG
A2	19	22	27	sociologia/UFMG
A3	21	24	29	comunicação/UFMG
A4	27	30	35	
A5	19	22	27	comunicação/PUC Minas
A6	39	42	47	belas artes/UEMG
A7	34	37	42	comunicação/PUC Minas
A8	20	23	28	arquitetura/UFMG
A9	17	23	28	história/UFMG
A10	23	26	31	teatro/UFMG
A11	25	28	33	história/UFMG
A12	25	28	33	engenharia civil/CEFET
A13	23	26	31	engenharia de produção/UFMG
A14	14	17	22	estudante (técnico de rádio e televisão)
A15	26	29	34	comunicação/UFMG
A16	28	31	36	comunicação/UFMG
A17	23	26	31	teatro/UFMG
A18	27	30	35	comunicação/UFMG
A19	20	23	28	filosofia/UFMG
A20	25	28	33	arquitetura/UFMG
A21	26	29	34	sociologia/UFMG
A22	23	26	31	arquitetura/UFMG
A23	27	30	35	superior incompleto/sociologia
A24				

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas entrevistas.

Algo que chamou a atenção na rede levantada com a Praia da Estação é que não se trata de uma rede de juventudes *stricto sensu*, sendo melhor caracterizada com uma rede de jovens adultos. A maior parte dos entrevistados frequentou o espaço público revitalizado com ações de coletivos e se engajou na organização da ação da Praia da Estação entre os anos de 2007 e 2010, tendo uma média, entre a primeira metade, dos 20 anos e, na segunda metade nos dois momentos.

Conceber uma construção de uma rede como proposto por White (2008) exige que se opere uma construção de redes reais e redes simbólicas. Para conceber as redes reais, é necessário montar uma rede que ligue as pessoas a eventos e umas às outras como os domínios de rede se ligam. Para isso, foi concebido um estudo sociométrico cujo atributo escolhido foi 1 – Uma lista de eventos nos quais as pessoas circularam e se engajaram mais; 2 – Uma rede de indicações perguntando “Quais pessoas foram importantes para que os eventos de rua acontecessem, com foco na Praia da Estação?”, para alcançar a maior extensão possível da rede e as pessoas envolvidas; 3 – Uma rede específica para o carnaval e quais blocos frequentaram, quais os responsáveis para o carnaval ser tão grande e quais os mais politizados; 4 – Uma série de perguntas sobre qual meio de comunicação foi mais importante para a Praia da Estação acontecer, em termos de divulgação.

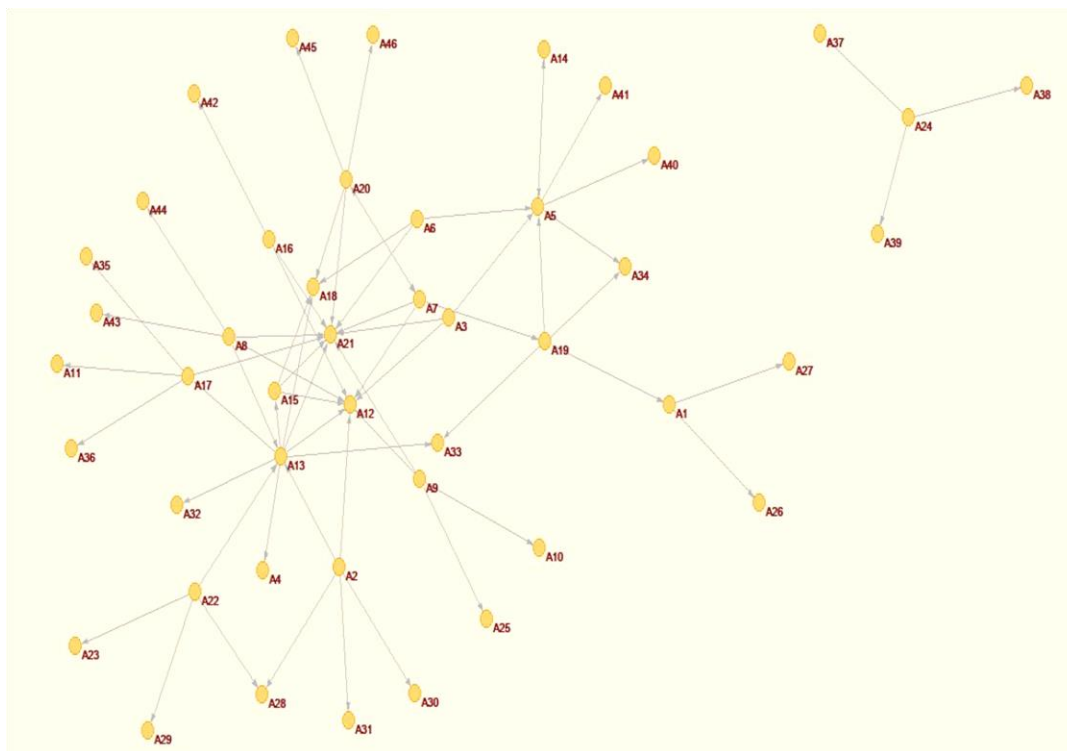
A analogia óbvia de que a rede social corresponde à rede social digital é bastante evidente, mas não necessariamente afirmativa. Como observam Venturini et al. (2018), os

rastros deixados pelas redes sociais digitais são rastros de relações reais que nos permitem estudar uma relação social, ainda que se possa correr o risco de dar o mesmo peso de uma interação face a face para uma interação digital, mas são interessantes manifestações que materializam o relacional que tanto a Análise de Redes Sociais quanto a Teoria Ator-Rede de Bruno Latour buscam na pesquisa social – mesmo com diferenças entre a concepção dessas duas teorias para quem representa os atores sociais (VENTURINI et al., 2018).

Entende-se até aqui a construção como relacional; então, além das entrevistas coletadas para dar um nível à condição simbólica, sabe-se que muito da construção semiótica da experiência da Praia da Estação e do carnaval de blocos de rua escapa da linha narrativa, como as fotos que são compartilhadas quase que imediatamente depois dos eventos e que elencam a próxima parte do trabalho. Elas fazem parte da rede de sentidos que se constrói. A liberdade relacional que este trabalho toma tanto para construir o sentido anterior dos domínios de rede é a da busca de blogs e sites que os próprios envolvidos nos espaços elencados constroem e falam de si, ou seja, escrevem para o outro, como numa relação dialógica. Por isso o Capítulo 1 é perpassado por uma série de blogs, imagens, de textos de vídeos e de fotos tirados deles com o intuito de caracterizar melhor as identidades envolvidas ali.

A rede analisada de entrevistados teve uma variedade de idade entre 26 (mínimo) e 51 (máximo) anos. A mediana e modo resultaram em 36,4 e 35 anos respectivamente. Sendo nosso recorte temporal das principais manifestações de rede ocorrendo entre a segunda metade dos anos 2000, com atividades articuladas principalmente na segunda metade da primeira década, e a principal referência temporal no ano de 2010 com o evento da Praia da Estação e eventos associados a partir de então, encontra-se a idade média dos citados na rede entre 2005 e 2010 com 21 a 26 anos, e na rede entre 2010 e 2015, com os indivíduos citados possuindo entre 26 e 31 anos.

Figura 22 – Rede de indicações de pessoas importantes para o retorno dos eventos de rua em Belo Horizonte imprimida pelo Programa Pajek a partir do questionário sociométrico



Fonte: *Output* do Programa Pajek.

Buscando atingir diversos pontos das redes de eventos que carregam o estilo que se estabeleceu na Praia da Estação e no carnaval de rua, foram pedidas outras referências no tocante a gênero, principalmente. Mesmo atingindo esses pontos mais distanciados da rede, a maioria reportou alguém de um subgrupo mais central, com exceção de um entrevistado, que reportou agentes de ação política efetiva. Ainda que o número de respondentes não tenha atingido a saturação (quando a pesquisa do modelo *snowball* de indicações passa a repetir e convergir as referências iniciais) por uma questão de limitação de tempo hábil para a pesquisa, acredito que o número de indivíduos identificados tenha sido suficiente, pois, como sugerem Wasserman e Faust (2004), um número de respondentes maior que 10 possibilita a reconstituição da rede social com relativa confiança.

Por exemplo, a medida básica de densidade da rede, que é o total de número de laços possíveis dividido pelos laços efetivamente existentes e reportados pelos entrevistados, indica a conectividade geral da rede social. Neste caso, uma conectividade baixa (0,03) devido à variabilidade ao longo do tempo de exposição dos laços sociais.

Figura 23 – Densidade da rede de indicações no software UCINET

	1	2	3	4	5
	Densit	No. of	Std De	Avg De	Alpha
	y	Ties	v	gree	
1 Rede de Indicações	0.031	65	0.174	1.413	0.599

1 rows, 5 columns, 1 levels.

Fonte: *Output* do Programa UCINET.

Nesta rede, pessoas foram relevantes em momentos e gerações diferentes, fizeram contribuições gerais e percebidas também em momentos diferentes. Ela atravessa o período analisado, entre 2000 até 2015. Em termos gerais, a rede apresentou uma densidade muito baixa, corroborada também pela medida conhecida como “grau de centralidade”, ou o quanto um nó na rede pode atrair os laços para si. Pensando em uma medida de indicação por prestígio, que é o caso da pergunta que se expressa no indicador de “centralidade de entrada” (*InDegree* geral da rede), o número médio de indicações na rede é relativamente baixo (19, 5%), mas coerente em termos de haver um reconhecimento difuso, representando a presença de diferentes setores de rede, nos quais se inserem agentes importantes para os eventos de rua acontecerem (HANEMAN, 2000).

No Anexo 2 são apresentadas outras métricas de análise de redes e uma análise de dualidade entre os organizadores da Praia da Estação e a relação com os blocos do carnaval de rua. O principal uso metodológico da ideia constituída na sociologia relacional apresentada na parte metodológica é tentar articulá-la de forma interpretativa no estudo de caso da Praia da Estação, com relação às entrevistas levantadas, aos bancos de informações relacionados nos períodos destacados e à informação bibliográfica.

4. ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DA PRAIA DA ESTAÇÃO

O capítulo irá tratar da ação da Praia da Estação, com destaque para dois momentos, em 2010 e 2015. Este capítulo não tem por objetivo listar e abarcar todas as movimentações políticas, culturais e sociais que o espaço da Praça da Estação, do Viaduto Santa Tereza e do Baixo Centro Cultural abrigou no período: o principal foco é na Praia da Estação e nos movimentos que atravessaram ou acionaram eventos da Praia da Estação conjuntamente com outras ações. A Praia da Estação, pelo seu próprio modo volátil de ação, gera uma dificuldade de ser rastreada em registros digitais. O Fórum “Praça Livre BH”, formado em 2010 a partir do protesto “Vá de Branco”, reúne a principal fonte de planejamento dos eventos no período e o weblog “Praça Livre BH” e a conta de Twitter “Praça Livre” constituem as principais fontes de divulgação. A partir dessas três fontes distintas é possível calcular cerca de 20 eventos da Praia da Estação no ano de 2010, além de dois Eventos de Qualquer Natureza e a ação “Que Trem é Esse?” no Metrô. 18 ocorrem no primeiro semestre e outros dois a partir do dia 11 de dezembro de 2010.

Em 2011, o Fórum “Praça Livre BH” vai perdendo importância e sofrendo uma grande redução de postagens e, a partir do segundo semestre, vira um espaço de spams. A conta de Twitter Praça Livre também reduz seu número de postagens. O Facebook e o próprio boca a boca da rede já articulada ganham mais importância que os debates naquelas redes e tornam a localização desses eventos uma tarefa mais difícil, pois a grande maioria já não existe mais nas redes sociais, tendo sido apagada. No segundo semestre de 2011, em função da ativação da campanha política municipal, Praias da Estação fora de época são convocadas no contexto do Movimento Fora Lacerda. Esse movimento é questionado por participantes, especialmente da vertente anarquista, sobre a legitimidade da ação. A convocação dos eventos passa a ser em grande medida via página do Movimento Fora Lacerda do Facebook (já inexistente quando da escrita desta dissertação).

No segundo semestre de 2011, também ocorre a revogação do Decreto nº 13.798 e as Praias da Estação do verão de 2012 acontecem sob a forte influência do Movimento Fora Lacerda. Em 2013, dois anos distante do fim do decreto que motivou a primeira Praia da Estação e com o enfraquecimento do Movimento Fora Lacerda, a Praia da Estação de janeiro ganha uma expressão eventual de instituição com relação ao verão e ao carnaval de blocos de rua. Ao mesmo tempo, a Praça da Estação ganha uma importância simbólica para diversos protestos que acontecem naquele ano. Em 2014, o processo “eventual” das práticas da Praia da Estação aumenta, com a convocação de eventos por Facebook atraindo maior público, com

uma faixa mais ampla e heterogênea da juventude frequentando o espaço no verão e no início de 2015. Nessa época, os novos participantes, que não estavam presentes nos processos iniciais da Praia da Estação, convocam um evento, o que causa uma nova controvérsia sobre diversos sentidos do espaço público, preconceito e a democratização de um espaço público consolidado. O breve resumo dos fatos entre esses períodos elencado a seguir busca reconstituir o fio condutor desse processo.

4.1. AS PRIMEIRAS PRAIAS DA ESTAÇÃO DE 2010

O fato pontual que articulou a ação da Praia da Estação foi o Decreto nº 13.798, publicado no Diário Oficial do Município no dia 9 de dezembro de 2009, editado pelo então prefeito Márcio Lacerda e que passou a proibir “eventos de qualquer natureza” na Praça da Estação a partir de janeiro de 2010. O texto do decreto argumenta que a proibição visava controlar a concentração de pessoas na praça por medida de segurança, assim como proteger o patrimônio público de ser depredado⁴². Márcio Lacerda declarou, na ocasião, ao jornal Estado de Minas, que desejava proteger a praça como patrimônio tombado transferindo a realização de eventos para outros lugares⁴³.

A primeira reação ao decreto foi a convocação anônima do protesto “Vá de Branco” para o dia 7 de janeiro de 2010 (uma quinta-feira). A divulgação se deu por meio de e-mails e a partir de uma página de blog homônima.

⁴² Disponível em: <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1017732>. Acesso em: 13 de maio de 2018.

⁴³ Vide: http://www.uai.com.br/UAI/html/sessao_2/2009/08/23/em_noticia_interna.id_sessao=2&id_noticia=124180/em_noticia_interna.shtml. Acesso em: 13 de maio de 2018.

Figura 24 – Convite ao protesto “Vá de Branco”



Fonte: Página do blog Vá de Branco, 2010⁴⁴.

O convite anônimo ao protesto gerou um engajamento em diversos grupos separados que convergiram para esse primeiro encontro na Praça da Estação do dia 7 de janeiro de 2009. Segundo a entrevistada E18, a imagem da chamada para o “Vá de Branco” circulou pelas redes sociais e e-mails de ativistas e pessoas ligadas a setores da cultura que se encontraram às 17h e debateram formas de agir na Praça da Estação até cerca de 21h, quando foi passada uma folha de papel recolhendo os e-mails das pessoas ali presentes. No mesmo dia foi criado um grupo com esses e-mails. Segundo a entrevistada, a ideia de uma “praia” para ocupar o espaço público já havia circulado nesse primeiro encontro⁴⁵. Segundo o entrevistado E6, envolvido com o programa de incentivo à cultura Arena da Cultura, no primeiro evento “Vá de Branco” diversas pessoas de setores diferentes da cultura se conheceram e a Praia da Estação surgiu como uma ideia sobre “a questão da utilização do espaço público, de maneira que ele pudesse ser um espaço livre e democrático que as pessoas pudessem frequentar” e a ideia da Praia da Estação enquanto “encontro festivo” e a festa como um ato político⁴⁶.

Além do blog indicado, o evento também foi mobilizado por outros espaços virtuais, como o blog “Pedreira na Vidraça” e o fórum Centro de Mídia Independente. A convocação para o protesto Vá de Branco “[...] contava com artistas simpáticos ou participantes dos eventos Quarteirão do Soul, do Duelo de MC’s e do Arraial de Belô, que eram realizados na

⁴⁴ Disponível em: <http://vadebranco.blogspot.com/2009/12/7-de-janeiro-de-2010.html>. Acesso em: 9 de novembro de 2019.

⁴⁵ E18. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 19 dez. 2019. Citação literal no Anexo I.

⁴⁶ E6. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 11 out. 2019. Citação literal no Anexo I.

praça ou proximidades⁴⁷”. Esse grupo foi bastante amplo e, entre os comentários dos e-mails, aparecem, além dos produtores culturais e dos grupos libertários, a Associação metropolitana dos Estudantes Secundaristas (AMES), a União Juventude e Rebelião (UJR), o Movimento Anarquista Libertário de Belo Horizonte (MAL-BH), o Instituto Autogestionado de Direitos Humanos e Cidadania Helena Greco, professores e representantes de movimentos sociais e religiosos, como pessoas ligadas ao candomblé. No blog Pedreira na Vidraça há uma menção a respeito do carnaval de rua⁴⁸ que foi articulado entre essas pessoas.

Com base na lista de assinaturas recolhidas, foi criada uma lista de e-mails no Google Groups. Essa lista continua ativa até hoje⁴⁹ e é uma das principais bases de reconstituição da trajetória do movimento, como também observaram em suas análises Oliveira (2012), Albuquerque (2013) e Gonzaga (2017). A partir da primeira postagem do dia 12 de janeiro começa o debate no grupo. O entrevistado E19, entre os responsáveis por sugerir a primeira ação contra o decreto, analisa os primeiros dias da lista de e-mails “Praça Livre BH”. O e-mail passa a ser um espaço de debates enquanto as reuniões presenciais seriam os locais de tomada decisória. De acordo com o entrevistado E19, os participantes do espaço Ystilingue criaram uma arte para fazer a chamada da ação “A Praia”, arte esta fortemente ligada a uma linguagem estética que já era usada no encontro Domingo Nove e Meia e que adicionou a provocação em torno da expressão “evento de qualquer natureza” justamente por sua ambiguidade. Era esperado pela convocação um número reduzido de participantes, como geralmente se davam os encontros embaixo do Viaduto Santa Tereza, mas a adesão por uma centena de participantes surpreendeu o entrevistado⁵⁰.

O grupo de e-mails passa a ser, a partir daquele momento, uma continuidade do espaço físico de debates da Praça da Estação. É um espaço privilegiado para analisar os conceitos de “identidade” e “controle” levantados por Harrison White (2008), visto que junta um grupo de pessoas que não se conhecem ou se conhecem superficialmente em função de uma proposta de ação em conjunto. Nesse momento, identidades buscam alicerces (*footings*) para

⁴⁷ Cf. BLOG PEDREIRA NA VIDRAÇA. Vá de Branco: o day after. Disponível em: <http://pedreiravidraca.blogspot.com.br/2010/01/va-de-branco-o-day-after.html>. Acesso em: 13 de maio de 2018.

⁴⁸ “Paralelamente a isso, existe um movimento para tentar levar o carnaval de BH de volta ao Centro, e na região da Praça da Estação. Quem comanda essa frente é o Vereador Hugo Thomé, presidente (ou algo do tipo) da GRES Chame Chame, do Salgado Filho. Hoje, o Carnaval é na puta-que-pariu da Via 240, Zona Norte, um local cujo acesso é dificultado pela distância e pela falta de presença de transporte coletivo decente”. Cf. BLOG PEDREIRA NA VIDRAÇA. Vá de Branco: o day after. Disponível em: <http://pedreiravidraca.blogspot.com.br/2010/01/va-de-branco-o-day-after.html>. Acesso em: 13 de maio de 2018.

⁴⁹ O grupo de e-mails “Praça Livre BH” pode ser acessado no seguinte endereço: https://groups.google.com/forum/#!forum/pracalivre_bh.

⁵⁰ E19. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 27 set. 2019. Citação literal no Anexo I.

estabelecerem alguma tentativa de controle de um domínio de rede acionado, sendo esse domínio o gerado pelo chamado “Vá de Branco” e a rede física e virtual que ele gerou.

O chamado circula na lista de e-mails e no Centro de Mídia Independente no dia 13 de janeiro de 2010 e, a partir do momento em que a ação é sugerida, com ênfase nos dias 14 e 15 de janeiro de 2010, se instala um conflito no grupo de e-mails envolvendo postagens de 10 membros do grupo. Esse conflito envolve a natureza da ação “A Praia”, a forma como a ação deve ser enquadrada na mídia, como conceber os usos do espaço público revitalizado da Praça da Estação e qual a concepção de organização em torno da ação aquele grupo representa ou mesmo se eles devem se instituir como uma organização de coletivo. Do início do encontro Vá de Branco e da criação do grupo de e-mails “Praça Livre BH” ao dia da primeira Praia da Estação são gerados 15 e-mails e 74 mensagens que envolvem tanto a divulgação da Praia da Estação quanto a natureza da organização da ação, quem está à frente da manifestação e a natureza da manifestação e se devem ou não chamar a imprensa para cobrir o evento. A partir do software Atlas TI utilizo três esquematizações de códigos de sentidos em torno de três temas: “O sentido da Praia”, “Ausência de Representatividade e Autonomismo” e questões sobre “Espaço Público”. Esses temas gerais foram codificados pelo software e a rede foi instalada de frases destacadas da lista de e-mails tratando dessas temáticas.

Figura 25 – Evento “A Praia” na Estação



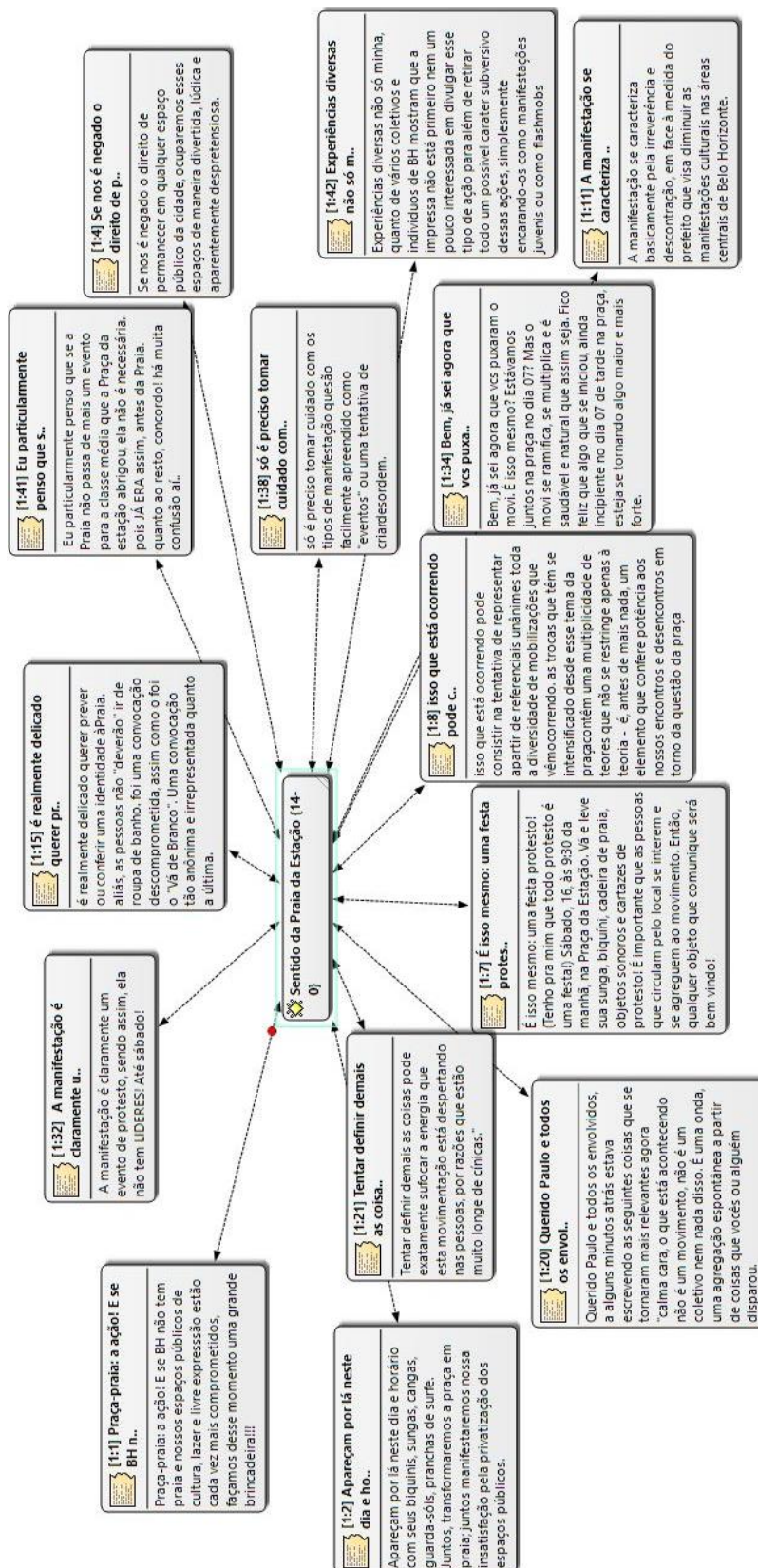
Fonte: Página do blog Panóptico, 2010⁵¹.

⁵¹ Disponível em: <https://panoptico.wordpress.com/2010/01/13/decreto-proibe-eventos-em-praca-central-de-belo-horizonte/>. Acesso em: 9 de novembro de 2019.

Essas redes de sentido em formato estrela (todas apontando para um nodo de sentido) foram construídas no Atlas TI e os números fazem parte do arranjo do texto indicando seu posicionamento no *output* do programa e não devem ser levados em conta pela numeração, servindo, entretanto, para a identificação da citação. Para a análise dos sentidos, o importante são as frases elencadas dos comentários em torno dos sentidos gerais. Entre os 14 comentários elencados a respeito do sentido para a ação “A Praia” na Praça da Estação, o que se apresenta é uma tentativa de criar um alicerce (*footing*) no sentido de que é uma agregação espontânea, lúdica, não organizada o suficiente para que seja um coletivo ou uma ação política partidária tradicional, mas suficientemente politizada a ponto de ser muito mais que um mero *flash mob*⁵², uma brincadeira viral promovida pela agregação possível de estranhos por meio das redes sociais.

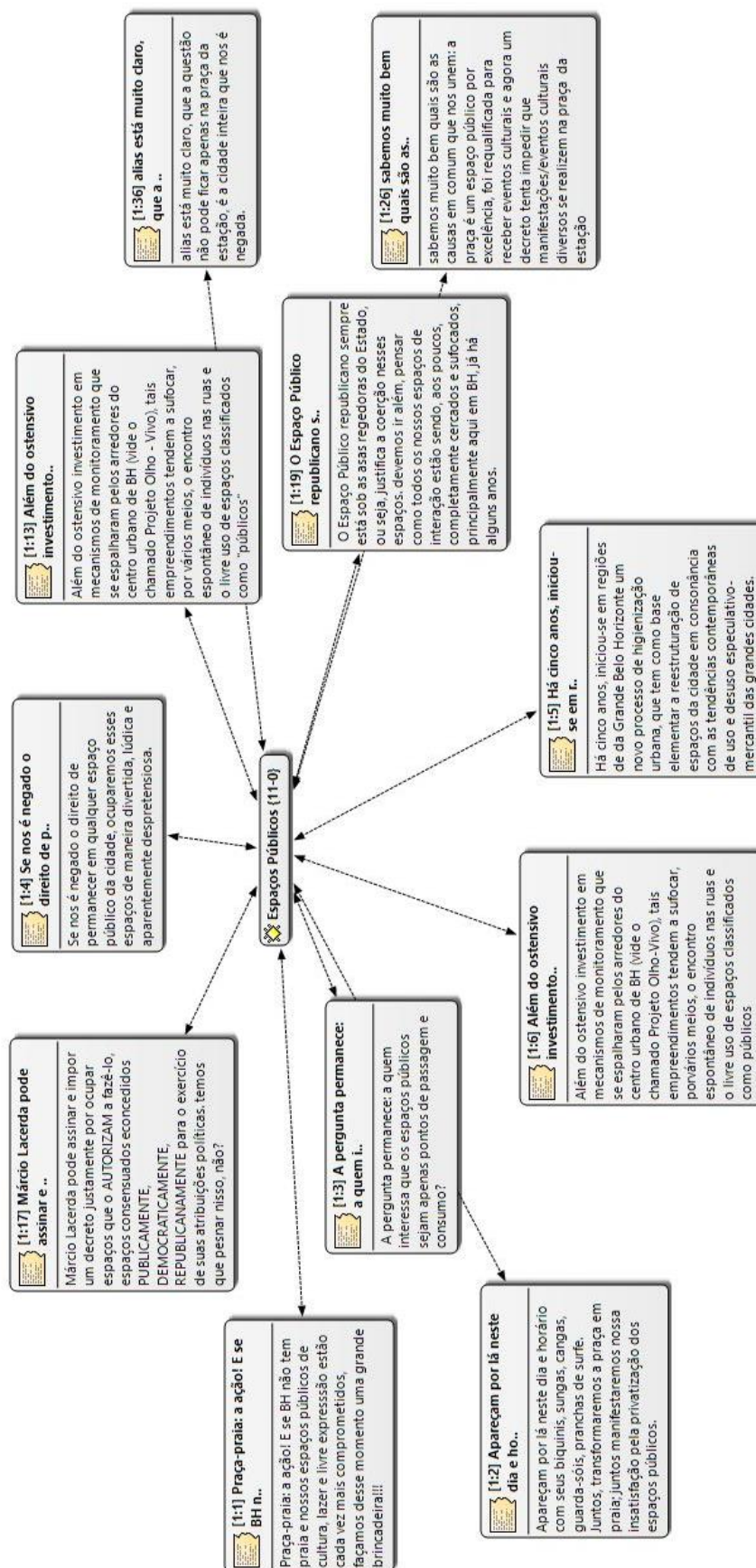
⁵² *Flash Mob* foi um termo criado pelo então editor da revista Harper Bill Wasik após uma ação em 17 de junho de 2003. Trata-se de uma momentânea aglomeração de estranhos organizada via internet para fazer algo inusitado, seja de caráter lúdico, seja político, e depois se dispersarem. *Flash Mobs* famosos incluem o *Zombie Walk* e o *Pillow Fight*. Cf. WASIK, Bill. My Crowd – Or, phase 5: A report from the inventor of the flash mob. Disponível em: <https://harpers.org/archive/2006/03/my-crowd/>. Acesso em: 09 de novembro de 2019.

Figura 26 – Rede de sentidos para a Primeira Praia da Estação



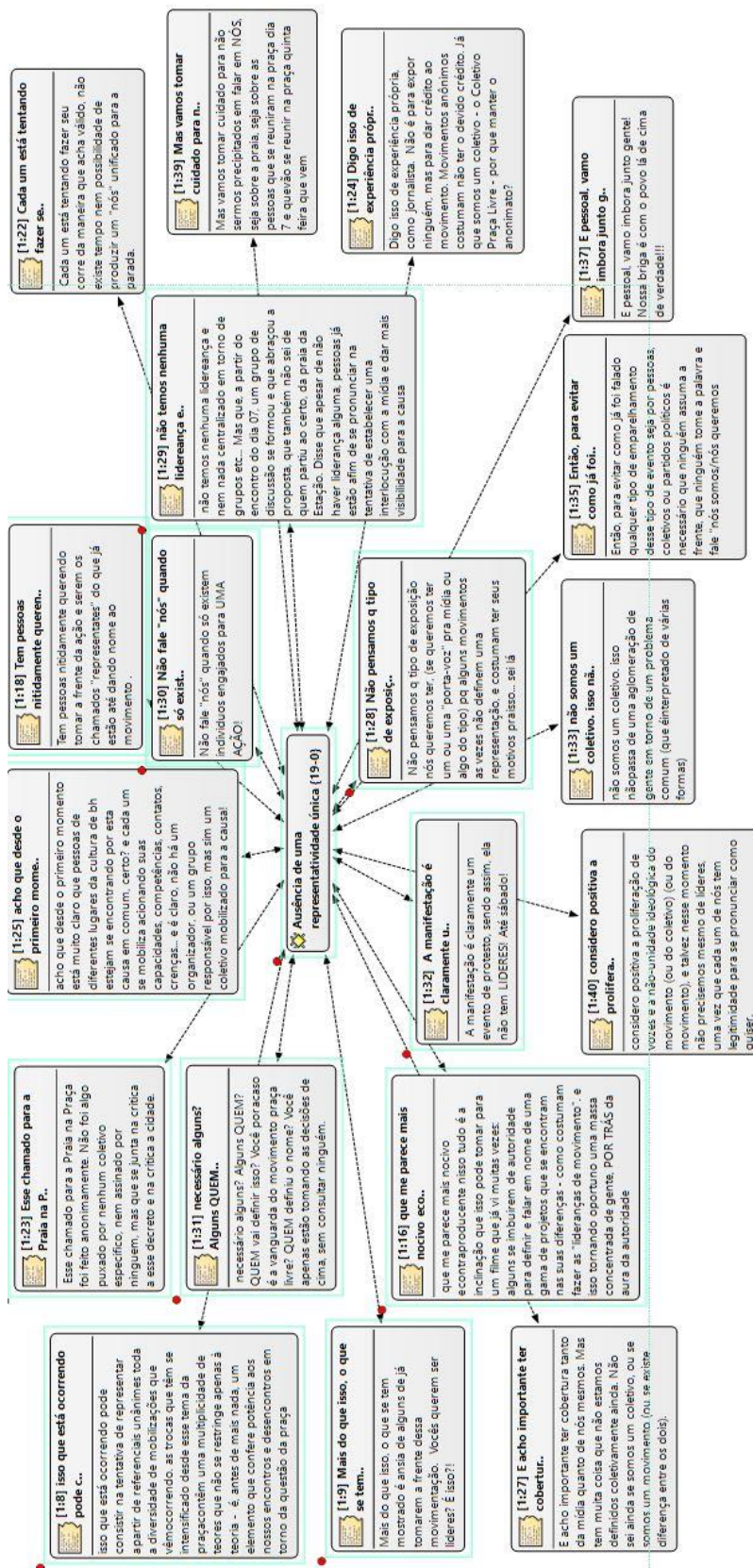
Fonte: *Output* do Programa Atlas TI com base em comentários do grupo de e-mails Praça Livre BH.

Figura 27 - Rede de sentidos para espaços públicos



Fonte: *Output* do Programa Atlas TI com base em comentários do grupo de e-mails Praça Livre BH.

Figura 28 – Rede de sentidos em torno de ausência de representatividade única



Fonte: *Output* do Programa Atlas TI com base em comentários do grupo de e-mails Praça Livre BH.

São reforçadas as características de lúdico e despretenso em oposição aos sentidos dados de espaço público em contraposição ao modelo localizado pelas visões dos membros do grupo de e-mails a respeito do uso atual e engessado do espaço, como destacado nos 11 códigos, em que o decreto de Márcio Lacerda surge para acrescentar mais uma proibição de convivência, como o “‘sufocamento’ de encontros espontâneos”, “uso e desuso especulativo-mercantil”, “espaços públicos como mero ponto de passagem e de consumo”.

O próprio uso de terminologias reflete, como levantado na pesquisa de rede, a inserção dos participantes em debates a respeito do espaço público, seja no âmbito do debate especializado da Universidade Federal de Minas Gerais, seja pela inserção nos debates a respeito da questão urbana levantadas por coletivos voltados especificamente para esse tema. Em relação a quem poderia falar em nome da ação para a imprensa, com uma exceção sobre se definirem como coletivo, a maior parte incide na partilha da causa comum, na espontaneidade da agregação e, sobretudo, na rejeição absoluta de qualquer tentativa de cooptação ou assinatura da Praia. O receio parece expressar-se, por um lado, em relação à organização partidária tradicional e o sequestro da ação pelas bandeiras políticas e, por outro, no esvaziamento do sentido político, com a imprensa retratando a ação como uma ação simplesmente voltada para o lúdico por jovens de classe-média, como o já citado *flash mob*.

O que é a ação no espaço público? Há uma resistência mesmo em se definir o tema enquanto coletivo, como sugerido “Coletivo Praia da Estação”. Outro integrante do fórum define que a ação não está sendo apropriada, que é uma “onda”, uma “agregação espontânea” e não um coletivo ou movimento social. Outro termo usado por outro participante para definir a ação foi “festa-protesto” e que “todo protesto é uma festa”, a temática de praia e o discurso “contra a privatização dos espaços públicos” e “se nos é negado o direito de permanecer em qualquer lugar público da cidade, ocuparemos de maneira divertida, lúdica e aparentemente despretenso”.

Identifico que essas primeiras disputas surgidas a partir desse debate representam aquilo que White e Mohr (2008) localizam como uma “sobreposição de estilos”. Essa sobreposição atravessa as experiências dos usos e debates do público dos espaços referentes ao anarquismo libertário e voltados às práticas urbanas anticapitalistas de estilo de vida com o estilo de organização em coletivo de públicos ligados à cena cultural e artística da cidade de Belo Horizonte. O primeiro estilo busca o máximo de “pureza” da ação, despersonalização radical da Praia da Estação e evitar qualquer tipo de “usos e cooptações” da Praia. O segundo estilo entende a própria festa como um ato político e busca criar agregação e diálogo com a imprensa.

O estilo lúdico, desprezioso e a temática visual de praia são explorados pelos primeiros envolvidos pelo evento, assim como a percepção de que uma praia de verdade precisa de água para acontecer e havia a possibilidade de as fontes estarem desligadas, surgindo uma solução criativa – alocação de um caminhão-pipa – por algum usuário no Google Groups, como indica nesse trecho o entrevistado E21:

Eu tinha encomendado a faixa “A Praça é nossa Praia”. A gente estendeu a faixa lá, fizemos vídeo, começamos a replicar, publicar a faixa chamando pro ato e fomos para a Praia da Estação naquele dia. E aí se teve a primeira Praia da Estação. As pessoas, ainda de maneira muito tímida.... Eu lembro que a gente chegou num horário que era muito cedo, acho que era 9h da manhã. Durante um tempo a gente foi só ampliando o horário de convocatória. Começou 9h, o povo só chegava às 11h. Aí foi pras 11h, o povo só chegava 13h. Dava meia dúzia de gatos pingados que chegavam na hora do combinado. Mas naquele dia a gente se encontrou, eles boicotaram, não ligaram a fonte. O caminhão-pipa veio, a gente fez a vaquinha. E naquele dia, de forma bem orgânica, que possibilitou o discurso que depois foi se replicando no processo de ocupação do espaço, porque o caminhão que a gente anteviu, que era uma estratégia, virou ícone do processo de ocupação que se tornou a Praia da Estação. A vaquinha que a gente fez acabou sendo um dispositivo que dizia muito sobre a disposição, do que era o fazer coletivo, orgânico. E a chamada espontaneamente surgiu no banho do caminhão-pipa que era toda semana. Foi esse “toda semana”, assim como “deita no cimento” que foram gritos e falas que foram surgindo ali durante a celebração daquele ato que foram instituindo a dinâmica da Praia da Estação. Do “toda semana” se estabeleceu que todo sábado teria. Do grito de “deita no cimento” da performance, (se estabeleceu) que o caminhão-pipa seria esse símbolo. (E21. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 10 dez. 2019)

A *expertise* dos participantes inseridos na comunicação social, acadêmicos e jornalistas de construir um resumo e circular os motivos da ação para a imprensa fez com que a Praia da Estação repercutisse na mídia ainda em sua primeira realização. O *clipping* com a reunião das matérias alcançadas pela primeira Praia da Estação alcança os veículos de comunicação locais e nacionais UOL, Globo Minas, Portal G1, Record, O Tempo e Hoje em Dia⁵³. Diversos álbuns da rede de postagens de fotografia mais popular em 2010, o Flickr, divulgam as imagens tiradas pelos próprios participantes – que, no decorrer das conversas da lista de e-mails, passarão a se identificar como “banhistas” ainda em janeiro. As imagens criam uma narrativa paralela para além do fotojornalismo e da filmagem para reportagem na televisão aberta.

⁵³ Vide: https://groups.google.com/forum/#!topic/pracalivre_bh/T8Ln5AdkSsY.

Figura 29 – Primeira Praia da Estação



Fonte: Postagem do usuário Tomás Bodolay no Flickr, 2010⁵⁴.

Figura 30 – Primeira Praia da Estação. Banhistas “Deitam no Cimento”



Fonte: Postagem do usuário Ademilton Dutra no Flickr, 2010⁵⁵.

O grito de “toda semana”, sobre o sucesso da ação mencionado pelo Entrevistado E21 pode ser visto tanto na lista de e-mails⁵⁶ quanto nos comentários de uma postagem no site

⁵⁴ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/bodolay/4279480299/>. Acesso em: 14 de novembro de 2019.

⁵⁵ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/studiofotoprime/4279060185/in/album-72157623098193769/>. Acesso em: 14 de novembro de 2019.

“Dias Sem Compras⁵⁷”. Outros gritos como “Hey, polícia, a Praça é uma Delícia⁵⁸” também fizeram parte daquele primeiro repertório, com a praça cercada por policiais militares enquanto o evento acontecia.

A dimensão de sensibilidade e de impacto estético causado pelo primeiro evento, as fotos, os vídeos, o uso de trajes de banho de mangueira do caminhão-pipa atravessam o imaginário da trajetória de diversos entrevistados, como a entrevistada E17, que participou do primeiro evento e surpreendeu-se em como o caminhão-pipa, os trajes de banho e a confraternização ali realizada despertaram um sentimento novo de lazer no espaço público⁵⁹.

Na segunda-feira, dia 18 de janeiro, é acionado na lista de e-mails o debate para definir se haveria ou não uma segunda Praia da Estação no dia 23 de janeiro de 2010. O sucesso da primeira mobilizou uma segunda Praia da Estação na semana seguinte, mesmo com dúvidas sobre o tempo ser chuvoso ou não ter suficiente público, já que havia apenas uma semana de diferença⁶⁰. Além das Praias da Estação, havia encontros semanais para discussão de pautas e do decreto de Márcio Lacerda. No dia 20 de janeiro é criado o blog Praça Livre BH, de publicação aberta para quem quisesse escrever – a senha era de livre acesso para qualquer pessoa. Após as duas primeiras Praias da Estação, no dia 30 de janeiro, é publicado o Decreto nº 13.683, que institui uma Comissão Especial de Regulamentação de Eventos na Praça da Estação. A mobilização nos debates do Fórum Praça Livre BH se volta para uma representação civil em torno do novo decreto ou mesmo para discutir se as pessoas envolvidas com a Praia da Estação devem participar dessa comissão⁶¹. Um dos integrantes, Rafael Barros, se dispõe a participar.

As Praias da Estação continuam acontecendo em fevereiro. Em entrevistas para jornais, para identificar a autoria de postagens no blog e anúncios de eventos é utilizado o pseudônimo “Luther Blissett”, inspiração em uma identidade coletiva assumida por diversos artistas europeus em 1994⁶². Gonzaga (2017) localiza como parte da “ética hacker”, em que o processo de produção coletiva é mais importante que o produtos e hackers devem ser julgados

⁵⁶ Vide: https://groups.google.com/forum/#!topic/pracalivre_bh/qbPv3UFOXX8. Acesso em: 3 de novembro de 2019.

⁵⁷ Vide: BLOG DIA SEM COMPRAS. Praça da Estação, o Decreto, a Cidade, e as Pessoas. Postagem de 19/01/2010. Disponível em: <https://diasemcompras.wordpress.com/2010/01/19/335/#more-335>. Acesso em: 14 de novembro de 2019.

⁵⁸ Vide: https://www.youtube.com/watch?v=t1ivbE0X0Wc&feature=emb_title. Acesso em: 9 de novembro de 2019.

⁵⁹ E17. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 29 nov. 2019. Citação literal no Anexo I.

⁶⁰ Vide: https://groups.google.com/forum/#!topic/pracalivre_bh/qbPv3UFOXX8. Acesso em: 3 de novembro de 2019.

⁶¹ Vide: https://groups.google.com/forum/?hl=pt-BR#!topic/pracalivre_bh/3sVZ5EpkPcU. Acesso em: 3 de novembro de 2019.

⁶² Vide: <http://www.lutherblissett.net/>. Acesso em: 9 de novembro de 2019.

por sua atuação (seu *hacking*) e não por suas identidades individuais. Isso corrobora com a visão do entrevistado E19 e sua análise das reuniões após as primeiras Praias da Estação e do conflito com grupos políticos organizados. E19 também observa como a criação do blog Praça Livre apresentou o que se chama aqui de “sobreposição de estilos”, envolvendo tanto uma forma como comunicadores e agentes culturais utilizavam para divulgar as ações (weblogs) como a ideia de “despersonalização” da ação, com senhas abertas e uso de pseudônimos:

Aí de fato circulou nos ambientes culturais de esquerda e chegou de certa forma na mídia também [a primeira Praia da Estação]. Na outra semana tinha mais gente. E nisso ainda estavam acontecendo as reuniões do Praça Livre BH. Se não me engano já tinha virado um blog ou depois muito por nossa influência, acredito, era um blog aberto, qualquer um podia postar. Na época isso era um pouco estranho para a maioria das pessoas “vão roubar a senha”. Era pra ser usado mesmo. Essas coisas do Luther Blisset que depois virou o Omar Motta, que era uma piada entre a gente, das coisas serem difusas, anônimas e abertas. Tanto que eu lembro que a reunião posterior da Praça Livre BH à Praia, tinha muita gente do movimento estudantil “Vocês já tiveram a festa de vocês, agora vamos falar sério sobre o que aconteceu” [...]. Minhas questões sobre a Praia da Estação posteriores foram que eu fui vendo que a Praia sempre repetia o mesmo padrão do que foi a primeira Praia da Estação, a segunda, a terceira. E foi muito massa no sentido de que muitas pessoas se encontraram. (E19. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 27 set. 2019)

Esse enfrentamento entre o novo estilo proposto e o modelo tradicional de protesto destacado no trecho não se deu apenas de forma unilateral como mencionado pelo participante, mas surgiu da inquietação entre os próprios participantes. No dia 27 de março, alguns membros do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) participaram da Praia da Estação com bandeiras, carro de som e autofalante. A manifestação foi tratada com rechaço por diversos participantes e gerou uma crítica à natureza do protesto e supostas tentativas de cooptação da ação. Um dos próprios integrantes do partido que esteve no carro de som se expressa no fórum com uma postagem chamada “Uma Crítica para a Crítica”, em que ele defende que a disputa por liberdade e democracia no espaço público também inclui a representação partidária⁶³.

Essa mesma crítica é reproduzida no weblog “Praça Livre BH”, gerando 22 comentários. No espaço de comentários a disputa de sentidos similar à da primeira organização da Praia da Estação se faz presente, com postagens de pseudônimos como “Omar Motta” e “Luttier Blisset” defendendo o potencial do uso do espaço público contra a ideia de

⁶³ Vide: https://groups.google.com/forum/?hl=pt-BR#!topic/pracalivre_bh/jiBuxlbe48c. Acesso em: 3 de novembro de 2019.

cooptação por outros movimentos que esvaziariam esse potencial. No comentário assinado como “Cidadão Comum”, tem-se:

A Praia tem um potencial lírico, criativo, subversivo, que vai muito além de circunstâncias momentâneas de contexto político. O sentido que um ajuntamento de gente assim toma para si é muito mais poderoso como política de vida, uma coisa mais (muito mais!) universal. Daqui a pouco o decreto cai, e aí? Morreu a praia?⁶⁴

Paralelamente, outra usuária, “Patricia”, comenta:

E olha, to cansada de ir à praia e ver que o povo só vai lá pra tomar banho e fazer festa... Ainda por cima tem um bando de machista que vai só pra ver mulher de biquíni... Tem mineiro que é besta mesmo... Não sou de nenhum partido, mas se for pra escolher entre pessoas conscientes e um bando de maluco universitário da classe media, prefiro a galera do partido... Nada a ver em galera... Praia Livre que nada...⁶⁵

A disputa dos divulgadores do novo estilo que busca se instituir gira em torno da “pureza” da ação e da rejeição de cooptar essa ação por partidos políticos organizados.

A realização das Praias da Estação adentra o período de carnaval, encontrando-se com um movimento que já estava acontecendo em 2009 de novos blocos de rua com uma proposta de ocupação da cidade. No dia 8 de fevereiro de 2010, surge em postagem no grupo de e-mails com a sugestão de um bloco de carnaval na Praia da Estação. Além dos blocos Tico Tico Serra Copo, Peixoto e Approach, surgem novos blocos como Mamá na Vaca, Tetê a Santa e Filhos de Tcha Tcha. Esse encontro da Praia da Estação com os blocos de carnaval não implica a coincidência entre as ações. Segundo E22, que participou da criação do Bloco Tico Tico Serra Copo e das primeiras Praias da Estação, os participantes viam os movimentos como independentes, apesar de integrantes desses blocos estarem também implicados na organização das Praias⁶⁶.

O ensaio dos blocos de carnaval de rua é “abrigado” pelo espaço de contrauso da Praia da Estação. Sábado de carnaval, dia 13 de fevereiro de 2010, começa oficialmente uma programação com os novos blocos de rua, incluindo um Bloco da Praia que faz um trajeto da Praça da Estação até a Avenida Afonso Pena nº 1212, sede da Prefeitura Municipal, com banho de mangueira com o caminhão-pipa e lavagem das escadas da entrada. Nos dias seguintes, o Tico Tico e o Peixoto desfilam novamente:

⁶⁴ Cf. PRAÇA LIVRE BH. Uma crítica para a crítica. Postagem de 30/03/2010. Comentários. Disponível em: <https://pracalivrebh.wordpress.com/2010/03/30/uma-critica-para-a-critica>. Acesso em: 3 de novembro de 2019.

⁶⁵ *Idem*.

⁶⁶ E22. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 1 nov. 2019. Citação literal no Anexo I.

Figura 31 – Bloco da Praia da Estação em frente à Prefeitura Municipal de Belo Horizonte



Fonte: Fotografia de Flávia Mafra, 2010.

Ainda em fevereiro, é articulada a ideia de ampliar a ocupação do espaço público da Praça da Estação e do Viaduto Santa Tereza com um evento cultural de bandas e oficinas, chamado “Eventão de Qualquer Natureza”, para o primeiro final de semana de março. Sob a ideia de “Essa Onda Não Morre na Praia”, passou-se a articular, além dos debates nas quintas-feiras no grupo de e-mails e no blog Praça Livre, também em um grupo Wikispaces de publicação colaborativa, de modo a expandir o escopo de contribuições culturais⁶⁷. Tal evento pretendia ampliar o tempo de aproveitamento dos eventos, articulando Praia da Estação na manhã, oficinas à tarde e shows à noite. Ele também ampliou o espaço da ocupação, ligando a Praça da Estação ao espaço do Viaduto Santa Tereza e à Rua Aarão Reis, o Baixo Centro.

A divulgação e a promoção desses eventos ocorreram em um período anterior à transição de plataformas dos weblogs, Flickr e Youtube para a plataforma centralizadora do Facebook. Em um comentário⁶⁸ a respeito de divulgação digital, surge o desejo de se realizar um *streaming* de transmissão ao vivo da ocasião. Entretanto, a limitação de integração de plataformas faz com que participantes sugerissem postagens ao vivo no Twitter

⁶⁷ Ver chamada completa do evento no anexo I.

⁶⁸ Vide:

[https://groups.google.com/forum/#!searchin/pracalivre_bh/lap\\$20top%7Csort:date/pracalivre_bh/7tgAu93thDI/nYZwHmVcZMJ](https://groups.google.com/forum/#!searchin/pracalivre_bh/lap$20top%7Csort:date/pracalivre_bh/7tgAu93thDI/nYZwHmVcZMJ).

acompanhadas de transmissão no Skype e uso de um laptop com modem adaptado. Exemplo este que remete à construção de espaços híbridos (DE SOUZA E SILVA, 2006; 2017).

A articulação nas reuniões presenciais e na continuidade dos debates no Fórum Praça Livre BH ajudou a organizar “vaquinhas” e venda de produtos para criar a verba do Primeiro Eventão de Qualquer Natureza. Para arrecadar a quantia, foram criados adesivos e bolsas térmicas com artes das participantes da organização. As imagens elaboradas no material promocional, na concepção desta análise, traduzem a tentativa de expressão de um estilo emergente, surgido da sobreposição dos estilos de coletivos libertários e artísticos e utilizando a ideia da referência praiana com a mensagem de ocupação do espaço público, assim como a figura do Mártir da Independência com trajes de banho.

Figura 32 – Estátua do “Monumento à Terra Mineira”, símbolo da Praça da Estação, estilizada como banhista com o slogan “Ocupe a Cidade”



Fonte: Página do blog Praça Livre BH⁶⁹.

Ao final, os participantes seguem em procissão pela Avenida dos Andradas com faixas de protesto aludindo à ocupação do espaço público, com o termo derivado do anarquismo “okupa” em conexão com a ocupação dos imóveis abandonados, os *squats*.

⁶⁹ Disponível em: <https://pracalivrebh.wordpress.com>. Acesso em: 9 de novembro de 2019.

Figura 33 – Caminhada na Andradas durante Evento de Qualquer Natureza



Fonte: Postagem do usuário Tomás Bodolay no Flickr, 2010⁷⁰.

No dia 18 de março, a Fundação Municipal de Cultura anuncia a reabertura do Teatro Francisco Nunes somente em 2011 e a intenção de cancelar o Festival Internacional de Teatro de Belo Horizonte, o FIT-BH. No sábado do dia 27 de março, Dia Mundial do Teatro, artistas ligados ao Movimento Nova Cena de Teatro organizaram na Praia da Estação a “Praia do Teatro” em protesto ao cancelamento do FIT-BH. A Prefeitura recua em relação ao cancelamento e o festival é realizado entre os dias 5 a 15 de agosto de 2010⁷¹. No dia 24 de março de 2010, ocorre uma audiência pública com presença do participante da Praia da Estação Rafael Barros. A audiência foi convocada pelo vereador Arnaldo Godoy com a presença da então presidenta da Fundação Municipal de Cultura, Tais Pimentel; o Secretário de Administração da Região Centro-Sul, Fernando Cabral; e o Diretor-Presidente da Belotur, Júlio Pires, tendo Maria Elisa Baptista como representante da Praia da Estação e Antônio Nicaço como convidado e analista jurídico do decreto⁷².

No dia 5 de maio de 2010, quarta-feira, o Diário Oficial publica a anulação do decreto que proibia eventos na Praça da Estação, e acrescenta novo decreto que prevê cobranças proporcionais a eventos realizados no espaço, com uma taxa mínima de R\$ 9 mil reais. Na

⁷⁰ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/bodolay/4417065171/in/album-72157623455833209/>. Acesso em: 9 de novembro de 2019.

⁷¹ Cf. MOVIMENTO NOVA CENA. FIT/BH – contra o cancelamento e acompanhamento do festival. Postagem de 31/12/2010. Disponível em: <https://movimentonovacena.wordpress.com/2010/12/31/fitbh-contra-o-cancelamento-e-acompanhamento-do-festival-marago2010/>. Acesso em: 9 de novembro de 2019.

⁷² Cf. Praia da Estação – Audiência pública sobre a Praça da Estação – VÍDEO PROTESTO. Disponível em: <https://youtu.be/VQo5bdPk-cw>. Acesso em: 3 de dezembro de 2019.

mesma semana são instaladas barricadas em torno da Praça em função da transmissão ao vivo de jogos da Copa do Mundo⁷³. No final de semana em que as barricadas da praça são instaladas, ocorre, entre os dias 8 e 9 de maio, o Segundo Eventão de Qualquer Natureza, entre os espaços da Praça da Estação, Baixo Centro e Viaduto Santa Tereza e, paralelamente às organizações da Praia da Estação, acontece o evento Marcha da Maconha em Belo Horizonte. No período de maio, as Praias da Estação começam a cessar e, com isso, novas tentativas de ocupação da cidade são praticadas, como um evento com cerca de 40 pessoas nos vagões do metrô, chamado “Que Trem é Esse”, no dia 24 de setembro. As Praias da Estação começam a ser convocadas novamente a partir de dezembro de 2010.

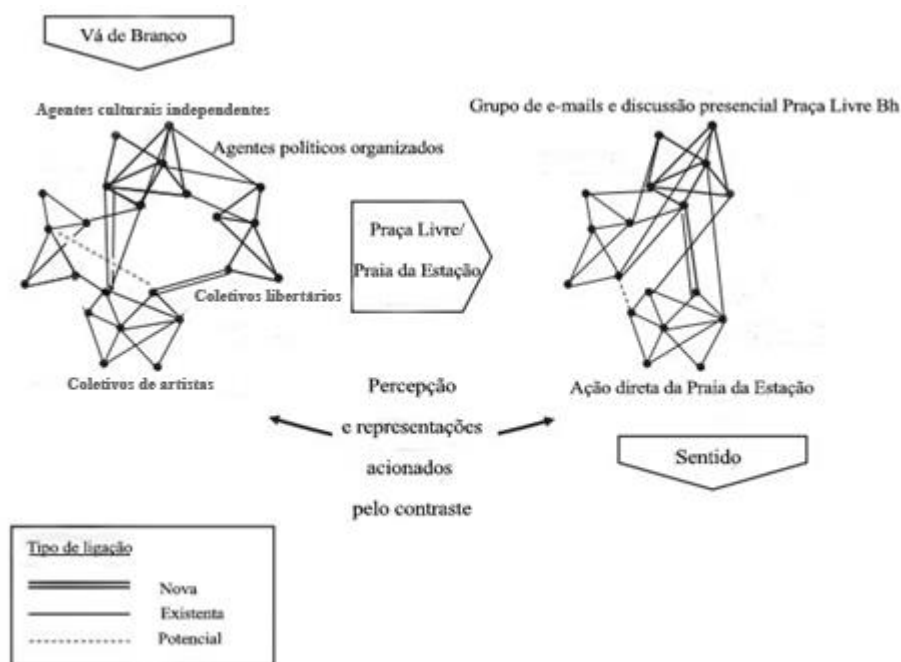
O primeiro ano da ação pontual a respeito da Praia da Estação criou naquele espaço público da Praça Revitalizada um novo estilo. A definição do estilo também é apontada por Albuquerque (2013) dentro de uma perspectiva de Bruno Latour no comentário⁷⁴ “mote praiano ‘Ocupe a Cidade’”. O “mote praiano” é interpretado da perspectiva do trabalho (WHITE, 2008; GODART; WHITE, 2010; MOHR; WHITE, 2008), como uma resultante da sobreposição de outros estilos e que gerou “um novo pacote de valores com perfil de performances em um mundo social” (MOHR; WHITE, 2008, p. 29). Compreendo que o primeiro ano da Praia da Estação constituiu um domínio de rede (*netdom*) em que os participantes buscaram alicerces (*footings*) para encontrar uma linguagem nativa comum que criasse um sentido médio comum à ação conjunta de protesto. A Praia da Estação representou um caso de “contrauso planejado” do espaço público na forma de um protesto durante três meses de crescimento de participantes no fórum e frequentadores dos eventos e o que começou com um protesto emergiu enquanto novo estilo para uso daquele espaço.

Entendo, aqui, que as principais redes no início favorecem a atração dos laços entre as lideranças artísticas e culturais da cidade naquele primeiro momento, com redes muito mais amplas e estabelecidas. Ao considerar-se a esquematização de Godart e White (2010) e repensar-se esse esquema para a questão das Primeiras Praias da Estação, pode-se imaginar um modelo dessa forma:

⁷³ Cf. PRAÇA LIVRE BH. Eu alugo BH radicalmente. Postagem de 20/05/2010. Disponível em: <https://prcalivrebh.wordpress.com/2010/05/20/972/>. Acesso em: 15 de novembro de 2019.

⁷⁴ Vide: https://groups.google.com/forum/#!topic/prcalivre_bh/wV8aoyoccs4.

Figura 34 – Suposição do Domínio de Rede (*netdom*) formado pela Praia da Estação



Fonte: Elaborado pelo autor com base em GODART; WHITE, 2010.

O esquema em tela é o de como se instaurou um estilo novo a partir do contrauso da Praia da Estação. Não representa o único estilo de apropriação do espaço público naquele próprio ambiente, como o Duelo de MC's, que continua acontecendo no espaço e manteve amplo diálogo e incentivo às ações da Praia da Estação⁷⁵. O fato de a Praia da Estação ser esse contrauso planejado permite ver a formação de seu estilo a partir dos rastros materializados dos debates (VENTURINI et al., 2018). Um novo domínio de rede se estabelece entre aquelas identidades, que evolue tanto a perspectiva do face a face, debate digital, produção de sentidos com imagens, rituais e expressões comuns que surgem no encontro pessoal e se propagam, se remixam e se reproduzem nos debates de e-mails, nas imagens e nas postagens. Ainda que de grande alcance, a Praia da Estação ainda representa um microcosmo de participação e contrausos da cidade, com eventos atraindo algumas centenas de participantes ou “banhistas” de uma parcela da juventude e jovens adultos de Belo Horizonte.

Como apontado pelo comentário do Entrevistado E19, é um estilo que de alguma forma remete à primeira experiência da Praia da Estação e passa a cristalizar-se em sentidos de festa, praia, música, caminhão-pipa e território da Praia da Estação. Participantes da Praia da Estação também passam a valorizar o entorno do Baixo Centro, na Rua Araão Reis, como

⁷⁵ O organizador da Praia da Estação identificado como PDR menciona a importância do evento e a troca de expertise do Duelo com os demais organizadores em relação a eventos no espaço público. Cf. CESÁRIO, L. L. Debaixo do viaduto tem um Duelo de MC's. *Revista Marimondo*, v. 01, 2011.

o Espaço do Grupo de Teatro Epanca!, que passa a figurar nessa Rua a partir dos processos da Praia da Estação do Bar Nelson Bordello, inaugurado no Baixo Centro no período das primeiras Praias da Estação. Esses dois lugares assumem uma importância não apenas simbólica, mas também estratégica para diversas ações que acontecem nas Praias da Estação, do carnaval de rua e dos movimentos sociais que acontecerão no decorrer dos anos de 2010.

Em torno da construção conceitual aqui trabalhada, o domínio de rede formado por identidades desenvolve o sentido do espaço público de forma relacional, com sentidos combinados a partir do uso que essas identidades fazem desse espaço e se relacionam com recortes de regras, leis e limitações de caráter social já cristalizado nas identidades a respeito desses espaços. O sentido que se encontra mais fortemente da Praia da Estação, como mostrado, é o do cerceamento do poder público e de um novo estilo de ocupação em forma de festa e lazer praiano, em uma praça pública no espaço público revitalizado.

4.2. AS PRAIAS DA ESTAÇÃO DE 2011 e 2012

No dia 22 de janeiro de 2011, é convocado o Terceiro Eventão de Qualquer Natureza para comemorar um ano de Praia da Estação. Nesse evento, com os blocos de carnaval já articulados, acontece o primeiro ensaio, tendo a Praia da Estação como um ponto de convergência e marcação para o início das festividades do carnaval de rua. No Eventão também acontece uma procissão dos participantes com uma peça de plástico azul inspirada na obra “Divisor”, da artista plástica Lygia Pape⁷⁶. Segundo a entrevistada E18⁷⁷, isso se deu porque a obra estava sendo oferecida para uso no Palácio das Artes, mas já estava reservada. Os participantes compram tecido e simulam a procissão e, segundo a entrevistada, a imagem gerada por esse ato foi umas das inspirações para a ação “Ocupe Estelita” em Recife⁷⁸.

⁷⁶ Vide: <http://sfaq.us/2015/03/a-journal-of-the-plague-year/>. Acesso em: 14 de dezembro de 2019.

⁷⁷ E18. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 19 dez. 2019. Citação literal no Anexo I.

⁷⁸ A Entrevistada se refere ao Movimento Ocupe Estelita, articulação realizada após o início das obras do consórcio Novo Recife, que comprou a área da antiga Rede Rodoviária Federal em 2008 para a construção de 12 torres residenciais de luxo. Ao se iniciarem as obras no Cais José Estelita, em abril de 2012, manifestantes ocuparam o terreno, dando início a um movimento de direito à cidade e contra a privatização de espaços públicos com forte presença nas redes sociais digitais e com representação intensa da juventude e dos movimentos culturais da cidade (CARDOSO; DO NASCIMENTO, 2018).

Figura 35 – 3º Evento da Praia da Estação imitando a obra “Divisor”



Foto: Postagem da usuária Flora Rajão no Flickr, 2011⁷⁹.

No dia 26 de janeiro surge a página “Carnaval de Rua BH” no Facebook, que agrega informações, imagens e vídeos do carnaval da cidade e também convoca as Praias da Estação. Entre os dias 5 e 9 de março de 2011, acontece o carnaval, já com programação a ser divulgada pelas redes de artistas e músicos. No ano de 2011, há conflitos entre o carnaval de rua de Belo Horizonte, a polícia militar e os fiscais da Prefeitura de Belo Horizonte na Praça Floriano Peixoto, com ameaça de multa e prisão e também com uma ação no Ministério Público contra os blocos motivado por comerciantes das imediações da região do Santa Tereza. Durante esse carnaval, a dona do Bar Brasil 41 teve que assinar uma notificação “por perturbar a ordem pública” ao receber os blocos de carnaval⁸⁰. Há uma relação de estranhamento com o movimento do carnaval de blocos de rua itinerantes de Belo Horizonte, como indica a entrevistada E13 com o caso de um comerciante que organizou um abaixo-assinado para não ter carnaval no bairro e processou um bloco. Membros articulados nas redes dos primeiros blocos de carnaval de rua e da Praia da Estação tiveram que depor. Segundo a

⁷⁹ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/floratografia/5383063764/in/album-72157625767045733/>. Acesso em: 14 de dezembro de 2019.

⁸⁰ Vide: <https://www.youtube.com/watch?v=i2bjAv4CwiI>. Acesso em: 14 de dezembro de 2019.

entrevistada, a percepção do entorno comercial sobre esse carnaval mudou gradativamente durante os anos⁸¹.

Na concepção das pessoas envolvidas com a Praia da Estação, é preciso ampliar a ideia de Praia da Estação para além do ritual de repetição da primeira delas, de janeiro de 2010. Além do “Que Trem é Esse?”, no metrô de Belo Horizonte em 2010, há uma tentativa de realização da ação Praia da Estação na Praça do Cardoso, no Aglomerado da Serra, no dia 12 de março de 2011. O evento foi realizado em protesto contra a polícia pela morte de Jefferson, de 19 anos e Renílson, de 39, moradores da região, no dia 19 de fevereiro de 2011⁸². No dia 29 de maio de 2011, há outra tentativa de realizar uma Praia fora da Estação, na Praça Rio Branco, em frente à Rodoviária de Belo Horizonte. O fato de a Praça da Estação se cristalizar como um estilo em torno da região entre a Praça da Estação, a Rua Araújo Reis e o Viaduto Santa Tereza é percebido pelo entrevistado e visto como algo tanto positivo, naquilo que realiza naquele espaço, quanto negativo, no sentido de descentralizar a Praia.

Meu problema em relação à Praia da Estação foi que eu acho que a gente tem um pouco uma história mais ou menos oficial do qual eu notei, que um amigo meu diz que a gente [grupos libertários] “perdeu de w.o.”, a galera mais radicalizada, autonomista, anarquista que encarava a Praia como uma possibilidade de ocupar a cidade inteira, e tinha um pouco essa pretensão “Isso aqui é um modo que pode ser “espraiado” pra outros lugares”. E a gente notava que tudo que não era a Praia na Praça da Estação não encontrava eco. O pessoal tentou fazer uma Praia no Aglomerado da Serra. A gente fez uma que foi um dos maiores fracassos da minha atuação que foi na Praça Rio Branco. Uma galera tentou fazer eventos no metrô. Foi ficando difícil sair desse formato, aos sábados, aquele momento onde chega o caminhão e a galera grita “Ei polícia, a Praia é uma delícia”. Um certo ritual que pra mim achava interessante, mas eu vejo que tava muito centrado não numa cultura de ocupação, mas num evento de ocupação. Nada proíbe que no seu sábado de manhã você vá tomar banho de sol na Praça da Estação. Mas por que diabos aparentemente as pessoas ficam esperando que seja chamado por determinadas pessoas em determinadas redes sociais. Isso pra mim é um problema porque não cria uma cotidianidade da ocupação. E19. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 27 set. 2019)

Esse depoimento aponta para como esse estilo da Praia da Estação acabou fortemente atrelado a um contrauso (LEITE 2001; 2002) específico do espaço público revitalizado da Praça da Estação. Ao mesmo tempo em que esse estilo se associa ao espaço público, participantes da ação ligados à cultura se articulam politicamente. Em 18 de maio de 2011, é regulamentada a Lei nº 9577/08, que cria o Conselho Municipal de Cultura com seis membros

⁸¹ E13. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 11 nov. 2019. Citação literal no a Anexo I.

⁸² Cf. G1. MP vai acompanhar investigações sobre mortes na Serra, em BH. Notícia publicada em: 21/02/2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2011/02/mp-vai-acompanhar-investigacoes-sobre-mortes-na-serra-em-bh.html>. Acesso em: 15 de dezembro de 2019.

representantes do setor cultural e nove membros representantes de regionais. Como apontam os entrevistados, “a pauta cultural e a dinâmica cultural muito fortes também se colocam mais forte ainda, aí ganha destaque o movimento pela criação do Conselho Municipal de Cultura que a gente conquista também do encontro de pessoas que se deu ali na Praia da Estação⁸³”.

No dia 2 de julho de 2011, articula-se uma reunião de um movimento organizado para dialogar com movimentos contrários ao governo Márcio Lacerda e aglutinar esses grupos de oposição em um movimento comum, que se autointitulou “Fora Lacerda”. No dia 24 de setembro, ocorre uma Praia da Estação conjuntamente com a Marcha do Fora Lacerda. Essa movimentação não mais rejeita radicalmente a presença de bandeiras, partidos políticos e movimentos sociais organizados, tendo também diversos movimentos sociais como sindicatos, Associação da Feira Hippie (ASSEAP); Associação Moradores do Cruzeiro (AMOREIRO), Moradores da Rua Musas, SindRede BH, SindUTE; Associação de Moradores do bairro Planalto e Sindicato dos Guardas Municipais de MG.

Entrevistados indicam o Fora Lacerda, no ano de 2011, como a principal força de oposição ao candidato Márcio Lacerda, uma vez que ele era apoiado tanto pelo PT quanto pelo PSDB nas eleições municipais. O Fora Lacerda foi mobilizado como evento de Facebook por três estudantes de comunicação social, segundo a entrevistada E20. Ela aponta que o Fora Lacerda não era totalmente conectado à Praia da Estação, porém, dentro da concepção de muitos participantes, principalmente da vertente anarquista, representava uma clara cooptação, enquanto que, para outros participantes, trata-se um desdobramento natural, já que a manifestação foi pontual contra um decreto do Governo Municipal⁸⁴.

No dia 28 de setembro de 2011, são publicados o Decreto nº 14.589, dispendo sobre manifestações artísticas e culturais de artistas em parcas, vias e logradouros, independentes de licenciamento ou autorização, e a Lei Ordinária nº 10.277, de autoria do Vereador Arnaldo Godoy, que dispõe sobre realização de atividades artísticas e culturais em praça pública. Segundo a lei, que teve três artigos vetados referentes à autorização, a realização de atividades artísticas e culturais em praça pública do Município independerá de prévia comunicação ou autorização de órgão público municipal desde que observados, cumulativamente, os seguintes requisitos: I – não haja utilização de som mecânico ou montagem de palco; II – a atividade tenha encerramento até as 22h; III – a concentração de artistas e de público no local da

⁸³ E21. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 7 nov. 2019. Citação literal no Anexo I.

⁸⁴ E20. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 28 out. 2019. Citação literal no Anexo I.

atividade não obstrua a circulação de pedestres ou veículos⁸⁵. Essas mudanças são vistas como resultado das mobilizações da Praia da Estação, mas tidas ainda como limitadas em termos de o que se define por “evento de pequeno porte” e eventos que vão além das 22h, como apresenta manifestação dos membros do Fora Lacerda⁸⁶.

Em abril de 2011, a Ocupação Dandara recebe novamente a ameaça de despejo para reintegração de posse, a ser cumprida ainda em 2011. No decorrer desse ano, as Brigadas Populares mobilizam os apoiadores da comunidade para solidariedade e apoio da Ocupação. O processo atravessa a rede do Fora Lacerda e da Praia da Estação. Em 16 de outubro de 2011, ocorre um abraço coletivo à Ocupação. No dia 2 de novembro de 2011, há um mutirão em solidariedade à Dandara. Quatro dias depois, no dia 6 de novembro, a banda Graveola ligada ao Outro Rock e fortemente conectada à rede organizadora das primeiras Praias da Estação lança o disco “Eu Preciso de um Liquidificador” em um show organizado dentro da Ocupação Dandara, com ônibus gratuitos para acesso saindo da Praça da Estação. Esse evento marca um momento impactante da percepção da ideia de ocupação urbana e sobre o sentido de se ocupar a cidade, tanto por parte dos setores culturais que mobilizavam os shows e a Praia da Estação quanto pelos movimentos tradicionais de luta pela moradia.

O show de lançamento do cd do Graveola no Dandara eu acho que foi um dos grandes marcos do processo nesse período. A inflexão que o show de lançamento do Graveola colocou foi uma aproximação da dimensão cultural e festiva do processo de luta das ocupações ou da luta mais tradicional, que depois no carnaval foi se ampliando. O show do Graveola foi em novembro de 2011. Em setembro de 2011 foi quando as ocupações do MLB por exemplo, do Eliana Silva chegou com o Movimento Fora Lacerda e conseguiu estabelecer uma relação, uma aproximação muito forte. E aí várias outras coisas se sucederam, O processo do carnaval foi muito forte em relação a isso. As nossas circulações nas movimentações urbanas, na Rosa Leão, Izidora, Eliana Silva. O processo de resistência do Resiste Izidora, da possibilidade de despejo. A gente foi pra lá dormir lá, acampar lá, fazer festival lá, fazer show lá, fazer carnaval lá. A Dandara mesmo depois do show do Graveola foram várias intervenções, vários shows, várias festas, festa junina, festa de aniversário. E aí com circuito de bandas, de apresentações dessa cena também, que era uma forma de ocupar e de dar visibilidade. De colocar a luta das ocupações na mídia sem ser na página policial, sem ser veiculada ao crime. Eu acho que esse repertório que se elaborou em Belo Horizonte, dessa junção dessas lutas sociais, sobremaneira das lutas de ocupação com a área artística e cultural elas foram responsáveis pela resistência desses espaços. (E21. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 10 dez. 2019)

⁸⁵ Cf. BELO HORIZONTE. Lei Ordinária nº 12.277, de 27 de setembro de 2011. Dispõe sobre realização de atividades artísticas e culturais em praça pública do município e dá outras providências. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/mg/b/belo-horizonte/lei-ordinaria/2011/1027/10277/lei-ordinaria-n-10277-2011-dispoe-sobre-realizacao-de-atividades-artisticas-e-culturais-em-praca-publica-do-municipio-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 17 de dezembro de 2019.

⁸⁶ Cf. FORA LACERDA NEWS – crônicas culturais II:: Lei da Praça Livre. Postagem no Facebook de 29/09/2011. Disponível em: https://www.facebook.com/notes/201693426566620/?_tn=H-R. Acesso em: 17 de dezembro de 2019.

Segundo a Entrevistada 2, que participou dos processos das Brigadas Populares⁸⁷, a figura do apoiador de classe-média altamente escolarizado é importante para “confundir a cabeça do Estado” no sentido do tratamento menos truculento e mais calculado que ele dará àquela ação, pois

A eficácia das ações conjuntas foi o que determinou um pouco a continuidade e o aprofundamento dessa confluência. Isso fez com que alguns setores de um pensamento um pouco mais marxista e rançoso, não que o marxismo seja rançoso, ele na verdade é dialético, mas aquelas pessoas um pouco mais duras perdiam no debate porque a ação se mostrava eficaz⁸⁸.

Também é apontada nos depoimentos a ação de advogado ligado às Brigadas Populares, que atuou apresentando alvará contra ação judicial da Promotoria de Urbanismo do Ministério Público, que alegava que o evento estava desconforme com as normas de segurança em espaço público, ação que colocava em cheque a legitimidade de posse particular das famílias do terreno e uma percepção do Estado de que aquele espaço permanecia como um terreno público.

Figura 36 – Show do Graveola na Ocupação Dandara



Fonte: Página do Facebook da banda Gravola, 2011⁸⁹.

⁸⁷ Para maiores informações sobre as Brigadas Populares, ver: BITTENCOURT, R. R. Cidadania autoconstruída: o ciclo de lutas sociais das ocupações urbanas na RMBH (2006-15) 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura Belo Horizonte, 241 p. 2016.

⁸⁸ E2. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 18 dez. 2019. Citação literal no Anexo I.

⁸⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/gravola/photos/a.269529956418245/270167173021190/?type=3>. Acesso em: 16 de dezembro de 2019.

O Fora Lacerda estreita os laços entre as classes artísticas, para além dos comerciantes da Feira Hippie, dos professores estaduais, que permaneceram em greve entre os dias 8 de junho de 2011 e 27 de setembro⁹⁰, e das Ocupações Urbanas para alcançar a população em situação de rua. A entrevistada E17 comenta sobre a criação do coletivo artístico “Paisagens Poéticas” de pessoas da classe teatral implicadas no processo das Praias da Estação e do Fora Lacerda. Esse coletivo realizou trabalhos com a população de rua LGBTQI em uma performance chamada “Gangue das Bonecas”. Foi criado um weblog como diário desse movimento. Um dos integrantes do grupo era o artista Luiz Estrela⁹¹.

Figura 37 – Performance da Gangue das Bonecas



Fonte: Postagem do usuário Paisagens Poéticas no Flickr, 2011⁹².

No dia 20 de dezembro, é convocada pela rede de e-mails Praça Livre BH uma ocupação das galerias da Câmara Municipal de Belo Horizonte contra o aumento de 61,8% salários dos vereadores e criação de 12 cargos comissionados, bem como criada a página no Facebook “Ocupe Câmara”⁹³. No dia 12 de dezembro ocorre a Segunda Marcha Fora Lacerda e, no início de 2012, são articuladas novamente as Praias da Estação, adentrando o ano eleitoral em bastante sintonia com o Movimento Fora Lacerda.

⁹⁰ Cf. PTMG. Greve dos professores mineiros faz 1 ano; relembre e confira o que ocorreu de lá para cá. Postagem de 11/06/2012. Disponível em: <http://www.ptmg.org.br/greve-dos-professores-mineiros-faz-1-ano-relembre-e-confira-o-que-ocorreu-de-la-para-ca/#.XiY0YWhKjIU>. Acesso em: 16 de dezembro de 2019.

⁹¹ E17. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 18 dez. 2019. Citação literal no Anexo I.

⁹² Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/50831626@N05/6957448893/in/album-72157629157522648/>. Acesso em: 16 de dezembro de 2019.

⁹³ Vide página do Facebook intitulada “Ocupe Câmara”, disponível em: <https://www.facebook.com/ocupeacamara/>. Acesso em: 30 de novembro de 2019.

Durante o ano de 2012, acontecem outras Praias da Estação fora do tradicional modelo de janeiro, como a Praia de Iemanjá, em homenagem ao Orixá em seu dia, dois de fevereiro, e a Praia do Trabalhador, no dia 1º de maio. Segundo o entrevistado E21, uma vez que a ideia do protesto Praia da Estação ainda está muito forte no imaginário, ele vira um significante para ativação de protestos em outras praças e outros eventos na Praça da Estação⁹⁴. A Praia de Iemanjá traz um elemento de religiosidade para a festa de protesto e uma praia da Estação que segue até à noite e se torna ritualizado todos os anos a partir de 2012 (GONZAGA, 2017). Dois dias após a Praia da Iemanjá, uma semana durante o ensaio de carnaval na Praia da Estação e durante um evento que combinava uma volta de bicicletas com nudismo, a “Bicipelada”, ocorre um conflito policial direto com os banhistas e duas prisões. Segundo a entrevistada E18, o participante foi preso ao tirar a roupa como reação a outro ciclista participando da Bicipelada sendo detido, para que ele não fosse preso sozinho. Esse foi o primeiro caso de apreensão policial desde o início das ações da Praia da Estação em 2010⁹⁵:

Figura 38 – Prisão na Praia da Estação do dia 4 de fevereiro de 2011



Fonte: Postagem do usuário Pedro Rennó no Facebook, 2012⁹⁶.

⁹⁴ E21. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 10 dez. 2019. Citação literal no Anexo I.

⁹⁵ E18. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 19 dez.2019. Citação literal no Anexo I.

⁹⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=376304072386831&set=a.164951270188780&type=3>. Acesso em: 30 de novembro de 2019.

A postagem de indignação com o ocorrido, com a imagem apresentando 495 curtidas e 274 compartilhamentos em 2012⁹⁷, apresenta uma nova dinâmica de hipermídia e comunicação digital da plataforma convergente e centralizadora do Facebook. Sua utilização tanto para protestos e indignações quanto para divulgação de festas e eventos como o carnaval de rua é localizada por entrevistados na passagem de 2011 para 2012, período em que muitos usuários aportam na plataforma e sua função de compartilhamento e marcação de fotos, além do compartilhamento em tempo real das postagens nos eventos⁹⁸⁹⁹.

No carnaval de 2012, também há uma mudança da postura da Prefeitura de Belo Horizonte em relação aos blocos do carnaval de rua. Considerando os blocos como eventos, e não como manifestação popular, começa naquele ano o cadastramento dos blocos de carnaval. Em 2009, havia três blocos de rua novos, criados a partir de motivações diversas por artistas da cena independente e estudantes universitários. Em 2010, com o advento da Praia da Estação, nascem mais três blocos. Em 2011, são cerca de 15 os blocos, e, em 2012, foram 48 blocos cadastrados e outros 22 sem cadastramento no carnaval de blocos de rua (DIAS, 2015). No segundo ano do Bloco da Praia da Estação, novamente seguindo até a Prefeitura de Belo Horizonte, os banhistas e foliões são dispersos pela tropa de choque da polícia militar¹⁰⁰ com bombas de efeito moral. Ao mesmo tempo em que há uma resistência quanto à cooptação por parte dos foliões e organizadores dos blocos, temendo a cooptação e em protesto à truculência num primeiro momento, também há uma percepção de mudança na própria forma como a cidade estava encarando a cidade e a festa. Houve, segundo entrevistados, uma resistência dos dois lados, o da Prefeitura, comerciantes e fiscais em aceitar o crescimento do carnaval de rua, e o dos foliões em se integrar, serem incorporados pela festa e a própria festa ser cooptada pela Prefeitura de Belo Horizonte.

O ano 2012 marca uma percepção de crescimento do carnaval de rua não apenas em termos de pessoal, técnica e equipamentos. A ampliação para além do núcleo em torno dos primeiros blocos da Praia da Estação e do entorno cultural da música independente é observada pelo entrevistado E9, envolvido com o bloco Então Brilha!, um dos maiores blocos da cidade em termos de público. E9 aponta para a criação de uma bateria aberta de carnaval, o que trouxe novas pessoas de fora do círculo já estabelecido dos blocos ensaiando em torno da

⁹⁷ Vide:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=376304072386831&set=a.164951270188780&type=3&theater>. Acesso em: 30 de novembro de 2019.

⁹⁸ E8. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 17 dez. 2019; E22. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 1 nov. 2019. Citação literal no Anexo I.

⁹⁹ E22. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 1 nov. 2019. Citação literal no Anexo I.

¹⁰⁰ Vide vídeo “Quem não gosta de samba – Repúdio dos Blocos de Rua do Carnaval de BH ao candidato Marcio”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i2bjAv4CwiI>. Acesso em: 16 de dezembro de 2019.

Praia da Estação¹⁰¹. O Entrevistado E22 aponta para iniciativas como a do Bloco Unidos do Samba do Queixinho de oficinas e ensino de técnica para aqueles que queriam participar dos blocos. A Praia da Estação também se torna um centro de concentração dos ensaios e das redes de amizade dos músicos e organizadores dos blocos de carnaval.

Também no carnaval de 2012, a produtora Cria Cultura lança o Concurso de Marchinhas do Mestre Jonas e o primeiro vencedor é “Na Coxinha da Madrasta”, do compositor Flávio Henrique, que satiriza a denúncia contra o vereador Léo Burguês de gastos irregulares de R\$ 62 mil na contratação de um buffet de propriedade de sua madrasta¹⁰². O tema da marchinha fez parte do repertório de críticas e memes das redes digitais do Fora Lacerda¹⁰³. O Movimento Fora Lacerda sai do território da Praça da Estação e do Viaduto Santa Tereza, realizando Praias da Estação na Praça Diogo de Vasconcelos, avenida principal da Savassi, na Zona Sul, promovendo um jornal criado pelo movimento, com 7.000 cópias distribuídas¹⁰⁴.

Em agosto acontece outra Praia na Savassi e a Terceira Marcha Fora Lacerda, com participação dos blocos de carnaval e com ato em solidariedade à Ocupação Eliana Silva. Na madrugada do dia 21 de abril de 2012, cerca de 350 pessoas organizadas pelo Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB) ocupam um terreno na região do Barreiro pertencente ao Complexo Industrial do Vale do Jatobá e o ocupam por apenas 20 dias, sendo despejados com aparato militar, incluindo o veículo Caveirão (BLOG ELIANA SILVA, 2012). Durante esse período é notório o apoio do rapper Emicida, que realiza um show com uma camisa do MLB e presta solidariedade à Ocupação, no dia 13 de maio, no Viaduto Santa Tereza, durante o Duelo de MC’s, tendo uma música a respeito de ocupações urbanas, “Dedo Na Ferida”. O rapper é preso por desacato à autoridade durante o show, após acusação de apologia à violência por parte dos policiais militares¹⁰⁵.

Segundo Bittencourt (2016) a segunda Ocupação Eliana Silva aplica novamente a expertise técnica paradigmática da Ocupação Dandara de planejamento técnico. A Terceira Grande Marcha Fora Lacerda é organizada tendo em suas pautas apoio à Ocupação.

¹⁰¹ E9. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 9 nov. 2019. Citação literal no Anexo I.

¹⁰² Cf. G1. Inspirada em denúncia, 'Na coxinha da madrasta' é hit no carnaval de BH. Notícia publicada em: 14/02/2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/carnaval/2012/noticia/2012/02/inspirada-em-denuncia-na-coxinha-da-madrasta-e-hit-no-carnaval-de-bh.html>. Acesso em: 16 de dezembro de 2019.

¹⁰³ Na página de Facebook do Movimento Fora Lacerda há diversos memes a respeito do caso da “coxinha da madrasta”.

¹⁰⁴ Jornal intitulado “Movimenta Especial”. Vide: <https://www.facebook.com/Mov.Foralacerda/posts/265919203511787>. Acesso em: 16 de dezembro de 2019.

¹⁰⁵ Cf. G1. Emicida é preso após show em Belo Horizonte neste domingo. Notícia publicada em: 13/05/2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/musica/noticia/2012/05/emocida-diz-no-twitter-que-foi-presos-em-belo-horizonte-neste-domingo.html>. Acesso em: 16 de dezembro de 2019.

O empenho de novos atores políticos do setor cultural de Baixo Centro e Viaduto Santa Tereza leva a Prefeitura de Belo Horizonte a anunciar, em dezembro de 2012, o programa “Corredor Cultural Estação das Artes”, posteriormente chamado “Corredor Cultural da Praça da Estação” nas primeiras reuniões públicas, em março de 2013, e subsequentemente “Zona Cultural da Praça da Estação” (BERQUÓ, 2015). A ideia do programa era utilizar o recém-criado “PAC das Cidades Históricas”, concebido pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) para promover reformas em equipamentos públicos dessa região¹⁰⁶. Houve uma imensa insatisfação na reunião aberta com as diretrizes do projeto, temendo pelo processo de gentrificação que uma ideia de cultura sem consulta da sociedade civil poderia ter:

Todo debate de constituição do corredor cultural da Praça da Estação, quando a Fundação Municipal de Cultura começou a sacar que tinha uma força política contestatória ali, tinha uma vida, uma efervescência acontecendo ali, eles começaram a pensar em uma estrutura institucional que dessa conta de amarrar aquele espaço. E foi quando a gente entreviu via Conselho de Cultura, fui conselheiro na época e a gente conseguiu emplacar o nome de Zona Cultural, tirou essa ideia de corredor. Ali você tinha uma constelação de espaços e pontos de referência. O Baixo do Santa Tereza, o Bordello, o Espanca, o Edifício Central que além de ser sede do Arena da Cultura as Brigadas Populares também tiveram sede ali algum tempo. As reuniões do Fora Lacerda, várias delas aconteceram ali no Edifício Central. Os bares ali do Edifício Central também acabaram virando lugares de referência, a Praia da Estação e o Centro Cultural da UFMG. Então era um circuito mesmo. Que inclusive alimentou ali várias coisas. Tinha a Funarte lá no fundo também que já existia, uma estrutura do Estado já conformada, mas que ali foi alimentando uma série de outras coisas. A rua Sapucaí por exemplo ela e resultado disso, a ocupação da rua Sapucaí, daquele espaço. (E21. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 7 nov. 2019)

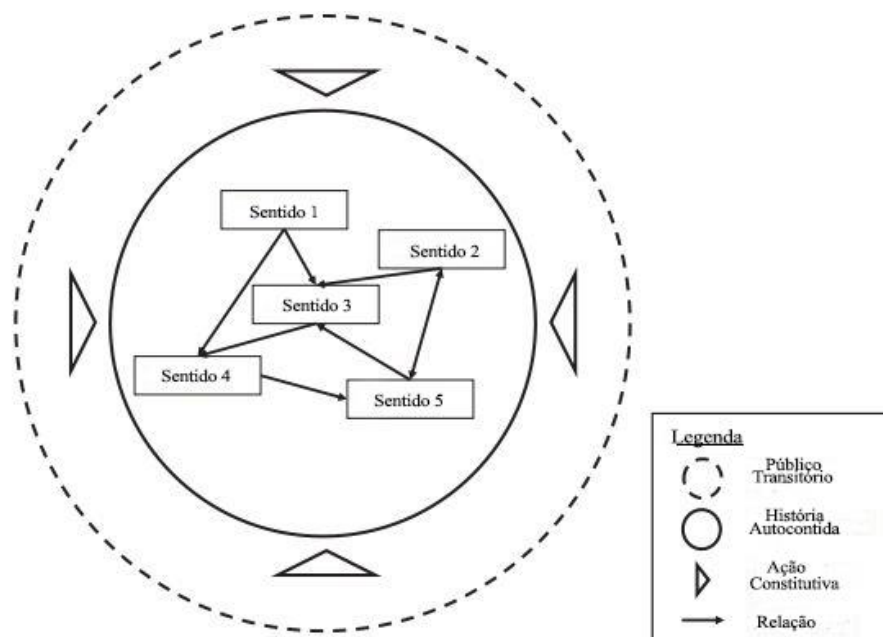
Apesar da movimentação, o candidato Márcio Lacerda vence as eleições municipais para prefeito no primeiro turno, no dia 7 de outubro de 2012, obtendo uma vantagem de 12% contra seu concorrente direto, Patrus Ananias, candidato lançado pelo PT em 2012 após o rompimento do apoio que o Partido dos Trabalhadores dava ao candidato do PSB. A vitória do candidato gera um enfraquecimento das ações do Fora Lacerda, mas não em relação ao formato estabelecido das Praias da Estação, que voltam a ser convocadas, via eventos de Facebook, a partir do verão.

Para Harrison White, os sentidos se fundem em histórias (WHITE, 2008; GODART; WHITE, 2010). Essas histórias não agregam simplesmente significados; elas os combinam em padrões de relações transponíveis, criando redes de significados a serem invocados em diferentes contextos. As histórias permitem a implantação de identidades e um maior controle

¹⁰⁶ Vide: <http://pub.indisciplinar.com/zona-cultural/>. Acesso em: 17 de dezembro de 2019.

por meio de redes atemporais de significados. Histórias são, enfim, um domínio de rede autocontido de sentidos constituídos no contexto de públicos transitórios (GODART; WHITE, 2010, p. 572-573).

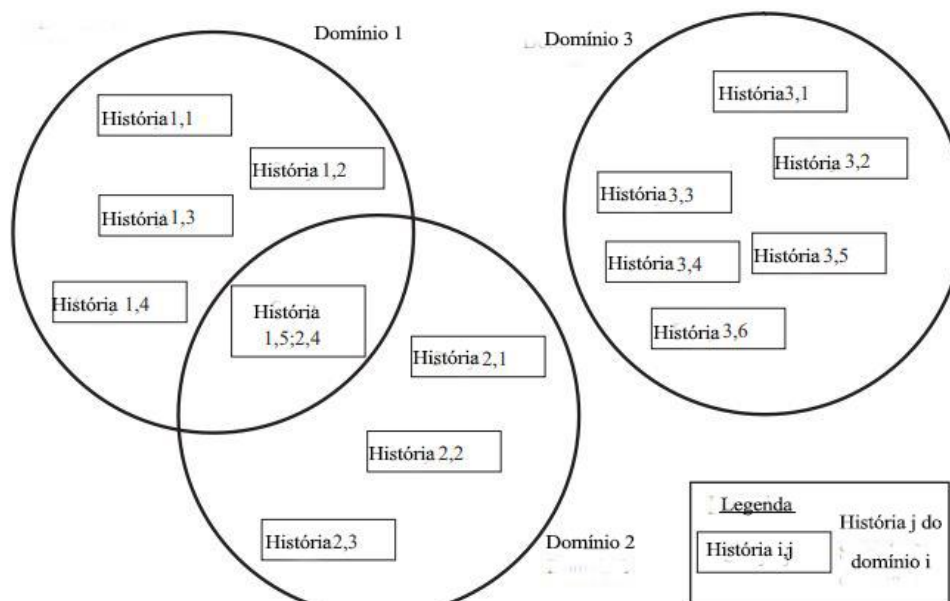
Figura 39 – História como um sentido autocontido de rede



Fonte: GODART; WHITE, 2010. Tradução do autor.

Como explanado, o domínio de rede da Praia da Estação criou, via rede de e-mails, encontros presenciais de organização, Eventos de Qualquer Natureza, blog Praça Livre BH e circulações de redes dos envolvidos, um novo estilo. Entendo aqui que esse estilo não-direcionado passa a constituir seus sentidos para ocupação lúdica dos espaços públicos, formas de agir e ocupar a rua no carnaval, formas de se pensar política cultural e uso de equipamentos públicos. Esses sentidos criam histórias que se espalham em outros domínios de rede, “contaminando” e sendo “contaminados” por eles.

Figura 40 – Conjunto de histórias entre domínios



Fonte: GODART; WHITE, 2010. Tradução do autor.

Em Godart e White (2010), histórias em isolamento tendem a desaparecer, por não conseguirem atingir uma perpetuação em rede. Há uma relação de dualidade entre os grupos e os indivíduos que pertencem a eles: a individualidade é definida dentro das associações de rede em grupos e os grupos são definidos pelas circulações de identidades contidas neles (BREIGER, 1974). Assim, o que fez o estilo emergente da Praia da Estação se consolidar foram o encontro e o engajamento de atores do debate político urbano e agentes do espaço cultural. Ao mesmo tempo, esse estilo que emerge com sucesso da Praia da Estação também define em alguma medida os seus participantes. O formato da reprodução de uma praia em uma cidade sem praia por uma pequena parcela universitária, de participantes do circuito cultural da cidade e pessoas ligadas a movimentos políticos e de vertentes libertárias com arrecadação coletiva para aluguel de caminhão-pipa inseriu um contrauso que se consolidou como uma história no espaço público revitalizado.

O Movimento Fora Lacerda e o carnaval de blocos de rua entre 2010 e 2012 são movimentos paralelos à Praia da Estação que coincidiram com alguns de seus integrantes em ambas ações. A “festa enquanto protesto”, a disputa de usos do espaço público, a forte ideia de despersonalização do Movimento Fora Lacerda e a relação de embate à gestão do então prefeito quanto aos usos do espaço público refletem a medida de influência do estilo em seus participantes, ao mesmo tempo em que a realização das Praias da Estação em apoio às

ocupações urbanas da cidade reflete a ampliação de sentido de disputa do espaço público que o Movimento Fora Lacerda e o encontro com as Brigadas Populares inserem na ação.

Se a ocupação do espaço público respondesse somente ao sentido original da Praça da Estação e do decreto do Prefeito Márcio Lacerda, é possível que o estilo da Praia da Estação, entendendo aqui o estilo como uma percepção sensível que gera novas histórias em torno dessa percepção de rede, ficasse no círculo apenas de seus criadores e em trajetórias pessoais. No entanto, o encontro promovido nos anos destacados permitiu uma sobrevida para além da rede inicial, tanto na política organizada, introduzindo novas táticas com elementos culturais de percepção das Ocupações Urbanas e população de rua, quanto no carnaval de rua, que começa a ser ampliado para além da rede dos primeiros blocos e dos músicos que os frequentavam.

A rede da Praia da Estação se expande para além das plataformas digitais da lista Praça Livre BH e do blog. Se, entre janeiro e março de 2010, o blog gerou exatamente 1000 respostas para as postagens, entre 2011 e 2012 apenas quatro e-mails receberam *feedback*: um em 21 de junho de 2011, sobre um evento no Facebook “Marcha pela Liberdade”¹⁰⁷; outro em 8 de setembro de 2011, sobre uma palestra que Márcio Lacerda em Nova York sobre dados abertos e conversa sobre o Fora Lacerda¹⁰⁸; uma postagem em 16 de novembro sobre um debate de espaço urbano no Pátio Savassi, com inscrição do pseudônimo coletivo Luther Blisset¹⁰⁹; e em 14 de setembro de 2012, com um debate sobre o fato de o então candidato a Prefeito de Belo Horizonte Patrus Ananias ter usado imagens da Praia da Estação em sua campanha eleitoral e membros da organização da ação terem aparecido na propaganda eleitoral – um debate novamente sobre os sentidos e cooptação da Praia da Estação, mas com menos embates sobre a identidade e os “donos” da Praia da Estação¹¹⁰.

Esse último exemplo mostra a disputa ainda aberta pela “pureza” do estilo da ação Praia da Estação e sua delimitação. Por um lado, a crítica é em torno da apropriação político-partidária dos sentidos da Praia da Estação, como no seguinte comentário do usuário “Paulo”:

Sinceramente, isso para mim não faz parte do significado... alias, é a antítese de "a praia é de todos" se a apropriação do discurso é feita por poucos e principalmente contra algo que era um topos comum: não partidarismo. Resta saber se isso é visto

¹⁰⁷ Vide: https://groups.google.com/forum/#!topic/pracalivre_bh/e-VEfxjlwMU.

¹⁰⁸ Vide: https://groups.google.com/forum/#!topic/pracalivre_bh/dIYWmsi1o8Y.

¹⁰⁹ Vide: https://groups.google.com/forum/#!topic/pracalivre_bh/DwkYxW3BcDM.

¹¹⁰ Vide:

[https://groups.google.com/forum/#!searchin/pracalivre_bh/propaganda\\$20po1%C3%ADtica%7Csort:date/pracalivre_bh/sC-WMtrQ2hQ/HPZGqQi22McJ](https://groups.google.com/forum/#!searchin/pracalivre_bh/propaganda$20po1%C3%ADtica%7Csort:date/pracalivre_bh/sC-WMtrQ2hQ/HPZGqQi22McJ).

como um mal menor porque é uma propaganda do PT ou porque essa questão de apartidarismo sempre foi um discurso cínico¹¹¹.

E respostas em contraponto dos usuários “Fidelis” e “Bernardo Fogli”, respectivamente:

E mais, a praia resistiu muito bem aos infiltrados partidários na sua construção. Um movimento apartidário, porém puramente político. é bem diferente o patrus falar que o lacerda fez merda de aparecer nas fotos bandeira de partido. porque se tivesse, digamos, uma bandeira do PT, PSTU ou qualquer outra bosta nas fotos (principalmente as mostradas na campanha), aí sim, seria uma "apropriação indébita" todo mundo que participou da praia tendo em vista seu caráter político (arte, pra mim, é, em essência, política), conscientemente, queria que uma hora ela ajudasse a, pelo menos, queimar o filme do prefeito. repito: é completamente diferente de levantar uma bandeira de partido NO e DURANTE o movimento. assim, faria parte da sua construção ("levantar a bandeira" física ou ideológica). o patrus não tá querendo fazer parte da construção, e por isso eu respeito o uso que ele fez da praia. Porque depois ele diz - "O prefeito não é o patrão. O prefeito é servidor público" ele assimilou o discurso da praia, entende? em vez de tentar imprimir a sua pauta nela. uma ação política que não quer que se assimile no fórum político os seus discursos não tem razão de existir. mas pra isso, ela não pode se deixar ser sabotada pelo sistema na sua construção mas, claro... pode ser também, que o PT já tinha seus tentáculos lá na praça da estação desde o princípio, e agora pode ter se revelado. tudo é possível e nada é permanente¹¹²

Paulo, acredito que não é possível querer controlar um movimento como a praia. É muito distante o que desejo do que a realidade possibilita. No entanto tento agir para diminuir esta distancia. Gostaria de um fora todos! Opto por ir de um por um, por uma questão de possibilidade. O ideal seria que nenhum partido ou organização se apoderasse da praia, mas não temos como evitar. E acho bobagem reclamar disso. Os partidos estão precisando sair dos gabinetes e voltarem para a rua, se a praia os ajudar a perceber isso é ótimo. Mesmo que eu não acredite na constituição partidária atual. No entanto, se continuarem ações de contestação naquele espaço ficará cada vez mais difícil a apropriação. Abç, Fidélis¹¹³

Percebe-se que, mesmo dentro de uma discordância das apropriações que partidos ou outros movimentos fazem da Praia da Estação, há um consenso em torno da independência e de algum nível de pureza da ação em relação às ações da Praia da Estação e que assim elas devem permanecer. O contrassenso é a respeito de em qual ponto essa pureza pode vir ou não a ser colocada em risco com a frequência de agentes organizados dentro daquela ação. Referido questionamento existe desde as primeiras Praias da Estação.

A centralidade da lista de e-mails e do blog, responsáveis em grande medida pela divulgação e debate iniciais, vai perdendo força. Isso pode ser explicado por vários motivos, sendo um dos principais a centralidade da plataforma Facebook e a entrada massiva do público brasileiro na plataforma durante o período entre 2011 e 2013 (ARAÚJO, 2012;

¹¹¹ Vide: https://groups.google.com/forum/?hl=pt-BR#!topic/pracalivre_bh/sC-WMtrQ2hQ.

¹¹² *Idem*.

¹¹³ *Idem*.

RECUERO, 2014). Outro motivo é a aliança providencial promovida pelo Fora Lacerda e a criação de novas plataformas em torno dessa causa, com a convocação de Praias da Estação e outras ações a partir das páginas oficiais do movimento.

O Facebook representa uma plataforma de hipermídia (LONGHI, 2012) que, além de hiperlinks e imagens, permite compartilhamento de vídeos, marcação e compartilhamento de fotos e uma exibição em timeline daquilo que é postado em tempo real. O Facebook permite também a popularização dos memes, parte integrante da linguagem de replicação de ideias das redes sociais digitais (RECUERO, 2006). Páginas como “A Turma da Lacerda¹¹⁴”, voltadas unicamente para a produção de memes e peças cômicas, também fazem fluir a mensagem em forma de histórias, fortalecendo uma nova linguagem que será uma das tônicas de junho de 2013, com o compartilhamento de imagens violentas, memes e imagens de impacto estético.

Além da centralização em torno do Movimento Fora Lacerda e do Facebook, os diversos blocos de carnaval igualmente montam páginas na plataforma. Nesse momento, compreendo que o Facebook privilegia nesse primeiro momento uma forma de se criar e operar diversas narrativas de si (RECUERO, 2014). Essas narrativas, em minha leitura, são histórias, formas de se operar identidade de grupos, permitindo-se compartilhar postagens de grupos de afinidade para reafirmar a sua própria, como o fato de a página Carnaval de Rua BH¹¹⁵ compartilhar diversas postagens dos blocos de carnaval e também do Movimento Fora Lacerda, assim como os blocos compartilharem postagens a respeito de eventos do Fora Lacerda e da Praia da Estação; nesse período começam a ganhar destaque os eventos de Facebook, que Alzamora, Arce e Utsch (2014) vão explorar dentro de um conceito foucaultiano de dispositivos para compreender a convocação de eventos de Facebook em junho de 2013 conformados tanto pela forma da plataforma quanto à conformação sociopolítica das ruas, sendo que esses eventos têm a dinâmica de permitir visualizar o número de participantes e os participantes que estão entre os seus conhecidos, uma foto e uma descrição do evento. Os eventos aparecem como extremamente relevantes dentro da pesquisa com a rede de integrantes da Praia da Estação e percebe-se através de eventos convocados via Facebook como a “Praia do Trabalhador” e a “Praia de Iemanjá” como a Praia da Estação se tornou em alguns anos uma história que perpassa domínios de rede. O Facebook cumpre nesse momento então um interessante papel de materializar na forma de páginas e eventos os

¹¹⁴ A página de Facebook do movimento não existe mais; somente o Twitter. Disponível em: <https://twitter.com/turmadolacerda>.

¹¹⁵ Vide página no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/carnavalderuaBH/>. Acesso em: 16 de dezembro de 2019.

domínios de rede dos blocos de carnaval de rua, dos eventos que a Praia da Estação convoca, do Movimento Fora Lacerda, dos diversos eventos de apoio e solidariedade às Ocupações Urbanas e dos coletivos em geral.

As redes sociais e sua integração com os telefones *mobile*, cada vez mais presentes no Brasil no decorrer do período (LONGHI, 2012), vão constituindo um espaço híbrido (DE SOUZA E SILVA, 2006; 2017) na Praça da Estação e uma aceleração coordenada do fluxo social urbano, incluindo esses espaços (XI; ZHEN; CHANG, 2016). O aumento do fluxo social não indica que a Praia da Estação seja consequência ou dependente dele, nem o carnaval de blocos de rua entre 2010 e 2012 ou o Fora Lacerda. Esses movimentos também fazem parte de grupos de uso ainda muito pequeno em comparação com a população geral de Belo Horizonte. O que se aponta aqui é que o estilo, ou o “mote praiano”, inseriu um estilo especificamente no espaço público da Praça da Estação. Um estilo que acrescenta uma ideia de uso daquele lugar conjuntamente com outros promovidos entre as circulações daquele espaço, como o Viaduto Santa Tereza em relação ao Duelo de MC’s e o Bar Nelson Bordello e o grupo de teatro Espanca! na Rua Aarão Reis. A Praia da Estação se consolida, nesse sentido, enquanto “história” em adição a outras e acrescenta mais um uso ao conjunto do espaço público revitalizado, além de constituir uma nova forma simbólica de uso político do espaço em questão para outros protestos.

Ademais, a Praia da Estação não possui uma relação causal com o crescimento do carnaval de blocos de rua em Belo Horizonte, fenômeno que pode ser melhor explicado como também inserido em um aumento da dinâmica social de fluxos gerado pela coordenação com base em tecnologias de comunicação e informação, um aporte para o crescimento por parte de investimentos do poder público e desgaste de outros modelos de carnaval em cidades do interior de Minas Gerais (XI; ZHEN; CHANG, 2016; DIAS, 2015; SANTOS; SOUZA; PEREIRA, 2015). Todavia, participantes que coincidiam com a organização, ou que integraram a Praia da Estação, bem como músicos e foliões dos blocos levaram a ideia do “mote praiano” de disputa festiva pelos espaços públicos em enfrentamento à gestão do prefeito Márcio Lacerda¹¹⁶. Disputa marcada por enfrentamento tanto por parte do poder público quanto de comerciantes e moradores dos bairros das Zonas Leste e Centro-Sul (DIAS, 2015). Os anos de 2010 e 2012 criaram um estilo que foi se encontrando com histórias no espaço de usos da Praça da Estação. Ainda, de forma dual, alguns blocos do carnaval de rua e o Movimento Fora Lacerda, a partir da rede comum de seus integrantes com a rede da Praia

¹¹⁶ No Anexo II são apresentadas métricas de correspondência entre os participantes da Praia da Estação com esses primeiros blocos do carnaval de rua entre 2010 e 2012.

da Estação, fizeram esse estilo circular combinado com outras redes de histórias (WHITE, 2008; WHITE; GODART, 2010).

4.3. AS PRAIAS DA ESTAÇÃO DE 2013-2015

Mesmo após três anos do decreto da Praça da Estação e o enfraquecimento do Movimento Fora Lacerda, as Praias da Estação continuam acontecendo com grande público, como aquecimento do verão e início do carnaval de rua, em que os músicos dos blocos de carnaval se encontram para realizar os ensaios das bandas. A partir de setembro de 2011, os efeitos do Decreto de 2010 não mais valiam e grande parte de uma articulação política de convocação das Praias fora do verão envolvia o ciclo político das eleições municipais e evocava a importância simbólica das primeiras Praias da Estação. No dia 19 de janeiro de 2013, é realizada a Praia da Estação de aniversário de três anos, aquecendo para o carnaval¹¹⁷ e lembrando a validade do Decreto nº 13.961, que exige um valor de aluguel para grandes eventos. Ocorre, nesse ano, a segunda Praia de Iemanjá, consagrando o rito anual na Praça da Estação.

Figura 41 – Aniversário de 3 anos da Praia da Estação



Fonte: Postagem da usuária Flora Rajão no Flickr, 2013¹¹⁸.

¹¹⁷ Vide: <https://www.facebook.com/events/192008010942357/>. Acesso em: 16 de dezembro de 2019.

¹¹⁸ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/floratografia/8400624221/in/album-72157632576480976/>. Acesso em: 16 de dezembro de 2019.

Em 2013, começa a ocorrer uma descentralização do carnaval de blocos de rua, antes restrito aos itinerários da Zona Leste e Centro-Sul, com blocos em outras regionais da cidade. Esse ano de carnaval representa uma forte mudança de concepção dos órgãos públicos em relação à festa carnavalesca e seu crescimento. Há um imenso investimento de *city marketing* na festa, com o aporte de R\$ 3,5 milhões do poder municipal e atração de um público de mais de 500 mil foliões (SANTOS; SOUZA; PEREIRA, 2015).

Alguns blocos que surgiram entre 2009 e 2010 passam a descentralizar também seus itinerários, percorrendo regiões periféricas e fortalecendo a relação estabelecida no Fora Lacerda com os movimentos de ocupação urbana, como as Brigadas Populares e o MLB ou experimentando a descoberta da cidade em construção conjunta com as comunidades que visitam. O Tico Tico Serra Copo realiza seu cortejo na Vila Dias, região periférica da Zona Leste de Belo Horizonte, e o bloco Filhos de Tcha Tcha no bairro Concórdia, dada a relação que os integrantes possuem com um terreiro de Umbanda e o Reinado de Congado na região¹¹⁹. A Praia da Estação serve como ponto aglutinador dos blocos de carnaval com o encontro de blocos na Praça da Estação.

A Praça da Estação ganha uma importância simbólica para outros protestos, sendo um espaço de concentração, início ou final de protestos como a Marcha das Vadias. Inspirado no *Slutwalk* canadense, o movimento tem sua primeira edição em Belo Horizonte em 2011, aproximando-se da Praça da Estação como local final do protesto lúdico e político em 25 de maio de 2013¹²⁰. A rede que circulou nos espaços da Praia da Estação é atravessada também pelos eventos nacionais de junho de 2013, iniciados com o Movimento Passe Livre (MPL), nos dias 6, 7, 11 e 13 em São Paulo e outras capitais do Brasil¹²¹. As manifestações ocorrem no dia 15 de junho de 2013 em Belo Horizonte. Como aponta Domingues (2019, *apud* SANTOS, 2016; RICCI; ARLEY, 2014) a primeira manifestação de junho de 2013 organizada pelo COPAC na Praça Diogo Vasconcelos teve um alcance muito mais surpreendente do que os organizadores esperavam. Foi votada ali uma passeata até a Praça da Estação. O grande número de participantes levou o COPAC a convocar uma assembleia em 16 de junho de 2013 para pensar as próximas ações. Essa assembleia passou a ser definida como “Assembleia Popular Horizontal”.

¹¹⁹ Vide vídeo “Bloco Filhos de Tcha Tcha – Carnaval 2016 [AGENDA]”. Disponível em: <https://youtu.be/HJuz1WNFWzQ>. Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

¹²⁰ Cf. HOJE EM DIA. Ousada e irreverente, Marcha das Vadias toma as ruas de BH; confira galeria. Notícia publicada em: 25/05/2013. Disponível em: <https://www. hojeemdia.com.br/horizontes/ousada-e-irreverente-marcha-das-vadias-toma-as-ruas-de-bh-confira-galeria-1.150491>. Acesso em: 16 de dezembro de 2019.

¹²¹ Cf. G1. Saiba mais sobre os protestos em SP contra aumentos de ônibus e Metrô. Notícia publicada em: 11/06/2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/entenda-os-protestos-em-sp-contr-aumento-dastarifas-do-transporte.html>. Acesso em: 16 de dezembro de 2019.

Os eventos de junho de 2013 surpreenderam em grande medida uma série de pessoas engajadas com os movimentos sociais e que possuem certa expectativa de encontrarem a mesma rede de pessoas em todos os eventos e protestos, especialmente as que se articularam no período estudado, para muito além da rede da Praia da Estação, grupos anarquistas, partidos políticos, movimentos sindicais e estudantis. Como resultado, foi alcançada a junção de três mil pessoas debatendo uma ação direta na Assembleia Popular Horizontal.

A transmissão de *streaming* da Mídia Ninja e de atores individuais, a página BH nas Ruas e o perfil de registros fotográficos Maria Objetiva alcançam uma imensa visibilidade e dezenas de milhares de curtidas no ato em Belo Horizonte que ocorreu no dia 17 de junho, em que cerca de 30 mil pessoas marcharam para o jogo de abertura da Copa das Confederações, da Praça Sete ao Mineirão (D'ANDRÉA; ZILLER, 2014). Nos atos seguintes, entre os dias 18 a 20 de junho, ocorrem três grandes atos convocados pela APH e esse período apresentou-se como um marco de atuação e combinação entre setores tradicionais da esquerda como MLB, SindUTE, PT, PSTU, PCR, PT, PCO, PCB, Via Campesina, Levante da Juventude e os grupos anarquistas, libertários e culturais que participaram anteriormente dos movimentos da Praia da Estação e do Fora Lacerda. Músicos articulados com o carnaval de blocos de rua participam de junho de 2013 a partir da decisão conjunta de não se utilizar carro de som, algo do repertório dos partidos políticos tradicionais, mas quatro blocos de percussão de músicos articulados com o carnaval de rua, juntamente com o Levante da Juventude e o COPAC, que aumentavam o som dos instrumentos durante os conflitos e os gritos de “sem bandeiras” (RICCI; ARLEY, 2014, p. 159 *apud* BIRCHAL, 2018, p. 75).

Além das Assembleias e dos atos também são criados grupos de trabalho (GTs) para debates de ideias no espaço do Viaduto Santa Tereza. Entre os GTs listados na página Wiki da APH estão GTs de arte e cultura, democratização da mídia, educação, FIFA e Megaeventos, meio ambiente, mobilidade urbana, reforma política, reforma urbana, saúde, segurança pública, direitos humanos e permacultura¹²². Sobre a APH, a Entrevistada E20 pontua a importância dos GTs para além dos longos e conflituosos debates da APH.

É a partir do GT de Mobilidade Urbana da Assembleia Popular Horizontal que o Movimento Tarifa Zero se articula, tendo como principal pauta da mobilidade urbana e a gratuidade do transporte público (BERQUÓ, 2015).

¹²² Vide “O que é a APH?”. Disponível em: <http://aph-bh.wikidot.com/sobre>. Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

Nos dias 22 e 26 são convocados o Quarto e o Quinto Grande Ato¹²³ e, no sábado do dia 29 de junho de 2013, manifestantes ocupam a Câmara Municipal de Belo Horizonte e realizam o Sexto Grande Ato da Assembleia Popular Horizontal, simultaneamente à realização de uma sessão extraordinária para votar o Projeto de Lei nº 417/2013, que previa a diminuição de R\$ 0,05 no valor da passagem de ônibus. Além disso, os vereadores Arnaldo Godoy e Pedro Patrus propuseram duas emendas, que previam a divulgação da planilha de composição tarifária das empresas de transporte público e a adesão do Governo Municipal à desoneração do PIS/COFINS, respectivamente. O projeto de redução de 0,05 centavos foi aprovado e as duas emendas, vetadas. Com a insatisfação causada pelos vetos e a repressão da Guarda Municipal aos manifestantes que estavam do lado de fora, iniciou-se ali a Ocupação Coletiva da Câmara Municipal (BERQUÓ, 2015, p. 75-76).

A ocupação dura oito dias e cria cinco comissões voltadas para a manutenção do movimento, tendo, entre elas, o Comitê Popular de Arte e Cultura, que promove, entre outras atuações, uma apresentação do Duelo de MC's e a presença e blocos do carnaval de rua (BERQUÓ, 2015, p. 75-76). Assim como os organizadores do Comitê Popular dos Atingidos Pela Copa surpreenderam-se com o número de manifestantes do primeiro protesto de junho de 2013 na cidade de Belo Horizontes, dada a imersão digital e midiática dos protestos e a atração que exerceram em pessoas que não estavam engajadas em partidos políticos e movimentos sociais, também na Ocupação da Câmara Municipal houve um estranhamento entre uma juventude que adentrou a ocupação em junho de 2013 com outros jovens de movimentos sociais organizados:

Então, eu entrei de vez mesmo depois da ocupação na Câmara, que eu participei da ocupação da Câmara em 2013. Logo depois das manifestações. Porque eu era totalmente leiga, eu fui pra câmara e disse “vamos lá, vamos ver o que vai dar”. Tava tendo a reportagem [da Ocupação]. Eu não assistia, mas aquela coisa, você vê uma reportagem em Facebook, era a rede social da época, que bombava. E acaba que eu fui sozinha mesmo, na cara e na coragem. [...]. Quem não era de partido geralmente ficava lá fora, galera dos partidos dormia lá dentro e o povão ficava lá fora. E aí eu me juntei. Eu me identifiquei com a galera mais doidona do lado de fora, aí eu comecei a colar com eles. Eu nunca tinha ido na Praia da Estação, mas por eu conhecer a galera lá dentro eu fui. Eu já tinha ouvido falar da Praia da Estação em 2011, 2012 eu já tinha ouvido falar dela, só que eu não sabia direito o que ela era, o que significava.[...] uma galera que se identificava como “Esquerda Festiva”, era mais para gente falar que tinha um nome, porque todo movimento tinha um nome, eu acho que quis se dar um nome, mas agora mais madura eu vejo que não foi um nome muito político. Era mais pra dizer de uma galera que se identificava com a esquerda, mas não fazia parte de partidos. A maior parte lá nem era muito apegada a partidos políticos e não é até hoje, é mais uma galera anárquica. Acho que os movimentos que eu mais me envolvi mesmo foram a Praia que eu

¹²³ Vide página do Facebook intitulada “Assembleia Popular Horizontal :: Belo Horizonte”. Disponível em: <https://www.facebook.com/AssembleiaPopularBH/>. Acesso em: 16 de dezembro de 2019.

passei a frequentar muito, o Bloco das Pretas que era um movimento feminista negro, comecei a fazer parte em 2014 e a Ocupação Rosa Leão que eu ia muito. Eu ia em 2013, que foi quando ela começou, mas eu trabalhava então não dava pra ir tanto. Aí em 2014 eu passei a ir muito. Teve uma época lá que eu fiquei quase um mês direto. Eu tinha 21. 20 na ocupação da Câmara. (E14. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 2 dez. 2019)

A entrevistada E14 também aponta para a importância que o movimento de Ocupação de junho de 2013 teve em sua formação, como aprender outras visões de política, ideias anarquistas, de veganismo e estilos de vida. Dessa inserção de novos atores nas redes da Praia da Estação a partir da reverberação de junho de 2013 foram levantadas novas questões que já estavam circulando amplamente nos espaços das redes sociais digitais como feminismo, questões raciais e de gênero, além da aproximação entre os espaços culturais e as discussões políticas:

A Praia da Estação eu conheci porque frequentava o Duelo de MC's. Fazia faculdade de comunicação na PUC na época, então. E nessa época eu já era DJ, desde 2002. Aí entrei na faculdade em 2008, aí falando de rede uma coisa foi conectando à outra. Passei a frequentar o Duelo de Mcs entre 2009 e 2010, então já convivia no mesmo ambiente que várias manifestações culturais, artísticas aconteciam. Nos meus espaços eu já me posicionava enquanto ativista pela questão da igualdade racial, direito à cidade, questionando. Eu entrei numa faculdade totalmente branca, era o único aluno preto da sala. Então isso trazia tensionamentos e eu devolvia esses tensionamentos, seja pros professores, colegas. Aí, enfim, a gente vai se aproximando, conhecendo outros pares com uma perspectiva parecida com a minha. [...] Aí a gente se depara com a Praia da Estação e passa a frequentá-la. Tem a ocupação da Câmara Municipal que foi ponto fundamental na minha trajetória, o marco onde eu encontrei agentes que já estavam nesses diversos (movimentos), alguns no Duelo de MC's, outros no carnaval de rua, outros na Praia da Estação, outros não estavam em nenhuma dessas manifestações, estavam em outros roles das quebradas e foi com esses que eu me identifiquei a priori, tive mais afinidade. Eu morava no Barreiro na época, continuo morando. Então sempre foi uma questão essa do deslocamento, a mobilidade urbana, o acesso aos bens culturais, sempre foi uma dificuldade, Tem que deslocar de lá pra cá. Aí nesse período de junho de 2013, além do macroconflito a gente passa a ter um conflito na Praia da Estação que foi o tensionamento dos grupos e corpos que ali desde a constituição da Praia da Estação mobilizavam. Alguns atritos e conflitos por outros corpos como o meu, que não fazia parte do grupo de classe média, branco, com inserção nos movimentos culturais na cidade, que era referência no centro. (E5. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 6 nov. 2019)

Após os oito dias de discussão e vivência coletiva, a ocupação da Câmara chega ao final, sendo que, no entremeio do processo de ocupação, ocorre uma redução de R\$ 0,15 dos ônibus diametrais e circulares por meio da desoneração do PIS/COFINS. No dia 7 de julho de 2013, os ocupantes fazem um cortejo puxado pelos blocos de carnaval Pena de Pavão de Krishna e Chama o Síndico até a Praça da Estação e o Viaduto Santa Tereza, onde ocorre o primeiro evento “A Ocupação” com uma Praia da Estação, oficinas e atividades culturais no

decorrer do dia 7 de julho de 2013 – e continuou acontecendo após essa edição. A Ocupação parte de iniciativa de atores acadêmicos, articulado pela Faculdade de Arquitetura da UFMG com base em mapeamentos já feitos na região, como aponta a entrevistada E8. A Ocupação, antes chamada “O Evento”, surgiu como articulação do Comitê Popular de Arte e Cultura para organizar um ato cultural colaborativo que, por não possuir um alvará e não querer remeter ao sentido comercial de um “evento”, passa a se chamar “A Ocupação”. Ainda são realizadas mais duas Ocupações no viaduto Santa Tereza, três Ocupações no Bairro Santa Tereza do Barreiro e na Ocupação Guarani Kaiowá, uma na Praça da Estação durante a Copa do Mundo de 2014 e uma ocupação em 2014 nas Ocupações Rosa Leão, Vitória e Esperança (BERQUÓ, 2015, p. 24).

Entre maio e junho de 2013 surgem três ocupações urbanas espontâneas: Rosa Leão, Vitória e Esperança na região do Isidoro. Bittencourt (2016) aponta para essas três ocupações como o maior conflito fundiário de Minas Gerais. A Ocupação Rosa Leão surge nos arredores de onde ocorreu a Ocupação Zilah Espósito/Helena Greco em 2011, consolidada três meses depois da ocupação (BITTENCOURT, 2016). Ainda que tenha sido espontânea, a Ocupação logo contou com apoio da Comissão Pastoral da Terra, do MLB e das Brigadas Populares. Bizotto (2015) aponta que os primeiros apoiadores da Rosa Leão, antes mesmo dos movimentos sociais organizados, foram os jovens que se articularam na Ocupação da Câmara Municipal de Belo Horizonte e se autointitularam “Esquerda Festiva”, ajudando na construção de um banheiro comunitário, do centro comunitário da Ocupação e mobilizando virtualmente doações. Em julho de 2013, a 6ª Vara da Fazenda Pública Municipal concede liminar para a reintegração de posse. Aqueles jovens, fora dos partidos e movimentos políticos chamados de “Esquerda Festiva”, como indicam os entrevistados E5 e E14, irão se engajar posteriormente com as convocações da Praia da Estação.

No segundo semestre de 2013, dentro dos GTs das Assembleias Populares, um grupo de artistas articula essa mesma rede de apoios após realizar uma ocupação de caráter cultural em um antigo prédio abandonado, onde funcionavam as enfermarias do Hospital Militar e um centro psiquiátrico infantil, no Bairro Santa Efigênia. A ocupação é batizada com o nome “Luiz Estrela” em homenagem a Luiz Otávio, integrante da Gangue das Bonecas do Coletivo Paisagens Poéticas, morto em junho de 2013 sob condições pouco esclarecidas. Segundo a entrevistada E20, a versão oficial da polícia é que ele teve uma crise epilética, mas estava muito machucado. Então, segundo outras fontes, principalmente profissionais que acompanham a população de rua, ele foi espancado porque se negou a fazer programa com

um policial. Sua trágica morte e o impacto que causou na vida daqueles que o acompanhavam incentivam na escolha do uso de seu nome para a ocupação cultural¹²⁴.

A articulação pela ocupação de imóveis ociosos em Belo Horizonte se dá em abril de 2013, mas a eminência de junho faz com que se acelere o processo, que ocorre no dia 26 de outubro de 2013. Como aponta a Entrevistada E2, ligada às Brigadas Populares, o processo de ocupação do Luiz Estrela envolveu uma rede já bem estabelecida de artistas que vão se conhecendo e fazendo diversas coisas juntos, perpassando a Praia da Estação e, juntamente, com a expertise das Brigadas Populares vão ocupar um imóvel após longo estudo de imóveis que poderiam ser ocupados:

[...] A gente tem que construir processos pra cidade, não só para a organização, isso foi um aprendizado importante. Então o Luiz Estrela surge, foi uma ocupação muito linda, o ato de ocupação dela foi um fenômeno porque a gente tem um método clássico de ocupar imóveis, como você vai pensar numa peça de teatro que vai desembocar na ocupação de um imóvel? Foi muito interessante, o pessoal construiu um esquete, uma peça de teatro da libertação e da abertura do casarão pra cultura. E essa peça de teatro culminava na abertura da porta e na entrada das pessoas. Na noite anterior duas pessoas tinham entrado pela janela, pegado uma escada e entrado pela janela do Luiz Estrela. [...]. E no dia seguinte acontece a peça de teatro. A polícia chegou a parar e ficar olhando sem entender o que estava acontecendo. [...] todo mundo fantasiado, com roupas carnavalescas pra fazer negociação com a polícia e explicar que era uma ocupação, que reivindicava o patrimônio como do Estado, mas também da sociedade. A existência do Luiz Estrela atraiu, além de coletivos de cultura, coletivos de comunicação muito fortes. Esses coletivos de comunicação depois foram essenciais para construir a rede do Resiste Izidora que já vai trabalhar com uma tática de Facebook muito aprofundada, onde a coisa ganha uma projeção gigantesca através das redes sociais. Você tinha toda uma expertise de comunicação no Luiz Estrela com a magnitude do Izidora. Então quem fez a construção da página, do conteúdo de vídeo, de fotografia do Resiste Izidora era o núcleo de comunicadores do Espaço Comum Luiz Estrela junto com os movimentos sociais. (E2. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 18 dez. 2019)

¹²⁴ E20. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 28 out. 2019. Citação literal no Anexo I.

Figura 42 – Inauguração do Espaço Comum Luiz Estrela



Fonte: Postagem do usuário Mídia NINJA no Flickr, 2013¹²⁵.

No dia 18 de janeiro de 2014, é convocada a Praia da Estação em comemoração ao aniversário de quatro anos, consagrando um formato eventual no Facebook e a concentração pré-carnavalesca com ensaio dos blocos. Segundo o entrevistado E12, apesar da importância da Praia da Estação para o encontro de blocos de carnaval, o crescimento da festa descentraliza o ponto da referida Praça, além da profissionalização da carreira do músico de carnaval e dos patrocínios de blocos. Nesse momento, a partir das Praias da Estação de 2014, o entrevistado localiza um público mais jovem, não representando brancos e/ou pessoas ligadas aos tradicionais movimentos políticos e culturais frequentes entre 2010 e 2013. Também não representam uma faixa de jovens adultos somente, mas grupos muito mais novos, inclusive seus alunos¹²⁶.

No carnaval de 2014, a Prefeitura, por meio da Belotur, estabelece 14 palcos nas diversas regionais da cidade, a veiculação de propaganda divulgando o carnaval de Belo Horizonte e o retorno do desfile oficial das Escolas de Samba e dos Blocos Caricatos para a Avenida Afonso Pena. O investimento do carnaval para esse ano foi de R\$ 5,5 milhões, um investimento muito maior em função do aporte de investimentos privados da cervejaria AMBEV (SANTOS; SOUZA; PEREIRA, 2015). O investimento privado e os equipamentos instalados por essa parceria representam, para o entrevistado E12, uma reprodução de

¹²⁵ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/midianinja/10607062396/>. Acesso em: 16 de dezembro de 2019.

¹²⁶ E12. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 12 dez. 2019. Citação literal no Anexo I.

algumas iniciativas geradas pelos participantes da Praia da Estação e dos blocos do carnaval de rua da cidade:

Era uma questão de hábito. Quando eles começaram a marcar as Praias [por eventos de Facebook] isso expandiu muito o acesso, as imagens, atraía muita gente pelo evento do Facebook, mas isso dependia de criar o evento e isso gerava um certo conflito de quem marca o evento, quem escreve o texto a ponto de que é verão, calor, carnaval e não ter Praia da Estação porque não tem o evento. Ficou condicionado à ferramenta. Naquele momento o evento se torna uma espécie de... evento. Muito capturável. Não é à toa que o carnaval começou a ter umas instalações comerciais da Skol, da Uber que eu não sei se eram provocações, mas eram abertamente simulações da Praia da Estação, do tipo um chuveirinho, uma cascata da Skol, faz um Tarifa Zero, um ônibus gratuito. É uma mercantilização descarada daquelas ferramentas que em algum momento foram políticas. O Uber depois faz um trem de voar. A Praia da Estação ganha um aspecto turístico quase. Mas nomeando algumas mudanças a Virada Cultural desse ano. Tem vetores de mudança, a imagem, a política visível. (E12. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 12 dez. 2019)

O Entrevistado localiza a “Skolcachu”, um equipamento montado no carnaval de 2018 na Praça Rui Barbosa, em frente à Praça da Estação¹²⁷, como um simulacro do banho de mangueira do caminhão-pipa, algo que pode ser localizado dentro da teoria de White (2008) como uma institucionalização do estilo. Esse também seria o caso do ônibus gratuito do Tarifa Zero circulando o carnaval de rua da cidade, reproduzido pelo “Foliônibus” da Skol no mesmo ano¹²⁸.

No ano de 2014, foi atingida a marca de um milhão de foliões em Belo Horizonte, embora diversas pessoas entrevistadas questionem os métodos de estimação de público do carnaval de rua. O bloco Pula Catraca do Tarifa Zero organiza, nesse carnaval, um ônibus entre blocos de carnaval, circulando não somente pela região Centro-Sul, mas também pelas regiões dos bairros Salgado Filho, Nova Suíça, Gutierrez, Aglomerado da Serra, pela região de Zilah Spósito e pelas Ocupações Rosa Leão, Esperança e Vitória, conjuntamente com blocos que fizeram cortejos por essas regiões¹²⁹.

O Bloco Filhos de Tcha Tcha visita a Ocupação Rosa Leão também em 2014. Sobre isso, o Entrevistado 21, que participou desse bloco, elenca sua perspectiva a respeito do

¹²⁷ Cf. HOJE EM DIA. Cachoeira artificial na praça Rui Barbosa é um dos atrativos do Carnaval de BH. Notícia publicada em: 09/02/2018. Disponível em: <https://www. hojeemdia.com.br/horizontes/cachoeira-artificial-na-pra%C3%A7a-rui-barbosa-%C3%A9-um-dos-atrativos-do-carnaval-de-bh-1.596459>. Acesso em: 16 de dezembro de 2019.

¹²⁸ Cf. CULTURALIZA BH. Foliônibus. Notícia publicada em: 06/02/2018. Disponível em: <https://culturalizabh.com.br/index.php/2018/02/06/folionibus/>. Acesso em: 16 de dezembro de 2019.

¹²⁹ Vide: <https://www.facebook.com/tarifazerobh/photos/a.586404228088158/681663835228863/?type=3&theater>. Acesso em: 16 de dezembro de 2019.

aspecto de um carnaval político em meio ao crescimento expressivo do carnaval de Belo Horizonte:

Sim, a dimensão de errância do carnaval estava dada desde o início. A gente sempre teve esse aspecto e essa dimensão como perspectiva da possibilidade de viver e experienciar a cidade a partir da festa. Uma possibilidade de promover o deslocamento não só físico e geográfico, mas um deslocamento de mundos. Promover o encontro com a alteridade mesmo. Mesmo isso sendo efêmero e acontecendo pontualmente num determinado dia do ano, a gente sempre acreditou e apostou que esse instante era capaz de alimentar e de promover algo muito mais duradouro do que aquela circunstância. Então a gente já circulava. A gente já promovia esse processo de circulação. E nesse processo de luta, com essa própria ideia de circulação as ocupações acabaram sendo um desses territórios onde a gente passou a ir para fortalecer aquela luta. A ida do carnaval para uma ocupação especificamente não tem relação com um show ter acontecido numa ocupação [o show do Graveola no Dandara]. Tudo estava fazendo parte de um repertório que estava sendo construído de forma orgânica e ao mesmo tempo. Tanto é que a primeira vez que a gente sai, o Tcha Tcha sai na Rosa Leão é em 2014. Antes disso a gente já tinha circulado pelo Aglomerado da Serra, a gente já tinha circulado pela Ventosa, a gente já tinha circulado pelo Concórdia. A gente já tinha circulado por vários outros espaços. Por várias outras regiões da cidade: Lagoinha, Pedreira Prado Lopes. O próprio Baixo Centro. Na verdade o que nos leva para as ocupações é a luta de resistência do Izidora. A eminência de despejo lá que de alguma forma nos impõe esse desafio de se deslocar para aquela região. (E21. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 10 dez. 2019)

Entre os dias 7 e 19 de fevereiro de 2014, o Viaduto Santa Tereza é ocupado em resposta às instalações de reforma colocadas no palco e arquibancada pela Prefeitura, impedindo a realização de eventos naquele espaço, sendo um dos maiores afetados o Coletivo Família de Rua e o Duelo de MC's. Segundo Berquó (2015), a ocupação se deu em grande medida pelo acúmulo de rede de apoiadores formada em outros momentos, como na Ocupação da Câmara e no Espaço Comum Luiz Estrela, usando o agenciamento da ferramenta WhatsApp. A ocupação se articulou em torno de assembleias, comissões, apresentações culturais e oficinas, pedindo, por meio de postagens, doações de alimentos de forma similar à Ocupação da Câmara¹³⁰, dentro de uma estrutura que remete tanto à Assembleia Popular Horizontal quanto às Primeiras Praias da Estação. Em maio é realizada uma Audiência Pública com a participação de Pedro Valentim, do Coletivo Família de Rua, com questionamentos para a IEPHA e a SUDECAP. Em julho de 2014 é aberta uma chamada para a criação de comissão popular para o acompanhamento das obras¹³¹.

Em nove de junho de 2014, é instituído um Conselho Consultivo na Zona Cultural da Praça da Estação, tendo seis membros do Conselho responsáveis por mapear e fomentar

¹³⁰ Vide página no Facebook intitulada “Viaduto Livre”. Disponível em: <https://www.facebook.com/viadutolive>. Acesso em: 16 de dezembro de 2019.

¹³¹ *Idem*.

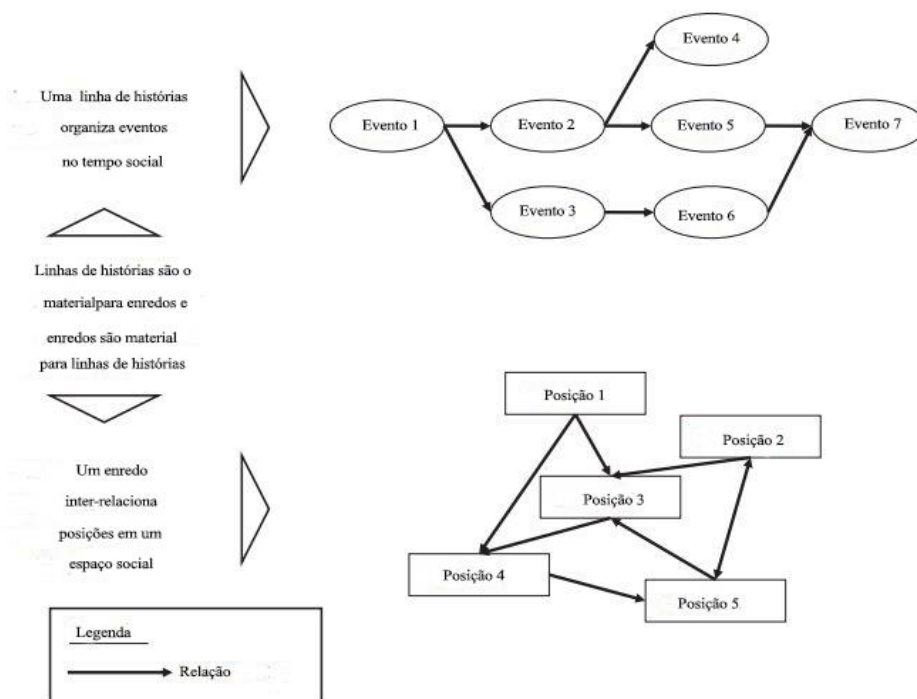
atividades culturais compatíveis com as manifestações culturais daquele espaço e os conflitos sociais nos quais estão inseridos, como a população em situação de rua. A Praia da Estação, aqui, tem sua vida própria, agenciada pelos eventos do Facebook nas épocas de verão, perpassando diversos momentos políticos, ainda como um significante de uma identidade que reforça a territorialidade relacional do entorno da chamada Zona Cultural da Praça da Estação. Sua rede se ramifica com novos atores, propostas e ações, assim como diversos novos atores conectados à rede dão novos sentidos à ideia de Ocupação, ocupando equipamentos públicos, lutando por mobilidade urbana e por pautas que atravessam o feminismo, o gênero e a raça. Entre 2012 e 2013, o Facebook cresce 22% no Brasil (RECUERO, 2014), bem como o acesso à banda larga e à telefonia móvel (NICBRN, 2018), somando-se às dinâmicas próprias da plataforma, como a materialidade das identidades e domínios de redes, que proponho neste trabalho como fenômenos constituintes de junho de 2013 e do alargamento do campo discursivo das juventudes.

Foi compreendido, até aqui, que a Praia da Estação surge de um fortuito encontro de redes diferentes que orbitavam em ideias similares em torno do espaço público e de organização coletiva e colaborativa. Em grande medida, tais redes eram formadas por jovens muito equivalentes estruturalmente em termos de gostos, cultura e circulação social, com inserção digital e universitária. Esses jovens ativaram um domínio de rede que criou em relação à junção de diversas ideias um estilo que circulou por diversos outros domínios de rede, criando sentidos que se codificaram na forma de histórias e contaminaram outros domínios de rede, como protestos, festejos de rua, ocupações urbanas e manifestações culturais com esse estilo, que se tornou replicável de política, carnavalização e o mote praiano da ocupação da cidade.

A Praia da Estação tem um arranjo muito particular que não permitiu lideranças e cooptações, mas sua trajetória é constituída dentro de uma linha de histórias¹³² (*storyline*). A linha de histórias é um arranjo temporal de histórias em forma de eventos. A linha de histórias, para White e Godart (2010), cria enredos que são responsáveis por inter-relacionar posições no espaço social. Esse conceito é o mais explicitamente relacionado com a ideia de campo e *habitus* de Bourdieu, em que a ideia de enredo se relaciona com a retórica de Bourdieu. A linha de histórias no tempo alimenta os enredos que ordena as identidades em posições sociais.

¹³² Uso o termo linha de histórias para traduzir *storyline* para não confundir com o conceito de *plots*, que traduzo por “enredo”, e também para evidenciar que *storyline* é literalmente um conjunto de histórias ligado de forma temporal.

Figura 43 – O Esquema das linhas de histórias e enredos



Fonte: WHITE; GODART, 2010. Tradução do autor.

A Praia da Estação cria sua própria história nos cinco anos de evento; contudo, a retórica está fortemente ligada com uma posição de equivalência social e gostos da primeira onda da Praia, em 2010. Conforme há uma maior aderência ao debate da cidade e das ocupações, um alargamento no campo discursivo das juventudes em torno de raça, classe, gênero e orientação sexual passa também a ocupar centralidade nos espaços e eventos em torno da Praça da Estação e do Viaduto Santa Tereza. Em 2015, a Praia da Estação completa cinco anos. Quem articula o evento no Facebook não são aqueles que participaram da lista de e-mails e das primeiras Praias da Estação, mas são jovens negros que estiveram à frente tanto de eventos de produção cultural quanto nas ações em junho de 2013 na Câmara Municipal, bem como estiveram presentes nos eventos da Praia em vários anos anteriores. Entendendo como o estilo se concatenou em histórias (o caminhão-pipa, a atriz vestida de Chapolin dando banho de mangueira nos banhistas, o “mote praiano” de ocupação lúdica do carnaval, o ensaio das bandas para o pré-carnaval na Praia da Estação, a temática de apoio às ocupações urbanas), essa Praia da Estação retoma a narrativa de histórias combinadas, mas, trazendo em seu debate interno, a realização postagens questionando o comportamento geral de caráter classista, racial e a respeito do protagonismo na ocupação do espaço público.

Figura 44 – Evento do Facebook da Praia da Estação de 5 anos



Fonte: Print screen do evento do Facebook, 2015¹³³.

Os tópicos e as discussões questionando o racismo estrutural e pedindo autocrítica, especialmente puxados por uma juventude negra e feminina, apontam que, apesar de o estilo concatenado em forma de narrativa ter começado com uma determinada juventude pioneira nos meios digitais de diversas cenas culturais independentes da cidade e com forte lastro dos debates da UFMG, agora há uma assimetria estrutural entre os primeiros frequentadores da Praia da Estação e uma renovação geracional e racial cujo debate não necessariamente deve perpassar a instância do espaço da UFMG.

Eu vou ser sincera que até hoje eu não sei quem foi a galera que puxou a Praia da Estação. Eu sei que tem ligação com uma galera da UFMG, tem uma ligação com o Movimento Fora Lacerda. É uma galera politizada reclamando do governo do Lacerda, mas sempre foi uma galera muito branca, muito classe-média. A divulgação não era tão abrangente assim. Tanto é que os vídeos que circulavam da Praia da Estação quando eu nem sabia o que a Praia da Estação significava direito, era um monte de gente branca. Dava pra ver claramente. Provavelmente você já viu isso, se jogar lá vai ver uma galera muito branca. Eu lembro que essa virada se deu exatamente por causa da ocupação da Câmara, porque eu lembro até hoje que não eram tantos pretos assim que tinha, mas eu ainda não tinha essa consciência. Eu acho que em 2014 eu ter ido pro Bloco das Pretas, isso expandiu mais minha mente, foi eu começar a olhar os lugares que eu ocupava e olhar quem estava ocupando. Aí eu acho que de 2014 em diante que a coisa começou a mudar muito mesmo. Começou a ir mais gente preta de movimentos negros, começou a ocupar. Aí eu não esqueço disso; galera levando caixa de som com funk e o povo fazendo passinho na Praia da Estação. Começou a descer uma galera da favela também. Eu acho que

¹³³ Disponível em: <https://www.facebook.com/events/1581384605429141/>. Acesso em: 3 de novembro de 2019.

começou em 2014 e 2015 começou a ficar bem forte, eu lembro que eu tinha uma caixinha e botava lá também. Então em 2014 ficou forte e em 2015 ficou mais forte ainda. 2013 ainda era mais a esquerda caviar mesmo. (E14. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 2 dez. 2019)

Essas tensões perpassam, para o Entrevistado, o momento pós-junho de 2013, a nova inserção das pessoas nos debates interseccionais e o crescimento dos debates que se deu pelas redes sociais digitais:

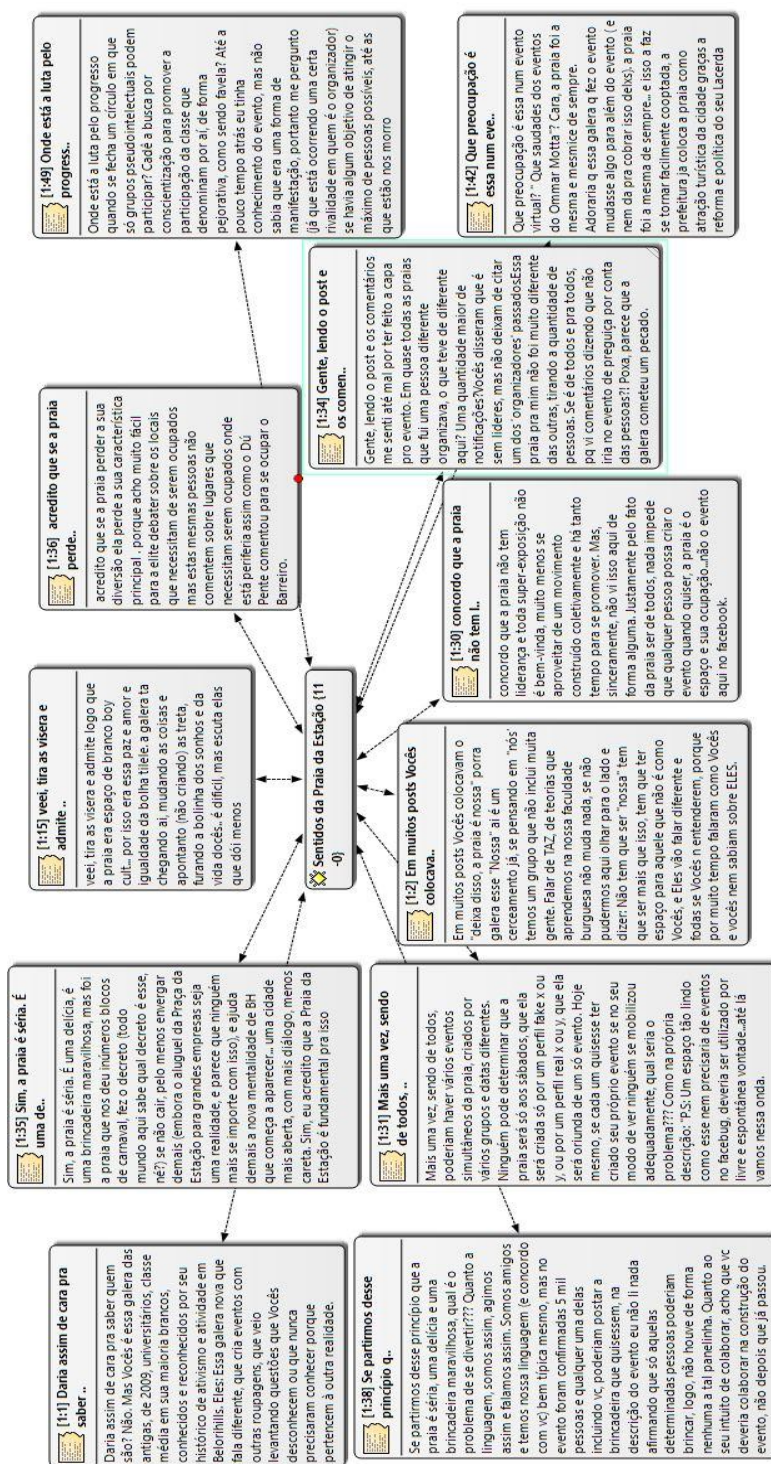
Aí nesse período de junho de 2013, além do macroconflito a gente passa a ter um conflito na Praia da Estação que foi o tensionamento dos grupos e corpos que ali desde a constituição da Praia da Estação mobilizavam. Alguns atritos e conflitos por outros corpos como o meu, que não fazia parte do grupo de classe média, branco, com inserção nos movimentos culturais na cidade, que era referência no centro. Aí veio à tona algumas discussões. Isso na internet ganhou uma relevância enorme, porque ali as coisas reverberavam de forma muito orgânica, no Facebook, sobretudo, porque era onde eram puxados esses eventos. Então as questões relacionadas ao racismo, direito à cidade, quem é dono do espaço público, foi gerado por um desconforto. Uma pessoa escutou de um morador de rua, a gente tava na Praia da Estação e uma pessoa escutou alguém falando “Nossa a Praia da Estação está mal frequentada”, alguma coisa assim. Aí a galera ficou “emputecida”, a galera mais ligada com o funk, a galera do passinho. E nessa época eu já não trabalhava tanto em eventos privados. Então eu, enquanto dj, estava num lance de fazer festa ocupando o Viaduto Santa Tereza, praça, essas coisas. Aí a galera falou “Semana que vem o funk vai descer”. Isso gerou um tensionamento que hoje eu vejo como muito rico que explicitou o que está nas estruturas sociais de classismo, desigualdade social, desigualdade racial, o apartheid racial que a gente vive no Brasil que não é verbalizado e as pessoas não assumem, até que esse tensionamento seja explicitado. Então teve esses conflitos porque houve uma mudança gradativa no perfil de quem estava fazendo o chamado das Praias da Estação; não eram mais os jovens brancos de classe-média. Eram pessoas que vinham da quebrada e eu era um desses. E que, como o pacote completo da identidade de um indivíduo, as linguagens utilizadas eram outras, da forma tanto textual, verbal de se expressar. Ou de posicionar a Praia politicamente eram outras. (E5. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 6 nov. 2019)

O Evento gerou 382 postagens¹³⁴, 28 posts debatem a natureza da Praia da Estação e outros giram em torno não só da ocupação dos espaços públicos, da ausência de lideranças e dos sentidos da Praia da Estação, mas também perpassam os atravessamentos de classe e de raça que estariam sendo ignorados pelos movimentos, a apropriação cultural e a ausência de representações negras em manifestações culturais negras, como o baque de maracatu dos ensaios da Praia da Estação, e a assimetria que representava brancos de classe-média e negros de periferia, principalmente mulheres negras (como muitas se identificaram nas postagens), que reivindicavam circular em lugares públicos, ocuparem a cidade e terem suas vozes ouvidas nos movimentos sociais. As redes de sentido a seguir demonstram esses

¹³⁴ Vide: <https://www.facebook.com/events/1581384605429141/>. Acesso em: 3 de novembro de 2019.

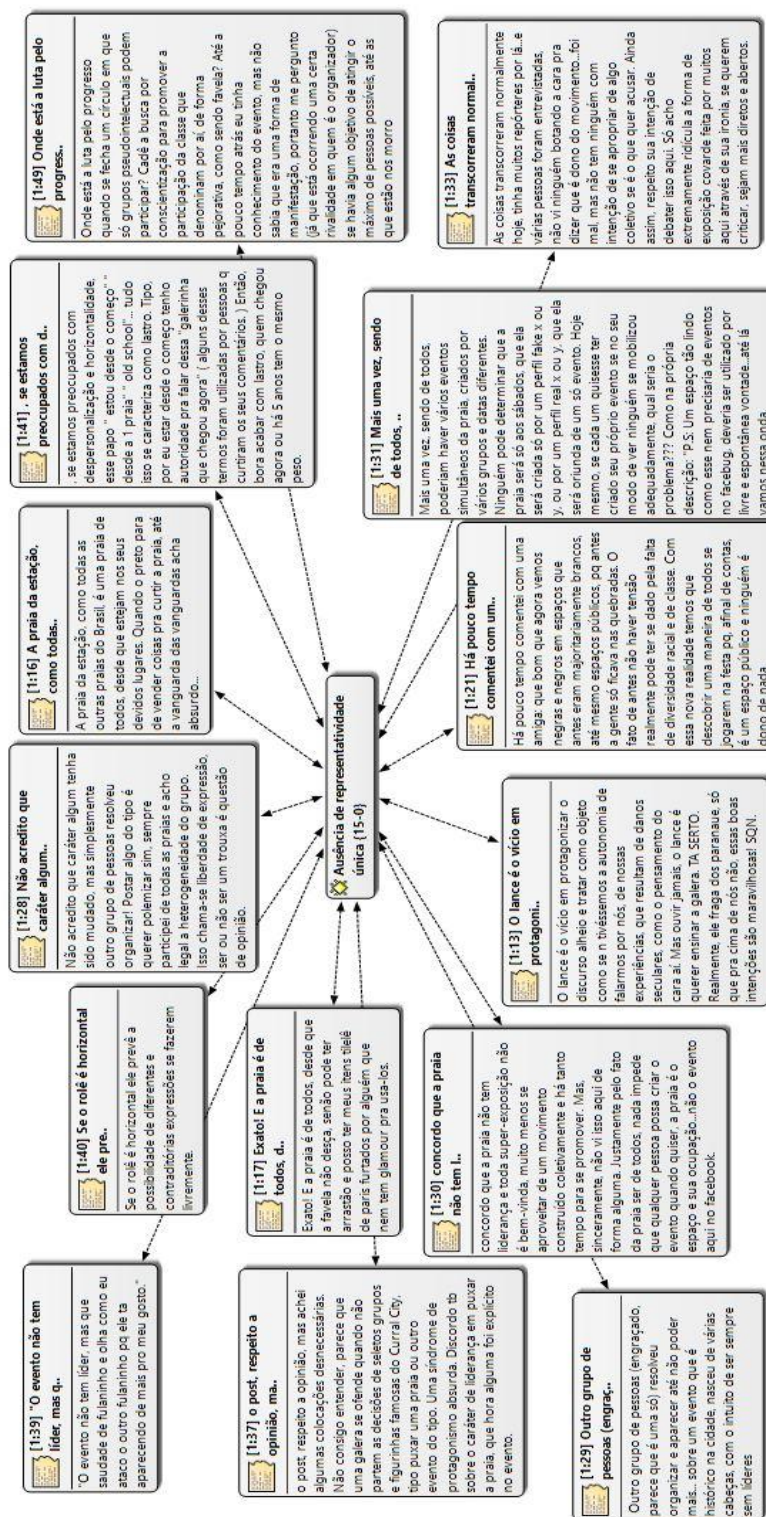
questionamentos levantados em trechos coletados dos comentários entre os dias 10 e 15 de janeiro de 2015 do evento (ou seja, a discussão que ocorreu após a Praia da Estação):

Figura 45 – Rede de sentidos Praia da Estação



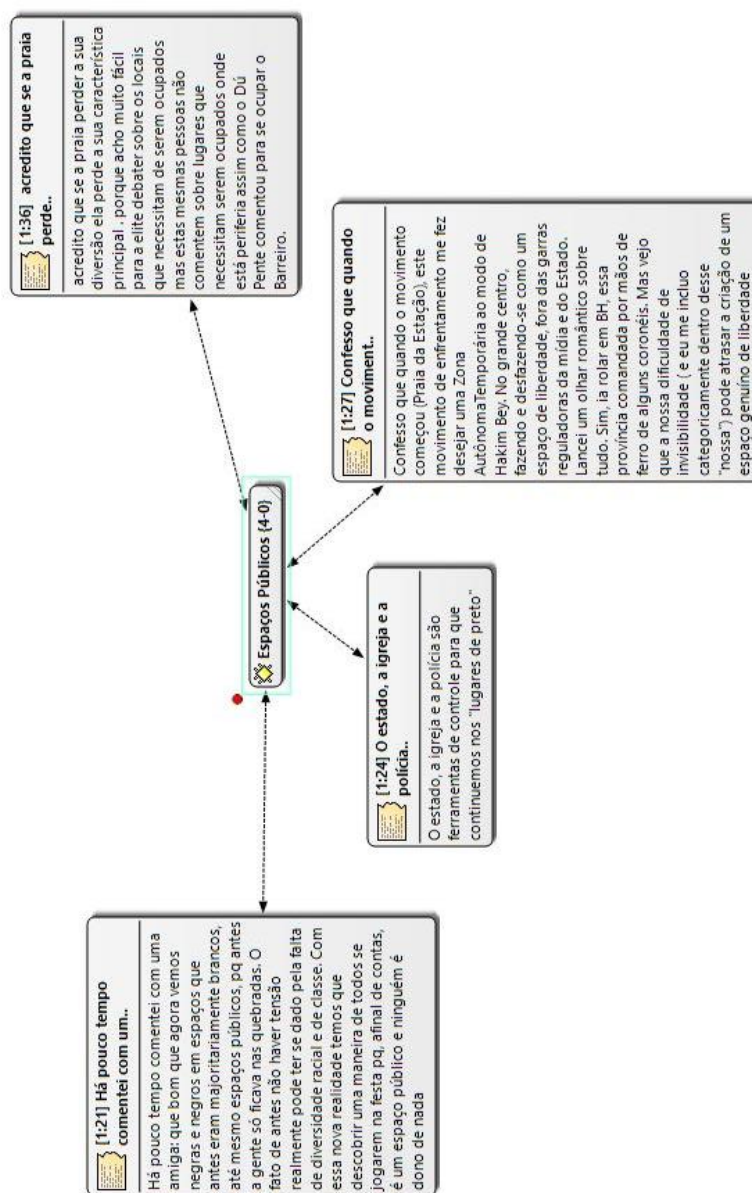
Fonte: *Output* do Atlas TI com base nos comentários do evento.

Figura 46 – Rede de sentidos ausência de representação única



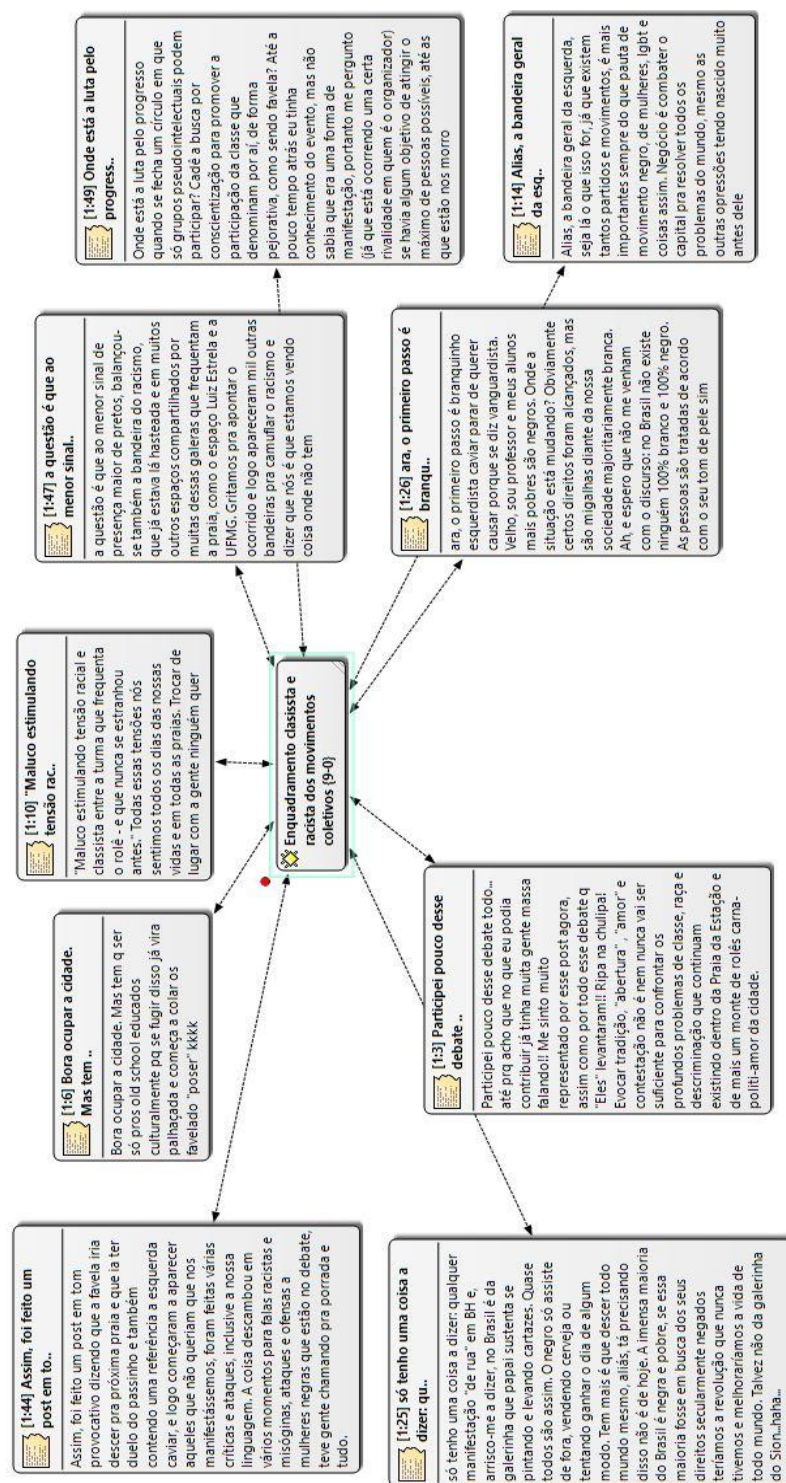
Fonte: *Output* do Atlas TI com base nos comentários do evento.

Figura 47 – Rede de sentidos sobre espaços públicos



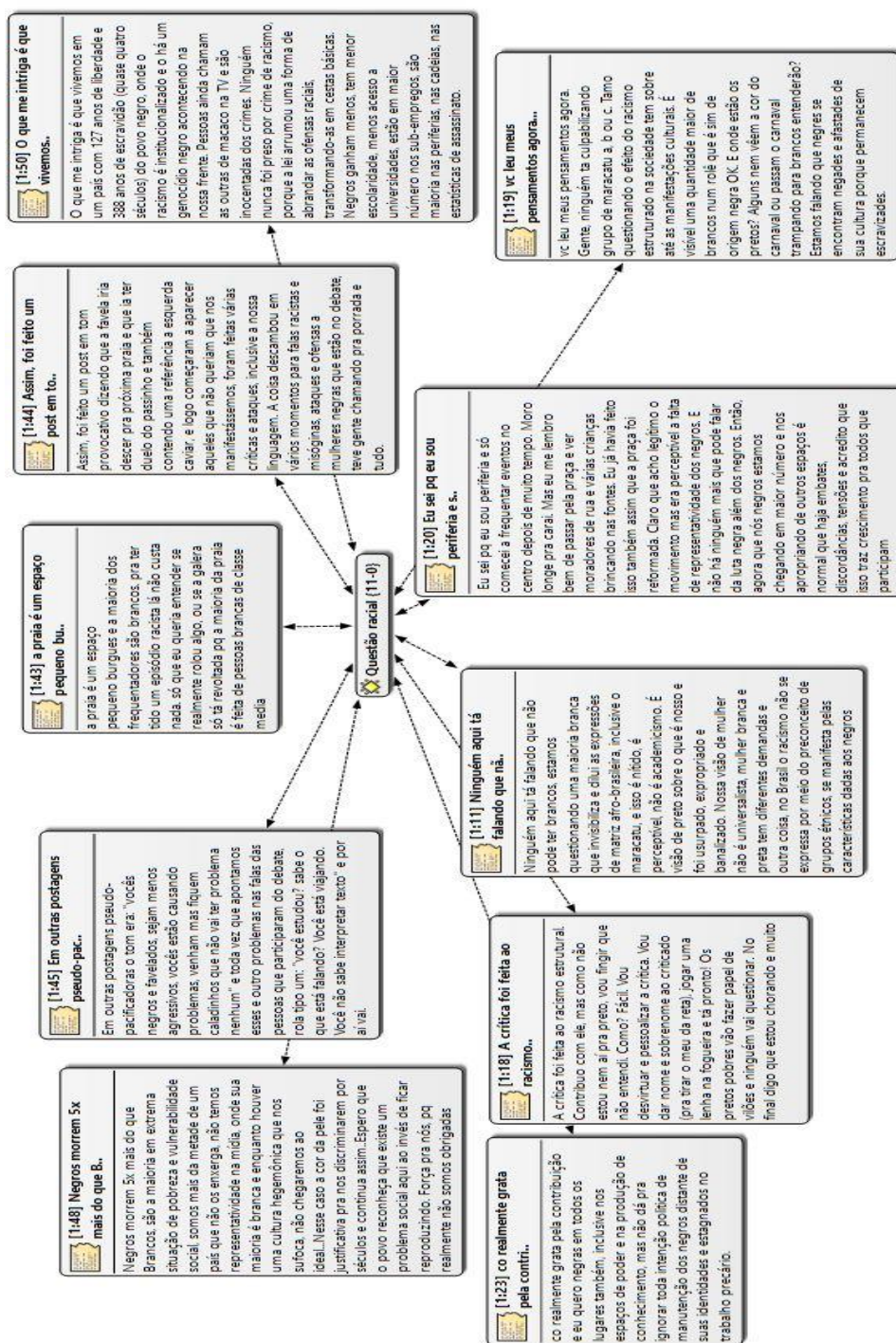
Fonte: *Output* do Atlas TI com base nos comentários do evento.

Figura 48 – Rede de sentidos sobre a questão classista e racista dos movimentos



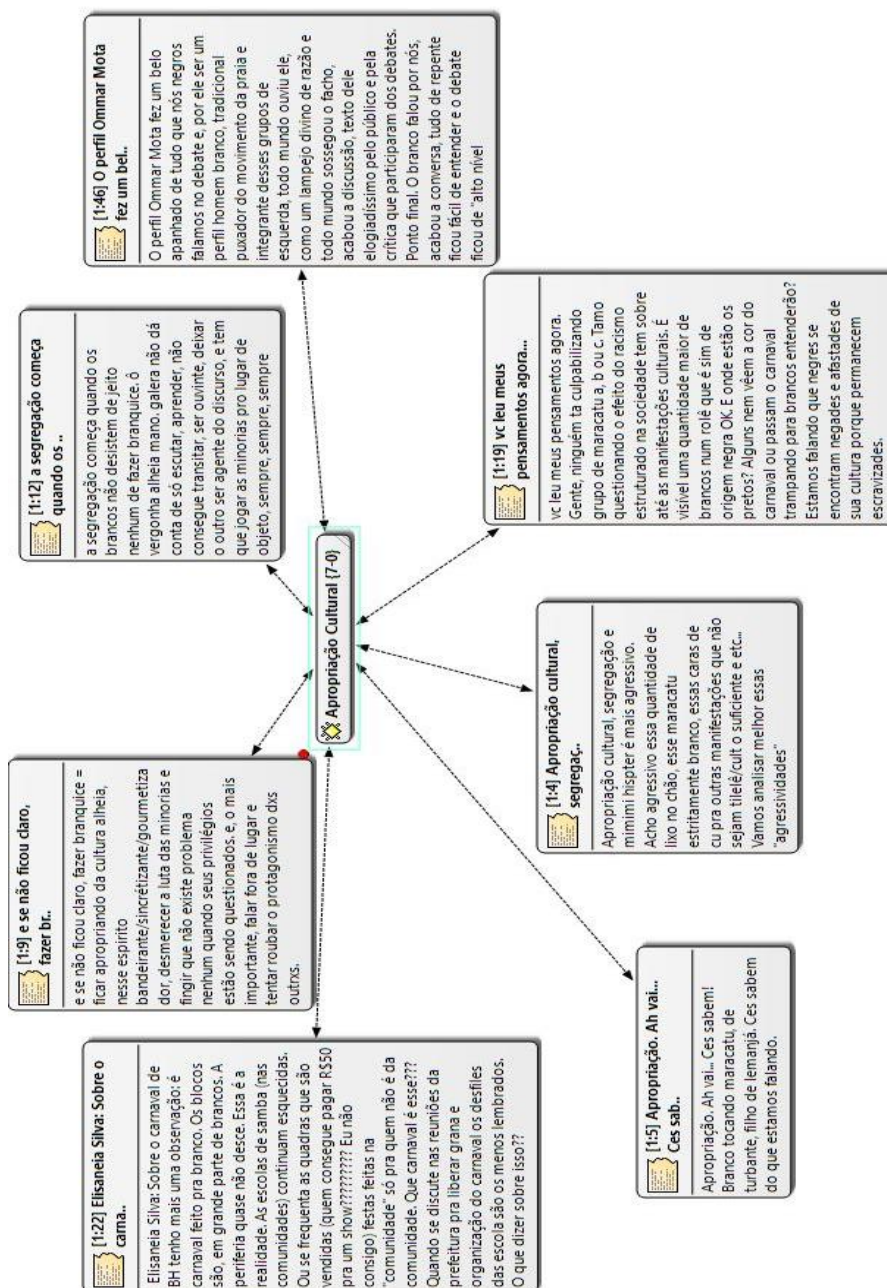
Fonte: *Output* do Atlas TI com base nos comentários do evento.

Figura 49 – Rede de sentidos sobre a questão racial



Fonte: *Output* do Atlas TI com base nos comentários do evento.

Figura 50 – Rede de sentidos sobre apropriação cultural



Fonte: *Output* do Atlas TI com base nos comentários do evento.

As questões a respeito de horizontalidade, de ocupação do espaço público e de questionamento da ordem continuam vigorando nos debates a respeito do sentido da Praia da Estação. Entretanto, surge um novo questionamento a partir de pessoas que frequentavam anteriormente a Praia da Estação na rede representada pela Figura 46 (Rede de Sentidos de Ausência de Representatividade Única), no comentário [1:29], que se incomoda com o fato de pessoas se colocarem em mais evidência como organizadoras, algo que já aconteceu em Praias da Estação anteriores e em eventos de Facebook, como apontam outros comentários

interligados. O trecho do comentário [1:41] aponta para a assimetria e o desejo de atribuir mais peso à organização anterior da Praia da Estação e rebate que as pessoas que chegam agora à ação têm um mesmo peso em relação à anterior, visto que a “Praia da Estação não tem líderes”, sendo que, inclusive, poderiam haver duas ou mais Praias da Estação, como aponta o comentário [1:31]. Novamente, após cinco anos e em outro espaço, por outra pessoa, é comentado que há uma “síndrome de protagonismo” por parte das opiniões divergentes à Praia da Estação, no comentário [1:29]. O trecho de comentário [1:21] celebra a presença de corpos negros em espaços onde até então só havia uma circulação de brancos e que, de alguma forma, deveria se encontrar um equilíbrio entre as duas partes que no momento ocupam aquele mesmo espaço. Outros comentários ironizam as críticas e tratam pejorativamente aqueles das primeiras Praias da Estação com o termo “tilelê”, gíria que em grande parte define estudantes brancos, de classe-média e de cursos de humanas da UFMG com uma estética visual similar ao do movimento *hippie* e circulação em espaços culturais e boêmios.

A rede de sentidos de espaços públicos aponta novamente a questão já abordada de a Praia da Estação ser uma “Zona Autônoma Temporária”, mas como as limitações e controle social dos corpos em espaços públicos explicitam uma diferença básica entre quem pode circular e ocupar esses espaços e como eles são fechados para pessoas negras. Isso se evidencia nas críticas de apropriação cultural, sobre o carnaval ser uma festa majoritariamente branca em representação de Belo Horizonte, sobre práticas culturais com forte herança africana serem representadas por brancos ou sobre opiniões brancas sobre os questionamentos levantados por negros serem mais levadas em consideração ou acatadas que as dos próprios negros, como no comentário [1:46].

As questões que se evidenciam foram se conformando em um estilo não-orientado, agêntico e explícito nas primeiras ações e tornando histórias nas ações da Praia da Estação e no Carnaval de Rua, mas, dado seu caráter autônomo, fruto de um encontro muito particular de diversas redes culturais e políticas que funcionam de forma menos hierarquizadas e impositivas, a narrativa se mantém no limiar da institucionalização (WHITE; 2008; GODART; WHITE, 2010). Como foi apontado a respeito das redes de histórias e nos enredos, assim como o campo em Bourdieu é estruturado e estruturante, as linhas de história são estruturadas pelas identidades em determinadas posições estruturais e os enredos estruturam essas posições estruturais. A presença de novas identidades, com um *habitus* diferente daquele das primeiras Praias da Estação, uma diferença estrutural de circulação cria novas formas de estilo dentro da própria narrativa, causando estranhamento que é lido nos

comentários e em entrevistas como uma questão que tenta ser contornada sob a égide do anonimato autonomista.

Os comentários problematizam a questão autonomista, ressaltando o caráter globalizado e hipercomunicativo no qual o Brasil passou a se inserir, como em comentário a respeito da mudança de percepção a respeito das opressões:

E é justamente pelo mundo esta cada vez mas globalizado, que os forinhos estão caindo e opressões seculares antes silenciadas como machismo, racismo e homofobia estão sendo desmascaradas... Essas que sempre estavam aí, mais ninguém fazia questão de ver pq não era com ele, ou não sentia isso na pele! Pois opressões só se mantêm porquê a reproduzimos o tempo todo pela linguagem, os pré-conceitos são perceptíveis dentro dos argumentos. Felizmente os negros estão tendo mais acesso a informação e conseguem identificar a retórica utilizada para deslegitimar ou desacreditar de sua fala, desconsiderando suas vivências (como sujeitos da ação), ou que sofrem a opressão e tende a denunciá-la! O problema central foi os egos ressaltados que não conseguem ler (escutar) uma denuncia, sem querer impor algo ao outro, silenciá-lo ou esbravejar porque não consegue manter um discurso ou compreendê-lo (uma simples aula de história resolveria). E um dos compreendimentos centrais é não invisibilizar as diversas etnias, pq quando falo que existe apenas uma raça a humana, estou desconsiderando a humanidade das outras minorias. O conceito de raça em seu uso social é uma afirmação, afirmamos nossa negritude, não somos iguais, existem diversidades socio-histórica latentes... Quem quiser entrar por esse mérito de igualdade sugiro pesquisar sobre (o mito da democracia racial no Brasil) pq não somos obrigados a ficar voltando na mesma tecla o tempo todo e respeito ao discurso é fundamental para que chegamos a um entendimento sobre o outro e possamos conviver em união. Bjos¹³⁵

Uma postagem do dia 14 de janeiro de 2015 enquadra também esse âmbito do enfrentamento, tensionando a ideia de coletividade. As críticas remetem à autora pós-colonialista Gayatri Spivak (2010). A autora questiona a capacidade de sujeitos em estado de subalternidade serem escutados por si, sendo sempre intermediados por outros que não sua própria voz; o conceito gramsciano de subalternidade que a autora usa é do “outro que não pode ser ouvido”, sendo sujeitos sem representação política, legal e impossibilitados de se tornarem membros plenos dos estratos sociais dominantes (SPIVAK, 2010, p. 13). A mulher em estado de subalternidade sequer tem voz para mesmo representar a si, tendo sua voz silenciada ou representada por outro. Esse ato, para a autora, é de uma violência epistêmica contra quem se encontra em subalternidade. Comentários como o dessa postagem do evento de cinco anos da Praia da Estação apontam para o conflito direto entre as duas visões, o questionamento de organizadores e a crítica de que há um grupo que não percebe seu posicionamento estrutural e o de suas pautas¹³⁶.

¹³⁵ Vide: <https://www.facebook.com/events/1581384605429141>. Acesso em: 9 de novembro de 2019.

¹³⁶ Comentário completo no anexo I.

No ano de 2015 ainda acontecem Praias da Estação para discutir a redução da maioria penal; uma Praia da Estação com mais de 10 mil confirmados no Facebook¹³⁷, no feriado do Dia 7 de Setembro; e Praias da Estação na Praça Diogo de Vasconcelos da Savassi em protesto contra o desligamento das fontes, com mais de 7.000 confirmados em evento de Facebook¹³⁸.

O processo de identidade e controle se dá entre a tentativa de redefinição a partir de um novo estilo internamente ao estilo já existente, criando tensão com o controle da identidade já estabelecida naquele domínio de rede, que segue enquanto narrativa mesmo sem o decreto e sem os encontros presenciais e a lista de e-mails que o mantinham em 2010:

Eu acho que a Praia da Estação despertou na cidade um sentimento de pertença coletiva no seguinte sentido: a Praia tem uma gênese esquerda festiva branca de classe média. Inegável. Eu vi isso acontecendo, não tinha esse discurso elaborado que eu tenho hoje, mas eu falei “vamo aí, vamo embora”; A partir de 2013 que você tem as Jornadas de Junho, você tem o Espaço Comum Luiz Estrela, você tem outros movimentos acontecendo na cidade e você começa a perceber uma ocupação periférica mais forte. E aí eu lembro muito nitidamente que algumas pessoas na lista de e-mails se sentindo doídas, dizendo “Não é mais como era antes”. Aí você olha e fala “Não era antes mais como?”. É por que não é você mais branco de esquerda da Savassi que não está mais lá na frente? Minha leitura é essa. Porque começou a ter uma ocupação muito forte de uma galera preta, periférica [...] . E aí a galera das antigas começou a falar assim “A Praia não é mais como era antes”. Aí eu me indago e o discurso dessa Praia não ter líderes? Se a Praia não tem líderes qualquer um pode puxar a Praia. O que existia aí é o racismo velado, inevitavelmente. Já tem alguns recortes aí, algumas percepções e certos comentários racistas. Porque preto periférico não pode e esquerda branca da Savassi pode. O que está envolvido nisso? E isso foi uma das tensões que foram se conformando ao longo da trajetória da Praia e que foi assim, de rico valor pra que os próprios movimentos se reentendessem, no sentido assim: “Gente, a gente tá falando de ocupação do espaço público, de direito à cidade. A gente tá falando de direito à moradia, saneamento básico, transporte. É no centro, mas tem uma galera que vem pra cá de pulão, dá cerol mesmo, foda-se”. E essa galera vai ficar só assistindo? Por que ela não pode protagonizar? (E3. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 2 out. 2019)

Na percepção da entrevistada, que passou a participar das Praias da Estação e movimentos de rua após os eventos de junho de 2013, uma juventude passou a ocupar mais as ruas e modificar questões a respeito de espaço público e carnaval, como um transbordamento apontado pelo Entrevistado E3 das pautas políticas, sobre espaços públicos, festejo e lazer. O Bloco Angola Janga surge em 2015 com uma forte pauta de protagonismo negro e feminista.

[...] o bloco afro Angola Janga de Belo Horizonte surge nesse mesmo contexto. E dessas pessoas que fizeram o enfrentamento na Praia da Estação, os criadores eram

¹³⁷ O evento não está mais disponível no Facebook.

¹³⁸ Cf. HOJE EM DIA. Em protesto, 7 mil pessoas confirmam presença em “Praia da Savassi”. Notícia publicada em: <https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/em-protesto-7-mil-pessoas-confirmam-presen%C3%A7a-em-praia-da-savassi-1.324771>. Acesso em: 13 de novembro de 2019.

meus amigos e o bloco não existia ainda, o bloco surge entre 2015 e 2016. Você vê que tem uma transmutação, mas eles vêm de outro lugar. Participamos desse enfrentamento, mas eles vinham de um outro processo de um bloco gigante de Belo Horizonte que na identidade, no nome carrega símbolos afro-brasileiros, africanos, mas o bloco é composto só por pessoas brancas. Eles estavam insatisfeitos com isso. Eles tinham acabado de sair desse bloco, estavam saindo desse bloco e aí na Praia da Estação vem à tona essa questão racial, corpos pretos serem malvistas ou mal recebidos, maltratados. Havia uma conexão. Eu acredito que era um momento também em Belo Horizonte, mas num contexto geral o Brasil, a América Latina as pautas identitárias estavam ganhando força, de organização dos feminismos, dos antirracismos. E isso começou a se encontrar no centro e tensionar outros espaços. Então em alguma medida sim, tem uma transmutação, mas eu não consigo fazer nenhuma conexão direta para além disso. Eu vejo uma correlação de pessoas que estavam nessa conexão, na Praia da Estação, estiveram em outros espaços, como o Viaduto Santa Tereza. O Angola Janga surge nesse contexto, mas não objetivamente por causa de uma questão da Praia da Estação. (E5. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 6 nov. 2019)

Como apontado na seção anterior, a Praia da Estação surge como “contrauso planejado” do espaço público revitalizado, como uma reação de protesto festivo contra tentativas de regulação pelo poder público. A disputa pelo estilo, no sentido de manter sua “pureza”, é para manter a ação como um dispositivo de uso daquele espaço a ser acionado por qualquer pessoa sem, com isso, ser cooptado por entidades ou grupos organizados. O estilo se reproduziu em todos os verões entre 2010 e 2014, sendo que a partir de 2013 há menos um sentido político-partidário pontual para a realização das Praias e mais uma organização de sociabilidade e uso do espaço público para festas, inserindo a Praça da Estação juntamente com o viaduto Santa Tereza e o Baixo Centro da Rua Aarão Reis com uma importância simbólica de uso. Esse espaço é de imensa importância pela sua centralidade e fácil acesso e se insere na dinâmica do espaço dos fluxos que acentua a dinâmica social (XI; ZHEN; CHANG, 2016; KELLMAN, 2010; CASTELLS, 2013). Essa “aceleração” das dinâmicas no espaço público proporcionado pelas TIC envolve movimentos e motivações diferentes no Brasil, como os protestos de junho de 2013 e o fenômeno dos rolezinhos (CALDEIRA, 2014; SILVA; LEHFELD, 2016). Nesse processo, outras juventudes realmente se apropriam da Praia da Estação para organizarem eventos pelo Facebook e isso cria um evidente choque em frequentadores anteriores que alegam que isso descaracteriza o evento.

Os comentários destacados nas redes semânticas a respeito do espaço público representam uma ampliação de pautas em relação à primeira Praia da Estação de 2010 no que concerne à centralidade da região Centro-Sul no processo, à maior articulação de pessoas brancas vinculadas à cena cultural, à UFMG e a questões sobre gênero e participação feminina. Mesmo a Praia da Estação lutando pela “pureza” do dispositivo, há por parte de alguns participantes, que discutem nas postagens, um sentimento de pertença fortemente

ligado à ideia já abordada de *habitus* de Bourdieu. Quando participantes trazem outras referências como o passinho, a estética do funk, uma linguagem textual com gírias e memes novos, surgem acusações de “descaracterização” da Praia da Estação.

A ideia da construção de espaços públicos, dentro da concepção deste trabalho, realiza-se de forma relacional e dinâmica. A importância que o espaço público revitalizado da Região Central foi percebido e apropriado por diversos grupos, de modo que a Praia da Estação representou mais uma proposta interessante de usos sociais para o espaço público reformado da Praça da Estação. A dinâmica do espaço dos fluxos nos anos 2010 foi revestindo esses espaços de importância e circulação de juventudes e ocupação da Praça da Estação se construindo de forma orgânica. No momento em que essas juventudes se manifestam para convocar os eventos, percebe-se a criação de um “contrauso dentro do contrauso” da Praia da Estação, que é localizado manifestamente no debate em torno da Praia da Estação de janeiro de 2015.

Figura 51 – Aniversário de 5 anos da Praia da Estação



Fonte: Postagem da usuária Aiala Carolina no Flickr, 2015¹³⁹.

A ideia de que o espaço de construção da Praça da Estação é relacional e dinâmica, também é relacional e dinâmica a tensão mais arraigada de separações hierárquicas dentro da proposta de Pierre Bourdieu (2015) de que a construção social do espaço representa uma

¹³⁹ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/127277491@N06/16084727270/in/album-72157649866724278/>. Acesso em: 9 de novembro de 2019.

reprodução das hierarquias presentes nas relações sociais. A nova pauta política que se insere a partir das novas circulações da juventude naqueles espaços é o quão democrático esses espaços públicos realmente são e o fato de ocupá-los com a festa é em si um ato político. Segundo Gonzaga (2017), é convocada no feriado de 7 de Setembro o evento “Praia da Estação – Independência ou Morte”, que atingiu um público de mais de 6 mil pessoas, recorde até então para o evento.

Figura 52 – Anúncio do evento “Praia da Estação, Independência ou Morte” em página de memes do Facebook



Fonte: Print screen da postagem da página BH M1L GRAU no Facebook, 2015¹⁴⁰.

Nesse período de cinco anos, a Praia da Estação se instituiu como uma prática de usos do verão da cidade de Belo Horizonte, dentro de uma simbólica de ocupação e disputa política. O carnaval de blocos de rua nasce dentro da mesma proposta de usos de lazer para o espaço público, mas suscita a questão de quais pessoas podem ocupar o espaço público de Belo Horizonte e quais não podem e quais podem fazer apropriações da Praia da Estação e quais linguagens não seriam permitidas. A Praia da Estação torna-se uma apropriação de novas redes de juventudes da cidade, assim como o carnaval de blocos de rua.

Como observado na análise de redes sociais, há uma forte carga de identidade dos diferentes momentos que atravessaram a Praia da Estação com a presença dos carnavais de rua, e eles carregam identidades de festa e política. Também busco mostrar neste trabalho que

140

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/bhmilgrau/photos/a.352973978118381/867949576620816/?type=3>. Acesso em: 9 de novembro de 2019.

movimentos da cidade como o Fora Lacerda, alguns dos primeiros blocos do carnaval de blocos de rua, os shows nas ocupações urbanas e a Ocupação Luiz Estrela são alguns exemplos de como participantes engajados nessas ações também levaram parte do estilo e das redes acionadas na Praia da Estação a outros espaços, para além da Praça da Estação. A identidade da ação “Praia da Estação” segue carregando o sentido da sociabilidade do verão e da contestação política, como pode ser visto na chamada do evento do aniversário de nove anos. Na descrição, tem-se definido:

MISERICÓRDIA, já estamos na temporada 9 deste bailão de resistência popular pela livre ocupação e democratização do espaço público, que sempre será oposição a qualquer DESgoverno que queira retirar direitos e a liberdade do povão - de ir e vir, de se banhar e qqr outra. Passagem cara pra carái, caixa preta contendo lero-lero do prefeito dentro... CHEGA DE GOLPES! Firmonas no bailão há 9 anos e lutando por um rolezão onde as pessoas possam ser livres e a rua de fato seja ocupada pela zamiga da quebrada, que só têm praça sucateada e pulão da puliça na madrugada. Mas a pergunta que não quer calar: ONDE ESTÃO AS FONTES PRA APAGAR O FOGO DO NOSSO BUMBUM DE OURO? Ano passado ligadas APENAS em uma das Praias pra fazer o movi de trouxa e, desde então, paradas no bailão! GRITE esse hino: Kalil seu fanfarrão, [#LigueAFonteDaEstação](#) (e não espere o Carnaval chegar)!! Querem justamente que seja só mais um rolê, mas jamais será! E pra Record, que achou que não ia rebolar nossa bunda hoje? Um beijo!>> A PRAIA NÃO É UM EVENTO E NÃO TEM EMPREGADOS. A Praia é uma manifestação política, artística, cultural, sensual, performática, sem líderes, coletiva, colaborativa, closeira que não é obrigada a nada! >> TRAGAM SACOS, SACOLAS, CAIXAS DE PAPELÃO! BORA RECOLHER A PRÓPRIA SUJEIRA!! >Indispensáveis: *Fita Isolante e Boia de Golfinho * [#DuasCatuPorBolsa](#) (ou seria [#Corote?](#)) *\$\$ pro caminhão pipa & cara no sol *Filtro Solar do Bial *Sensualismo e mamilo esquerdo *Boy de sunga vermelha e caixa preta pra tapar o sol *Água gelada, pq nem só de cachaça vivem esse corpíthus *Instrumentos musicais pra somar cuz blocos!♥ *CAIXA DE SOM, PORQUE VAI TER FUNK SIM! * senso de COLETIVIDADE. Em algumas das últimas Praias tem rolado, ao entardecer, situações de violência gratuita (os chamados “arrastões”, garrafas de vidro sendo jogadas pro alto etc) que, de maneira alguma, condizem com a proposta dessa reunião tão linda. RACISTAS, MACHISTAS, TRANSFÓBICOS, HOMOFÓBICOS: NÃO PASSARÃO!!!¹⁴¹

A imagem da chamada do evento é uma caracterização do Mártir da Independência, que remete à Praia da Estação de 2010, mas com uma estética que combina o “mote praiano”, com aparelhagem de som ao fundo, e apetrechos que remetem ao funk.

¹⁴¹ Vide: <https://www.facebook.com/events/1015322908657507/>. Acesso em: 13 de novembro de 2019.

Figura 53 – Banner do Evento de aniversário dos 9 anos da Praia da Estação



Fonte: Print screen do evento do Facebook, 2019¹⁴².

Ainda em janeiro, nos dias 22 a 29 de janeiro de 2019, ocorre o Festival Transviva com atrações, oficinas e debates celebrando o mês da Visibilidade Trans. O festival trouxe oficinas, shows, capacitação profissional, sendo toda equipe do festival LGBTQ, transpassando o espaço da Praça da Estação e da Zona Cultural, culminando no final de semana com uma Praia da Estação na temática da celebração dos corpos trans e shows no Viaduto Santa Tereza de artistas transgêneros.

Figura 54 – Banner do Festival Transviva



Fonte: Evento do Facebook, 2019¹⁴³.

Entendendo a relação como dual, a influência das redes articuladas em torno do processo da Praia da Estação também afetou alguns atores envolvidos, especialmente dentro

¹⁴² Disponível em: <https://www.facebook.com/events/1015322908657507/>. Acesso em: 13 de novembro de 2019.

¹⁴³ Disponível em: https://www.facebook.com/transvivafestival/?tn-str=k*F. Acesso em: 13 de novembro de 2019.

do setor que articula política e cultura. A ideia de ocupação do espaço público perpassa alguns blocos que surgiram entre 2009 e 2012 com forte engajamento dos participantes nas Praias da Estação realizam cortejos com participação de moradores em ocupações urbanas e espaços periféricos. O Bloco Tico Tico Serra Copo já traz uma proposta de “errância” e experimentação do espaço público antes da Praia da Estação enquanto essa percepção se acentua em alguns desses blocos com o convívio com as ocupações urbanas. Entrevistados localizam o “estilo” ou o “mote praiano” de ocupação artística no planejamento e execução da ocupação Luiz Estrela, em 2013. Diversos entrevistados também localizam na eleição da Áurea Carolina e na candidatura do “Muitas” parte das articulações de agentes políticos e culturais a partir das articulações surgidas da Praia da Estação.

5. CONCLUSÃO

O estudo de caso aqui apresentado buscou analisar de forma qualitativa, com base em entrevistas; relações de indicação e formação de rede; e material bibliográfico a trajetória de sentidos de um espaço público revitalizado da Região Central de Belo Horizonte que representa uma pequena parcela da história recente da cidade. É um espaço que consolida sua importância juntamente com o entorno a partir dos usos sociais que se fazem dele no decorrer da segunda década dos anos 2000, com a abertura do espaço para seu uso. Tentativas de cerceamento do uso por parte do poder público acionam a ação da Praia da Estação, uma ação de protesto festivo que se consolida nas práticas daquele espaço.

Como apontado no início do trabalho, Belo Horizonte é caracterizada pelo senso popular como uma cidade cuja sociabilidade se dá em lugares fechados. O convite à ocupação do espaço público gera usos tanto esperados quanto inesperados pelas novas dinâmicas que se formam ali. Na concepção deste trabalho, a região da Praça da Estação representa um espaço privilegiado de estudos de como a cidade de Belo Horizonte se inseriu em novos fluxos de sociabilidade promovidos pelo que entendo como uma dinamização das relações no espaço público promovido pelas TIC e redes sociais digitais. A importância simbólica do espaço da Zona Cultural da Praça da Estação, sua acessibilidade móvel e posicionamento estratégico com outras regiões importantes de circulação do hipercentro favorecem ainda mais que esse seja um dos espaços mais importantes de circulação para diversos públicos e para a sociabilidade urbana, em grande medida, juventudes diversas.

Nesse sentido, a Praia da Estação ajudou a construir um importante sentido de sociabilidade para aquele espaço da Esplanada da Praça da Estação em conjunto com o seu entorno e com as demais atividades ali promovidas. O presente trabalho buscou levantar evidências que sustentam o encontro de estilos sobrepostos, que definiu de forma conjunta um sentido de protesto político e festa; descentralização de representatividade em torno de causas específicas, ainda que com forte politização; uma forte identidade de ocupação dos espaços públicos; e um acionamento dessa ação nos verões e em determinados momentos de relevância política. O que se procurou mostrar é que as bases desse estilo de construção relacional dos usos daquele espaço público foram tensionadas no momento em que novos participantes começaram a circular no espaço da Zona Cultural e valorar aquela ação, apropriando-se também dela sem, com isso, modificar as bases do estilo. As tensões geradas por esses novos fluxos podem ser localizadas na citação de Caldeira (2014) de como práticas

de uso arraigadas de segregação e hierarquização do espaço público ficam evidentes no momento em que novas dinâmicas de fluxo se afirmam nesse espaço.

Por outro lado, a construção relacional envolve não apenas a influência de pessoas com os grupos, mas a influência que essas novas associações de rede influenciam os participantes. Algumas ações elencadas, como as dinâmicas de contato com ocupações urbanas dos blocos de carnaval, a articulação do Fora Lacerda e de ocupações artísticas como o Luiz Estrela representam como atores que articularam o estilo da Praia da Estação também levaram parte de influências dessa articulação para outros grupos e articulações que realizaram. Os levantamentos deste trabalho localizam um pequeno feixe histórico dentro de um movimento de pessoas em articulações de rede que continuam acontecendo. As disputas pelo espaço público continuam sendo tensionadas constantemente e a desigualdade estrutural daqueles que desejam ocupar os espaços públicos também surgem de forma desigual no panorama urbano da cidade. Entre alguns exemplos, há o caso da ativista feminista negra e educadora Vanessa Beco, que foi presa durante a preparação de saída do bloco de carnaval “Arrasta Favela”, em fevereiro de 2017¹⁴⁴. Com 250 pessoas esperando para sair no carnaval, um dos representantes do bloco havia mostrado identificação para a Polícia Militar, que exigia os documentos enquanto acompanhava a movimentação. A PM também exigiu os documentos da ativista, que se recusou a apresentá-los, uma vez que outra pessoa já o havia feito, o que causou sua detenção e levada à delegacia. Segundo a Ouvidoria da Polícia, existiram elementos na ação policial que constituem abuso de autoridade e a própria ativista questiona a assimetria de abordagem entre um bloco de carnaval do Aglomerado Morro das Pedras com os blocos das regiões Centro-Sul e Leste¹⁴⁵.

Em 2018, 70 blocos de rua assinaram uma carta aberta contra a repressão policial contra os foliões durante o carnaval de rua. Entre as violências elencadas, tem-se: atos de violência contra o Bloco Tarifa Zero; bombas atiradas no Kandandu – Encontro de Blocos Afro; interrupção de uma festa realizada na sede do PSOL, com violência; interrupção de um show de Marcelo Veronez na Guaicurus, onde a Família de Rua também foi impedida de se apresentar; invasão da PM no final do cortejo do Bloco Filhos de Tcha Tcha, que estava na Ocupação Paulo Freire, no Barreiro, sem nenhuma justificativa ou tentativa prévia de diálogo,

¹⁴⁴ Cf. ESTADO DE MINAS. Ativista é detida pela PM durante concentração de bloco em Belo Horizonte. Notícia publicada em: 01/03/2017. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/03/01/interna_gerais.850909/ativista-e-detida-pela-pm-durante-concentracao-de-bloco-em-belo-horizo.shtml. Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

¹⁴⁵ Cf. G1. ‘Ocupo o lugar de alguém que questiona’, diz ativista negra que foi presa na preparação de bloco em BH. Notícia publicada em: 08/03/2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/ocupo-o-lugar-de-alguem-que-questiona-diz-ativista-negra-que-foi-presa-na-preparacao-de-bloco-em-bh.ghtml>. Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

atacando as pessoas que ali festejavam, incluindo crianças, com tiros de borracha, cassetetes, spray de pimenta e bombas de efeito moral,. No Bairro Santa Tereza, intimidação cotidiana para fazer valer o toque de recolher; na região central, demonstração ostensiva de força na dispersão do Garotas Solteiras; na Praça Raul Soares, no Bloco Unidos do Barro Preto, spray de pimenta para dispersar o resto do pessoal que estava sentado na grama jogando conversa fora; no Bairro Sagrada Família, abordagem abusiva e arbitrária a um jovem no *I Wanna Love You*; no Bairro Santa Lúcia, violência para dispersar os foliões do Bloco Baião; além de agressões contra foliões e ambulantes¹⁴⁶.

Durante o encontro de blocos na Praça da Estação, em 2018, foi estendida uma faixa juntamente com os estandartes dos blocos de ruapara demarcar um posicionamento político durante a festa do carnaval de Belo Horizonte.

Figura 55 – Faixa de protesto no encontro de blocos da Praça da Estação



Fonte: G1, 2018.

Os desejos de se ocupar as ruas para eventos gratuitos de lazer e qualidade de circulação urbana são muito fortes para toda uma juventude da cidade de Belo Horizonte e as dinâmicas de deslocamento, comunicação e informação são cada vez mais intensas. A Praça da Estação, em sua centralidade, representa um importante espaço de análise tanto do desejo de ocupar o espaço público quanto dos limites impostos para a ocupação desses espaços.

¹⁴⁶ Vide: https://www.facebook.com/carnavalderuaBH/posts/172288280774916:0?_tn=K-R. Acesso em: 13 de novembro de 2019.

Portanto, a Praça da Estação seguirá sendo um espaço direto e simbólico de disputa para a ocupação desses espaços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, C. A. “EI, POLÍCIA, A PRAIA É UMA DELÍCIA”: rastros de sentidos nas conexões da Praia da Estação. (Mestrado em Comunicação) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 167 p. 2013.

ALZAMORA, G. C.; ARCE, T.; UTSCH, R. S. Acontecimentos agenciados em rede - os eventos do Facebook no dispositivo protesto. In: Regina Helena Alves da Silva. (Org.). *Ruas e redes – dinâmicas dos protestos BR*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 39-66. 2014.

ANDRADE JUNIOR, L. F. C. Ocupa Belo Horizonte: Cultura, Cidadania e Fluxos Informacionais no Duelo de MCs. (Mestrado em Ciência da Informação) Faculdade de Ciência da Informação, UFMG. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 284 p. 2013.

ANDRADE, L.; JAYME, J. As praças como espaços públicos de grandes cidades. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 25, 2006, Goiânia, GO. Anais..., 11 a 14 jun. Goiânia: GO. 2006.

ANDRÉS, R. A Cidade Utensílio. Blog do Tico Tico. Disponível em: <http://blocodaserra.blogspot.com/2009/05/extra-tico-tico-no-jornal-hoje-em-dia.html>. 2009. Acesso em: 09 de novembro de 2019.

ARAÚJO, L. L. P.; R., R. A popularização das redes sociais e o fenômeno da orkutização. In: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2012, Recife, PE. Anais... Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Recife, PE, 2012.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. (D. Flaksman, Trad.) Petrópolis: Vozes. Original publicado em (1973).

ARROYO, M. A. Reabilitação urbana integrada e a centralidade da Praça da Estação. 2004. 236f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. p. 60.

AYLMER, R. C. O lançamento do jovem adulto solteiro. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. P. 169-183. (M. A. V. Veronese, Trad.). 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995.

BENJAMIN, W. As Teses sobre o Conceito de História. In: *Obras Escolhidas*, V. 1, p. 222-232. São Paulo, Brasiliense, 1985.

BERQUÓ, P. B. A Ocupação e a produção de espaços biopotentes em Belo Horizonte: entre rastros e emergências. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura. 509 p. 2016.

BITTENCOURT, R. R.. Cidadania autoconstruída: o ciclo de lutas sociais das ocupações urbanas na RMBH (2006 - 15) 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura Belo Horizonte, 241 p. 2016.

BOASE, J.; WELLMAN, B. Personal relationships: On and off the Internet, In: Anita Vangelisti and Dan Perlman (org.), *Cambridge Handbook of Personal Relationships*, 2006.

_____.; HARRIGAN, J. B.; WELLMAN, B.; RAINIE, L. The Strength of Internet Ties. *The Pew Internet and American Life Project*. fev. 10, 2007.

BORGATTI, S.; EVERETT, M.; FREEMAN, L. *Ucinet 6 for Windows*: software for social network analysis. Harvard MA: Analytic Technologies, 2002.

BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: *Questões de sociologia*, Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

_____. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. *Estudos Avançados*. vol. 27, no. 79, São Paulo, 2013.

_____. *Sociologia*. São Paulo, Editora Ática, 1983.

BOYD, D. M.; ELLISON, N. B. *Social network sites*: Definition, history, and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*. 2007.

BREIGER, R. The Duality of Persons and Groups. *Social Forces*, v. 53, p.181-190. 1974.

CALDEIRA, T. R. P. Qual a novidade dos rolezinhos? Espaço público, desigualdade e mudança em São Paulo. *Novos estud.* - CEBRAP no. 98, São Paulo, Mar. 2014.

CARDOSO, M. L.; DO NASCIMENTO, A. M. Ocupar, Resistir: o movimento Ocupe Estelita na cidade do Recife. *Revista Três Pontos*, v. 15, n. 1, 2018.

CARREIRA, A.; OLIVEIRA, V. M. de. Teatro de Grupo: modelo de organização e geração de poéticas. In: *O Teatro Transcende*, Ano 13, n. 11, Blumenau, p. 95-98, FURB, 2003.

CASTELLS, M. *Redes de indignação e esperança*: movimentos sociais na era da internet, tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. *O poder da identidade*. São Paulo. Editora Paz e Terra, 1999.

CHUA, V.; MADEJ, J.; WELLMAN, B. Personal Communities: The World According to Me". In: CARRINGTON, S., P., SCOTT, J. (org.). *Handbook of Social Network Analysis*. Thousand Oaks: Sage, p. 101-115. 2011.

COIMBRA, K. E. R.; SARAIVA, L. A. S. Territorialidade em uma Organização-cidade: o Movimento Quarteirão do Soul. *Revista Gestão e Regionalidade Santa Catarina, SC.*, v. 9, nº 86. 2013.

DOMINGUES, L. B. Junho de 2013: Atores, Práticas e Gramáticas nos Protestos em Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. 206 p. 2019.

D'ANDREA, C.; ZILLER, J. BH: Mídia e movimentos nas ruas da cidade. In: OLIVEIRA, Adélia et al. *BH nas ruas*: a revolução será filmada por você. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2014.

DAYRELL, J. A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 412 p. São Paulo. 2001.

DE SOUZA E SILVA, A. From Cyber to Hybrid Mobile Technologies as Interfaces of Hybrid Spaces. *Space and culture*, nº 9, v.3, 261-278. 2006.

_____.; DUARTE, F.; DAMASCENO, C. Creative appropriations in hybrid spaces: Mobile interfaces in art and games in Brazil. *International Journal of Communication*, 11, 1705-1728. 2017.

DIAS, P. L.C. Sob a “lente do espaço vivido”: a apropriação das ruas pelos blocos de carnaval na Belo Horizonte contemporânea. (Mestrado em Arquitetura). Faculdade de Arquitetura, UFMG. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 203 p. 2015.

EMIRBAYER, M. Manifesto for a Relational Sociology. *The American Journal of Sociology*, Chicago, v. 103, n. 2, p. 281-317, Sep. 1997.

ERIKSON, E. Formalist and Relationalist Theory in Social Network Analysis. *Sociological Theory*, v. 31 n. 3, 219–42. 2013.

_____. *Identidade: Juventude e crise*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar. 1976.

ERVING, G. Behavior in public places: notes on the social organization of gatherings. *New York*, v. 3, 1963.

FEIXA, C. *De Jóvenes, Bandas y Tribus*. Barcelona: Ariel. 3ª edição, 2006.

FREEMAN, L. *The development of social network analysis*. A study in the sociology of science. Vancouver: Empirical Press, 2004.

FILHO, H. F. P. “Glórias, Conquistas, Perdas e Disputas: As Muitas Máscaras do Carnaval de Rua de Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 225 p. 2006.

FIUZA, B. M. A Ação Global dos Povos e o novo anticapitalismo. Dissertação (Mestrado em História Econômica). 248p. FFLCH, Departamento de História, Universidade de São Paulo, 2017.

G1. Carnaval 2019 em BH: Segunda tem Baianas Ozadas, Havayanas Usadas, Corte Devassa e muito mais. Notícia publicada em 03/03/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/carnaval/2019/noticia/2019/03/03/carnaval-2019-em-bh-segunda-tem-baianas-ozadas-havayanas-usadas-corte-devassa-e-muito-mais.ghtml>. Acesso em: 09 de novembro de 2019.

G1. Fecha a Santa encerra o carnaval de BH com festa e protesto contra violência. Notícia publicada em 18/02/2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/carnaval/2018/noticia/fecha-a-santa-encerra-o-carnaval-de-bh-com-festa-e-protesto-contra-violencia.ghtml>. Acesso em: 09 de novembro de 2019.

GARROCHO, L. C. – O Teatro e as Forças do Coletivo. *Fit Revista*, Belo Horizonte, 2008.

GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo UNESP, 1997.

_____. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2002.

GODART, F.; WHITE, H.. Switchings under uncertainty: The coming and becoming of meanings. *Poetics*. Vol. 38, n. 6, p, 567–586. 2010.

GONZAGA, M. M. “Entre a Praça e a Internet: A Potência Narrativa na Criação de Outros Imaginários Políticos na Praia da Estação, em Belo Horizonte”. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal da Bahia, Departamento de Arquitetura e Urbanismo. 306 p. 2017.

GRANOVETTER, M. Ação Econômica e Estrutura Social: O Problema da Imersão. *RAE-eletrônica*, v. 6, n. 1, Art. 5, jan-jun, 2007.

_____. The Strength of the Weak Ties. *American Journal of Sociology*, 78, 1360-1380. 1973.

GUERRA, P.; QUINTELA, P. (2016). Culturas urbanas e sociabilidades juvenis contemporâneas: um (breve) roteiro teórico, *Revista de Ciências Sociais*, v. 47 nº 1 p. 193-217. 2016.

HALL, S. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A; 2005.

HANNEMAN, R. *Introducción a los métodos del análisis de redes sociales*. Departamento de Sociología de la Universidad de California Riverside, 2000.

HARVEY, D. A. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo, Editora Loyola. 1992.

HASENBALG, C.; SILVA, N. *Estrutura Social, Mobilidade e Raça*. Rio de Janeiro: Iuperj/Vértice. 1988.

HOFFMAN, F. E. Museus e revitalização urbana: o Museu de Artes e Ofícios e a Praça da Estação em Belo Horizonte. *Cad. Metrop.*, São Paulo, v. 16, n. 32, pp. 537-563, nov. 2014.

HOLLSTEIN, B. Qualitative Approaches. In: CARRINGTON, S., P., SCOTT, J. (org.). *Handbook of Social Network Analysis*. Thousand Oaks: Sage, p. 101-115. 2011.

JAYME, J.; TREVISAN, E. Intervenções Urbanas, usos e ocupações de espaços na região central de Belo Horizonte. *Civitas*. Porto Alegre, maio/ago. Vol. 12, n. 2, p. 359-377. 2012.

LAMAS, J. P. G. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbentian, Junta de Investigação Científica e Tecnológica, 1992.

LAZEGA, E.; HIGGINS, S. S. *Redes sociais e estruturas relacionais*. Fino Traço, Belo Horizonte, 2014.

LEITE, R. P. “Espaço público e política dos lugares: usos do patrimônio cultural na reinvenção contemporânea do Recife Antigo”. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Estadual de Campinas, departamento de antropologia. 399 p. 2001.

_____. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17 n. 49, p. 2-22, junho/2002.

LONGHI, R. R.; SOUSA, M. A dinâmica da notícia na internet: organizações jornalísticas e atores da rede. *Contemporânea*, v. 10 n. 3 p. 511-529. 2012.

LOPES, M. B. As Novas utopias piratas: uma análise de wikis e projetos colaborativos através da Zona Autônoma Temporária de Hakim Bey. *E-Compós*, v. 9, 11. 2007.

MARSDEN, P. Surveys for Network Data. In: CARRINGTON, S., P., SCOTT, J. (eds.). *Handbook of Social Network Analysis*. Thousand Oaks: Sage, p. 101-115. 2011.

MELO, T. M. “Praia da Estação: Carnavalização e Performatividade”. (Mestrado em Artes). Escola de Belas Artes, UFMG. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 167 p. 2014.

MISCHE, A. Relational Sociology, Culture and Agency. In: CARRINGTON, S., P., SCOTT, J. (eds.). *Handbook of Social Network Analysis*. Thousand Oaks: Sage, p. 101-115. 2011.

_____.; WHITE, H. Between conversation and situation: Public switching dynamics across network domains, *Social Research* n. 65 p. 695–724. 1998.

MARTÍN-BARBERO, J. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, S. H.S.; FILHO, J. F. (Orgs.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008.

MOHR, J.; WHITE, H. How to model an Institution. *Theory and Society*. Vol. 37, 5, p. 485-512. 2008.

MORAIS, M. J. *Por dentro do Fora do Eixo: Uma das maiores redes de coletivos culturais do país*. São Paulo, ECA-USP, 2013.

MOREIRA, C. M. R. Patrimônio cultural e revitalização urbana. Usos, apropriações e representações da Rua dos Caetés. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

MOTTA, E. M. P. L. Medindo a desigualdade socioespacial: os aglomerados subnormais em Belo Horizonte. In: XVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2017.

MURTA, R. S. Patrimônio material e turistificação: um estudo sobre a Praça da Estação. Dissertação (Mestrado em Turismo e Meio Ambiente) - Centro Universitário UNA, Belo Horizonte, 2008.

MUSA, P. “Movimentos Imagem”. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 287 p. 2015.

NICBRN (Núcleo de Informação e coordenação do Ponto BR). *Banda Larga no Brasil: Um Estudo Sobre a Evolução do Acesso e da Qualidade das Conexões à Internet*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2018.

NASCIMENTO, D. M. (Org.); LIBANIO, C. A. (Org.); LIBANIO, C. A. (Org.). *Ocupações urbanas na Região Metropolitana de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Favela é Isso Aí, 2016.

OLIVEIRA, I. T. M. “Uma ‘Praia’ nas Alterosas, uma “antena parabólica’ ativista; configurações contemporâneas da contestação social dos jovens de Belo Horizonte”. (Mestrado em educação) – Faculdade de Educação, UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 246 p. 2012.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, ANPED, n 5/6, 1997.

PEREIRA, V. Planejamento urbano e turismo cultural em Belo Horizonte, Brasil: espetacularização da cultura e a produção social das imagens urbanas. In: CONGRESSO VIRTUAL DE TURISMO, 2., 2003. *Anais*. 2003.

RECUERO, R. Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*, n. 32, p. 23-31, 2007.

_____. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. *Revista Verso e Reverso*. Rio de Janeiro. n° 68. P. 114-124. 2014.

RIBEIRO, C.; SCALON, C. Mobilidade de Classe no Brasil em Perspectiva Comparada. *Dados*, v. 44, n. 1, 2001.

RICCI, R.; ARLEY, P. *Nas ruas: a outra política que emergiu em junho de 2013*. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2014.

RIGITANO, M. E. C. *Redes e ciberativismo: notas para uma análise do Centro de Mídia Independente*. Biblioteca on-line de ciências da comunicação, 2005.

ROBBA, F.; MACEDO, S. S. *Praças brasileiras: public squares in Brazil*. São Paulo: Edusp, 2002.

RODRIGUES, J. H. “O Movimento *Hip Hop* e os Duelos de MCs em Belo Horizonte: Conexões de Saberes Através da Disputa Rimática”. (Mestrado em educação) – Faculdade de Educação, UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 207 p. 2015.

SANT’ANNA, M.J.G.; CARNEIRO, S.S. Espacialidade urbana, usos e apropriações de espaços públicos: estudo de duas praças na cidade do Rio de Janeiro. In: PENALVA, A., CORREIA, A.F., MARAFON, G.J., and SANT’ANNA, M.J.G., eds. *Rio de Janeiro: uma abordagem dialógica sobre o território fluminense* [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 169-189. 2018.

SANTOS, G. C.; VELOSO E SOUSA, C.; PEREIRA, J. R. Eu quero é “botar” o meu bloco na rua: uma análise do carnaval de Belo Horizonte entre os anos de 2013 e 2015. *Turismo – Visão e Ação*, 18.2: 251-279. 2016.

SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, out. 2005.

SINGER, A. Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. *Novos estudos – CEBRAP*, São Paulo, n. 97, p. 23-40, nov. 2013.

SILVA, T. R.; LEHFELD, N. A. S. R. O lócus do jovem pobre na sociedade a partir do boom dos rolezinhos. *Katál.*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 126-134 jan./jun. 2016.

SMITH, N. *The new urban frontier: gentrification and the revanchist city*. Nova York/London, Routledge. 1996.

SOUZA, I. C. O. Carnaval Revolução: Uma Experiência de Contracultura. Monografia (Graduação em Jornalismo). 53f. Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH), 2010.

SOUZA, J. de. *Batalhadores Brasileiros: a nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STAKE, R. E. Case Studies. In N. Denzin Y. Lincoln, *Handbook of qualitative research*. 1994.

VANDENBERGH, F. Relational Sociology as a Form of Life: In Memoriam François Dépelteau (1963-2018). *Canadian Review of Sociology/Revue canadienne de sociologie*. Wiley. nov. 2018.

VENTURINI, T.; MUNK, A.; JACOMY, M. Ator-rede versus Análise de Redes versus Redes Digitais: falamos das mesmas redes? *Galáxia* (São Paulo). n. 38, pp. 5-27. 2018.

VICE. O aniversário da Praia da Estação. Notícia publicada em 13/01/2016. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/8q43zk/prai-da-estacao-2016. Acesso em: 09 de novembro de 2019.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. *Social Network Analysis*. Cambridge University Press, Cambridge U.K., 2004.

WHITE, H. *Identity & Control*. How social formations emerge. Princeton: Princeton University Press, 2008.

_____. Meaning Emerges in Relation Dynamics. Economic History Semminar, Spring 2008. Harvard Business School. 2008.

ZUKIN, S. Gentrification: culture and capital in the urban core. *American Review of Sociology*, n. 13, p. 129-147. 1987.

ANEXO I

Citação da nota 13 –

O Duelo começa em frente o Miguilim da Praça da Estação em 24 de agosto de 2007 muito a partir de uma experiência que a gente teve com a Liga dos MC's, uma semana antes muitos de nós que estivemos na primeira edição do Duelo, nós participamos da Liga, dessa edição da Liga aqui em BH, dessa eliminatória. E eu, como um desses participantes, como amigo da rapaziada que puxou o bonde do Duelo, eu fui convidado pra estar ali, pra participar, já que não tinha até então nenhum encontro de hip hop no centro de BH acontecendo naquela época. Não tinha uma batalha de MC's que fosse frequente na cidade, a gente participava de forma esporádica. E eu enquanto um desses que participava das batalhas fui convidado e a gente ficou ali no Miguilim da Praça da Estação até o final de 2007 e quando começou a chover a gente foi pra debaixo do viaduto, muito na de proteger mesmo, porque a gente já tava com equipamento também. Emprestado, mas tava com equipamento já pra fazer o duelo. E aí a gente sentiu essa necessidade de se esconder da chuva. Mas o público começa a aumentar na Praça da Estação em frente o Miguilim. Te falo que na primeira vez foram dez, vinte pessoas que se encontraram pra fazer o Duelo. E na hora que a gente assustou já tinham cem, duzentas pessoas até o final de 2007 já frequentando toda sexta, fazendo parte dessa celebração. Dali pra frente quando a gente foi pro viaduto foi só aumentando, até porque tinha mais espaço, mais pessoas podiam assistir. Porque na frente do Miguilim tinha essa questão que era a partir de um dado ponto as pessoas não assistiam, só ouviam as batalhas, porque não cabia mesmo. Então no viaduto com um palco e um sonzinho muito mais pessoas puderam acompanhar no viaduto e a coisa começou a expandir muito rápido. Na hora que a gente assustou tinha muita gente no viaduto e virou o que virou rapidamente, em poucos anos já tinha um público muito grande frequentando o duelo. (E23. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 23 out. 2019).

Citação da nota 14 –

O Coletivo Família de Rua é um Coletivo que o tempo todo dialogou com quem tava ocupando ali o espaço ou quem passou a ocupar o espaço. 2007 quando a gente chegou por ali, não acontecia muita coisa. Eram poucas coisas que aconteciam. E depois que a gente passou a ocupar o espaço constantemente, o olhar da cidade, da juventude da cidade sobre aquele espaço passou a ser outro. Mudou mesmo o olhar. Nessa mudança de olhar, a ocupação passou a ser muito mais vista como possível, muito mais interessante. E toda vez que um grupo chegava ao espaço, passou a ser bem natural que esses grupos que queriam ocupar o espaço, a região, buscassem a gente para conversa, pra entender mais de como era o funcionamento do espaço. Questão de alvará, licenciamento, essas questões. E a gente sempre nesse diálogo, sempre nessa ponte com quem estava ocupando o espaço. (E23. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 23 out. 2019).

Citação da nota 19 –

A galera que passou pelo Domingo Nove e Meia estava interessada em discutir a própria vida como experiência diferente. Então a galera foi pro veganismo, foram andar de bicicleta, viajar de carona, abandonaram emprego, abandonaram universidade, começaram a ocupar casas abandonadas. E é uma linha de pensamento do anarquismo ou próxima ao anarquismo muito ligado a uma ideia de revolução micro para crescer e chegar no

macro. [As Organizações Anarquistas ligadas à formação de base e lutas tradicionais] eu acho que têm uma ideia de organização política que tenta criar uma estrutura para influenciar mais no macro que no micro. [...]. Eles sempre estavam ligados a uma ideia de criar um movimento de massa. Então é uma galera que está pensando em anarquismo, mas tem outro cheiro. É uma ideia de criar organizações anarquistas para influenciar movimentos de massa. Eu acho que a gente é mais coletivista, de se organizarem coletivos, comunidades. (E1. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 25 nov. 2019).

Citação da nota 22 –

Inicialmente eu vim de uma dupla formação, que eu comecei a estudar teatro muito novo e também comecei a me ligar no movimento punk, no movimento hardcore. Então eu digo que essas duas coisas caminhavam em paralelo. Indo em shows, principalmente entrando em contato com um espaço que tinha em BH que chamava Mansão Libertina que fazia o Carnaval Revolução e também tinha um espaço Chamado Gato Negro que era no Maletta. E também estudei teatro no Palácio das Artes, fiz teatro adolescente, depois fiz minha formação no CEFAP na época, no teatro profissionalizante. Eu tava muito novo, com 16, 17 anos. Então fui caminhando nisso, a partir do punk e do hardcore entrar dentro do anarquismo, entrar em contato com essa galera que tinha essas bandas e tinha esses coletivos. Aí eu digo também que minha formação foi muito através dessa galera que tinha esses espaços e tinha esses eventos porque a partir de lá entrei em contato não só com a questão da formação dos coletivos, mas também em aspectos teóricos. E também uma preocupação estética que principalmente tinha a ver com as formas horizontais, com a forma de ocupação dos espaços públicos. E também com questões concedentes a veganismo, ao feminismo, enfim. (E19. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 27 set. 2019).

Citação da nota 23 –

Na adolescência eu tive contato com o punk rock, isso era em 1996. E nesse tempo tinha uma cena anarcopunk em Belo Horizonte que era interessante. Galera organizava várias atividades, vários eventos. Aí eu tive contato com essa galera e me fascinava essa iniciativa que essa galera tinha de e juntar para organizar coisas. Só que eu morava na periferia e não tinha dinheiro para ir pro centro. Morava no Alipio de Melo e antes disso mais para a periferia ainda. Aí quando foi 2005, 2006, 2007 eu comecei a trabalhar no centro. Então eu comecei a ter acesso aos movimentos que tinha às vezes no centro, mais ligados ao anarquismo, que foi a galera que eu mais procurei. Ai com essa galera eu conheci várias figuras. E aí os coletivos anarquistas que existiam quando eu não conseguia frequentar o centro já tinham minguado. Aí no Orkut tinham umas comunidades como “Anarquismo BH” e quem frequentava essas comunidades era uma galera bem nova, a gente marcou uns encontros e num desses encontros eu fui conhecendo algumas pessoas e a gente sentia a necessidade de ter um ponto de encontro na cidade de um viés mais anárquico e agente começou a puxar. Aí surgiu a ideia do Domingo Nove e Meia que era inspirado em um outro encontro que rolava em Belo Horizonte que era uma feira libertária que rolava uma vez por mês na Praça Afonso Arinos, mas não rolou muito bem não, não vingou muito bem não. Eu tinha uns 21, 22 anos. [...] De lá a galera começou a puxar várias coisas, Bicletada surgiu daí, vieram várias coisas, várias publicações. A Loja Grátis. Depois chegou o Ystilingue. O Ystilingue já existia mais ou menos antes disso, só que ele era muito *underground*, muito fechado em si mesmo e a gente precisava de um espaço físico, então a gente começou a se envolver com o Ystilingue. Acabou que a gente meio que herdou o Ystilingue,

porque a galera que estava antes saiu fora, ficou só nós mesmo. E daí, das reuniões do Ystilingue a gente fazia várias coisas: biblioteca, evento, mil coisas rolavam por ali. (E1. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 25 nov. 2019).

Citação da nota 27 –

Em 2007 a gente fez uma intervenção com o Conjunto Vazio que chamava “A Praia”. A ideia era da Naiara que era do Conjunto Vazio e tinha um diálogo muito forte com um *happening* que o Galpão tinha feito na década de 80 que chamava “Queremos Praia”. E a gente tinha visto o documentário da Louise Ganz chamado “Lotes Vagos”. E em um deles eles montavam uma praia. E a gente falou “Por que essas rotatórias da cidade não têm uma espécie de uso? Vamos para as rotatórias”. Então a gente fez duas ou três. Minha avó foi em uma delas. A primeira a gente fez na Savassi; ainda não tinha uma discussão forte sobre onde fazer. Isso nem passou pela nossa cabeça, o que é fazer uma intervenção urbana na Savassi, o que é fazer no Centro, nesses espaços centrais. E eu lembro que no Estado de Minas saiu uma matéria sobre “A Praia de Belo Horizonte” e esse interesse das pessoas que foi muito desprezioso. Era “vamos ver o que acontece”, que tipo de ruído, que tipo de interferência acontece. E era uma preocupação no Ystilinge, no Conjunto Vazio dos processos de mudança que estavam acontecendo no centro da cidade. Eu moro no centro desde 2004 e vi isso, mudar pra lá o valor muito baixo, a cidade vinha sofrendo o Centro Vivo, com cada vez mais câmeras e a gente foi notando. no Ystilinge, na Loja Grátis, o próprio Maletta depois o que foi acontecendo. Quando a gente era do Ystilinge a varanda do Maletta ficava fechada. Então se alguém quisesse ir lá a gente teve que fazer uma campanha portátil, que a gente roubou o fio. Então tocava, a gente tinha que ir lá, fechava a porta... Não circulava ainda uma ideia muito clara do que era a ocupação do centro, o que era “reaviver” o centro. (E19. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 27 set. 2019).

Citação da nota 31 –

Eu acho que o jovem de Belo Horizonte, a juventude estava sedenta por ter coisas na rua e poder viver a cidade gratuitamente, porque uma coisa é você ter dinheiro para entrar nos lugares, outra coisa é as coisas serem gratuitas. Então desde que a Praia da Estação ficou grande mesmo. Outra coisa é a cena cultural estar envolvida e ela tem acesso a todas as redes [digitais]. Uma banda tem uma rede social que já tem vários seguidores e então isso começa a se disseminar muito fácil, muito rápido. Então todas as pessoas, todos os agentes culturais da cidade estão de alguma forma estão envolvidos no carnaval [...] mas uma coisa que eu ouvia na época do Outro Rock, antes da Praia da Estação, quando a gente rodava por aí: “Nossa, mas como assim coletivo que tem a galera do rock e do instrumental? Aqui em São Paulo a cena é toda rachada, nem a galera do rock conversa”. Então o mercado pauta muito mais isso, eles não precisam fazer tanta rede dos segmentos (E13. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 11 nov. 2019).

Citação da nota 32 –

[...] foi uma época muito interessante, mas ela foi muito eclipsada pelo carnaval e pelo movimento da Praia da Estação, Mas ela está na base disso e inclusive, vamos dizer assim, enquanto matéria social. Tinha, eu diria, uma rede muito interessante de grupos musicais, de produção cultural, de músicos, de público. Uma época

meio limite dessa coisa que a música ainda era central nessas carreiras, o que não é mais. As carreiras musicais hoje em dia estão focadas em grande parte mais na imagem do artista. Eu acho que era um momento meio intermediário. Se tratando de sociabilidade eu acho que começa de fato antes, porque quando a gente chega no final de 2009 e início de 2010 o que a gente tem ali é um cenário preparado do ponto de vista da sociabilidade, porque a gente forma uma banda por volta de 2005 ainda com essa coisa da música online bem no início. Hoje isso é quase uma regra, mas assim a gente grava essas músicas de maneira caseira, guerreira, na casa do cara, o que hoje é muito comum. E aí a gente coloca isso era naquela Trama Virtual que existia, tinha o Myspace, começando essas plataformas de divulgação online. A brasileira mais forte talvez fosse essa [Myspace], pelo menos pro nicho que a gente buscava, a gente fazia rock meio antenado, com referências de coisas antigas, mas também bastante antenado com o que tava rolando na época. [...]. Era uma outra internet também, a gente não estava falando da internet do Facebook, a gente não está falando dessa internet com essa coisa dos algoritmos, fechada. Era uma coisa um pouco mais plural nessa época, tem um híbrido aí já de mobilização online e presencial. Então o primeiro show já bastante cheio. Então a gente começou a banda num momento bem transitório de uma nova cena. A gente rapidamente já é escalado para um festival que pra além da trajetória pessoal a gente encontra um cenário político e cultural nacional absolutamente vigoroso, impressionante. Os momentos mais impressionantes que eu conheço da produção cultural e da circulação no país que foram primeiro esse movimento da ABRAFIN, da movimentação dos festivais. (E12. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 12 dez. 2019).

Citação da nota 34 –

Essa articulação que se deu pra constituição do Fórum Mineiro da Música e do edital Música Minas que possibilitou a criação dessa cooperativa de músicos que foi o COMUM ela meio que antecedeu e de alguma forma foi adubo pra movimentação do Outro Rock, a constituição do Outro Rock. Muitos de nós do Outro Rock fomos cooperados do COMUM, acompanhamos em certa medida o debate pra construção do Música Minas, mas já éramos uma outra geração com um outro pensamento, com uma outra ideia, outro desejo, outras utopias que nos colocaram numa outra estrutura de organização, de elaboração e de construção na cidade. (E21. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 7 nov. 2019).

Citação da nota 35 –

Eu acho que esse momento tem um desdobramento quase que em alguns lugares como Belém do Pará que eu já tinha uma certa admiração por lá muito antes de estourar o tecnobrega no Brasil, a gente vai lá em 2008 ou 2009 e ali eu vejo um cenário popular muito interessante, o Festival Se Rasgum, festival que acontece até hoje e que misturava a banda Tecno show, a banda da Gabi Amarantos com metal. Eu volto e esse é rolê muito inspirador pra mim no sentido de tocar na Obra [bar musical de Belo Horizonte], tocar em alguns lugares para um público muito pequeno. Sem demérito nenhum, eu acho que a Obra é um oásis na cidade, mas eu volto com a sensação de não tocar e não fazer música para a minha cidade, fazer música para uma fração muito pequena. E era um movimento, uma tentativa de imersão. Essa coisa não é tão formulada naquela altura de uma maneira tão racional assim igual eu estou falando não, mas tinha uma tentativa, e aí a gente já está bem próximo da galera do Graveola, o Fusile. A gente tinha um grupo de bandas, o Transmissor, mas principalmente nessa questão da rua, da cidade principalmente, porque a gente compra esse discurso de ser bandas vinculadas muito fortemente à

cidade, envolvidos. A gente circulando nacionalmente conhecia pouco a nossa cidade, a verdade é essa. A gente conhecia muito pouco de Belo Horizonte. Em nossa trajetória, a gente se formou e se circulava em poucos bairros. (E12. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 12 dez. 2019).

Citação da nota 36 –

O primeiro show foi na [casa de shows] A Obra e a partir disso a gente se encontrava muito lá. E aí a gente começou a fazer esse Festival Outro Rock de ocupação do espaço público. Então o primeiro festival a gente conseguiu com a Fundação de Cultura na época, montaram um palco pra gente e a gente fez um show na Praça Floriano Peixoto antes dela ser reformada. Isso foi em 2008, talvez. Colocamos no palco 12 bandas, seis em cada dia. E foi muito legal a gente ocupar o espaço, e era de graça, fazer um festival na tora, sem dinheiro. E aí depois a gente faz esse festival na Savassi, aí ele já era maior. E aí tinha um movimento nacional muito forte com a galera do Fora do Eixo. [...] depois eu fico sabendo que na mesma época que a gente estava com o Outro Rock estava acontecendo o Movimento Nova Cena no teatro, estavam acontecendo movimentos assim, na cidade, de segmentos da cultura. (E13. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 11 nov. 2019).

Citação da nota 40 –

[...] E o Espanca! chegou a integrar o Redemoinho que era um movimento nacional de teatro de grupo junto de vários outros parceiros na cidade. E aí naquele contexto, antes dela surgir, muitos coletivos na cidade, muitos grupos, muita gente estava estudando o espaço público, tanto da perspectiva urbana, da urbanidade, das políticas, do espaço público, trânsito, mobiliário urbano, ocupação, festas e também eu tinha um coletivo chamado Paisagens Poéticas, estava começando um trabalho sobre teatro na rua e intervenção urbana. E isso meio que “deu match” tanto para nós do coletivo, da geração de artistas de teatro. Eram todos muito próximos do Espanca!, éramos todos atores, atrizes. A maioria do povo não estava no dia-a-dia do Espanca, mas eram parceiros do grupo também. Tem esse movimento que o Espanca! gerou na cidade. Daí isso veio junto com músicos, artistas, professores universitários. Até partidos e organizações políticas que inesperadamente se encontraram num domingo à tarde na Praia da Estação. (E11. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 7 nov. 2019).

Citação da nota 46 –

Eu passava pela Praça da Estação quatro vezes por dia, porque eu ia almoçar e voltava em casa, passava pelo túnel por debaixo do trem. Eu vivia aquilo ali, ali era o meu local de trabalho; a gente pesquisava o centro da cidade, eu tinha acabado de defender minha dissertação sobre os diálogos públicos no centro da cidade, eu percebi que tinham vários anônimos que se comunicavam pelas paredes. Aí a gente ficou sabendo desse decreto, a gente estava acompanhando a obra desde o início. A gente sabia, estava pesquisando, que tinha muito recurso público. E tinha um decreto de lei que determinava que a Praça da Estação seria um espaço para grandes eventos, aí o Márcio Lacerda veio com essa. Aí começou uma articulação, a gente começou todo mundo a se comunicar, tinha um blog, o “Vá de Branco”. Uma coisa importante é que o blog faz uma chamada anônima são poucas as pessoas que sabem quem é essa pessoa que fez a chamada, que fez o blog e esse blog conecta pessoas de vários

lugares, não só as necessariamente as pessoas do grupo com o qual eu estava me relacionando, mas são ativistas e pessoas de vários outros movimentos. Aí a gente vai pra Praça da Estação no dia 7 de janeiro às 17h de branco. E aí a gente chega lá e tem gente de vermelho, tem gente de preto. A gente demora cinco horas pra conseguir se entender. Tinha gente que já queria quebrar tudo, quebrar o museu, tinha gente que dizia “Não, a luta é Iansã, é Xangô”, enfim, foi uma confusão. Aí a gente tira uma lista de e-mails essa noite, já era 21h da noite quando a gente passa a lista de e-mails. Eu digito esses e-mails em casa e a gente cria o grupo. Em nove dias já tem uma chamada pra Praia da Estação que é uma das ideias que tinha circulado nessa reunião e essa reunião demorou umas cinco, seis horas. E ela foi múltipla porque teve gente que passou, teve gente que foi embora, mas dali a gente já tirou uma lista de oitenta e-mails (E18. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 19 dez. 2019).

Citação da nota 47 –

A convocação foi em dezembro de 2009 o encontro “Vá de Branco”. Aí eu estava lá naquele dia, não fui de branco (risos), mas foi interessante. Lá encontrei pessoas que eu já conhecia dos movimentos culturais e fiquei conhecendo muita gente que hoje somos amigos até hoje. De lá que surgiu a ideia da Praia da Estação e também a ideia de uma conversa sobre a questão da utilização do espaço público, de maneira que ele pudesse ser um espaço livre e democrático que as pessoas pudessem frequentar. Então surgiu um pouco ali, não era só a Praia da Estação como encontro, como festa não. Era também, porque a festa também é política; É um evento de encontros também, tanto que eu fiz amizades naquela época que continuam até hoje e amizades com pessoas de luta que continuam até hoje nos movimentos. (E6. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 11 out. 2019).

Citação da nota 51 –

[...] E nesse chamado “Vá de Branco” a galera criou uma lista de e-mails chamado “Praça Livre BH”. Eu não vou lembrar muito bem a ordem, só sei que a gente falou “vamos fazer uma chamada pra Praia”. Nisso a gente reuniu no Ystilinge, escrevemos uma primeira chamada, fizemos a arte que tem muito a ver com o que a gente fazia do Domingo nove e Meia, da Loja Grátis que eram colagens bem provocativas e a gente fazia uma chamada para além do evento festivo, um evento para debater o decreto (do Márcio Lacerda). [...] A gente estipulou que ia fazer uma chamada anônima porque sempre foi um estilo e tinha a ver principalmente que a gente não sabia o que era o decreto do Lacerda. E o Vá de Branco era justamente para pensar nisso. Um decreto que um belo dia apareceu proibindo “eventos de qualquer natureza”. E a gente não fazia a menor ideia do que eram eventos de qualquer natureza e pensou justamente nisso, como a gente não sabe o que ele está dizendo, melhor não só por uma questão estilística, mas uma questão estratégica também fazer de maneira anônima. Então publicamos isso no CMI (Centro de Mídia Independente) e mandamos na lista de e-mails. [...]. Pra mim foi muito impactante um certo tipo de pensamento da galera da cultura que era do tipo “A gente precisa fazer release pra imprensa”, “A gente tem que ver quem vai falar com a imprensa” e a discussão é: “as coisas nem aconteceram e vocês já estão pensando primeiramente na maneira que escoo como matéria jornalística?”. Melhor a imprensa ir lá e ver o que acontece. E quando aconteceu eu tava esperando que ia dez, doze pessoas de sempre que vão e sei lá, deu centenas de pessoas. Não ligaram a fonte e teve essa primeira conversa. (E19. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 27 set. 2019).

Citação da nota 60 –

Teve o dia do surfista, que não sei se foi no primeiro dia, no segundo, no terceiro, mas foram nos primeiros dias de Praia da Estação. Nesse primeiro tempo que teve, numa das primeiras Praias da Estação, quando chega o caminhão-pipa e as pessoas vão se molhar, chega um cara vestido de surfista com uma prancha. E aí todo mundo levantou a prancha dele e ele surfou na “onda da praia” que éramos nós, todos molhados. E foi delirante isso. Delirante essa coisa de representar ou curtir uma praia. E o surfista foi a chave de ouro do negócio, tem onda e tem surfista. Foi muito legal essa imagem do surfista. E essas coisas eram bem no começo da Praia da Estação. Era surpreendente pra todo mundo, era surpreendente pra mim, que era do teatro. Não foi uma coisa combinada “vamos fazer uma praia e alguém vai de surfista”. Foi muito espontâneo. Pode ser que alguém tenha combinado, mas eu não sabia e me surpreendeu muito. A Praia da Estação também veio trazendo uma possibilidade de uma manifestação que fosse pela festa também, pelo lazer (E17. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 29 nov. 2019).

Citação da nota 67 –

O Tico Tico é uma galera, o Peixoto é outra galera, a Praia da Estação é outra galera. Por mais que tiveram pessoas que estiveram nos três. Eu não estava no núcleo da Praia da Estação, da galera que trocou e-mail, que chamou a Praia. Tem muitos amigos meus que estavam. Eu fui na primeira Praia, na segunda. Quando chamaram eu fui, eu estava nessa rede. Mas eu não estava no grupo que estava organizando. E a gente via as duas coisas como independentes (E22. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 1 nov. 2019).

Citação da nota 68 –

A ONDA NÃO MORRE NA PRAIA! Um chamado para uma articulação na Praça da Estação Muita coisa tem acontecido na Praça da Estação com o objetivo de questionar o decreto 13.798 de 2009, que sitiou a praça, proibindo de acontecerem lá “eventos de qualquer natureza”, e o 13.863 de 2010, que instituiu uma comissão uni-lateral para criar uma regulamentação para o uso da praça. Então, esse é um chamado para quem se interessar em unir esforços para a organização de um “evento de qualquer natureza” na Praça da Estação ainda nessa onda de questionamentos, para acontecer no dia 6 de Março. Seja propondo atividades, como debate, oficina, mostra de vídeo, musica, malabares, teatro ou o que for, ou auxiliando nas discussões ou demais correrias para a sua realização. AS DISCUSSOES ESTÃO SENDO FEITAS NAS QUINTAS FEIRAS, A PARTIR DAS 19HRS NA PRAÇA DA ESTAÇÃO. Compareça as reuniões de quinta, se quiser! As propostas de atividades estão sendo concentradas num posto do blog “www.pracalivrebh.wordpress.com” e no wiki. Então, para ajudar na organização, se possível, publique você mesm@ a atividade que você ou seu grupo estiver interessado em realizar, atualizando o post “Atividades Propostas para o Eventão”. O login e a senha do blog são abertas, e são o primeiro post dele. Ou mande sua proposta para eventao...@riseup.net. Outras infos: www.pracalivrebh.wordpress.com OCUPE A PRAÇA! OCUPE A CIDADE!¹⁴⁷

¹⁴⁷ Vide: https://groups.google.com/forum/#!topic/pracalivre_bh/gjGr2nvsidM.

Citação da nota 78 –

Tem o trabalho da Lygia Pape. Acontece uma extensão da Bienal Internacional de São Paulo, eles fazem uma convocatória para as pessoas que querem vestir essa obra da Lygia Pape que é a Divisora, foi lançada na Favela da Mangueira, por isso o Helio Oiticica apareceu aqui. A Lygia Pape foi numa escola em plena ditadura e várias crianças colocaram esse pano grande branco só com as cabecinhas de fora, como se fosse um mar. E aí esse trabalho foi reacendido na 29ª Bienal Internacional de São Paulo e aí foi levado para Belo Horizonte em uma extensão. Aí várias pessoas que eram articuladoras da Praia da Estação nesse momento, inclusive uma amiga que está na Austrália, foram lá para o Palácio das Artes porque queriam vestir a obra da Lygia Pape e sair andando pelas ruas. Aí teve uma confusão no palácio das Artes, disseram que não iam mais fazer seleção, tinha uma fila gigante de artistas, juventude e ativistas lá pra vestir o negócio e disseram que ia ser o pessoal do Valores de Minas que ia vestir e acabou. Isso foi janeiro, verão, perto do carnaval e a galera “Não, com certeza que a Lygia Pape ia querer que a gente vestisse isso, não ia querer que fossem so pessoas pagas”. Não estou deslegitimando os jovens do Valores de Minas, mas deslegitimando a metodologia que a extensão do Palácio das Artes tinha conduzido. E aí o pessoal construiu um mar de plástico. Vestiu esse mar e desceu da Praça Sete até a Praça da Estação descendo a avenida Amazonas no dia do aniversário de um ano da Praia da Estação. E a Flora Rajão faz uma foto com o Rafael Barros apitando, fazendo um sinal de trânsito, os faróis estão verde, que gente esta na contramão dos faróis e as pessoas estão vestindo esse mar. E essa foto é de uma potência, o que ela é capaz de construir com as pessoas que entram em contato com ela. Por isso que eu falo do Estelita, porque essa foto é uma das que o Estelita se inspira (E18. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 19 dez. 2019).

Citação da nota 82 –

E aí no Tico Tico a gente fez uma caminhada e ia até o Santa Tereza. Aí a gente estava na Praia da Estação e ia pegar o metrô. Eu sei que quando a gente pegou o metrô, a guarda falou assim: “Vocês não podem entrar assim caracterizados”. Como assim? A gente nem estava com uma mega fantasia, a gente falou “Moça, qual a festa mais importante do Brasil? O carnaval! Você não vê como as pessoas vão com roupas de escola de samba dentro do metrô pra poder desfilar?”. Ela disse: “É, mas não pode, pera aí que eu vou conversar com meu gerente”. Aí foi conversar com o gerente dela, voltou e liberou a gente. Só que a gente não podia cantar e nem tocar. Aí foi lindo, porque eram poucas pessoas então a gente desceu da estação e começou a declamar as músicas de carnaval. Na hora que fechou o vagão a gente começou a batucar. Mas é isso, e hoje em dia todo mundo está acostumado, é BHTRANS, é a Prefeitura de Belo Horizonte. Eu lembro o Cardoso, da Parada do Cardoso que chegou a fazer um abaixo-assinado para não ter carnaval no bairro, processou o Bloco do Manjerição que foi um dos blocos que eu criei que saía da minha casa, o único bloco canábico de Belo Horizonte que ano que vem completa dez anos. Aí ele colocou uma ação no Ministério Público, o Rafael Barros foi chamado para depor. Hoje em dia ele ama o carnaval, ele ganha dinheiro com isso, tem outra percepção (E13. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 11 nov. 2019).

Citação da nota 84 –

Aí depois em 2011 o processo do carnaval com a Praia já vai caindo num processo de realimentação muito fortes. A pauta cultural e a dinâmica cultural muito fortes também se colocam mais forte ainda, aí ganha destaque o movimento pela criação do Conselho Municipal de Cultura que a gente conquista também do encontro de pessoas que se deu ali na Praia da Estação. (E21. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, Belo Horizonte, 7 nov. 2019).

Citação da nota 85 –

A chamada eu acho que foi do Igor, da Carolina e da Cris. Eram três estudantes de comunicação. Eles fizeram uma chamada pelo Facebook que era pelo impeachment do Márcio Lacerda. Eles criam um evento no Facebook pelo impeachment do Márcio Lacerda, aí teve uma reunião no Parque Municipal e a partir dessa reunião começou a se articular o movimento. Era um movimento que conseguiu aglutinar pautas muito diferenciadas, ele juntou vários movimentos de Belo Horizonte, da pauta ambiental, pelo direito do uso do espaço público em Belo Horizonte, direito à moradia. Ele não era totalmente conectado à Praia da Estação, mas a minha leitura é que era um desdobramento muito claro da Praia da Estação. Também porque além da gente fazer algumas atividades do Fora Lacerda na Praia, a questão de não vincular totalmente é porque tinha muitos movimentos anarquistas na Praia, então essa discussão da Prefeitura não era norteador pra eles. Não tinha um acordo comum nesse sentido. Continuaram sendo vários movimentos e o Fora Lacerda tinha essa característica, por ser um embate direto com o poder público, ele não aglutinava essas outras pautas. Mas é minha leitura de que a maior parte das pessoas que articularam o Fora Lacerda se conheceram na Praia. E eu acho que a Praia tem essa característica porque um pouco antes dela teve o Duelo de Mcs, mas depois da Praia você vê uma retomada de várias ações, o empoderamento, o fortalecimento, uma potencialização de vários movimentos de Belo Horizonte que apontam em sentidos múltiplos: a luta contra o racismo, o feminismo ganha muito espaço, os movimentos LGBTQ, as disputas pelos espaços da cidade, as disputas com o poder público também. A área de cultura se fortaleceu muito, o Conselho de Cultura surgiu nessa onda, tem muitas coisas assim (E20. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 28 out. 2019).

Citação da nota 89 –

Eu costume falar que a confluência não é uma ideia, ela é uma ação que produz uma eficácia. Ou seja, o que vai determinar a junção desses atores é, primeiro, a capacidade de se inter-reconhecer, de confluir pontos comuns, na época era um inimigo comum que na época era um modelo de cidade-empresa manifesto pelo prefeito, mas também a eficácia das ações conjuntas. A cultura ter encontrado a luta popular e que as Brigadas faziam potencializou muito a cultura. E a movimentação do direito à cidade sair daqueles movimentos da esquerda clássica, dos movimentos de moradia clássicos e começarem a modificar seus métodos a partir desse encontro com a cultura cresceu muito a resistência. Então a eficácia das ações conjuntas foi o que determinou um pouco a continuidade e o aprofundamento dessa confluência. Isso fez com que alguns setores de um pensamento um pouco mais marxista e rançoso, não que o marxismo seja rançoso, ele na verdade é dialético, mas aquelas pessoas um pouco mais duras perdiam no debate porque a ação se mostrava eficaz. Então era isso que determinava um pouco a continuidade. Então quando a Praia da Estação começa a virar uma grande manifestação de oposição ao modelo de cidade empresa e simboliza o Márcio Lacerda, mas que depois conjuga

um campo amplo que vai construir o Comitê dos Atingidos pela Copa e depois desemboca em 2013. Aquilo tudo era muito eficaz (E2. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 28 out. 2019).

Citação da nota 92 –

A gente fez parte de um coletivo chamado “Paisagens Poéticas”, eram vários artistas de Belo Horizonte. O coletivo também todas as pessoas eram do Fora Lacerda. A gente era um grupo de artistas de teatro que já se conhecia da universidade e começamos um trabalho desse coletivo chamado Paisagens Poéticas. A gente trabalhava com alguns grupos pela cidade, então a população em situação de rua, engraxates. A gente fez um trabalho amplo. Só que a gente continuou um trabalho com a população de rua, que foi um trabalho com a população de rua LGBT chamado “Gangue das Bonecas”. Era um grupo de estudo e performance entre nós estudantes de teatro com a população em situação de rua, que frequentava o Centro de Referência da População de Rua e pediram pra gente criar um blog e aí a gente começou a fazer uns estudos pra colocar no blog e os estudos viravam performances. O Luiz Estrela fazia parte desse coletivo (E17. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 18 dez. 2019).

Citação da nota 95 –

Você tinha a Praia que rolava todo verão e ela tinha essa sazonalidade por conta de uma organicidade, a dinâmica fez com que ela tivesse, mas começou a se chamar “Praia do Trabalhador”, “Praia dos Professores”, “Praia de Iemanjá”. A Praia virou um significante de ativação de protestos. A Praia de Iemanjá que já era um hibridismo, ao mesmo tempo provocativo da festa do Rio Vermelho em Salvador, mas também de trazer a cultura e a africanidade pro processo da Praia da Estação, com rodas de capoeira Angola. Você já tinha construído na cidade um referencial político muito forte em relação à Praia como um dispositivo muito potente e eficiente para acionar pessoas e constranger os atores políticos (E21. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 10 dez. 2019).

Citação da nota 96 –

Teve uma Bicipelada, aí a polícia resolve prender um ciclista e o João tira a roupa para ele não ir preso sozinho. E esse dia estava tendo ensaio de carnaval com os tambores de maracatu e a gente vai pra cima da polícia com os tambores. Eu era sempre a pessoa designada para fazer a mediação de conflito com a polícia. [...]. Mas nesse momento a Jana estava muito forte, a Milagros estava muito forte. E aí foi muito forte, porque a gente segura com a música. E aí foi toda uma mobilização de pôr a roupa e sair da Praia para ir onde estava o João [...]. E aquele momento foi o primeiro de apreensão dos nossos corpos pela polícia e algo que a gente estava temendo desde o começo e que aconteceu (E18. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 19 dez. 2019).

Citação da nota 99 –

[...] eu passei o carnaval em janeiro de 2011 aqui em Belo Horizonte. Nessa época eu estava fotografando também, tinha uma câmera que eu carregava pra lá e pra cá, gostava de fazer esses registros. Eu fotografei o aniversário de um ano da Praia da Estação que aconteceu em 2011. Nessa época que não tinha Instagram ainda, a gente estava ali todo mundo migrando pro Facebook, fortalecendo a rede do Facebook. Eu

gostava de editar minhas fotos de maneira diferente e hoje tem muito filtro no Instagram e não é tão diferente assim. Eu sei que as minhas fotos chamaram a atenção, porque nelas geralmente marcava um, marcava outro. Então eu até conheci muita gente por causa dessas fotos que eu fiz no ano da Praia da Estação. Essas fotos também já acabaram indo pra livro, monografia. Foi um registro que acabou sendo bastante compartilhado (E8. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 17 dez. 2019).

Citação da nota 100 –

Quando a gente começou lá em 2009 tava na transição ainda do Orkut pro Facebook. Eu tenho e-mails de convocatória pro bloco. Nosso modo de chamada era mandar e-mail. Pegava um e-mail e falava “Bloco Tal dia Não sei o quê” e envia para todos os seus amigos. Hoje em dia as pessoas fariam grupo de WhatsApp, nem Facebook fariam mais. Mas depois passou para esse momento do Facebook, o Facebook ficou muito intenso entre 2012 e 2015, um período de muito uso do Facebook. E ele tem um papel, teve bloco que inflou de um dia pro outro. O Pena de Pavão de Krishna é um caso, eu acho que eles saíram pela primeira vez em 2013 e eles fizeram um vídeo lindo do bloco com aquela musiquinha deles, solta aquele vídeo maravilhoso nas redes sociais depois do carnaval. No ano seguinte o bloco não se aguentava mais, de um ano pro outro o bloco lotou. O primeiro ano foi tranquilo, 300 pessoas, mas produziu uma imagem tão forte dele que viralizou e no ano seguinte o bloco explodiu. Então tem uma relação com a imagem, porque existe um crescimento orgânico, que você vai dando conta e existe esse crescimento desse mundo (E22. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 1 nov. 2019).

Citação da nota 102 –

Em 2012, quando a gente saiu com as cores a gente tocou com um carrinho de catador, um “no break” de computador ligado no amplificador de guitarra, um cavaquinho e um microfone. No carrinho de catador a gente botou dentro as bebidas. Em 2013 a gente já conseguiu uma bicicleta com baterias, inversor. Eu lembro que no ano de 2012 quando o Brilha começou a ensaiar a Nara que é regente do Chama o Síndico começou os ensaios do bloco que ia sair naquele ano e eu fui nos primeiros ensaios, [...]. Começou esse movimento do Chama o Síndico com os ensaios de fato. [...]. Era um núcleo de amigos mesmo, tocou nessa época, 2012, era gente muito próxima. Em 2012 a gente ia pro ensaio, com conversa de que o bloco Então Brilha! ia sair. Tanto que apareceu mais gente do que a gente esperava, fruto dos encontros da Praia da Estação. Eu lembro que a gente marcou de sair às 11h, concentrar às 9h e sair às 11h e percorrer a Guaicurus em uma hora. Descer tocando pra chegar meio-dia na Praia da Estação e sair o Bloco da Praia de lá. Já era uma coisa de outros carnavais a gente via que tinha essa coisa de um bloco conduzir a dispersão para o lugar onde concentra um outro, então o movimento já fica, já segue. E eu lembro da minha alegria de ver quando a gente foi chegando no último quarteirão da Guaicurus o pessoal que já estava esperando a Praia que já tinha saído no ano anterior vinha subindo e acabou de descer o último quarteirão da Guaicurus com o Então Brilha e eu fiquei feliz. A gente tomo a Guaicurus ali na frente do Espaço 104. Eu lembro da galera brincando, tinha muito espaço, gente correndo, brincando, pulando. A gente cantando músicas que vinham na nossa cabeça. O nosso som funcionou por mais um tempo aí o Guto seguiu com o carrinho. Tem ele cantando com o microfone até chegar no Teatro Espanca!. Ali conectou muito mais, porque viu ali um bloco acontecer, mais gente se alinhou. Aí depois a

história veio se desdobrando. Com essa coisa da bateria aberta a proposta do bloco foi tendo um crescimento natural (E9. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 9 nov. 2019).

Citação da nota 125 –

[...] E o Luiz Estrela era uma pessoa em situação de rua que muitas das pessoas que estão no casarão hoje conheceram ele lá no casarão. Ele morava naquela estação dos trens da mineradora do lado da Estação Central. Ele estava em toda Praia. A partir da Praia ele conheceu o Gustavo Bones. Ele fundou o Estrela junto do Reginaldo, fundaram a Gangue das Bonecas lá no Espanca. E aí quando ocupou o casarão o Estrela foi assassinado, em junho de 2013. A versão oficial da polícia é que ele teve uma crise epilética, mas ele estava muito machucado, a galera não acredita. Tem a versão da galera que acompanhava o Estrela que diz que ele foi espancado porque se negou a fazer programa com um policial. Aí ele foi espancado. O pessoal da prefeitura, que acompanha a população de rua. Aí a gente decidiu homenagear o Estrela. Tem essa conexão com a Praia e muita gente com uma crítica de que as ações que a gente fazia eram muito pontuais. (E20. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 28 out. 2019).

Citação da nota 127 –

Em 2014, 2015 a cidade estava em ebulição e a Praia da Estação era o epicentro de tudo. Depois a coisa começa a retroceder um pouco, na minha percepção. Retroceder no sentido dessa mercantilização. Os próprios blocos de carnaval que se preocupavam em ir pra Praia da Estação vão todos pros seus cantos, vai todo mundo preocupar mais com as suas carreiras, muita gente se retira ali da Praia. A Praia da Estação cumpria esse papel pré-canavalesco em algum momento, a cidade começava a se agitar e a Praia da Estação cumpria esse papel pré-carnaval no sentido das pessoas ensaiando, dias que viravam noites. Era incrível esse momento. Eu acho que o carnaval foi se especializando tanto que as pessoas começaram a se dedicar para os seus próprios projetos. E as últimas Praias da Estação são de juventude ainda e a molecada que hoje vai na Praia da Estação são os meus alunos. Eu dou aula de funk no morro, ensino ferramentas digitais e musicais pra meninada do morro. E é meio deprê que a história não mudou, porque a polícia continua tencionando o tempo inteiro, a Praia da Estação quando chega a noite botam terror na molecada. Mas eles continuam indo, dançando. A Praia da Estação algo dela sobrevive, mas ela não tem mais esse papel de atração que um dia teve, mas a juventude continua a frequentar ali.[...] Não vou cair aqui na tentação de falar que é por isso (pelas primeiras Praias da Estação), como se esse primeiro gesto fosse o único motivo. Eu acho que a história é bem mais caótica do que essas linhas retas, mas eu acho que tem ecos. Tem dias que você passa ali que tem coisas marcadas no WhatsApp e a Praça da Estação está lotada de meninos fazendo encontros (E12. Entrevista concedida a Gustavo Silva de Mattos, 12 dez. 2019).

Citação da nota 137 –

Em resposta a seu post e para os trouxas Ommar Motta "PARA OS DE ANTES, OS DE AGORA E OS DEPOIS DE NÓS". Muitos dos que frequentam a praia falam de ser libertários, em zonas temporárias ou permanentes, teorizam, simplesmente na intenção de desqualificar os apontamentos que já estavam escondidos em baixo desse caminhão pipa a muito tempo. O distorcer da crítica é estratégia secular, e acabamos chegando

até aqui, que bom mascarar caíram. Criticaram a linguagem na qual o evento foi criado e as gírias de internet, pois isso não se enquadrava na "forma" como faziam a praia. E juram que isso tira o caráter político da praia. Mas são incapazes em perceber que esse caráter já quase todo esvaiu-se desde que a exclusão e o espaço hegemônizado por uma classe e raça, foi tido como "normal" e natural e não foi questionado e discutido esse grande acesso e direito a cidade. Falam em zonas temporárias, permanentes, deveriam mesmo é falar em zonas permanentes de CONFORTO, que é onde estão. Engraçado que dentre a crítica no post que questionava a forma de puxar a praia, o homem branco quis além de todos os seus privilégios, que falássemos como tal e agíssemos como tal. Só que aqui não rapá, tem muita poeira pra sair debaixo desse pipa e muito forninho pra cair. Espaço coletivo pra quem? quer discurso manso, pacifista? Troque de lugar comigo um dia, e depois me conta. O "espaço nao espaço" está contaminado e viciado e muitas pessoas com uma miopia conveniente sob o que dizem combater. Em 5 anos de praia esses que se incomodaram com o evento virtual, com a nossa linguagem, nada fizeram pra criar soluções para a questão do lixo que é produzido na praia, mas enchem a boca pra falar que são autogestionados, de TAZ, e do caralho a 4, grande academicismo que só é utilizado pra tentar excluir, na prática, a praia continua a mesma, a não ser pela zona de conforto a qual ela se encontra. To adorando isso aqui, muitas pessoas mostraram o que realmente praticam por trás desse lindo discurso de "gratidão", "paz", "namastê", "amor", desqualificando o tempo todo o que estava sendo explicitado e debatido, com falas do tipo, "você tá vacilando", "coisa da sua cabeça", "você é radical", "tá sendo agressivo..." além das falhas tentativas de justificativas do tipo "eu não sou racista", "não generaliza", "só amor", "racismo inverso" "horizontalidade da praia", "individualiza a culpa pois eu não sou assim", "para de picuinha", num ultimo post afirmaram que o motivo da discussão era por simples "revanchismo", esse post nem me dei o trabalho de responder, poderia ficar horas aqui citando as falácias. Afirmaram que os questionamentos eram porque eu quero aparecer e pra polemizar sem motivos, bom, se publicizar tais opressões e incoerências postas nos espaços em que ainda acreditamos e que destoam do discurso florido propagado, polemizarei sempre. Ainda mais tendo a certeza de que neste momento muitos possam estar percebendo o quão tratam a praia como um mero "brinquedinho intocável" pros coleguinhas e que se realmente a prerrogativa é a ocupação do espaço público e o direito a cidade, que ele seja de todos.

Afirmaram que eu criei tensões raciais e sociais, dessa eu tive que rir, pois voltar 500 anos no tempo ainda não tenho esse poder e sugiro aulas de história. Atitudes de quem mais demonstrava estar com o ego ferido e inflado, do que realmente com o caráter político da praia, que é o que está sendo discutido neste texto. Interessante a fala de um contemporâneo meu da universidade que, embora nunca tenhamos conversado, publicou num post, ser um dos criadores da praia da estação e também do carnaval de BH, além do seguinte fragmento a meu respeito, "...mas fico de cara de alguém ainda cair nas polêmicas que ele cria e imaginar que algum debate sério vai vir disso." Mais arrogância e desqualificação do discurso do outro pra que? Pois é, o debate sério está posto, mas que concerteza não interessa a pessoas como ele, porque pra discuti-lo seriamente ele terá que assumir seus privilégios, o que pelo visto, não está disposto, "ele pode ser uma pessoa boníssima mas fico de cara." Finaliza ele, e faço das palavras dele as minhas. Sem citar a desqualificação dos rolezinhos, isso sim é ser libertário, movimento político questionador bom são os que eu participo na região centro sul. TÁ SERTO!

Grande pseudo vanguarda esquerdista, se auto critique. Drops de realidade, é isso que precisam. A emancipação e empoderamento de sujeitos oprimidos na ocupação dos espaços, incomoda os que os tratam

apenas como objeto de estudo antropológico e sem voz, se não estão preparados, o problema não é nosso. Nunca ouviu a voz, a linguagem como sujeito? vai acostumando, ouça mais pois os gritos estão aí na sua cara. E isso se amplifica ao ver que para essas observações que já haviam sido expostas em meio aos posts, foram "ouvidas" após o perfil fake do Ommar Motta, que tem um lastro e é administrado por pessoas brancas de classe média e que tiveram e tem grande relação com a construção da praia ter feito esse post, que é um resumo do que nós negros já havíamos dito, isso diz muito, e aponta a qual discurso é legitimado na sociedade. Esse classismo, racismo, machismo, transfobia percebido, não deveria nunca ter ficado em segundo plano, mas agora quem está falando são os próprios sujeitos que os percebem. E quanto a linguagem não "erudita"(rs) e as gírias que não agradaram a alguns que se acham vanguardistas, o que motivou a criação de um post criticando isso, não queremos ser iguais a vocês e não somos obrigados a nos submeter a linguagem que lhe agrada, muito menos nossas expressões, nossas experiências nos conceberam enquanto sujeitos, significantes, e no mais digo que os fofinhos dos trouxas cairão, e se reclamarem cairão duas vezes e mando também um belo de um VAI TOMAR NO CÚ, a quem merece. BRASIL, UM PAÍS DE TROUXAS!¹⁴⁸

¹⁴⁸ <https://www.facebook.com/events/1581384605429141/permalink/1584847521749516/>

ANEXO II

Mensurações de redes

Uma medida importante para compreender a rede geral é a mensuração de setores na rede com maior entrosamento relacional. Podemos relacionar quatro propriedades dentro de um subgrupo de um domínio de rede, segundo Wasserman e Faust (2004): se os laços são mútuos, a proximidade entre os membros de um subgrupo, a frequência dos laços e a frequência relativa (HIGGINS; RIBEIRO, 2018). Nisso se dá a dinâmica dos cliques, isto é, uma formação estrutural de subgrupos a partir de três nós onde todos são adjacentes entre si e, portanto, têm ligação direta. Podemos analisar tanto os cliques quanto os “n-cliques”, ou seja, a formalização de um subgrupo composto não só por laços adjacentes entre si, mas cuja distância geodésica entre dois nós não é maior que “n”. Temos como exemplo de clique a Figura 10, em que todos se indicam mutuamente. A ideia de n-clique converge com a da força dos laços fracos de Granovetter (1976), em que laços que não estão necessariamente adjacentes têm a possibilidade de serem fechados. O n-clique, então, amplia a possibilidade formal de localização de subgrupos com possibilidade de preencherem a chance de pessoas que não se indiquem mutuamente estarem próximas o suficiente para fazerem parte de um mesmo subgrupo potencial, mesmo não se indicando mutuamente num primeiro momento.

Rodando os dados encontramos 9 cliques e 28n-cliques:

Cliques encontrados.

9 cliques found.

```

1:  A12 A13 A15
2:  A12 A13 A2
3:  A12 A13 A8
4:  A13 A17 A21
5:  A13 A15 A18
6:  A13 A15 A21
7:  A13 A21 A8
8:  A19 A34 A5
9:  A20 A21 A7

```

Fonte: *Output* do Programa UCINET

Número de n-cliques encontrados

1: A12 A13 A15 A17 A18 A2 A21 A22 A32 A33 A4 A8
 2: A12 A13 A15 A17 A18 A2 A21 A33 A7 A8
 3: A12 A13 A15 A16 A17 A2 A21 A3 A7 A8 A9
 4: A12 A13 A15 A16 A17 A20 A21 A3 A7 A8 A9
 5: A12 A13 A15 A17 A18 A20 A21 A7 A8
 6: A12 A13 A21 A43 A44 A8
 7: A12 A13 A19 A20 A21 A3 A7
 8: A12 A13 A19 A21 A33 A7
 9: A10 A12 A21 A25 A9
 10: A12 A16 A21 A42
 11: A12 A19 A21 A3 A5 A7
 12: A12 A19 A21 A33 A5 A7
 13: A12 A18 A21 A33 A5 A7
 14: A11 A13 A17 A21 A35 A36
 15: A18 A20 A21 A45 A46 A7
 16: A13 A15 A16 A17 A20 A21 A3 A6 A7 A8 A9
 17: A13 A19 A20 A21 A3 A6 A7
 18: A13 A15 A17 A18 A20 A21 A6 A7 A8
 19: A19 A21 A3 A5 A6 A7
 20: A18 A21 A5 A6 A7
 21: A14 A19 A3 A34 A40 A41 A5 A6
 22: A1 A19 A33 A34 A5 A7
 23: A1 A19 A26 A27
 24: A13 A22 A23 A28 A29
 25: A24 A37 A38 A39
 26: A12 A13 A2 A28 A30 A31
 27: A12 A13 A2 A22 A28
 28: A19 A3 A34 A5 A6 A7

Fonte: *Output* do Programa UCINET.

O valor de cliques e n-cliques é alto e sugere que pode haver um forte entrosamento relacional entre setores da rede, e é possível compreender, assim, se há possibilidade de uma *equivalência estrutural* de correspondência de identidades como sugerido por Breiger (1974).

Na seção de perguntas sobre o carnaval de rua, foram elencadas cinco questões: 1 – Cite cinco blocos de carnaval de BH que você frequenta; 2 – Por que frequenta esses blocos?; 3 – Quais os três blocos mais importantes para o Carnaval de Rua de BH ser tão grande? (sem necessariamente você precisar frequentá-los); 4 – Por que escolheu esses blocos?; 5 – Quais blocos são os mais politizados e por quê?

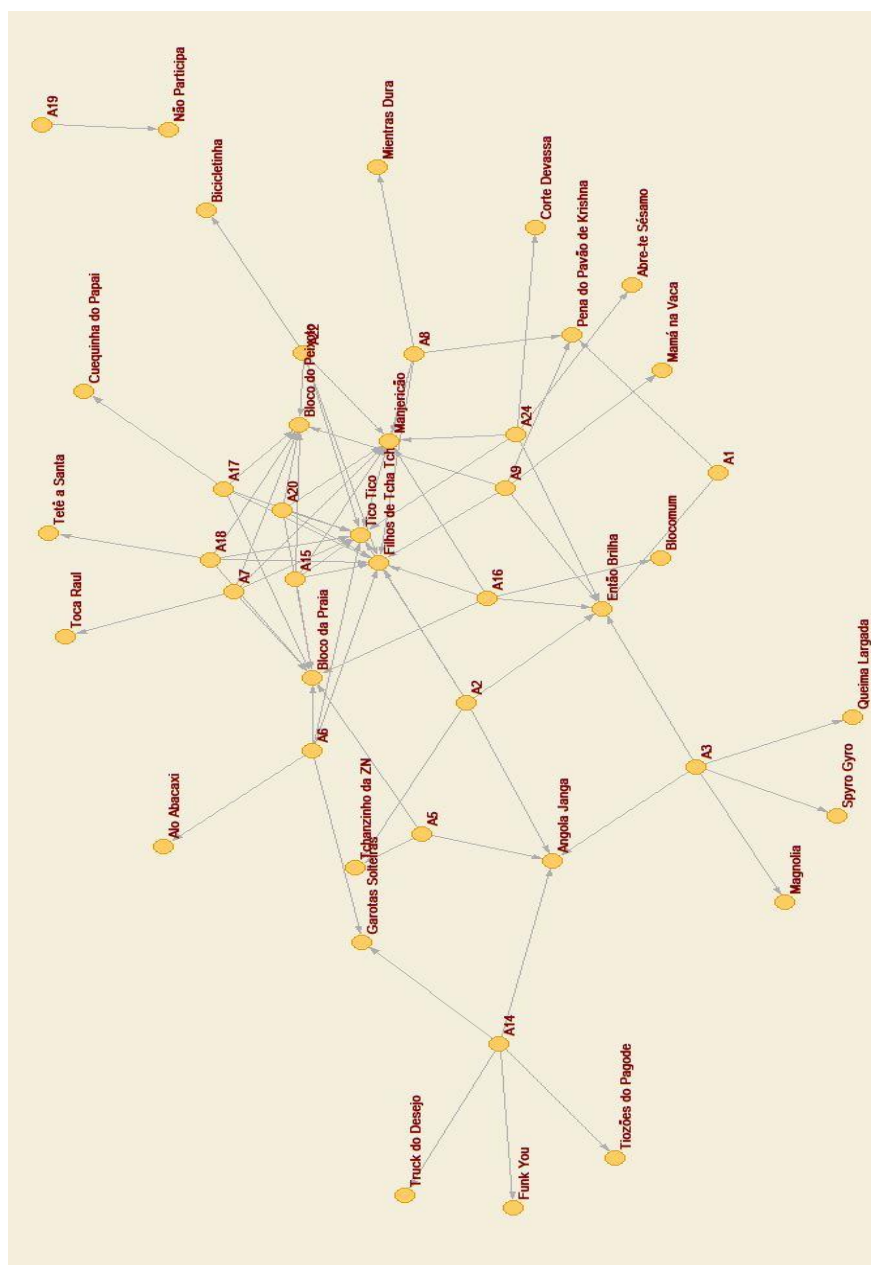
A análise dos blocos de carnaval frequentados foi mais interessante para encontrar a ideia de identidades compartilhadas em domínios de redes. Em um estudo clássico de redes sociais e interações, Ronald Breiger (1974) tentou operacionalizar a ideia *simmeliana* de dualismo, em que as identidades das pessoas são interseções de grupos que elas frequentam, enquanto a identidade de grupos é definida pela interseção das pessoas que o frequentam.

O autor operacionaliza esse conceito com base em uma matriz de dois modos (ou seja, de *filiação*), em que as colunas são os eventos e as linhas são pessoas que frequentam o evento (em seu estudo de caso, 18 mulheres e eventos sociais que elas frequentavam no

decorrer de um ano) (BREIGER, 1974). Essa interpretação dialoga com toda a tradição analisada no referencial teórico e corresponde a domínios de rede em que pessoas gastam energia, cooperação e afeto, além de suspenderem as identidades nesses eventos. A ideia de Breiger (1974) é a de que uma associação de mesmas pessoas em eventos similares (ou igualmente ausência em eventos similares) revela uma equivalência de papel social, ou uma *equivalência estrutural*.

Aplicando esse modelo de Breiger ao caso estudado neste trabalho, a rede de dois modos dos eventos da Praia da Estação e Carnaval de Rua (pessoas e blocos) ficou dessa forma:

Rede de blocos de carnaval frequentados



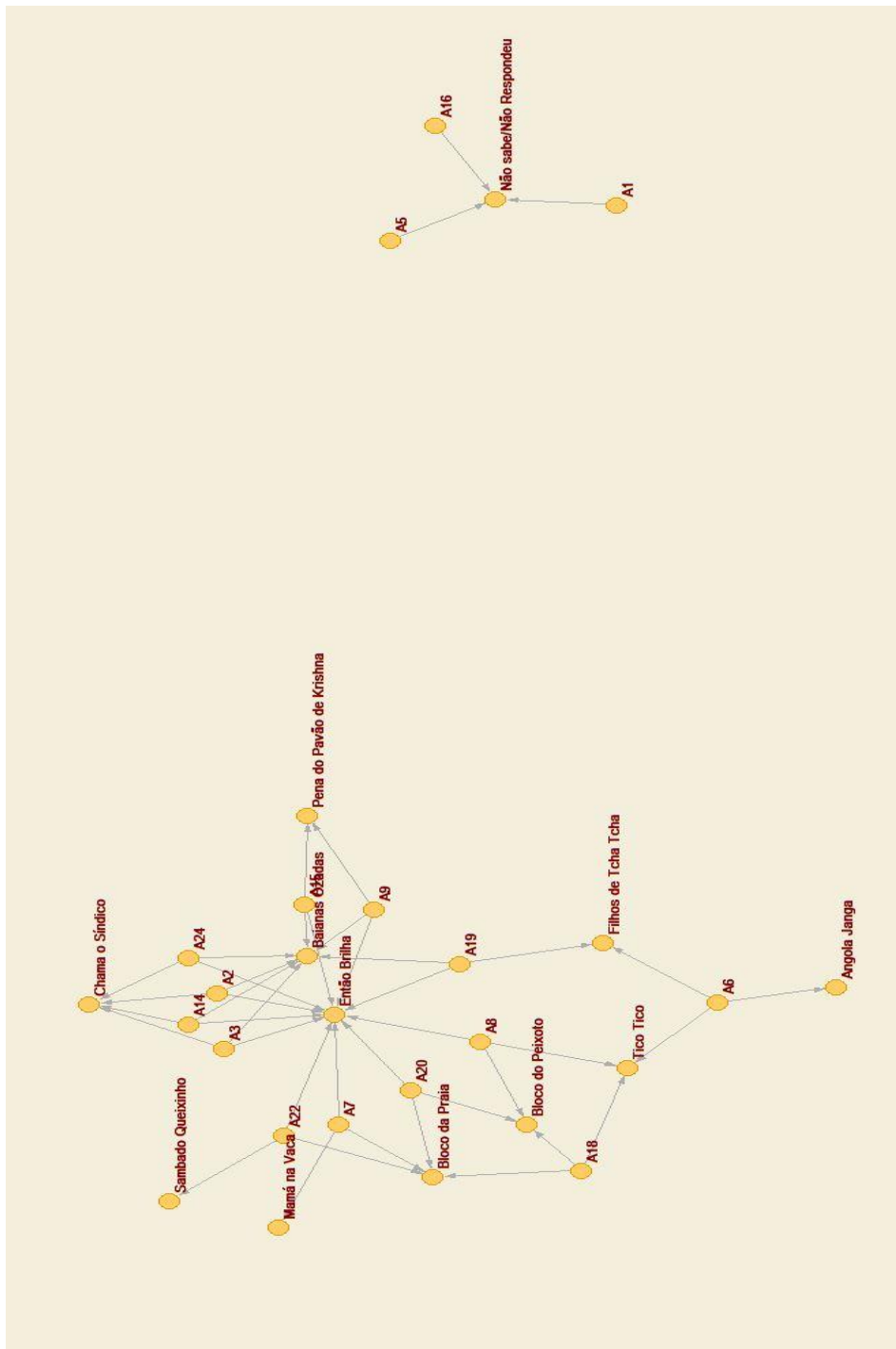
Fonte: *Output* do Programa Pajek.

de rua escolhidos representam o início da Praia da Estação e do carnaval de rua, os primeiros blocos surgidos entre 2009 e 2010 e muitas pessoas que participaram dos primeiros movimentos. Os entrevistados que não estão no núcleo duro do primeiro bloco são os ligados a movimentos libertários, dois atores de setores da política e do jornalismo engajado e dois participantes que vieram depois dos primeiros eventos. É interessante observar como quatro desses atores se alinham a blocos que surgiram depois da primeira onda do carnaval de rua de 2009, repensando a representatividade no reflorescimento do carnaval de rua, como o protagonismo negro e feminino do Bloco Angola Janga de 2015.

Também foi pedido para que definissem blocos responsáveis para o carnaval ser grande e blocos politizados. Dado um entendimento claro de um entrevistado de que o carnaval grande para ele é dos blocos mais politizados, há uma diferença entre “carnaval politizado” e carnaval de “grande público”, houve uma diferenciação e com blocos similares sendo citados. Um bloco que apareceu nas duas redes foi o “Então Brilha!”. Houve também alguma correspondência entre blocos politizados e blocos frequentados. Uma divergência que surgiu a respeito da entrevista e do método foi a colocação de que a festa de carnaval como um todo é por si só um ato político e mesmo blocos grandes que não sejam considerados políticos acabam sendo quando colocam centenas de milhares de foliões para desfilar no espaço público. Essa colocação eu considere bastante válida de elencar no trabalho, por gerar de fato uma indagação importante.

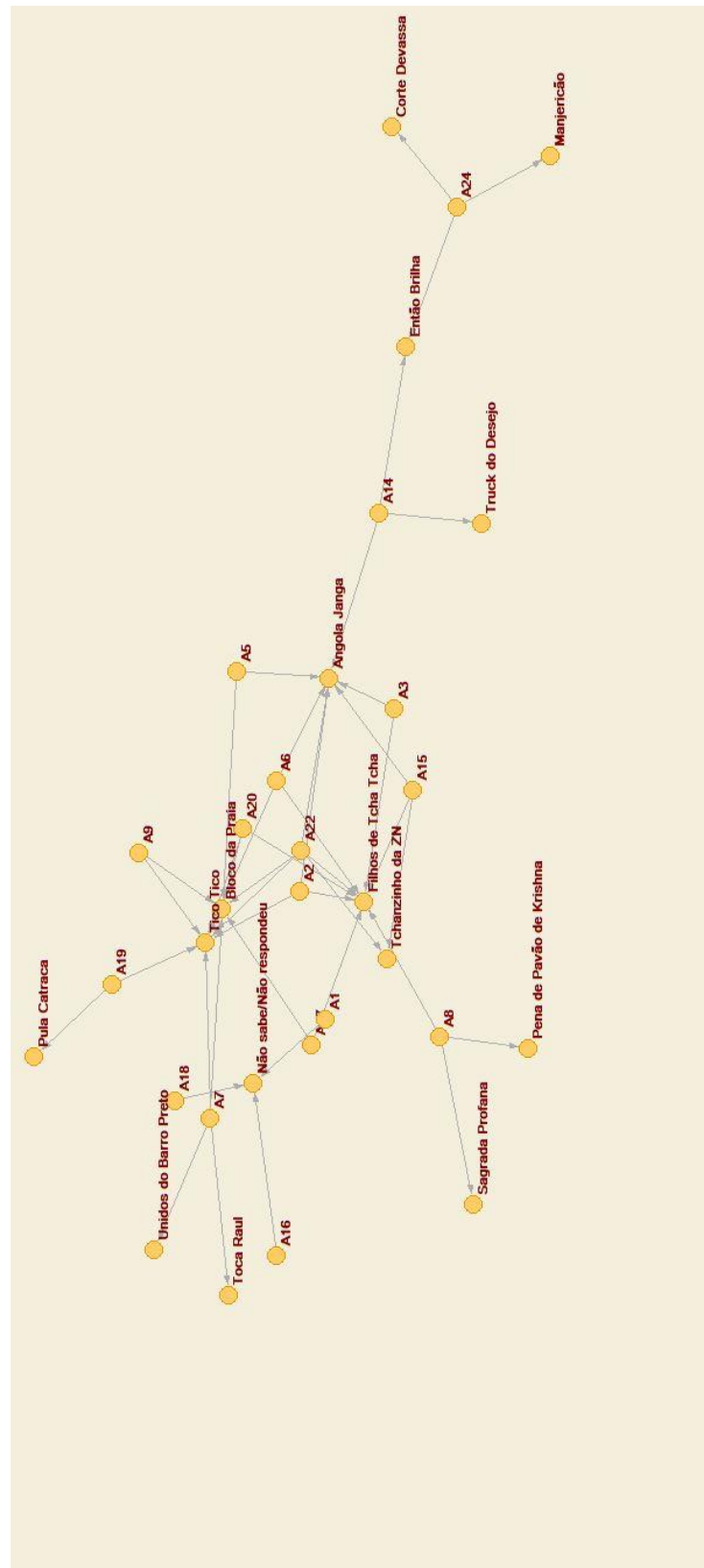
As redes respectivas expressas em grafos são essas:

Rede de blocos que fazem o carnaval de Belo Horizonte ser grande.



Fonte: *Output* do Programa Pajek.

Rede de blocos politizados



Fonte: *Output* do Programa Pajek.